

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

ANNIE MARTINS AFONSO

TEATRO NA PRISÃO: UMA EXPERIÊNCIA DE LIBERDADE NOS PRESÍDIOS
FEMININOS DO AMAZONAS

CURITIBA

2023

ANNIE MARTINS AFONSO

TEATRO NA PRISÃO: UMA EXPERIÊNCIA DE LIBERDADE NOS PRESÍDIOS
DO AMAZONAS

Tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação na linha de pesquisa: Linguagem, Corpo e Estética na Educação, Setor de Educação, Universidade Federal do Paraná, como requisito parcial à obtenção do título de Doutora em Educação.

Orientador: Prof. Dr. Jean Gonçalves
(UFPR-PR)

Co-orientador: Prof. Dr. Vicente
Concílio (UDESC-SC)

CURITIBA
2023

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SISTEMA DE BIBLIOTECAS – BIBLIOTECA DO CAMPUS REBOUÇAS

Afonso, Annie Martins.

Teatro na prisão : uma experiência de liberdade nos presídios do Amazonas / Annie Martins Afonso – Curitiba, 2023.

1 recurso on-line : PDF.

Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Paraná, Setor de Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação.

Orientador: Prof. Dr. Jean Gonçalves

Co-orientador: Prof. Dr. Vicente Concílio

1. Educação – Estudo e ensino. 2. Teatro. 3. Prisão – Aspectos sociais – Brasil. 4. Prisioneiras. I. Gonçalves, Jean. II. Concílio, Vicente. III. Universidade Federal do Paraná. IV. Programa de Pós-Graduação em Educação. V. Título.



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SETOR DE EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EDUCAÇÃO -
40001016001P0

ATA Nº527

ATA DE SESSÃO PÚBLICA DE DEFESA DE DOUTORADO PARA A OBTENÇÃO DO GRAU DE DOUTORA EM EDUCAÇÃO

No dia um de março de dois mil e vinte e três às 14:00 horas, na sala virtual, por videoconferência, foram instaladas as atividades pertinentes ao rito de defesa de tese da doutoranda **ANNIE MARTINS AFONSO**, intitulada: **Teatro na prisão: uma experiência de liberdade nos presídios femininos do Amazonas**, sob orientação do Prof. Dr. JEAN CARLOS GONÇALVES. A Banca Examinadora, designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação EDUCAÇÃO da Universidade Federal do Paraná, foi constituída pelos seguintes Membros: JEAN CARLOS GONÇALVES (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ), CLAUDEMIRA VIEIRA GUSMÃO LOPES (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ), DEISE CRISTINA DE LIMA PICANÇO (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ), HOSANA CELESTE OLIVEIRA (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ). A presidência iniciou os ritos definidos pelo Colegiado do Programa e, após exarados os pareceres dos membros do comitê examinador e da respectiva contra argumentação, ocorreu a leitura do parecer final da banca examinadora, que decidiu pela APROVAÇÃO. Este resultado deverá ser homologado pelo Colegiado do programa, mediante o atendimento de todas as indicações e correções solicitadas pela banca dentro dos prazos regimentais definidos pelo programa. A outorga de título de doutora está condicionada ao atendimento de todos os requisitos e prazos determinados no regimento do Programa de Pós-Graduação. Nada mais havendo a tratar a presidência deu por encerrada a sessão, da qual eu, JEAN CARLOS GONÇALVES, lavrei a presente ata, que vai assinada por mim e pelos demais membros da Comissão Examinadora.

Observações: O trabalho apresenta contribuições significativas ao campo da pesquisa em educação, estabelecendo diálogos com o universo das artes e da cultura amazonense. A banca sugere, após a retomada do texto com as considerações pontuadas na sessão de defesa, a divulgação dos resultados da tese. Os desdobramentos da investigação podem ser publicados em diferentes modalidades (livro, capítulos e artigos em periódicos).

CURITIBA, 01 de Março de 2023.



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SETOR DE EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EDUCAÇÃO -
40001016001P0

Assinatura Eletrônica
02/03/2023 15:19:35.0
JEAN CARLOS GONÇALVES
Presidente da Banca Examinadora

Assinatura Eletrônica
13/03/2023 14:13:58.0
CLAUDEMIRA VIEIRA GUSMÃO LOPES
Avaliador Externo (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ)

Assinatura Eletrônica
09/03/2023 16:47:48.0
DEISE CRISTINA DE LIMA PICANÇO
Avaliador Interno (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ)

Assinatura Eletrônica
08/03/2023 17:56:16.0
HOSANA CELESTE OLIVEIRA
Avaliador Externo (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ)



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SETOR DE EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EDUCAÇÃO -
40001016001P0

TERMO DE APROVAÇÃO

Os membros da Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação EDUCAÇÃO da Universidade Federal do Paraná foram convocados para realizar a arguição da tese de Doutorado de **ANNIE MARTINS AFONSO** intitulada: **Teatro na prisão: uma experiência de liberdade nos presídios femininos do Amazonas**, sob orientação do Prof. Dr. JEAN CARLOS GONÇALVES, que após terem inquirido a aluna e realizada a avaliação do trabalho, são de parecer pela sua APROVAÇÃO no rito de defesa.

A outorga do título de doutora está sujeita à homologação pelo colegiado, ao atendimento de todas as indicações e correções solicitadas pela banca e ao pleno atendimento das demandas regimentais do Programa de Pós-Graduação.

CURITIBA, 01 de Março de 2023.

Assinatura Eletrônica
02/03/2023 15:19:35.0
JEAN CARLOS GONÇALVES
Presidente da Banca Examinadora

Assinatura Eletrônica
13/03/2023 14:13:58.0
CLAUDEMIRA VIEIRA GUSMÃO LOPES
Avaliador Externo (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ)

Assinatura Eletrônica
09/03/2023 16:47:48.0
DEISE CRISTINA DE LIMA PICANÇO
Avaliador Interno (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ)

Assinatura Eletrônica
08/03/2023 17:56:16.0
HOSANA CELESTE OLIVEIRA
Avaliador Externo (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ)

DEDICATÓRIA

Dedico estes escritos às mulheres que vieram antes de mim e que estão junto a mim nesta caminhada. Mulheres em estado de cárcere, saindo de diferentes celas, e lutando pelo estado da liberdade. Estamos aprendendo juntas. Elas me ensinam sobre esperança, sobre relações humanas com afetos, sobre respirar em comunidade, sobre querer ser livre, sobre amar ser possível. A vocês - mãe, irmãs, primas, tias, avós, bisavós, amigas, professoras e parentas interligadas nesta e em outras vidas e a todas que vieram ou virão quebrar o ciclo da decolonização. Dedico ao meu filho tão amado, Cauã, filho de uma Onça-Pintada em retomada. Dedico a vocês cada linha desta pesquisa.

AGRADECIMENTOS

Às minhas avós curandeiras, costureiras, ribeirinhas e amazônicas, hoje entidades da Floresta: Vô Dica e Vó Marta, por tudo que fizeram, lutaram, sofreram e venceram para que eu pudesse estar aqui escrevendo e registrando a força delas que habita em mim.

À minha amada mãezinha, minha base do cuidado, do respeito, da coragem, da dedicação, do amor e da justiça, mulher corajosa e sensível, feitora dos banhos com ervas amazônicas mais curativos do meu mundo.

Ao meu amado paizinho, minha base da coragem, do cuidado, da aventura nos rios e na Floresta, curandeiro, feitor da medicina da Amazônia, com óleos e ervas da Floresta.

Às minhas quatro sobrinhas, que representam um novo ciclo das quebras dos sofrimentos que nossas ancestrais passaram, inclusive suas mães. E às minhas duas irmãs mais velhas, pois, embora tenhamos diferenças sobre os processos de embranquecimento e colonização, sempre apoiaram minha jornada.

Ao meu filho Cauã, um passarinho em gestação como indígena em retomada, nosso Gavião Real (pássaro grande) já na luta pela vida, considerado um milagre e um presente das/os ancestrais. E ao seu pai e meu companheiro Alysson Luiz – homem branco do sul, em constante desconstrução e aliado nesta jornada de cura.

Às entidades espirituais da Floresta que sempre estão comigo, protegendo-me, inspirando-me e guiando-me nas águas profundas desse rio que é a vida.

Aos amigos e amigas do Norte ao Sul deste Brasil, e todas(os) as(os) outras(os) espalhadas(os) em outros países e continentes, que estão conectadas(os) a mim e eu a elas(es) por várias qualidades de presença. São mais de 100 nomes e afetos, todos transbordam em mim.

Às professoras e professores marcantes desde o ensino infantil, pela pedagogia da autonomia, da indignação, da pergunta, da esperança, do afeto e do entusiasmo, especialmente àquelas(es) que me incentivaram a mergulhar nas águas profundas da pesquisa desde as graduações até este doutorado.

Ao meus professores orientadores, Jean Gonçalves e Vicente Concílio, verdadeiros aliados e luzes nesta caminhada.

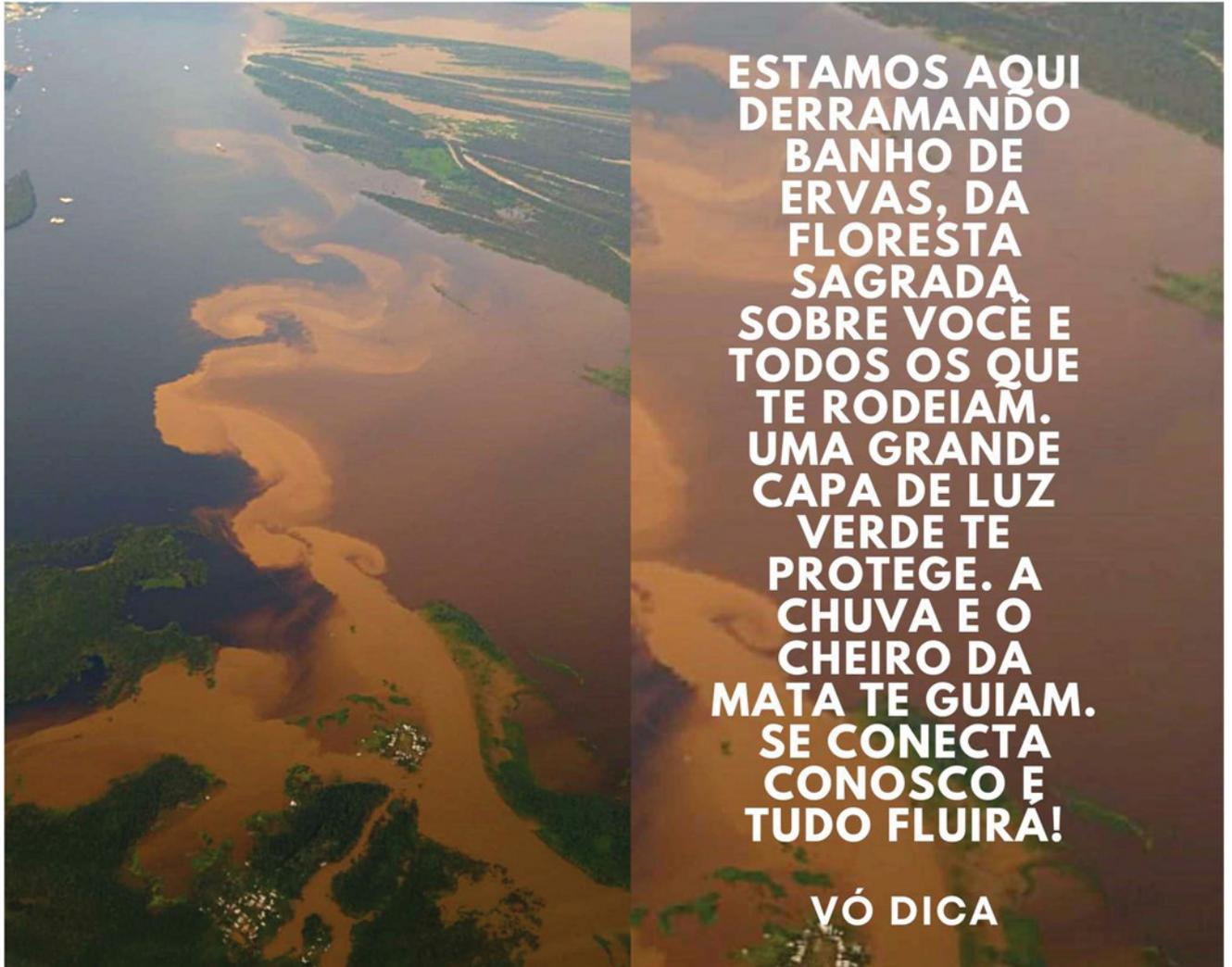
Às/aos colegas e amigas(os) do Curso de Teatro da Universidade do Estado do Amazonas e outras(os) colegas de vários cursos da UEA-AM, que juntas, estiveram e estão nas lutas mais árduas das resistências contra as opressões em defesa da arte-educação, de um Teatro possível e de uma universidade mais digna.

Às/aos estudantes voluntárias(os) e bolsistas do *Projeto Arbítrio: Teatro na Prisão* do Curso de Teatro da UEA, que se entregaram à missão teatral do Escrever e do reconstruir junto com sensibilidades.

Às mulheres apoiadoras e aliadas do Projeto Arbítrio, mulheres humanizadas, sonhadoras, corajosas e determinadas membras ou ex-membras da Secretaria de Administração Penitenciária de Manaus.

Às mulheres em situação de cárcere e todas as que conseguiram sair daquela prisão e reconstruir suas vidas fora de lá. Àquelas que precisaram partir para outros mundos, àquelas que ainda carregam o teatro dentro de si e as liberta dentro e fora da prisão.

Gratidão a todas, todos e todes.



**ESTAMOS AQUI
DERRAMANDO
BANHO DE
ERVAS, DA
FLORESTA
SAGRADA,
SOBRE VOCÊ E
TODOS OS QUE
TE RODEIAM.
UMA GRANDE
CAPA DE LUZ
VERDE TE
PROTEGE. A
CHUVA E O
CHEIRO DA
MATA TE GUIAM.
SE CONECTA
CONOSCO E
TUDO FLUIRÁ!**

VÓ DICA

RESUMO

A presente tese, desenvolvida no Programa de Pós-graduação em Educação, linha de pesquisa Linguagem, Corpo e Estética na Educação, dialoga com o trabalho desenvolvido no âmbito do Grupo de Pesquisa Labelit/CNPq/UFPR (Laboratório de Estudos em Educação Performativa, Linguagem e Teatralidades), da Diálogos – Rede Internacional de Pesquisa e do Grupo de Pesquisa Teatro e Prisão: práticas de infiltração das artes cênicas em espaços de vigilância da UDESC/CEART. Para dentro e para fora da academia, este estudo dialoga com a força da Floresta Amazônica, das águas dos grandes rios, e com diversos e inerentes aspectos aos processos de liberdade. Este estudo, de caráter escreviente e/ou autoficcional e não-colonial, propõe-se a expor narrativas e análises delas, pelo viés interseccional de classe, raça e gênero, isto é, sobre como a interação entre esses fatores sociais definem uma pessoa que encontra-se em situação de cárcere. O Teatro realizado com e por forças femininas dentro das unidades prisionais do estado do Amazonas, em meio a biodiversidade da Floresta, durante a prática do Projeto de Extensão do Curso de Teatro da Universidade do Estado do Amazonas - *Arbitrio: Teatro nas Prisões, de 2015 a 2020*, busca compreender processos de decolonização das vozes das autoras desta obra e, portanto, brechas de liberdade nas experiências com o Teatro na Prisão, pela metodologia do Teatro do Oprimido na Floresta. E neste estudo o TO é aqui chamado de Pedagogia da Onça-pintada, instigando a saber o que é ser livre na Prisão? Quem são as mulheres participantes das prisões amazônicas? Quem somos todas nós, em suas pluralidades de corpos-bichos, corpos-prisão e corpos-floresta? A metodologia das Ancestrais e da Onça-pintada, como estratégia de caminhada etnográfica sensorial e Escrevivência, bem como a escrita performativa e autoficcional, são as metodologias desta pesquisa. Espera-se, então, que a partir desse diálogo entre teoria e prática, esta tese possa contribuir para bases de decolonização das ciências humanas nas universidades, especialmente quando falamos de Teatro nas Prisões, e relacionamos a punição com gênero e seus recortes, a punição com a classe social e a raça. Em estado de banzeiro do grande rio Amazonas, vamos delineando e descrevendo essas possibilidades.

Palavras-chave: Teatro na Prisão na Floresta; Teatro do Oprimido e Pedagogia da Onça-pintada.

ABSTRACT

This thesis, developed in the Graduate Program in Education, line of research Language, Body and Aesthetics in Education, dialogues with the work developed within the Research Group Labelit/CNPq/UFPR (Laboratory of Studies in Performative Education, Language e Teatralidades), from Conversations – International Research Network and from the Theater and Prison Research Group: practices of infiltration of the performing arts in surveillance spaces at UDESC/CEART. Inside and outside the academy, this study dialogues with the strength of the Amazon Forest, the waters of the great rivers, and with diverse and inherent aspects to the processes of freedom. This study, of a writing and/or self-fictional and não-colonial character, proposes to expose narratives and analyzes of these, through the intersectional bias of class, race and gender, that is, about how the interaction between these social factors define a person who encounters if in prison. The Theater performed with and by female forces within the prison units of the state of Amazonas, amidst the biodiversity of the Forest, during the practice of the Extension Project of the Theater Course at the University of the State of Amazonas - *Arbitrio: Theater in Prison*, 2015 to 2020, seeks to understand processes of decolonization of the voices of the authors of this work and therefore, gaps in freedom in the experiences with Theater in Prison, through the methodology of Theater of the Oppressed in the Forest. And in this study the TO is called Pedagogy of the Jaguar, instigating to know what is to be free in Prison? Who are the women participating in the Amazonian prisons? Who are we all, in their pluralities of animal-bodies, prison-bodies and forest-bodies? The methodology of the Ancestrais and the Jaguar, as a strategy for a sensorial ethnographic walk and *Escrivência*, as well as performative and autofictional writing, are the methodologies of this research. It is hoped, then, that from this dialogue between theory and practice, this thesis can contribute to bases for the decolonization of human sciences in universities, especially when we talk about Theater in Prisons, and we relate punishment with gender and its aspects, punishment with social class and race. In the state of *banzeiro* of the great Amazon river, we are outlining and describing these possibilities

Keywords: Theater in Prison in the Forest; Theater of the Oppressed and Pedagogy of the Jaguar.

LISTA DE FIGURAS/ FOTOS

Figura 1 - O Igarapé e Eu aos três anos de idade.....	18
Figura 2 - Foto do fenômeno amazônico Encontro das águas próximo à cidade de Manaus.....	20
Figura 3 - Foto Andorinha Azul.....	22
Figura 4 - Município de Nhamundá, Amazonas-Brasil.	23
Figura 5 - Rio Negro, Amazonas-Brasil.....	24
Figura 6 – O igarapé, Eu e meu filho Cauã na barriga de 3 meses de gestação.	25
Figura 7 – Formigas Jiquitaias carregando a folha.....	26
Figura 8 - Onça-Pintada com boca aberta	27
Figura 9 – Floresta Amazônica com raios de sol.....	28
Figura 10 - Vó Dica.	29
Figura 11 - Maezinha no barco (1970)	30
Figura 12 – Vó Marta/ Avó da Mata (1974)	30
Figura 13 - Paizinho na rabeta (canoa com motor).	31
Figura 14 - Silvaninha, em 2019.....	31
Figura 15 - Avô materno João, no sítio, em 1990.....	33
Figura 16 - Primeiro encontro com os orientadores do Doutorado: Jean Gonçalves e Vicente Concílio, em Curitiba-PR, 2019.	35
Figura 17 - - Presídio feminino, quinto portão com grade e cadeado até no local do Teatro.....	38
Figura 18 - Gráfico pirâmide demonstrativo da escala de desigualdades de gênero e raça.	39
<i>Figura 19 - Rebelião 2017. Mulher mãe, implorando notícias. Fonte: Portal à Crítica/ Portal Uol de Notícias..</i>	40
Figura 20 – Folder 1: Missão Desencarcera.....	42
Figura 21 - Folder 2: Relações de Raça e Gênero no Cárcere	42
Figura 22 – Folder 3: 67% das mulheres presas são negras	43
Figura 23 – Folder 4: Cárcere, abusos sexuais e escravidão.....	43
Figura 24 – Folder 5: Desigualdade de Gênero e as prisões.	43
Figura 25: Folder 6: 81% das mulheres presas no Amazonas são negras.	44

Figura 26 - Folder 7: Aumento do cárcere feminino.	44
<i>Figura 27 - Jogo Teatral "Batismo Mineiro" da Estética do Oprimido.</i>	46
Figura 28 - Papagaio Amarelo.....	48
<i>Figura 29 - O Jambeiro e Eu Jambeiro e eu. Reverenciando a Árvore que eu mais gostava de subir.</i>	55
Figura 30 - A Mangueira - Casa da árvore dos 7 aos 14 anos.....	56
<i>Figura 31 - Palmas e Sorrisos com o Teatro na Prisão</i>	57
Figura 32 - Onça-Pintada e o seu filhote.....	62
<i>Figura 33 - Roda de Conversa Preparação ao Teatro Fórum.</i>	68
<i>Figura 34 - Parenta indígena Vanda Witoto. mulher indígena não aldeada (escrevinte na cidade de Manaus), professora e ativista.</i>	70
Figura 35 – Onça- Pintada caminhando na Floresta.....	71
Figura 36 – Casa do sítio em construção, 1996.....	73
Figura 37 – folder 3: “Sou todas as etnias”	79
Figura 38 – folder 4: “Terror e Devastação”.	79
Figura 39 – folder 6: “Estupro seguido de morte”.....	79
Figura 40 – folder 5: “Em nome de uma coroa”	79
Figura 41 – “Honro o sangue das ancestrais”.	80
Figura 42 – folder 7: “Sou mulher e faço ciência”	80
Figura 43 – folder 8: “Estou na aldeia e na cidade”.....	80
Figura 44 – folder 9: “Filha das águas”.....	80
<i>Figura 45 - Perpetua Kokama Suni e Eu, em 2019 em Manifestação política no Largo de São Sebastião, Manaus- Am.</i>	84
Figura 46 - Elizete Ticuna, em performance da Onça-Pintada na Universidade em 2019.	84
Figura 47 - óleo elétrico, óleo de andiroba, óleo de copaíba e o rapé.....	89
Figura 48 - Rede e Eu, 1990, com 5 anos.....	91
Figura 49 – ÁRVORE “A MANGUEIRA”	97
Figura 50 – ÁRVORE “ A ARAUCÁRIA”	97
Figura 51 - A ÁRVORE DO TEATRO DO OPRIMIDO	98
Figura 52 – Cena de Teatro Imagem sobre violência policial.....	102
Figura 53 – Cena de Teatro Fórum com a interferência para a mudança: denúncia e aliados.	104

Figura 54 - Mulher negra se movimenta/ Angela Davis.....	107
Figura 55 – Cena “Nós sempre tivemos Vozes” Teatro da Instalação – Mostra de Teatro UEA, 2017.....	116
Figura 56 – Cena do Rap das Cantoras: Liberdade na Prisão.....	124
Figura 57 - Andorinha Azul da Amazônia	126
Figura 58 – Foto aérea Complexo Penitenciário do Amazonas. BR 174 km 08	127
<i>Figura 59 – - Entrada do CDPF-AM - "A Casa da Barbie" - Centro de Detenção Provisória Feminina.....</i>	<i>127</i>
Figura 60 – Cena de Teatro-Fórum sobre solitária, estupro e abusos na prisão.	136
Figura 61 – Cartazes da Liberdade. Aula de TO com pinturas nos cartazes, em 2016.no CDPF.....	138
Figura 62 - Pintura Felicidade e Liberdade. Aula de TO, para preparação de Teatro-Fórum. CDPF, 2017.....	140
<i>Figura 63 - Prisão e Floresta. Desenho feito por Andorinha do Amazonas, aula de TO. Preparação Teatro-Fórum, CDPF, 2017.</i>	<i>143</i>
Figura 64 - Algemas e Liberdade. Desenho feito por mulher em situação de cárcere, aula de TO, unidade CDPF, 2017.	145
Figura 65 - Rio Negro, AM-Brasil.	146
Figura 66 - Pés no Palco. Cena Música pela liberdade. Apresentação Teatro da Instalação, Manaus, 2017.	155
Figura 67 - Rio Nhamundá que banha os estados de Roraima, Amazonas e Pará.	156
Figura 68 - Mulheres em visita aos homens que elas não abandonaram.	167
Figura 69 - Mulheres na Roda de Conversa. Aula de TO, preparação Teatro-Fórum.....	192
Figura 70 - As avós, a mãe e o pai. Os Ancestrais.	193
Figura 71 - As avós, a mãe e o pai. Os Ancestrais. Erro! Indicador não definido.	
Figura 72 - Figura 73 - Êxtase no Camarim: O Teatro é Liberdade	
<i>Figura - As avós, a mãe e o pai. Os Ancestrais.....</i>	<i>193</i>
Figura 74 - Figura 75 - Êxtase no Camarim: O Teatro é Liberdade	193
Figura 76 - Figura 77 - Êxtase no Camarim: O Teatro é Liberdade	193

SUMÁRIO

Parte 1.....	17
1. ENSAIANDO MINHAS VOZES: INTRODUÇÃO.....	17
1.1 Da Formiga Jiquitaia à Onça- Pintada.....	26
1.2 O Teatro do Oprimido como Processo formativo e metodologia nas oficinas de Teatro na Prisão no Amazonas.....	36
1.3 Ensaizando as vozes da arte-educação e processos formativos: da Escola às Prisões.....	57
Parte 2.....	69
2 . AS VOZES METODOLÓGICAS DA PESQUISA: A ESCREVIVÊNCIA COMO AUTOFIÇÃO E ETNOGRAFIA SENSORIAL NO TEATRO DO OPRIMIDO....	69
2.1 A Pedagogia da Onça- Pintada.....	71
2.2 Metodologia das Ancestrais: Teatro – O Lugar Onde Se Vive.....	81
2.3 Pesquisar o Teatro nas Prisões: Vozes Amazônicas.....	89
2.4 As Árvores do Projeto Arbítrio: Teatro na Prisão no Amazonas (2015 a 2020).....	97
Parte 3.....	116
3. AS VOZES DAS PARTICIPANTES DO TEATRO NA PRISÃO – LIBERDADE NOS PRESÍDIOS FEMININOS NA FLORESTA AMAZÔNICA.....	116
3.1 As Vozes da Andorinha do Amazonas.....	124
3.2 As Vozes das Águas do Rio Negro.....	146
3.3 As Vozes das Águas do Rio Nhamundá.....	156
CONSIDERAÇÕES EM ESTADO DE BANZEIRO.....	193
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	200
REFERÊNCIAS MUSICAIS.....	206
FONTES ORAIS.....	207

PARTE 1

1. ENSAIANDO MINHAS VOZES: INTRODUÇÃO

Quanto tempo leva para que um sonho se transforme em realidade. É possível sonhar nas prisões? Sempre me perguntei para que eu faço Teatro e hoje consigo responder com mais tranquilidade: para me inquietar, para me aquietar. Nessa suposta contradição, a alegria e a plenitude me preenchem, outrora as frustrações das injustiças sociais. E porque não estimular outras pessoas sentirem, cada uma a seu tempo, o recorte da liberdade? Precisei me afogar nas áreas alagadas das Florestas de Várzea¹ e Igapó², esconder-me no meio da mata, esconder-me de mim mesma, abafando gritos no concreto das cidades, do racismo, das opressões de gênero, da xenofobia, do machismo.

Em meio à pandemia da Covid-19, a intensa convivência pela procura de ar (literalmente) no “pulmão do mundo”, como era a chamada a Floresta Amazônica pela mídia desde a década de 90; em meio às lutas diárias com populações prisionais e indígenas nos anos de 2020, 2021 e 2022; como professora do Curso de Teatro da Universidade do Estado do Amazonas; em meio à luta comigo mesma no processo de decolonização e retomada indígena; em um período em que todas(os) estavam imersas(os) em um governo federal expressamente racista, xenofóbico, machista, classista e genocida (entre os anos de 2018 até o final de do ano de 2021), pari a escrita desta tese. Apenas pari. Como uma filha(o) que nasce, um novo ciclo que se inicia. Vou aqui mostrar um pouco desse parto sofrido e cheio de luz e o desenvolvimento dele

O que eu faço com o ar que eu respiro?

Com minha cara de ‘índia’?

O que eu faço com o embranquecimento imposto?

E com minha história na escrita formal acadêmica?

O que eu faço com os referenciais eurocêntricos?

Como explicar o povo ‘invisível da mata’?

Como contar a minha história e a de mulheres em estado de cárcere?

¹ Floresta de Várzea: A vegetação fica imersa em áreas banhadas por rios de água barrenta, como os rios Solimões, rio Amazonas, Madeira e Purus e tem grande quantidade de material e sedimentos presente.

² Floresta de Igapó: A vegetação fica imersa em áreas banhadas pelos rios de água preta ou marrom avermelhada, devido à decomposição lenta de folhas, galhos, troncos, são águas ácidas, com baixos valores de pH e condutividade elétrica, como o Rio Negro.

Jogo fora o que aprendi?

De jeito nenhum
Reconstruo.

Aqui inauguro e fortaleço a prática do: mana vumbora!

Tem um Brasil que ninguém vê
Bem profundo, um insulto
Tarra lá no meio da mata
Tarra lá na cidade também
Tem arara colorida voando
Tem mulheres presas gritando
São blocos de afetos
É pra lá que eu vou, vumbora
É o Teatro quem nos leva
É o som da selva
Do riso, da liberdade
No meio do abismo
No fundo do rio poluído com mercúrio,
Do garimpo e do genocídio
No mergulho no igarapé ³cristalino
No SUSTO
Na DOR.

No susto e na dor do reencontro comigo, com elas,
delas, comigo.

Estamos em estado de luz.
E assim vamos. Bora?



Figura 1 - O Igarapé e Eu aos três anos de idade

³ Igarapé: é um braço ou pequeno curso de um rio no meio da Floresta; é um termo oriundo do tupi, uma língua indígena, que significa "caminho de canoa".

Figura - o igarapé e Eu com 3 anos de idade

Fonte: acervo da autora

*Eu não vou entrar nessa jaula
Eu não nasci pra ser adestrada
Me deixa correr no espaço
Deixa eu exhibir minha pele pintada*

Trecho da música de Larissa

Um corpo aberto cheio de vida, *um corpo-bicho, um corpo-Floresta, um corpo-rio*, que era silenciado, abafado. Esse corpo-bicho é um corpo íntegro, espontâneo, com expressividades sinceras dos afetos, com uma teatralidade inata, pois aprendi com a educação colonizadora que o Teatro é o lugar onde se vê, porém, desde o meu processo de retomada às origens indígenas iniciado em 2019, reconheço cada vez mais o Teatro como LUGAR ONDE SE VIVE. É o outro Teatro (Ligiéro, 2014). E quando eu mostro, expesso e exponho minha vida diante da imensidão da Floresta, sinto-me parte dela, sou também o rio que corre, sou também o bicho da selva, sou livre, ou seja, eu vivo, eu me entrego com todo o meu corpo e atravessamentos, sem sistematizar etapas ou camadas corporais, eu apenas ouço e respeito minha sonoridade, os toques, os olhares, a mim mesma nessa confluência de alteridades. Dessa forma, consigo, aos poucos, encarar o grande rio que habita em mim e na(o) outra(o), o qual é profunda(o), grandiosa(o), corajosa(o). Nem que seja por um instante, estar frente a frente com o Encontro das Águas⁴, pois são muitas águas dentro de nós.

⁴ Encontro das águas: É o encontro dos Rio Negro – água preta, com velocidade mais lenta (2km/h), temperatura maior (28°) e com mais acidez e o Rio Solimões – água barrenta, velocidade maior (6km/h) e temperatura menor (21°), localizado na frente da cidade de Manaus, onde as águas dos dois rios correm lado a lado sem se misturar formando o Rio Amazonas.



Figura 2 - Foto do fenômeno amazônico Encontro das águas próximo à cidade de Manaus.
Fonte: Fotógrafo Leonide Príncipe em protoamazonica.com.br

Porém, para facilitar a leitura e a própria desconstrução de processos coloniais, considerando a missão que adotei para a vida como educadora e artista: a de ensinar e aprender ao mesmo tempo, com humildade e pensarem que o *estado de prisão* não é para sempre, que o *estado de tristeza*, desesperança, punições, humilhações e opressões poderiam cessar, e que a esperança de vida e planos futuros poderiam acontecer. Pensando, também, que para a maioria das mulheres que estiveram em estado de cárcere durante as oficinas de Teatro aqui descritas (entre 2015 e 2020), hoje encontram-se em estado de liberdade ou de possibilidades de liberdade, fora das prisões.

Este estudo propõe ouvir um pouco das vozes de três mulheres em diferentes estados de cárcere, aqui mencionadas como pseudônimos representativos da fauna e flora amazônica: *Vozes de Andorinha do Amazonas* ex-interna do sistema prisional; *Vozes das Águas do Rio Nhamundá* - ex-gestora do Sistema de Administração Penitenciária do Amazonas (SEAP-AM) e *As Vozes das Águas do Rio Negro*, ex-estudante participante do Projeto de Extensão *Arbitrio: Teatro na Prisão* do Curso de Teatro da Universidade do Estado do Amazonas. Essas vozes, sob minha interpretação com um processo

de retomada indígena à etnia Ticuna⁵, isto é, um processo não-colonial em ebulição, portanto, analisando de perto as perspectivas interseccionais entre classe social, raça e gênero.

A escrita não-colonial, com contação de histórias das personagens aqui inseridas, e eu sou uma delas, com a inserção fluida de fatos e sentimentos, sensações e emoções, desabafos e contextualizações históricas, política e sociais, arrebatada a escrita acadêmica tradicional quando não mais separa o texto em partes ou etapas completamente diferenciadas. Trata-se de um texto fluido, que escreve vidas, escreviente, autoficcional, em experimento, em retomada. É uma tese viva, sobre vidas apagadas e agora, tentando reluzir. Estão todas no palco, nos bastidores e dentro de si e de uma grande arena que luta e afetos.

Porém, para facilitar a leitura e a própria desconstrução de processos coloniais, considerando a missão que adotei para a vida como educadora e artista, a de ensinar e aprender ao mesmo tempo, com humildade e generosidade, numa constante pedagogia da autonomia (FREIRE, 1996), nesta introdução, resalto que os assuntos abordados sobre prisões, processos formativos pedagógicos, questões sobre raça, classe e gênero estão na fluidez de cada Voz dessas mulheres e a minha também. Quem são elas?

⁵ Etnia Ticuna ((Tikuna, Tukuna ou Magüta): Dentre entre as etnias indígenas, somos considerados o povo sobrevivente mais numeroso atualmente da Amazônia brasileira. Habitávamos o Brasil, a Colômbia e o Peru. Habitamos ainda. No estado do Amazonas, o rio Solimões é que nos banha. Entramos em guerras contra os seringueiros e garimpeiros, morremos, nossa língua foi quase extinta. Eu mesma não aprendi a falar Ticuna, minha avó paterna indígena proveniente do Peru, foi proibida de falar sua língua ao casar-se com meu avô português, e teve que esconder dos próprios filhos sua identidade ticuna. Entretanto, sobrevivemos, com cicatrizes e esperanças, aqui estamos.



Figura 3 - Foto Andorinha Azul
Fonte: Pesquisa Revista Fapesp

As *Vozes da Andorinha do Amazonas* é a representação máxima da vivência prisional por sete anos e de sua presença nas oficinas de Teatro neste estudo. É mulher não-branca, indígena em retomada, que antes das prisões estudou até o segundo ano do ensino médio, com muitas dificuldades. É residente de área periférica da cidade de Manaus, convivendo com falta de saneamento básico, falta de escolas, ausência de hospitais próximos e com atendimento humanizado, e vivendo em um bairro com alto índice de violência na grande cidade de Manaus. Sua cor, sua classe social e as perspectivas de gênero não atendidas, levaram-na à prisão. Por isso, a escolha por traduzir suas vozes aqui, que também já foram ecoadas em duas apresentações fora das prisões do Amazonas, em *Mostras de Arte*, promovidas pelo *Projeto Arbítrio*⁶, bem como sua vivência assídua nas oficinas semanais que tiveram a duração de quatro horas por dia, duas vezes na semana, entre 2015 e 2017. Depois da mudança de governo federal no Brasil, cuja prática de punição militarizada nos presídios fora adotada, a quantidade de visitas foi reduzida para uma vez por

⁶ *Projeto Arbítrio – Teatro na Prisão*: Projeto de Extensão do Curso de Teatro da Universidade do Estado do Amazonas, coordenado por mim, iniciado em julho de 2015 com Teatro-Fórum de Augusto Boal da Estética do Oprimido, e em seguida aplicado nos cárceres de 08 unidades prisionais do Amazonas, localizadas no km 08 da BR 174, em meio à Floresta amazônica, com funcionamento até o ano de 2020, paralisado devido à pandemia da Covid-19. Com retorno previsto para novembro de 2023.

semana entre 2018 e 2020.

As reflexões sobre o encarceramento em massa global, o sistema prisional brasileiro e, especificamente, os cárceres do Estado do Amazonas, envolvidos por uma grande Floresta, unem-se às vozes fluidas de uma mulher amazônida. Ela, atualmente, responde ao processo penal em liberdade e quebra os grilhões dentro de si para comunicar como o Teatro contribuiu para o seu processo de liberdade: não só o do direito de ir e vir, mas a liberdade de ser e de estar, de se tornar mulher, de estar em processo de consciência e reconstrução, libertando-se a todo momento. *Andorinha do Amazonas* é pássaro leve, ágil, voa alto, canta, mostra-se, é alegre, é cheia de energia, propõe a comparação com a espontaneidade de uma criança, cujos filtros sociais de encarceramento se decompõem.



Figura 4 - Município de Nhamundá, Amazonas-Brasil.
Fonte: ASCOM/PMN

Nas *Vozes das Águas do Rio Nhamundá*, nós nos encontramos com a força de uma mulher que utiliza seus privilégios para realizar alguma reparação histórica. Por ser mulher branca, graduada e pós-graduada, de classe social média, que atendeu às perspectivas de gênero impostas pela sociedade tradicional – mulher, mãe, casada, com filhos formados em faculdades, um casamento duradouro, vitoriosa na carreira profissional e também em busca de retomadas de suas referências amazônidas. Fundadora e líder do Departamento de Reintegração do Sistema de Administração Penitenciária do Amazonas. Em

suas vozes, ela tentou, insistiu e persistiu para causar algum estado de humanização no sistema prisional. Mulher advinda do Estado do Pará, banhada pelo Rio Nhamundá, embarca na confluência das águas amazônicas para falar mais livre, agora de fora do sistema prisional, do qual fez parte como gestora, durante quase uma década. Uma mulher coordenadora e articuladora de ações que marcaram a entrada do *Projeto Arbítrio: Teatro na Prisão* nas unidades prisionais do Amazonas, bem como sua articulação com os coletivos de mulheres do Amazonas na luta por direitos básicos. Como conselheira, viu de perto a importância de seu cargo e responsabilidade para efetivar mudanças. Nas *Voices das Águas do Rio Negro*, que é rio profundo, veloz, pró-ativo, independente, encontramos as vozes de uma estudante negra, participante do *Projeto Arbítrio* desde 2015 até 2020 e, em seguida, líder e professora de Teatro.



Figura 5 - Rio Negro, Amazonas-Brasil

Nas *Vozes das Águas do Rio Negro*, que é rio profundo, veloz, pró-ativo, independente, encontramos as vozes de uma estudante negra, participante do *Projeto Arbítrio* desde 2015 até 2020 e, em seguida, líder e professora de Teatro do maior complexo prisional do Amazonas – o regime fechado masculino – Compaj (Complexo Prisional Anísio Jobim). Contratada pela Seap – AM, ela pôde vivenciar seu processo formativo dentro do Projeto Arbítrio, escreveu seu trabalho de conclusão de curso sobre essa experiência e, como egressa da universidade, adentrou às grades da prisão e abriu algumas dessas grades por meio do Teatro.



Figura 6 – O igarapé, Eu e meu filho Cauã na barriga de 3 meses de gestação.

Fonte: arquivo da autora

As *Vozes das Águas do Rio Negro*, em sua velocidade e vontade, mudaram as perspectivas de si e do seu entorno, a partir da convivência com homens e mulheres em estado de cárcere, posicionando-se cada vez mais em confluência com as intersecções de classe, raça e gênero.

Foram entrevistadas vinte pessoas para esta pesquisa. No entanto, a

escolha por estas três vozes se deu pelos critérios de representação e perspectiva de cada âmbito influenciador para o Teatro acontecer nas unidades prisionais do Estado do Amazonas: a perspectiva de uma mulher negra estudante e depois professora de Teatro na Prisão (águas do Rio Negro), a perspectiva de uma mulher branca na Gestão Penitenciária – que compreendia a administração do sistema perante às leis e protocolos (águas do Rio Nhamundá); e a perspectiva de uma mulher não-branca, indígena em início de retomada, em estado de cárcere durante sete anos e participante ativa do *Projeto Arbitrio* (Andorinha do Amazonas).

A classe social, a raça e o gênero foram os fatores preponderantes à escolha dessas vozes específicas para esta pesquisa que tenta realizar reflexões sobre processos formativos com o Teatro e a Educação na Prisão. Dessa maneira, a pesquisa acadêmica para este momento exigiu essa delimitação. Em breve todas(os) poderemos acessar essas outras vozes na constante troca e confluências de práticas e obras. É na caminhada da Onça-pintada como pedagogia aqui lançada que me assereno e olho a mata amazônica, ouvindo tantas outras vozes ao seu tempo, ao meu tempo, agora decolonial e mais acolhedor.

1.1 Da Formiga Jiquitaia à Onça-Pintada

É também um estudo sobre amor, amor enquanto ação (bell hooks, 2020) sobre ancestralidade, sobre afetos, sobre o teatro acolher as(os) oprimidas(os), sobre o Teatro ser dispositivo para potencializar vozes silenciadas e instantes de liberdade, pois quando nomeamos as opressões e olhamos frente a frente a elas, com a coragem da Onça-pintada, ou como a estratégica, pequena e ferrosa formiga Jiquitaia, podemos transformá-las.



Figura 7 – Formigas Jiquitaias carregando a folha.

Um dia desses eu aceitei me aceitar ou adentrar o processo de aceitação de decolonização. Ao entrar em contato novamente com a Floresta que habita em mim, passei a potencializar minha essência, que é fluida, inacabada e híbrida. Ora temendo desafios, ora enfrentando-os, por isso adentrei as Prisões na Floresta. Lá, é Ela, a Floresta quem manda. Então, respirei e ouvi algumas de minhas vozes: não há o que temer, Onça. A Floresta é grandiosa, imponente e acolhedora, é nela que me encontro comigo, com os corpos-bichos, os corpos-rios, que fluem, confluem e se respeitam. Assim entrei nas Prisões.

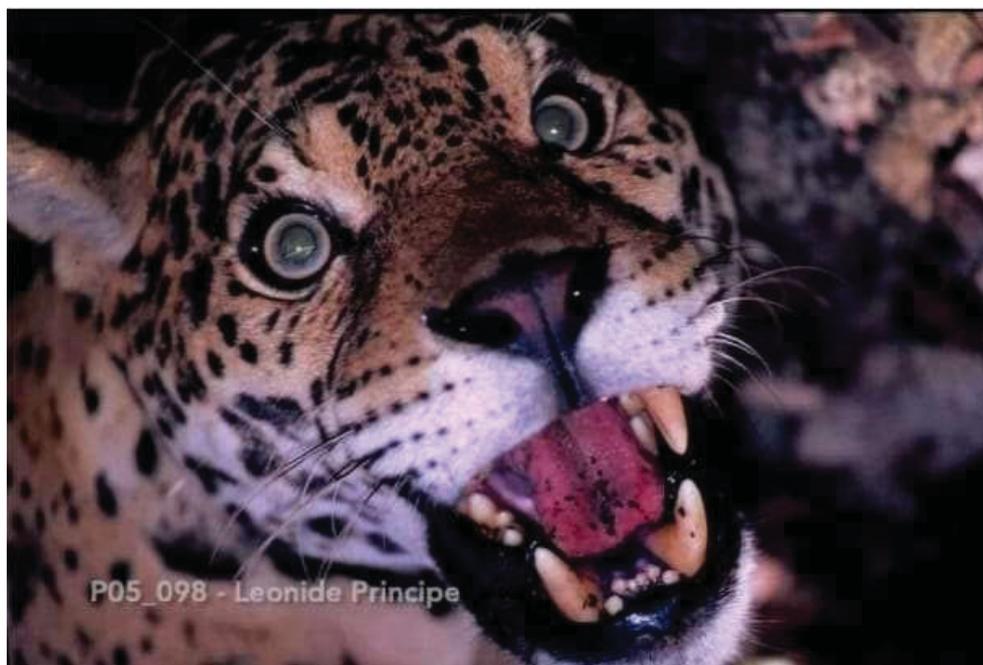


Figura 8 - Onça-Pintada com boca aberta

Fonte: Foto de Leonide Principe/ PhotoAmazonica - <https://photoamazonica.leonideprincipe.photos/>

Para chegar às vozes das águas da *Andorinha do Amazonas*, das *Águas do Rio Negro* e das *Águas do Rio Nhamundá*, precisei ouvir minha própria voz em retomada, ou seja, escutar com mais atenção este processo formativo em Teatro e Educação, com uma influência direta da Metodologia do Teatro do Oprimido⁷ e com a resignificação desta metodologia às questões amazônicas.

⁷ Teatro do Oprimido (TO): Estética e Metodologia por Augusto Boal (1931-2009) na década de 70 no Brasil da Ditadura Militar. Foi nesse ambiente que Boal começou a utilizar o teatro para denunciar as opressões contra os trabalhadores e a censura imposta à imprensa e aos artistas. Tem por objetivo transformar a realidade do ser oprimido, que tomando consciência de suas opressões, começa a agir contra elas. Por meio de Jogos Teatrais e as técnicas do Teatro-Imagem, Teatro-Fórum, Teatro do Invisível, Teatro Jornal e Teatro Legislativo, o teatro político se coloca como estética, poética e linguagem para promover sociedades mais humanizadas.

A *Pedagogia da Onça-pintada* é inaugurada nesta tese como forma e método para contar processos de escrivência sobre Teatro na Prisão e os dispositivos de Liberdade que ele provoca.



Figura 9 – Floresta Amazônica com raios de sol
 Fonte: foto de Leonide Príncipe PhotoAmazonica - <https://photoamazonica.leonideprincipe.photos/>

Portanto, aceitei que em mim é a Floresta que me dá força para continuar me movimentando, pois é como se houvesse uma inteligência perfeita maior que nós, onde podemos encontrar uma inteligência superior e acolhedora, humilde e arrebatadora. Quando respiro o Teatro na Prisão como uma experiência de liberdade em meio a Floresta Amazônica, com mulheres encarceradas cheias de vivências, percebo que elas têm nome, sobrenome, amores, afetos, desafetos, foram e são as pessoas mais intensamente humanas que já conheci. Foram cinco anos de encontros intensos, explosivos, nos quais dava para ouvir o som da liberdade, o cheiro da felicidade. Nesse contexto, nós nos identificamos, nós nos amparamos, compartilhamos nossas dores e nossa poesia, o nosso

Figura SEQ Figura * ARABIC 8 - Onça-Pintada com boca aberta
 Fonte: Foto de Leonide Príncipe/ PhotoAmazonica - <https://photoamazonica.leonideprincipe.photos/>

Figura SEQ Figura * ARABIC 9 - Floresta Amazônica com raios de sol.
 Fonte: foto de Leonide Príncipe PhotoAmazonica - <https://photoamazonica.leonideprincipe.photos/>

despertar.

Para que eu pudesse ESCREVIVER (EVARISTO, Conceição.2020),
isto é, enquanto escrevo,
eu vivo,
revivo,
resgato ritos,
retomo,
reorganizo memórias ... Apagadas pela imposição da colonização.
DeScolonizo-me... Eu me curo.

Para que essa escrevivência pudesse acontecer, a presença da potência de sabedorias me inspirou, são pessoas que chamo aqui de Onças-Pintadas: Dona Onça-pintada, Seu Onça-pintada. Respeito e aprendo.



Figura 10 - Vó Dica.
Fonte: arquivo da autora

Aprendi com a Dona Onça-pintada - vó Dica (1925-2019)⁸- minha avó materna nascida no interior do Amazonas, filha de um pai nordestino branco, filha de mãe cabocla indígena ribeirinha da cidade de Eirunepé – Amazonas. Ela residia em um famoso seringal amazônico chamado *Revaliza* – onde seus pais trabalhavam e seu patrão era um primo aliado aos seringueiros. Atualmente, essas terras pertencem aos filhos de seus primos.

Terras que, na verdade,
sempre pertenceram
à morada dos povos originários.

⁸ Vó Dica: árvore genealógica em construção, devido a contradições sobre a origem de seus avós, se espanhóis e amazônicos, se holandeses e colombianos, consequência do apagamento histórico imposto pela colonização.

Figura - Vó Dica. Fonte: arquivo da autora

Aprendi com Dona Onça-pintada, minha mãe, Mãezinha (1957), a filha da Dica, mulher amazonense, bruxa, benzedeira, médium, que a vida sempre há de florescer se permito o fluxo do dar e do receber, sem sobrecargas e, em Equipe, como um trabalho de formiguinhas.



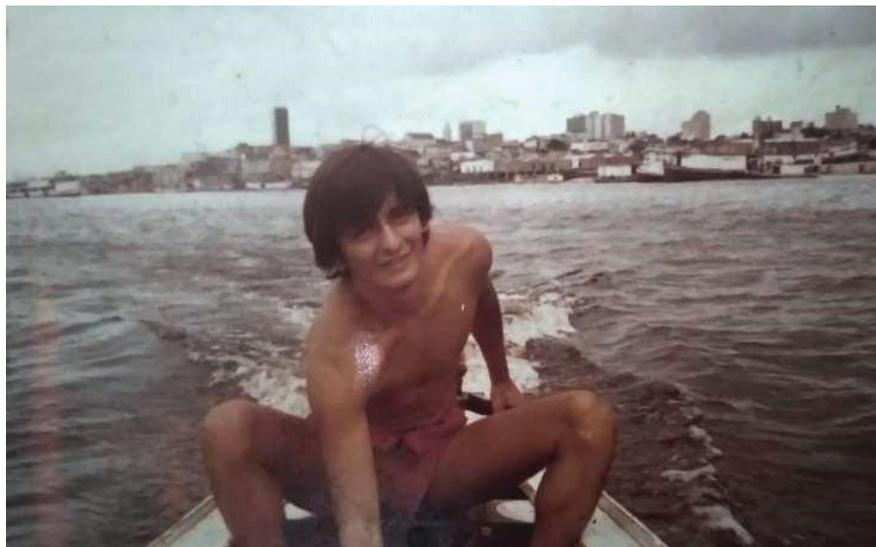
*Figura 11 - Mãezinha no barco (1970)
Fonte: Arquivo da autora*



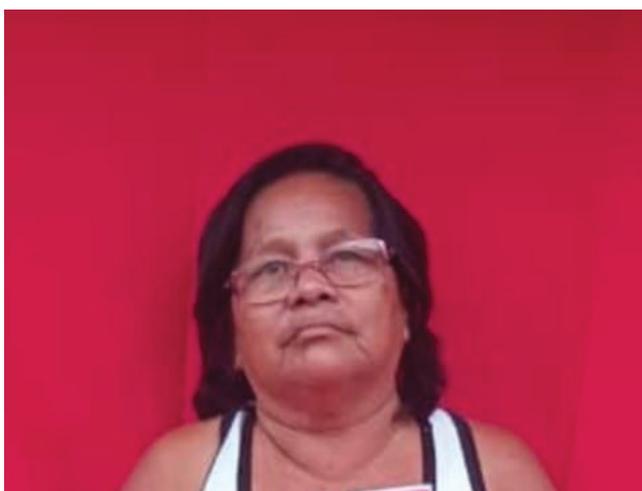
*Figura 12 – Vó Marta/ Avó da Mata (1974)
Fonte: Arquivo da Autora*

Aprendi com a Dona Onça-pintada - vó Maria Marta (1928-1990), vó da Mata, minha avó paterna indígena peruana, da etnia Ticuna, que foi expulsa de suas terras, se perdeu com as irmãs, e casou-se com meu avô português.

Apreendi com o seu Onça-pintada, meu pai, Paizinho (1951), o filho da Marta, da vó da Mata, a viver o Teatro com a Floresta, experimentando frutas, adentrando a selva amazônica, mergulhando nos rios de águas escuras ou barrentas.



*Figura 13 - Paizinho na rabeta (canoa com motor).
Fonte: Arquivo da autora.*



*Figura 14 - Silvaninha, em 2019.
Fonte: Arquivo da Autora*

Apreendi com a Onça-Pintada, Silvana Ramires (1955), ‘Silvaninha’, que desde os meus quatro anos, compartilhou os cuidados com minha mãe, quando começou a trabalhar como babá⁹. Vinda do interior do Amazonas, de Foz de Jutai, indígena residente em Manaus, com aproximadamente trinta e cinco anos na época e com

quatro filhos como mãe solo, encontrou em minha família, apoio, emprego e encaminhamentos jurídicos. Atualmente, com 65 anos, ela não se reconhece como indígena declarada, porém, seus conhecimentos ancestrais foram marcantes nos cuidados comigo. A história de Silvana, daria uma outra tese de

⁹ Minha mãe também precisou terceirizar o trabalho de outra mulher, mais subalterna do que ela, para ajudar nos cuidados com as filhas, enquanto ela e meu trabalhavam. Por sua vez, esta mulher, chamada Silvana, também terceirizou os cuidados de seus filhos/as a outras mulheres, às primas e vizinhas, que moravam próximo de sua casa na periferia de Manaus. E assim por diante. Trata-se, portanto, de um círculo vicioso, no qual, a mulher cuida e resolve tudo da casa, do seu trabalho e dos filhos, enquanto o homem, ainda é lido como “o provedor”. É uma das consequências do patriarcado, do machismo, do sistema capitalista e das relações de classe, raça e gênero, isto é, a sobrecarga das mulheres nos cuidados com os filhos. As mães não brancas, pagam um preço alto para conseguir sobreviver.

doutorado. Ela é a representação da mãe solo com nove filhos, mulher preta e indígena, periférica e subalternizada na grande cidade. No passado ela cuidou de mim, no presente, eu cuido dela.

Outras Onças-Pintadas estão dentro e fora de mim, levo-as ao Teatro e às Prisões. A pedagogia da Onça-pintada é Jogo, estratégia, acolhimento. Ao longo do texto, menciono muitas outras.

Coincidentemente as metodologias da etnografia sensorial¹⁰ e do Teatro da(o) Oprimida(o)¹¹ foram as bases dessa trajetória nas prisões para vivermos como uma equipe colaborativa e aprendendo ética, solidariedade e, conseqüentemente, treinando a empatia, ou seja, o processo de se colocar no lugar da(o) outra(o), pois sem a(o) outra(o), é como se eu fosse inalcançável. Assim, considerar os discursos que constituem o fazer teatral nas prisões e no Amazonas e as vozes que transitam neste contexto de arte-educação em um espaço prisional é fundamental nesta tese.

Assim como é impedir o fluxo de um rio que provoca um transbordamento, o meu corpo, o seu corpo, precisam respirar, precisam fluir, precisam se movimentar para não transbordar, alagar, afogar ou machucar. Começo esta tese afirmando que a Floresta é uma sinfonia perfeita, nela não existe ambição, excesso ou acumulação, existe equilíbrio. Digerir boa parte da Amazônia que habita em mim, neste pequeno escrito, é como o rio Amazonas¹², grandioso, profundo, no seu fluxo único e amplo, que percorre por entre a selva, as matas,

¹⁰ Etnografia Sensorial: A etnografia é um processo baseado nas experiências dos etnógrafas/os, as/os quais são seres humanos cheios de vivências e bagagens sensoriais, também levando em consideração a potência do processo de criação e representação de conhecimento sobre pessoas, culturas, a sociedade. São versões de experiência que se interacionam de forma subjetiva, não pretendendo produzir dados exatos e objetivos em demasia, mas sim, relatar o sensorial, os sentimentos, sensações, de forma humilde, atenta, e considerando experiências para além da unidade antropocêntrica em que estamos habituadas/os.

¹¹ Teatro da/o Oprimida/a: Metodologia criada por Augusto Boal (1931-2009) e recriada por Bárbara Santos entre os anos de 2017 e 2018 com a perspectiva do gênero, da raça e da classe social, focada especificamente em mulheres oprimidas.

¹² Rio Amazonas: Maior rio do mundo em volume de água, extensão e profundidade. Ele começa no Peru, sua nascente do rio Apurímac (alto da parte ocidental da cordilheira dos Andes), no sul do Peru, e deságua no oceano Atlântico, no norte brasileiro. Ao longo de seu percurso recebe os nomes de Carhuasanta, Lloqueta, Apurímac, rio Ene, rio Tambo, Ucayali e Amazonas. Ele entra no território brasileiro com o nome de rio Solimões e finalmente, em Manaus, após a junção com o rio Negro, assim que suas águas se misturam ele recebe o nome de Amazonas.

alimenta, sustenta os povos ribeirinhos e os animais: ele é simples e complexo ao mesmo tempo, é independente, o rio é livre. Ele nutre e é nutrido por nós, pelo nosso respeito, pelo uso dele para abençoar e, aqui me recordo dos banhos de ervas amazônicas feitos em casa, com colher de pau, na panela grande, que minha avó materna preparava, que minhas irmãs, minhas tias e minha mãezinha até hoje preparam, para limpar e para reacender ao que chamamos de energia vital, a energia do bem-viver. O bem-viver como coletividade e respeito às matas.

Na Prisão, o instante do fazer teatral era de espontaneidade, de aceitação, de nos olharmos como estávamos naquele momento, dessa forma a fluidez do processo começava a se concretizar. O teatro era o momento presente, mesmo com as consequências do genocídio e/ou etnocídio¹³ dos povos originários, que ainda me atravessam, pois somos todas(os) sobreviventes.

Portanto, cada vez mais potencializo que esta tese é sobre Teatro na Prisão, com experiências de liberdade, de um projeto de Extensão chamado ARBÍTRIO (que vem da expressão *Livre Arbítrio*), sobre abrir caminhos em si, como se estivéssemos no meio da mata fazendo uma picada, isto é, com o terçado (facão grande e amolado) em punho, abrindo os caminhos, tirando os pequenos galhos da frente, para olhar a dimensão da Floresta e sentir o cheiro dela, é o amor enquanto ação, pois é sempre possível voltar, resgatar, reassumir, renomear, desmecanizar, desalienar, decolonizar.



Figura 15 - Avô materno João, no sítio, em 1990.

Fonte: Arquivo da autora

¹³ Etnocídio ou Genocídio cultural: ato de destruir um povo e sua cultura material e imaterial por instrumentos de opressão. Exemplo: Etnia Ticuna na Amazônia Peruana – colonizadores portugueses e espanhóis explorando os seringais e escravizando pessoas indígenas e pretas, na base da força, das imposições e do sofrimento.

Nessa foto, seu Onça-pintada: Meu avô materno, João (1924-1998), homem não-branco, nascido do interior do Amazonas, fazendo picada na mata, abrindo caminhos. Foto tirada por minha mãezinha, sua filha, pouco antes do seu encantamento (morte, desencarne).

Em 2019, o processo de retomada às minhas origens indígenas se mistura com ingresso ao doutorado em Educação na UFPR-PR, junto ao Jean Gonçalves (meu orientador/desorientador/decolonizador) e à equipe do grupo de pesquisa de Laboratório de Estudos em Educação Performativa, Linguagem e Teatralidades, cuja a equipe começa a realizar trocas para além das consideradas grandes teorias, dentre elas, a autoficção.

Portanto, descobri que era possível falar por mim mesma junto a outras Vozes em um estudo tão importante na etapa de doutoramento, e assim, junto com Fernanda Kogin, Andrio Robert e Lya Beirute, colegas do grupo de pesquisa, por exemplo, que começaram ou já vinham desenvolvendo essa escrita, senti-me mais livre das amarras tradicionais acadêmicas. Comecei a aprofundar-me nas águas dos rios que me banharam uma vida toda: as águas da escrevivência. Tento abrir muitos caminhos, ando fazendo muitas *picadas na mata*, mas nem de longe vou descobrir tudo, por isso, apenas potencializo aqui a AUTOFICÇÃO como ESCREVIVÊNCIA, em uma tentativa de trazer com mais proximidade um olhar contra a colonização das referências tão eurocentradas, referenciais de produção de conhecimento por mulheres, não-brancas e brasileiras como Conceição Evaristo, Sueli Carneiro, Cida Bento, Djamila Ribeiro, Auritha Tabajara, entre outras que inspiram este estudo e a vida em novos encontros possíveis de resistências.

E este processo de decolonização, também enveredou as ideias de Jean, que me apresentou Vicente Concílio, professor da UDESC-SC e colaborador do Programa de Pós-Graduação da UFPR-PR, que coordena estudos sobre Teatro e Prisão no Brasil, levando-me às trocas sobre o tema, com desabafos, aprendizados e vivências junto a uma grande equipe do grupo de Pesquisa Teatro e Prisão: práticas de infiltração das artes cênicas em espaços de vigilância, que uniu o mundo com pesquisadores e pesquisadoras de Norte a Sul do Brasil, Estados Unidos e Equador por exemplo, com encontros semanais na modalidade virtual, e no meu caso com algumas visitas à unidade prisional de

regime fechado feminino em Florianópolis – Santa Catarina e em Loja - Equador. Conhecendo e convivendo com pesquisadoras do grupo como Caroline Vertori, Janilce Rodrigues, Laís Jacques Marques, Túlio Silveira, Flávia Machado, Naguissa Takemoto, Helena, Thaís Lima, Samira Sinara Souza, Vicentina Flôr e Sergio Costa Junior, Marcelo Castro, Emerson de Paula Silva, Carla Marcelino, Zeca Noé. Em seguida, o contato direto com mulheres pioneiras em realizar projetos de Teatro e Prisão no Brasil como projetos de extensão das Universidades: Viviane Narvaes, Natália Fiche, Maria De Lourdes Naylor Rocha, Ashley Lucas, isto é, com as mulheres ancestrais e sábias que há anos caminham pelas prisões no Brasil e no mundo, insistindo e persistindo no Teatro, no Teatro do Oprimido nas Prisões e em outras metodologias que se associam ao contexto social, político e cultural de cada época que elas viveram e vivem, dando esperanças e possibilidades de novas frentes com o Teatro nas Prisões.

Portanto, as referências em Teatro e Prisão, literalmente saíram dos livros e estávamos juntas(os) caminhando nas trocas e abrindo caminhos. Um mundo se abria para mim. Nunca estive sozinha até aqui. Jean e Vicente, duas Onças-pintada-Pintadas, mostraram-me uma Floresta inteira.



Figura 16 - Primeiro encontro com os orientadores do Doutorado: Jean Gonçalves e Vicente Concílio, em Curitiba-PR, 2019.

Fonte: Arquivo da Autora.

1.2 O Teatro do Oprimido como Processo formativo e metodologia nas oficinas de Teatro na Prisão no Amazonas

Iniciei as práticas de cursos de Teatro do Oprimido diretamente no Centro de Teatro do Oprimido (CTO) no Rio de Janeiro em 2013, as (os) Curingas de Boal (já falecido em 2009) eram as(os) oficinairas(os). Entre 2013 a 2016 percorri de forma imersiva a Estética do Oprimido no CTO.

Aprendi diretamente com Onças-Pintadas chamadas de Coringas do TO, as(os) provocadoras(es) e formadoras(es), que estiveram viajando pelo mundo junto a Augusto Boal, vivenciando opressões e escrevendo os Jogos Teatrais que conhecemos hoje. Essas(es) Curingas como Hellen Sarapeck, Monique Rodrigues, Claudete Félix, Geo Britto, Alessandro Conceição, Luiz Vaz, Licko Turle, Bárbara Santos e Flavio da Conceição, proporcionaram-me os ensinamentos das técnicas do TO e o experimento delas com os Jogos Teatrais e cenas de Teatro-Fórum, Teatro do Invisível e Teatro Legislativo nas ruas do bairro da Lapa-RJ na comunidade da Maré-RJ, conversando e trocando ideias com as Marias do Brasil – mulheres trabalhadoras domésticas que conquistaram os primeiros direitos trabalhistas no Brasil por contestarem, por meio do TO, as condições subalternas e análogas à escravidão que passavam no seu serviço em pelo século 20 e 21, também confluindo e compreendendo a importância do TO em hospitais psiquiátricos como no Instituto Phillipe Pinel, que abriga a Cia Teatral Pirei na Cenna e finalmente visitando o projeto *Teatro e Prisão*, na UNIRIO-RJ.

Naquela ocasião, em 2014, por insistência de Flávio da Conceição, o qual me instigou contando as primeiras experiências de Boal, dele e de outras/os curingas nas prisões no Brasil com TO, em 1985, fui sozinha conhecer o projeto mais antigo e persistente em Teatro e Prisão, liderado por professoras mulheres.

As questões de gênero, raça e classe, sempre me atravessaram, e precisava compreender, agora como professora, a aplicação prática de ideias sociais que me perseguiram desde sempre, especialmente por querer entender o porquê das prisões e de tantas opressões. Entrei na sala, estava Vivi Narvaes com mais 20 estudantes, planejando os próximos jogos, escrevendo. Apresentei-me como uma pessoa curiosa e também professora do Curso de Teatro da Universidade do Estado do Amazonas (UEA-AM), e aprendiz de TO,

mas já planejando estender um braço da prática de TO nas prisões no estado do Amazonas, justo lá, em que nunca havia tido um projeto de artes: “por que não?”, eu pensava.

Viviane Narvaes e as(os) estudantes me acolheram, convidaram-me a participar e me incluíram rapidamente numa sábia coletividade típica do bem-viver e do TO. Meus olhos brilhavam, meu corpo-rio em festa por dentro estava. Foram três horas de encontro e após seu término, por indicação de Viviane Narvaes, fui direto à Biblioteca da Unirio e tirei cópia das pesquisas de mestrado e doutorado de Maria Lourdes Naylor Rocha e Natália Fiche, as mulheres que iniciaram aquele protagonismo em Teatro nas prisões, desde 1997 no Brasil. Como uma atividade extensionista na Universidade, legitimando a importância dos saberes de dentro para fora da Universidade à Comunidade. Um material longo e pesado, considerado até hoje, por mim e por fazedoras(es) de Teatro, referências cruciais nesse processo. Fiche, Rocha e Narvaes são Onças-pintadas brabas. Neste momento, começava a reconstruir o meu hábitat, retornando à Manaus, sonhando com a prática do Projeto Arbítrio: Teatro na Prisão. Então, logo após a minha defesa de mestrado¹⁴ em julho de 2014, criei o projeto de extensão ARBÍTRIO: TEATRO NA PRISÃO, cuja coordenação por mim, se dá até os dias atuais.

As prisões estão intimamente ligadas à situação de exclusão praticada abertamente por determinada elite branca e heteronormativa, que repercute a colonização, a invasão ao Brasil, ao genocídio e ao etnocídio cometido, elas refletem a escravização de corpos negros e indígenas, pessoas em estado de subalternidade, pobres, sem acesso à educação. As prisões são as masmorras atuais. Para essa elite, pessoas pretas e indígenas não precisam de motivo para morrer, para serem maltratadas, para serem encarceradas, basta serem o que são. Para esses opressores, lutar pelo bem-viver, pela proteção à Floresta, por praticar culturas e modos de vida que divergem do capitalismo que segrega, não

¹⁴ Mestrado defendido pelo Programa de Pós-Graduação em Letras e Artes na Universidade do Estado do Amazonas, intitulado *Arbítrio: o Teatro Político e o Teatro Pós-Dramático como inspiração para uma prática dramática*, cujos estudos se deram desde a trajetória de Erwin Piscator, Bertolt Brecht, e Augusto Boal e as demandas que Hans-Thies Lehmann trazia naquele momento às reflexões do Teatro Pós-Dramático. Como produto final e inspiradas nessas teorias, surge a dramaturgia Arbítrio, cujos fragmentos de cenas de opressão em diferentes épocas, com a autonomia de criação das atrizes atores, foram experimentadas e apresentadas durante as Mostras de Teatro da Universidade.

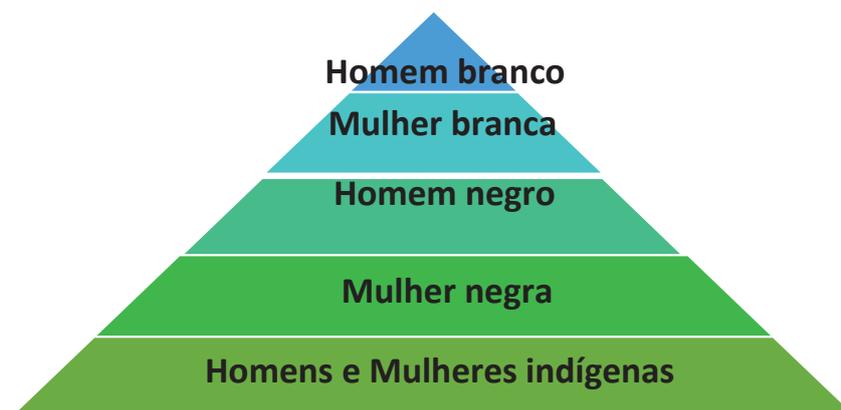
é bem-vindo. Quem está em estado de cárcere é considerada(o) lixo humano e esse discurso de ódio continua apagando e silenciando pessoas.



Figura 17 - - Presídio feminino, quinto portão com grade e cadeado até no local do Teatro.
Fonte: Print da imagem da reportagem de Lucas Lima do canal de TV À Crítica no CDPF-AM (2015).

A prisão definitivamente apaga, sufoca e mata corpos dissidentes. Portanto, compreender a interseccionalidade¹⁵ entre classe, raça e gênero é fundamental para interpretar as desigualdades sociais, e como elas se misturam, se interseccionam para piorar os casos de opressão. Por exemplo: pensemos numa pirâmide em que a sociedade está estratificada e nela, a base é formada por mulheres pretas e indígenas em sua maioria. Segundo dados do censo de 2016 no Brasil, no topo, está o homem e a mulher branca que, para se manterem nesse topo, utilizam de forma exploratória, os serviços prestados por pessoas não-brancas.

¹⁵ Interseccionalidade: Termo cunhado em 1989 por Kimberlé Crenshaw, ativista americana de direitos civis e estudiosa da teoria crítica racial, vertente que examina o racismo como algo naturalizado na sociedade por meio das instituições e leis, e não apenas por indivíduos.



*Figura 18 - Gráfico pirâmide demonstrativo da escala de desigualdades de gênero e raça.
Fonte: A autora, a partir das análises sobre racismo estrutural (ALMEIDA, Silvio. 2018)*

Todas as vezes em que eu chego em qualquer estabelecimento comercial, em uma padaria, ou em um restaurante, por exemplo, a primeira coisa que observo em qualquer lugar é: quem está me servindo, qual o gênero, raça e classe social?

São mulheres em sua maioria e/ou homens, todas(os) negras(os) ou indígenas. Pessoas não brancas. Do norte ao sul do país, a estrutura dessa pirâmide está enraizada como consequência da invasão pelos colonizadores. Trata-se, portanto, do que nomeamos finalmente de Racismo Estrutural (ALMEIDA, Silvio. 2018). Durante quase três séculos, pessoas negras foram escravizadas, transportadas da África, sendo vendidas, exploradas e chicoteadas cruelmente. Assim como os povos indígenas, no qual em seu processo de colaboração e coletividade não tiveram as mesmas armas do inimigo, foram mortos e até hoje somos. A exemplo disso, questionamos: Quantas pessoas pretas e indígenas são professoras(es) nas Universidades? Quantos docentes não-brancos tivemos nas escolas? Quantas pessoas pretas ou indígenas ocupam cargos de representatividade na política e na economia no

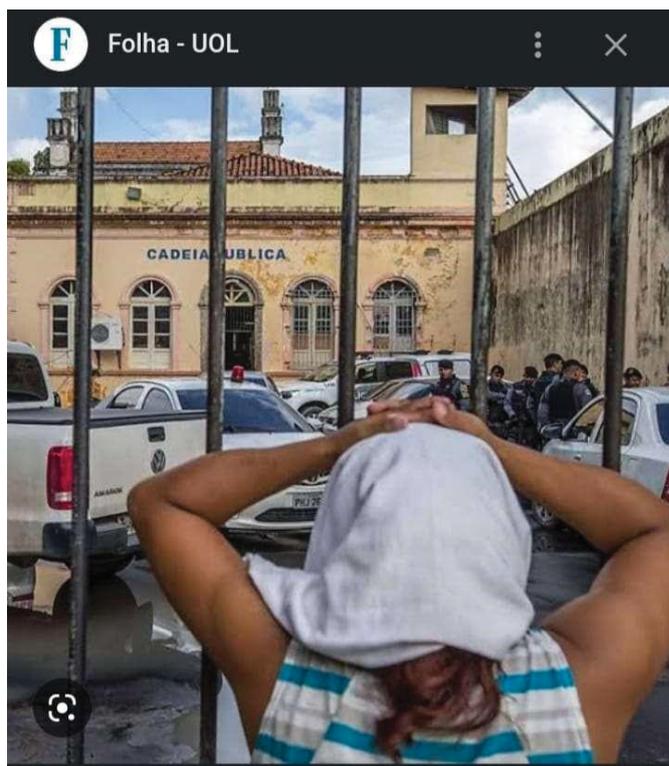


Figura 19 - Rebelião 2017. Mulher mãe, implorando notícias.
Fonte: Portal à Crítica/ Portal Uol de Notícias..

âmbito público e privado?

Ainda somos poucos nestes
lugares de poder e decisões .
Mas somos a maioria
neste país.
Um país
construído pelo nosso sangue
derramado.

Num “país tropical, abençoado por Deus, e bonito por natureza”¹⁶, que celebra e agradece todos os dias. Será? As(os) sobreviventes desse etnocídio, em sua maioria, encontram-se amontadas(os) na busca por empregos, por um lar e pela estrutura que lhes foi negada. Onde essas mulheres são vistas comumente? Estão presas(os) ou na fila das prisões para visitar os seus, as suas.

Pode parecer fora de lugar falar em racismo, machismo, capitalismo e estruturas de poder em um país que tem em seu imaginário a mestiçagem e a defesa como povo amistoso celebrada internacionalmente. Contudo, parece absolutamente pertinente refletir, escrever, falar e lutar nestas pautas quando os dados estatísticos nacionais provam o contrário do discurso comemorado e largamente difundido (BORGES, Juliana. 2018, p.15).

Por isso, para mim, este estudo também é cura, pois hoje sou sobrevivente de um etnocídio que ainda perdura no século XXI e, não fui abatida por predadores como minhas ancestrais. As Onças-Pintadas que vieram antes

¹⁶ Trecho da música do artista brasileiro Jorge Bem Jor, comumente associada a amistosidade do povo brasileiro, o segundo país que mais aprisiona pessoas, depois dos Estados Unidos.

de mim me ajudaram a caminhar sem ser tão atingida. Dessa maneira, a pergunta óbvia que não se cala: quem são as vítimas do encarceramento global em massa?

O Brasil tem uma população prisional que não para de crescer. Atualmente, segundo dados do Levantamento Nacional de Informações Penitenciárias (InfoPen), temos a terceira maior população prisional do mundo, ficando atrás de Estados Unidos e China, tendo deixado a Rússia em 4º lugar em junho de 2016. São 726.712 mil pessoas presas no país. O que significa cerca de 352,6 presos para cada grupo de 100 mil habitantes (BORGES, Juliana. 2018, p.15).

O Brasil-Colônia, fundado no processo de escravidão do povo negro e indígena, instalou o discurso e as ações que essa população é para se nutrir medo e conseqüentemente, afastamento e repressão. Portanto, as vítimas do encarceramento global em massa são pessoas não brancas, provenientes de espaços subalternos que propositadamente foram criados na sociedade para a exclusão. E ainda segundo o infoPen (Levantamento Nacional de Informações Penitenciárias) de 2018, o Brasil tem a quarta maior população de mulheres em estado de cárcere no mundo. Já estivemos em quinto lugar até 2014 e até quando vamos subir nessas estatísticas? pois não são números, são vidas.

A seguir alguns quadros didáticos e explicativos elaborados por um movimento chamado *Desencarcera Amazonas*, atrelado à Agenda Nacional pelo Desencarceramento, composto e organizado em sua maioria por mulheres ex internas e familiares de pessoas em estado de cárcere. São postagens realizadas em redes sociais nos anos de 2022, com objetivo de alcançar um público maior e sensibilizar a todos quanto ao desencarceramento, ou seja, a luta pelos direitos mínimos e em um futuro próximo, um mundo sem prisões.

O Desencarcera Amazonas está em meu processo formativo desde 2020, quando o Projeto *Arbítrio* já estava paralisado devido à pandemia. Embora a existência dessa instituição seja longa, somente quando a pandemia pelo Covid-19 sufocou a população de Manaus-Amazonas, e os projetos que estavam em atividades nas prisões foram proibidos de saber qualquer informação de dentro dos cárceres, foram as membras do Desencarcera que “fizeram barulho”, isto é, divulgaram e denunciaram a situação de desespero para manter a vida nas prisões.

Enquanto isso, eu enterrava os meus, gritava por oxigênio e hoje ainda carrego sequelas no pulmão e na alma por essa fase tão cruel na cidade de Manaus em 2020, a qual foi centro de um grande experimento de remédios comprovadamente ineficazes à doença, bem como a negação de leitos e água potável para a população indígena pelo então governo de Jair Bolsonaro, atualmente investigado por esse e outros crimes. Pela primeira vez presenciava um genocídio, um projeto de morte nas prisões. Foi justamente a frente estadual e federal pelo desencarceramento que adentrou as brechas das prisões para levar um “respiro”, literalmente, às pessoas encarceradas, levar os poucos cilindros de oxigênio que restavam, quando conseguiam, bem como denunciar ao mundo o que estávamos passando. Entretanto, infelizmente, seguiu-se o projeto de morte dentro e fora das prisões no governo do ex-presidente Jair Bolsonaro, quando dados, pessoas e fatos foram enterrados. O trabalho do Desencarcera em cada estado brasileiro deve ser sempre enaltecido e potencializado. Lá, a prática e a teoria caminham juntas no ativismo pelo abolicionismo prisional.



Figura 21 - Folder 2: Relações de Raça e Gênero no Cárcere
Fonte: @desencarceraam, 2022



Figura 20 – Folder 1: Missão Desencarcera.
Fonte: @desencarceraam, 2022.

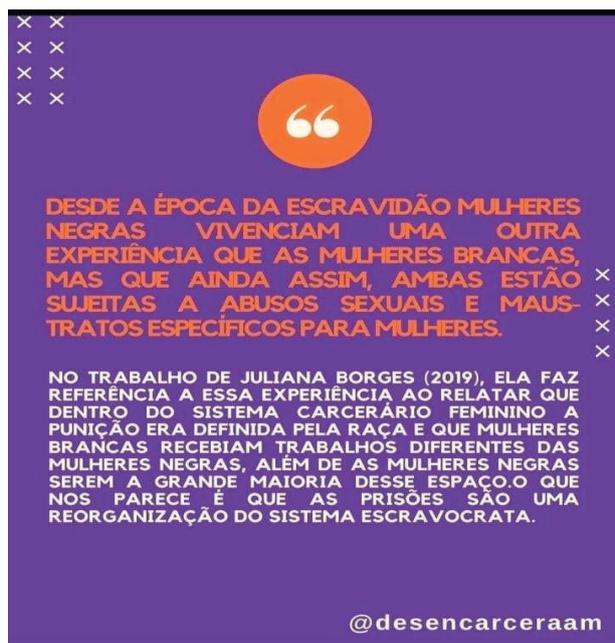


Figura 23 – Folder 4: Cárcere, abusos sexuais e escravidão.
Fonte: @desencarceraam, 2022.



Figura 22 – Folder 3: 67% das mulheres presas são negras
Fonte: @desencarceraam, 2022.

Através dos estudos feministas é possível perceber que a desigualdade de gênero atravessa a vivência das mulheres, o que não deixaria de se apresentar quando analisamos o encarceramento feminino e suas histórias. Quando os espaços de punição começam a emergir penalizando homens, as mulheres já se viam reféns da punição doméstica, que garantia por lei que seus pais, maridos ou qualquer homem que exercesse o papel e o poder da tutela com a possibilidade de puni-las, inclusive fisicamente. Outro adendo, instituições religiosas e psiquiátricas já eram usadas nas mulheres como espaços de punições.

Por serem corpos historicamente perpassados pelo controle e pela punição, devido ao passado escravocrata brasileiro, discutir encarceramento articulado à questão de gênero passa por abarcar diversos e complexos fatores para análise. Portanto, cabe também ao movimento feminista a luta pelo desencarceramento de mulheres, já que essa situação é atravessada por questões já explanadas pelo movimento, como: vulnerabilidades Sociais, necessidade de sustento dos filhos e da família, desestruturação familiar, violência e abuso doméstico-sexual, sendo essas situações recorrentes em suas vidas e também o motivo pelos quais são encarceradas.

Figura 24 – Folder 5: Desigualdade de Gênero e as prisões.
Fonte: @desencarceraam, 2022.



Figura 25: Folder 6: 81% das mulheres presas no Amazonas são negras.
Fonte: @desencarceraam, 2022.

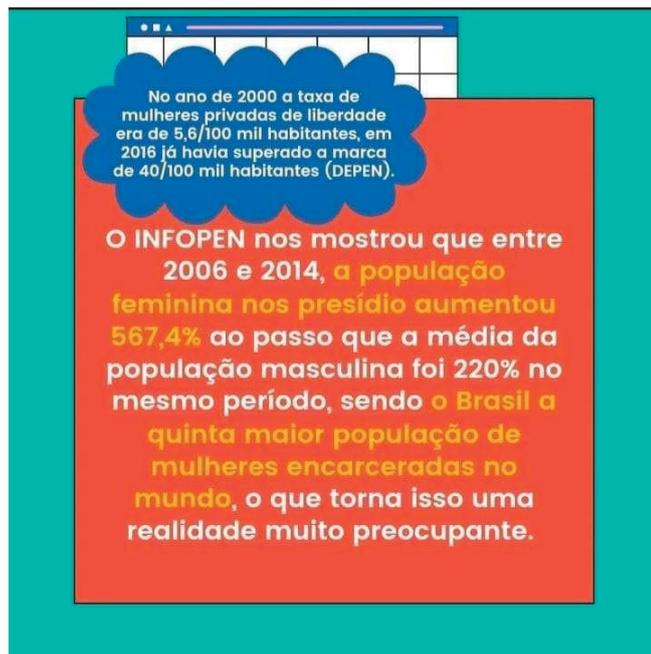


Figura 26 - Folder 7: Aumento do cárcere feminino.
Fonte: @desencarceraam, 2022.

Desde o surgimento das prisões, consideradas uma instituição total, tal qual os manicômios e conventos (GOFFMAN, 1974), as prisões são lugares fechados, isolados, com uma rotina disciplinar com punições, com grande número de pessoas que estão ali em tempo integral, obedecendo a regras. Estabelecendo padrões de comportamento, com uniformes, gestos corporais, expressões faciais e de comunicação. Impedidas de realizar ações espontâneas dos mais singelos sentimentos humanos.

Os objetivos confessados nas instituições totais não são muito numerosos: realização de algum objetivo econômico; educação e instrução; tratamento médico ou psiquiátrico; purificação religiosa; proteção à comunidade mais ampla; e, segundo sugestão de um estudioso de prisões, incapacitação, retribuição, intimidação e reforma. Geralmente se reconhece que as instituições totais muitas vezes ficam longe de seus objetivos oficiais (GOFFMAN, 1974, p.77).

Além desses objetivos, por si só opressores, não serem cumpridos, as prisões desumanizam e potencializam profundas violências às mulheres negras

e indígenas, tanto para as que estão encarceradas, quanto para aquelas que cuidam de quem está preso ou presa. São corpos subalternizados e a escolha desses corpos pelo sistema penitenciário faz parte de um projeto maior chamado capitalismo ou neoliberalismo, patriarcado e racismo estrutural, cujo corpo negro e indígena, desde a escravidão, é oprimido, humilhado, apagado, silenciado ou eliminado.

Por isso, o fazer teatral nas prisões é linguagem, conhecimento e meio, para os pulos de instantes de Liberdade. Neste estudo com tentativa decolonial, não se trata dessa liberdade criada pelo sistema capitalista que colonizou também a própria palavra. Afinal quem é livre nesse sistema? A resposta é dolorida, pois quem tem liberdade é quem tem poder. E quem tem poder está no topo da pirâmide e não somos nós. Insisto na palavra Liberdade, até como tentativa de retirar-lhe essas tramas de relações de poder tão cruéis, para descrever uma liberdade pautada por processos subjetivos, em um resgate do bem-viver, a liberdade do corpo-rio, do corpo-floresta, de um corpo em festa.

Nesse contexto, a liberdade para o povo indígena é completamente diferente, pois olhar um rio, uma floresta, apreciar e se misturar a ela, fazer essa fusão, é a própria liberdade. Embora tenhamos nos perdido nesse caminho, a Pedagogia da Onça-pintada retoma, com o Teatro como dispositivo, o caminho para sermos livres. Estou aqui me arriscando neste processo, sou Onça-pintada presa ainda, colonizada em muitos aspectos. Mas mesmo assim, defendo a tese de que podemos decolonizar e podemos ser livres nas prisões se houver teatro, afeto e decolonização. Não é para amanhã ou para daqui 10 anos o cumprimento desse sonho, mas é semente plantada na confiança do florescer.

Nesse sentido, a libertação não só quer dizer sentir-se mais livre, mas libertar-se passa por construir um novo tipo de relação com os outros e com a própria linguagem: quando em cena, o sujeito mostra e aparece sob outra forma. No caso, pela encenação, a(o) presa(o) aparece sob outra forma, ao olhar o outro. Transfigurado, já se liberta daquele olhar que sobre ele recaía. Eis a libertação por meio do Teatro na Prisão: as(os) presas(os) abriam um outro olhar para as pessoas, as(os) presas(os) em cena são também uma força de vida criativa e política (ROCHA, Maria Lourdes Naylor, 2006, p.149). Portanto, TEATRO NA PRISÃO é dispositivo de LIBERDADE, uma liberdade que eu, como mulher indígena ticuna em retomada, venho aqui contar e trocar, refletir e reagir,

a partir da Floresta que finalmente deixei habitar em mim., Ela sempre esteve, ela sempre nos conduziu até aqui. O arbítrio é possibilidade, e é luta por oportunidade, para voltar a falar, para voltar a viver, para retomar.



Figura 27 - Jogo Teatral "Batismo Mineiro" da Estética do Oprimido.

No Jogo, cada uma delas revelava o seu nome que gostava de ser chamada e sua dança, e todas juntas repetíamos, num grande coro de empoderamento do nome e da identidade daquela mulher.

Fonte: Foto print da reportagem de Lucas Lima da TV À CRÍTICA na unidade CDPF-AM (2015).

As mulheres em situação de cárcere, fazendo Teatro no Amazonas, descobriram e reacenderam a vontade, a intenção e o pensar em outros caminhos possíveis. Somos todas Onças-Pintadas sentindo o bem-viver. É como se no meio desse sistema, o Teatro fosse um cilindro de oxigênio, repleto de ar, que nos faz voltar a respirar.

Além da etnia ticuna, outras também me habitam. Sou formiga jiquitaia, pequenina e como uma ferroada ardente e, como tal, aprendi a andar em bando, em conjunto, onde nos protegemos, onde nos cuidamos e nos responsabilizamos umas(uns) pelas(os) outras(os). Nós nos comprometemos com a construção do formigueiro, da grande Oca, tendo em vista que a coletividade é possível.

Percebo o universo, na minha pequena perspectiva em olhar para o céu e passar horas o observando, na ação genuína do enxergar tudo que se vê (Boal, 2009), pois muitas vezes, a gente olha e não enxerga, nós tocamos e não

sentimos e não escutamos tudo que ouvimos. Boal (2009) afirma que a partir do momento em que oprimidas(os) se apropriam de suas histórias e da consciência sobre os meios de produção, é possível finalmente transformar a realidade.

Esse é, portanto, o objetivo do TO, construir realidades possíveis, um mundo mais humano e, por isso, falar na cena sobre nossas próprias histórias e, no palco, ou no jogo teatral, termos a possibilidade de parar a cena e transformá-la. Sair da arena teatral refletindo e agindo por esse mundo possível.

Ouvir, sentir e tocar a sinfonia de sons em sintonia, enxergar a potência das águas dos rios Negro, rio Solimões, rio Madeira, rio Tapajós, o som dos pássaros, como das araras e dos tucanos, dos papagaios e sua tonalidade verde mais bonita que já vi, do barulho das folhas das árvores densas da Floresta Amazônica, das folhas secas ou úmidas do chão, de uma terra colonizada cruelmente e de um povo originário, do qual faço parte com orgulho,

que é forte,

sensível,

espiritual,

colorido,

espontâneo,

acolhedor,

que ainda almeja a liberdade de resgate de si

que repete e repete aos brancos:

a terra está cansada,

mas resiste ,

persiste,

o aviso vem da Terra,

da Grande Mãe.



Figura 28 - Papagaio Amarelo.

Fonte: Foto de Marcelo Vilarta/Reprodução/Livro Vermelho da Fauna

O Teatro do Oprimido, por onde estiver, especialmente na Floresta, faz crescer a referência do respeito, da humildade, do pedir licença às águas, aos povos da mata, aos animais em harmonia, à Onça-pintada, símbolo da etnia Ticuna. O cheiro da onça, da sua pelagem é uma experiência arrebatadora, ver a sua coragem, a sua beleza, a sua liberdade genuína, sempre estará impregnado nos corpos-bicho, que se reconstroem com o Teatro.

Nosso corpo é bicho da selva, que muitas vezes se comprime e retrai nas cidades, mas rosna para se libertar. Somos Onças-Pintadas dentro da prisão, rosnamos, sumimos mata adentro, bebemos a água gelada do igarapé, ou da beira do rio. É o instante da liberdade em estarmos em nós e com a(o) outra(o) num grande todo, onde somos apenas uma parte e respeitamos isso.

Nesses instantes de Teatro na Prisão, somos mulheres livres colocando o amor em ação. O amor é prática política (bell hooks,2020), é prática de liberdade. A Floresta nos dá o fluido e a energia vital para uma respiração sincera, de uma troca gasosa, em que cada parte do aparelho respiratório se liberta, abrindo as costelas para o ar passar, preenchendo os pulmões e seus alvéolos num constante equilíbrio do ir e vir, do soltar o ar, do soltar o ser. É

sobre essa liberdade, mesmo que por instantes de que vamos tratar .

Nessa soltura ganhamos força, agora, finalmente imersos em nós. Em mim, consigo olhar a(o) outra(o) e compartilhar a cura da Floresta que me habita e querer conhecer a cura que habita nesse outro, nessa outra. O Teatro me permite abraçar o desconhecido e a confiar. Isso se traduz no que temos como referência, ou um recorte dela, da Liberdade.

Entrar no local mais preso e triste, chamado unidade prisional, ou penitenciária, e ver luz, amor e segurança, talvez seja o ápice da liberdade. Percebemos, ao longo da vida, que nossas vivências estão repletas de vigilâncias e punições, desde os primórdios da primeira infância, da educação em que os nossos corpos (gesto e movimento de espontaneidade, de liberdade de felicidade) foram reprimidos e, muitas vezes, punidos. Especialmente num processo de intersecção entre classe, raça e gênero, essa dor se amplia.

A confiança no Teatro, segundo Anne Bogart (2011), é apreensiva no início, mas depois nos soltamos, desprendemo-nos, como num voo livre. Encontrar segurança na incerteza e desapegar dos resultados é a metodologia do caminhar sensível e respeitoso (etnografia sensorial) e de admitir que teatro é vocação, ou seja, é o acesso ao processo mais sensível que nos habita (BOAL, 2009). Todas(os) podem ser quem são, ou tentar ser, ou se permitirem não ser mais vigiadas(os). Isso explica a confiança e o desapego com os planos de aula para cada oficina que tivemos nos últimos anos do Projeto Arbítrio.

O processo formativo tradicional nos condicionou à educação bancária (FREIRE, 1996), como se fôssemos bancos de depósitos de informação sem codificá-la, além de sentarmos em bancos, um atrás do outro, tendo um professor à frente, repetindo algum conteúdo. Nesse contexto, decoramos o conteúdo e o reproduzimos sem pensarmos sobre ele, com o foco único no resultado, com o objetivo de passar para a outra série definida pela escola. Assim, a(o) professora(o) não tem escolha a não ser cumprir as cartilhas, o conteúdo e o plano de disciplina programados. Se houver subjetividades aparentes nessas(es) estudantes, elas não serão consideradas, serão oprimidas. A bancária (educação), por óbvios motivos, insiste em manter ocultas certas razões que explicam a maneira como estão sendo os seres humanos no mundo e, para isso, mistifica a realidade. A problematizadora (a educação), comprometida com a libertação, empenha-se na desmistificação. Por isso, a

primeira nega o diálogo, enquanto a segunda tem nele o selo do ato cognoscente, desvelador da realidade. A primeira (educação bancária) “assistencializa”; a segunda (educação problematizadora), critica (FREIRE, 2014, p.101).

Portanto, ao nos desprendermos da necessidade de controlar cada oficina de Teatro na Prisão, pois todo dia era um dia diferente e inesperado, nós nos permitíamos olhar para a Floresta, a pedir a ela permissão para que ela entrasse conosco naqueles corredores em que ouvíamos os gemidos e o clamor pela liberdade.

Eis que é no projeto de Extensão, que a educação libertadora começa a ocorrer. E graças a um dos pilares construídos dentro das Universidades públicas brasileiras, fundamentos no ensino, pesquisa e extensão (nesse caso, o pilar da Extensão, o Projeto Arbítrio, iniciado em 2015) foi possível, com métodos baseados na educação não-formal. O processo extensionista, inclusive, iniciou-se, durante os questionamentos à educação bancária, num período imerso à Ditadura Militar no Brasil, cuja censura, opressão e militarização das escolas e da sociedade era regra, além das torturas e mortes ocorridas a estudantes e artistas brasileiros(os).

O final dos anos de 1970 e o início dos anos 1980 foram marcados pelo processo de abertura política que culminou com o fim da ditadura e com o avanço da redemocratização, promovendo novos espaços para o debate político, filosófico e social. Nesse contexto, a Universidade tem um papel primordial, foi palco de grandes movimentos que propunham o retorno à democracia.

[...] Mas qual seria o lugar efetivo de onde a Universidade falaria à comunidade que a cercava (e cerca)? Historicamente a instituição universitária ficou encastelada atrás de seus muros, muito distante do fazer social, muito distante da realidade para a qual educava e formava seus profissionais. (DE MEDEIROS, Márcia Maria, 2017, p.15).

O meu processo formativo enquanto professora em uma universidade pública no estado do Amazonas, desde 2011, foi marcado bruscamente pelas lutas de dentro e de fora da Universidade. Lutas essas na defesa de oprimidas(os) com as(os) quais me identifico, seja pela própria experiência, seja pelo treinamento da empatia – característica básica do bem viver dos povos

originários e da base da metodologia do Teatro do Oprimido - embates contra o racismo, o machismo, a homofobia, a gordofobia, a xenofobia e a transfobia, por exemplo, os quais geraram conflitos internos com sindicâncias (processos administrativos) e externos, com processos no Ministério Público. Ainda é cansativo. E foi na Extensão, isto é, na troca direta com a comunidade que percebi a potência da educação libertadora.

A Extensão pode ser entendida como o meio pelo qual a comunidade pode questionar a ciência e apresentar a ela as suas demandas. Ela pode retirar da Universidade as máculas de algumas injustiças sociais, políticas e econômicas sobre as quais a academia teorizou e que hoje se tornam máximas dentro de um sistema econômico e político que preconiza a desigualdade entre as pessoas devido a sua identidade de gênero, sua cor ou sua opção religiosa.

(...) É na ação extensionista que se pode promover a inclusão social e promover uma difusão mais ampla dos saberes, sem que o elitismo acadêmico continue marcando seu espaço e obliterando a troca de conhecimentos. Porque é através da Extensão que a Universidade percebe que ela não está sozinha em um espaço ou em um conjunto e que obrigatoriamente ela precisa abrir-se para as novas possibilidades que deste espaço e deste conjunto advirão. (DE MEDEIROS, Márcia Maria. 2017, p.14-15).

Seja nos corredores da Universidade, seja nos corredores das prisões no Amazonas, a pesquisa, o ensino e a extensão, esse tripé do saber, precisam habitar, de forma ética, solidária e humanizada minimamente, pois o único sentido de possuir um conhecimento é compartilhá-lo com a comunidade. O ato de mudar a si, muda o nosso entorno, e transforma a realidade. Todas as vezes em que entro nas prisões e na universidade, visualizo uma benzendeira, minha avó Dica por exemplo, com seus galhos de arruda e seu cheiro de alfazema, retirando as energias negativas, refazendo e perfumando os ambientes. Preparando-os para as ações de afeto e proteção. A cada caminhada no corredor das prisões, visualizava a cor verde das folhas densas da Floresta, o orvalho, a umidade da terra, onde gosto de caminhar descalça, para sentir diretamente a proteção da terra entrar no meu corpo pelos pés.

Minha mãe sempre diz: “a doença entra pelos pés, portanto, proteja o pé com os óleos da Amazônia, com álcool e arruda, e calce a meia”. Uma sensação de proteção absoluta da minha mãe, e da Grande Mãe Natureza.

Há uma forma que eu possa satisfazer um dos meus propósitos na vida (não tenho todos listados, eles podem mudar a todo tempo), finalmente, mas enquanto escrevo esta tese, penso que essa satisfação está no Teatro nas Prisões, por meio dos espetáculos feitos por egressas(os) do sistema prisional, por meio da liderança e aprendizados em projetos político-sociais, por meio da aproximação com minha ancestralidade tão diretamente indígena, por meio do acesso ao espiritual que é motivado pela Amazônia onde eu habito e que habita em mim, por meio da arte e da arte-educação, por meio da espontaneidade do abraço, do doar e do receber com fluidez.

Como fui atraída às prisões? Talvez algo espiritual, poderia assim colocar, um chamado, tendo em vista que no bem viver, consideramos para além do antropocentrismo, ou seja, o ser humano não é o centro do universo, entidades de diferentes aspectos nos influenciam. A liberdade é um estado de confluências afetivas por meio do Teatro. Flutuando pela correnteza de um rio, que me leva exatamente aonde eu preciso ir.

Vivenciando com toda a intensidade as oficinas de Teatro dentro da Prisão, é como se voássemos como pássaros livres, como araras coloridas, e pulássemos como macacos saguis, rápidas, aventureiras e corajosas, num retorno à liberdade e, dessa forma, sincronicidade não faltava.

Na prisão, o corpo e a mente estão constantemente preocupados sobre viver ou morrer, esse corpo se contrai e tudo adocece. Quando as mulheres em situação de cárcere adentravam o espaço teatral, a sensação que tínhamos, era de que elas retornavam ao estado de felicidade, de espontaneidade, reconectando-se com a verdadeira natureza, tudo fluía, os jogos, os abraços, as trocas; encontrávamos a alegria, o humor e o inesperado era manejado com tranquilidade. Não havia temor, vigilância ou punição, existia, naquele momento, uma confluência de ações afetuosas, ou seja, o amor com alteridades.

No Teatro onde vivíamos, mesmo dentro das prisões, não havia mais segregação e facções e sim um profundo sentido de conexão, pois lá vibrávamos umas pelas outras com sororidade genuína. Se uma pessoa triunfa, todas triunfamos. O amor enquanto ação humanizada é a força mais poderosa do Universo e que pode curar, pode transformar. O Teatro era a faísca de amor na prisão.

Embora as Vozes falantes neste estudo estejam potencializadas e

representadas por Andorinha do Amazonas, Águas do Rio Nhamundá e Águas do Rio Negro, outras vozes também inspiraram e compuseram o arcaibouço dessas escrevivências, como uma teia interdependente. E foram descritas com nomes de grandes árvores, frutas, rios, entidades da Floresta Amazônica, como sugestão delas ou autorização para que eu pudesse criar. Então, o entusiasmo da *Tucumã*, a inteligência da *Curupira*, a pureza da *Jambo*, a força da *Andorinha do Amazonas*, a criatividade de *Pupunha*, a atenção e o cuidado de muitas águas de grandes rios estão todas presentes aqui de alguma forma. Eu vejo essas mulheres grandiosas, cheias de luz e me misturo a elas.

A Floresta nos leva para a liberdade,
A Floresta é a liberdade, a sabedoria, o afeto, o amor,
Onde as energias da ancestralidade se encontram em harmonia,
Podemos sentir de forma palpável um pouco do equilíbrio que buscamos e
a real possibilidade de serenidade e bem-viver.

Para mim, indígena em retomada, ou seja, em busca dos processos ancestrais da cultura, a Floresta tem um significado grandioso para o meu povo e todos os povos originários. Ela é a sabedoria mais pura, o aconchego e o equilíbrio perfeito. Por ela sentimos respeito e gratidão.

A Floresta é ELA,
para o povo ticuna é MÃE, está no feminino,
porque a mulher indígena é a representação da força,
da sabedoria, do equilíbrio e do respeito, ela sabe os detalhes de tecer uma cesta
e tem a força para remar um barco em busca de peixes no grande rio
Amazonas e seus afluentes,
a mulher Ticuna é Livre, decide, se importa, suporta.

Sou neta de avó Ticuna, chamada Maria Marta, costureira e oprimida vinda da região do Peru para o Amazonas, perdida entre tantas irmãs fugidas das ameaças de estupros de garimpeiros e invasores da sua terra, a caçula sobrevivente, explorada por sua irmã mais velha como trabalhadora doméstica desde os sete anos de idade, recém-casada com um colonizador. Minha avó

aos quinze anos, seguiu o mesmo caminho, casou-se com um homem de origem portuguesa, o qual chegou aos treze anos no Brasil junto aos pais e irmãos e logo viu um território cheio de oportunidades por meio da colonização. Meu avô a impediu de falar o dialeto dela, proibiu veemente a sua cultura na casa, junto às onze filhas(os), dos quais oito homens e três mulheres.

Durante o período de elaboração desta escrevivência, fui a campo dos anos de 2020 a 2022 para conversar com as três filhas de Marta, a vó da Mata, especificamente sobre processos de opressão de gênero, sobre as vontades, desejos e sonhos, que como mulheres inseridas no sistema patriarcado, não puderam contestar, e quando contestaram, foram abatidas e oprimidas. Onças-pintada-Pintadas vivas e fortes. Também conversei com as netas mais velhas, ou seja, as primas, que conviveram diariamente com a vó da Mata Ticuna e puderam desabafar o quanto foi doloroso viver uma vida sendo mulher, vítimas de relacionamentos abusivos, abandonos, subjugações, preconceitos e submissões. Foi e é importante à escrevivência como metodologia, devido ao processo de cura e destaque à sobrevivência, assim como possibilidades de retomada, agora sem tanta dor. E esse foi e está sendo o grande legado do Teatro na Prisão fora das prisões. Todas as entrevistadas participantes do Projeto Arbítrio, estão nessa mesma retomada, de resgate e acolhimento, reescrevendo suas histórias e transformando o porvir.

A representação dos machismos desde cedo, já habitava em mim, os homens mandavam, embora a força e a inteligência estivesse visivelmente na minha avó Ticuna, era uma força reprimida pelo sistema patriarcal e o contato direto com um colonizador. Nenhum dos filhos homens carregou diretamente os segredos de minha avó e seus desabafos. Foram as filhas mulheres que ouviam, presenciavam e viviam junto com ela suas dores.

Resolvi embarcar nos afluentes desses rios para que me levem ao encontro das águas, que divergem e convergem, devido à temperatura, velocidade e cores, e mesmo com tantas diferenças, as águas se encontram e se complementam, não há luta, apenas se respeitam. É por isso que respeitamos tanto a Floresta como uma Entidade Superior de conhecimento e acolhimento. Não há desequilíbrio. É nesse caminho que resolvi seguir, o da confluência e da busca pelo equilíbrio.

Carrego em meu corpo a medicina da Floresta, o cheiro das árvores, os

pés na terra, a convivência com os animais, as leituras de livros que fazia quando criança no topo das árvores, meus pais só diziam “cuidado com as cobras enroladas e disfarçadas nos troncos Onça”. Então, eu ia subindo de tronco em tronco, de galho em galho, até o topo da árvore e de lá ficava olhando o céu, sentindo o sol me queimar.

Minhas árvores preferidas para subir eram o Jambeiros, Ingazeiros e Mangueiras: galhos fortes, troncos robustos, frutas doces, folhas grandes.



*Figura 29 - O Jambeiro e Eu Jambeiro e eu. Reverenciando a Árvore que eu mais gostava de subir.
Fonte: Arquivo da Autora.*

Era na subida dessas árvores que me sentia forte, corajosa e valente. Uma pequena, miúda garota de seis anos, vinte e cinco quilos, aparentemente frágil. Era nessa subida que me sentia possível no mundo, acolhida pela árvore, como uma parte de mim, uma extensão do meu próprio corpo. Na mangueira, construí com uma pequena ajuda de meu pai, uma casa na árvore, com madeiras velhas que sobravam da casa do sítio e folhas de zinco furadas para fazer o telhado.

E depois de meses, fui incrementando e ficava lá chupando as mangas, me lambuzando-me, sendo picada por formigas, observando os pássaros que iam

compartilhar as mangas verdes comigo, nós nos olhávamos, nós nos respeitávamos: os pássaros das diferentes espécies são entidades superiores para nós, representam além de liberdade equilibrada, representam a necessidade da solidão e a necessidade da coletividade, cada uma em sua hora. Eu ficava os observando sempre, e mais uma vez, os sentia como parte de mim, uma extensão do meu corpo. A Floresta sempre avisa que a abundância é possível e somos feitos de amor, respeito e que nenhum recurso é escasso, ela nos diz o tempo todo que temos o direito à liberdade, que somos parte do todo, que somos uma irmandade.

Há uma fonte de abundância ilimitada dentro e fora de nós. Mas só tenho certeza disso quando estou mergulhada nos rios e igarapés amazônicos, quando estou no meio da mata ou perto dela, a certeza da segurança, do acolhimento e do aconchego, nesse meio, não preciso fazer nenhum esforço, tudo flui, tudo está em equilíbrio.

Deparei-me com a Floresta densa e exuberante rodeando o maior complexo prisional do Amazonas. Acredito nessa conexão mais profunda que tive e tenho quando me deparo com a grandiosidade e a humildade que representa a Floresta Amazônica. É tão diferente que dá medo, por que estamos acostumadas(os) a sermos superiores, como colonizados, reproduzimos a essência do



*Figura 30 - A Mangueira - Casa da árvore dos 7 aos 14 anos.
Fonte: Arquivo da Autora*

antropocentrismo, a querer dominar as artes, a ciências, as tecnologias, os territórios. Mas perto da Floresta e dos rios amazônicos, essa sensação de domínio não persiste em nós, somos pequenos diante dela e deles, somos apenas uma parte do grande todo.

1.3 Ensaizando as vozes da arte-educação e processos formativos: da Escola às Prisões

Era uma vez uma pequena menina, bem pequena mesmo, morena, usando óculos com muitos graus, aparelhos nos dentes, magra, muito magra, dez anos de idade, com muita asma e que se destacava por ser diferente das demais meninas no ambiente escolar. Mas que habitava também um outro universo, o da Floresta, o do brincar, o da poesia e da liberdade.



Figura 31 - Palmas e Sorrisos com o Teatro na Prisão
Fonte: Foto print da reportagem *Á Crítica*, na unidade CDPF, 2015.

Certa vez, brincando de subir e descer em árvores e tomando banho de igarapé, correndo com o carrinho de mão levando frutas da Floresta, num lugar chamado “sítio dos meus pais”, no meio da Amazônia, um paraíso no meio da selva. Havia uma casa de fazer farinha, coberta com palha seca, porém, logo ela foi substituída por uma casa de tijolos, no meio da selva. Eu gostava de ajudar a pintar as paredes, a mexer no cimento, a carregar um tijolo por vez, a brincar na

montanha de areia, a subir nas árvores, ou seja, minha aprendizagem se deu por meio de muito material sensorial, graças à Floresta e minhas ancestrais. Muitas práticas escolares no ambiente urbano das cidades, ainda deixam o jogo, o brincar e a relação com a natureza para desenvolver corpo e mente, bem distantes. Como a revolucionária educadora e médica Maria Montessori (1870-1952) incentivava: “Ajude-me a crescer, mas deixe-me ser eu mesma” (1969).

O material sensorial pode ser considerado desse ponto de vista como ‘uma abstração materializada’... Quando a criança se encontra diante do material, ela responde com um trabalho concentrado, sério, que parece extrair o melhor de sua consciência. Parece realmente que as crianças estão atingindo a maior conquista de que seus espíritos são capazes: o material abre à inteligência vias que, nessa idade, seriam inacessíveis sem ele. (MONTESSORI, Maria. 1969, p. 197-198).

Entretanto, havia e há em mim, um sentimento de fragilidade, essa vulnerabilidade que ninguém gosta de admitir, tida para a sociedade como fraqueza. Nesse contexto, enquanto criança altamente sensorial, vieram palavras de empoderamento e entusiasmo sempre de meus pais: “Onça, tu és forte, corajosa e valente”, “Onça, tu és forte, corajosa e valente”. Esses pais repetiam sempre isso para mim e eu acreditei, que bom que eu acreditei. Os desafios da escola no ensino básico, fundamental e médio do corpo diferenciado com falta de ar e com tanta energia que não cabia, foram grandiosos. Meu corpo já era bicho, já era íntegro, mas não podia se expressar.

Parte do meu processo formativo se deu em uma escola para pessoas brancas e de classe média, cuja minha entrada foi permitida por bolsa parcial e depois total, devido à prestação de serviços que meu pai fazia à escola. Uma escola adequada à lógica neoliberal de produtividade constante e que fomentava a meritocracia. Porém, ainda tive contato e aprendizados com pessoas realmente humanas, genuinamente preocupadas na formação do ver para além do que se olha. Algumas(uns) professoras(es) não opressoras(es), assistentes, vigilantes, pessoas da lanchonete, as prestadoras de serviço à limpeza da escola, as bibliotecárias e muita gente que marcou minha trajetória com esse outro olhar. Tive a chance de não mergulhar completamente em lamaçais da competitividade dançar, jogar futebol, aprender brincando, vivendo, jogando, tal como a metodologia do Teatro do Oprimido, que pressupõe que o jogo se

aprende jogando com empatia (BOAL, 2009), embora tenha recebido bastante essa referência. Eu queria brincar,

A escola era considerada referência na cidade de Manaus pela estatística das(os) alunas(os) que passavam no vestibular de universidades públicas e cujo público-alvo eram os filhos e filhas de famílias tradicionais e em ascensão social e, por isso, a importância do status social seguindo as regras dos comportamentos patriarcais, heteronormativos, brancos e cisgêneros eram potentes. Portanto, dois mundos se apresentavam a mim no mesmo corpo: o que se envergonhava por ser *corpo-bicho e corpo-Floresta* e o corpo na luta para existir e se adequar aos padrões estabelecidos. Fui me embranquecendo.

A afirmação de que todos são iguais perante a lei, assume um caráter nitidamente formalista em nossas sociedades. O racismo latino-americano é suficientemente sofisticado para manter negros e indígenas na condição de segmentos subordinados no interior das classes mais exploradas, graças a sua forma ideológica mais eficaz: a ideologia do branqueamento. Veiculada pelos meios de comunicação de massa e pelos aparelhos ideológicos tradicionais, ela reproduz e perpetua a crença de que as classificações e os valores do Ocidente branco, são os únicos e verdadeiros e universais. Uma vez estabelecido, o mito da superioridade branca demonstra sua eficácia, pelo estilhaçamento de fragmentação racial que ele produz: o desejo de embraquecer (de “limpar” o sangue, como se diz no Brasil), é internalizado, com a simultânea negação da própria raça, da própria cultura (GONZALEZ, Lélia. 1988, p. 79).

Lélia Gonzalez (1935-1994), uma mulher negra, antropóloga, filósofa e professora, e uma das autoras mais importantes do mundo, nos estudos pioneiros sobre cultura negra no Brasil e América Latina ou *americanandina*, como ela decoloniza o termo, explica, elucida, desenha e grita, sobre os processos de “limpeza” da cor negra ou qualquer cor que não seja branca, como se fôssemos uma sujeira no mundo. Não somos iguais, aliás, o processo de igualdade está distante. O que lutamos, é pela equidade, mesmo que por migalhas dessa equidade, ou seja, a justiça de direitos e estruturas, ajustando o desequilíbrio social existente e proposital entre pessoas pretas, indígenas e brancas. Não conhecia Lélia nesta época, mesmo esta sendo uma base aos fundamentos dos estudos sobre racismo, inspirando Angela Davis, por exemplo. Porém, mesmo não sabendo nomear tais opressões, já tinha algumas

consciências sobre a necessidade urgente da equidade.

Algumas gestoras(es), professores e professoras não estavam preparadas(os) para mim e nem para todas(os) as(os) outras(os) não brancos, mulheres e bolsistas dessa escola. Era o racismo estrutural me bombardeando, o qual não sabia nomear ainda. Nesse cenário, eu tive de me adaptar, contrair-me: enfermaria constante, autoestima baixa, educação física limitada, pois era magra e pequena demais para correr com agilidade, eles (o patriarcado) diziam.

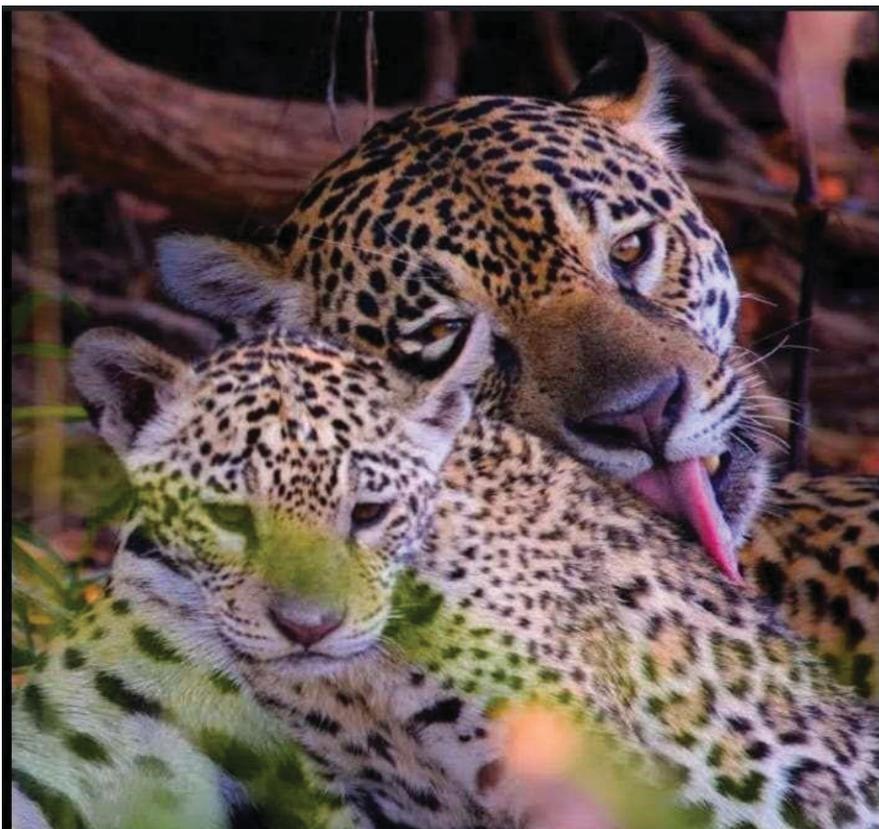
Aquele corpo magrinho e pequenino cheio de alergias, processos cirúrgicos¹⁷, um corpo em luta dentro e fora de si. Naquela escola, naqueles grupos, eu estava, vivendo ou sobrevivendo. Tornei-me a defensora das pessoas atípicas, das(os) oprimidas(os), das pessoas que faziam cirurgias e estavam com movimentos limitados, das pessoas com deficiência (PCD) que utilizavam cadeiras de roda e não tinham acesso ao elevador, porque a escola não tinha elevador, por insistir na mudança de salas de aula para o andar térreo da escola, para que as pessoas não se sentissem oprimidas, com as quais eu me identificava.

Uma menina arteira e artista, uma adolescente criativa e líder, uma mulher buscando o empoderamento e o ser artista, que fez Comunicação, Teatro, Política e Cultura, que se tornou professora do Curso de Teatro, Direito e Medicina da Universidade, em busca por novas metodologias de gestão sem aquelas frutas: jenipapo – muito ferro; araçá-boi: muita vitamina c; o peixe de todo dia: ômega três e proteína e, assim por diante. O corpo colonizado que habita as prateleiras do supermercado em busca do leite de soja enlatado ou da geleia de amora com conservantes tantos, cárceres do ensino tradicional, entrando e saindo de presídios no Amazonas, tentando conquistar como professora o respeito das autoridades encarceradoras do corpo e do sistema. Habito em muitas esferas: a esfera da menina/mulher, a esfera da mulher indígena e artista, a esfera da professora da universidade, a esfera de uma mãe Onça-pintada em construção, a mãe do Cauã (meu passarinho em

¹⁷ Processos cirúrgicos: Fiz sete cirurgias ao longo de 20 anos, no útero (02), ovários (02), apêndice (01) e olhos (01), desenvolvi alergia profunda a proteína animal, porém, a descoberta levou tempo. Meu corpo-bicho sempre lutou entre a alimentação natural como medicamento ao saber o porquê estava ingerindo aquelas frutas: jenipapo – muito ferro; araçá-boi: muita vitamina c; o peixe de todo dia: ômega três e proteína, e assim por diante e o corpo colonizado que habita as prateleiras do supermercado em busca do leite de soja enlatado ou da geleia de amora com conservantes.

desenvolvimento) e outras que ainda vou descobrir ou ainda não consigo descrever. Essa multivocalidade me arrebatava e me sustentava. Por isso, faço tanta questão de encontrar-me com outras vozes nesta pesquisa. Assim me formo e me transformo. No diálogo com a Outra e comigo mesma, com as Outras e com as várias esferas que me compõem.

E o que é o diálogo? É uma relação horizontal de A com B, Nasce de uma matriz crítica e gera criticidade. Nutre-se do amor, da humildade, da esperança, da fé, da confiança. Por isso, só diálogo comunica. E quando os dois pólos dialogam se ligam assim, com amor, esperança, com fé um no outro, se fazem críticos na busca de algo. Instala-se, então, uma relação de simpatia entre ambos. Só aí há comunicação (FREIRE, 1967, p. 107).



*Figura 32 - Onça-Pintada e o seu filhote.
Onça-pintada Amanaci, salva no incêndio que marcou o território pantaneiro em 2020. Uma tragédia anunciada e negligenciada pelo governo federal de Jair Bolsonaro. Teve queimadura nas patas e perda das suas patas. Em março de 2022 ela dá luz a um filhote, que renova as esperanças no bem viver e no respeito à Floresta.
Fonte: www.opantaneiro.com.br*

Essa sou eu hoje, e posso mudar amanhã, carregando de forma consciente as opressões da escola desestruturada do equipamento sensível, de algumas(uns) professoras(es) sem formação ao treino da empatia, a ausência de professoras(es) com a formação específica em Artes, de gestoras(es) em busca pelo poder e conceitos estatísticos e não pelo coletivo. Ainda caminho com grandes amigas(os) daquela época, um grupo pequeno que me compreende e está disponível ao aprendizado e vice-versa, mas que também ainda nega parte de suas origens negras ou/e indígenas. Dessa forma, compreendo que o processo de decolonização é sensível e dolorido e nem todas(os) estão conscientes e disponíveis.

Talvez eu tenha sido uma exceção, poderia ter sido uma tragédia, mas tive privilégios e alguma estrutura. As marcas da opressão são grandiosas. É como se eu não pudesse errar, pois o fardo do erro para mulheres do Norte, indígenas e não brancas, torna-se pesado demais a ponto de transformar-se em

uma condenação espetacularizada, como se muitas(os) apontassem o dedo para mim de forma condenatória e punitiva. Da mesma forma, acontece às mulheres negras.

Para nós, porém, o epistemicídio é, para além da anulação e desqualificação do conhecimento dos povos subjugados, um processo persistente de produção da indigência cultural: pela negação ao acesso à educação, sobretudo de qualidade; pela produção da inferiorização intelectual; pelos diferentes mecanismos de deslegitimação do negro como portador e produtor de conhecimento e rebaixamento da capacidade cognitiva pela carência material e/ou pelo comprometimento da autoestima pelos processos de discriminação correntes no processo educativo (CARNEIRO, Sueli. 2005, p.97).

Para algumas(uns) de minhas/meus alunas(os) na Universidade, ainda é uma tragédia, elas/eles são sobreviventes. Algumas(uns) cometeram suicídio e outras(os) tentaram. Em seguida, as(os) acompanhei em tratamento psiquiátrico. Elas/eles, sem nenhum tipo de apoio sistemático, alunas(os) recorrendo ao vício em drogas, à prostituição, alunas(os) negras(os) e indígenas em negação, ou em retomada, alunas(os/es) homossexuais, transexuais expulsas(os/es) de casa por sofreram homofobia, transfobia, abusos, assédios e racismo. A vida precária (BUTLER, Judith. 2004) revela essa subalternidade proposital, consequência e objetivo do neoliberalismo e a cura dessa vida precária, alinha-se aos objetivos do Teatro Político, do Oprimido por exemplo, pois para Butler, a problemática da representação do Outro em tempos midiáticos não nos permite adentrar e ver as alteridades desse Outro e, conseqüentemente não nos identificamos com ela/ele. Podemos chamar de Empatia, ou seja, a capacidade de se colocar no lugar da Outra/o, que é a base do TO. Se não olharmos para além do que enxergamos, as subalternidades continuarão e a vida precária é a consequência lógica.

Portanto, o atravessamento das opressões é diário para mim desde a escola, da Universidade às Prisões. E é no Teatro que as brechas do bem viver se constroem e anunciam mundos humanos possíveis.

Dentro dos presídios, vejo de uma forma mais sensível mulheres abandonadas pela sociedade, consideradas “lixo humano”, que não recebem visitas de familiares; mulheres que não cumpriram os tais padrões comportamentais das funções normativas estabelecidas pela sociedade;

algumas que mataram seus companheiros traficantes, ou seus tios, avôs, pais ou padrastos estupradores, por constantes abusos, por violência doméstica, por não suportarem tais “punições”. Elas foram castigadas e punidas à prisão e lá as agressões muitas vezes são piores.

Antes do surgimento da prisão como principal forma de punição pública, era comum que quem violasse a lei fosse submetido a castigos corporais e muitas vezes a penas capitais. O que não se costuma reconhecer é a conexão entre castigo corporal imposto pelo Estado e as agressões físicas a mulheres nos espaços domésticos. Essa forma de disciplinamento corporal continua sendo infligida a mulheres de forma rotineira no contexto de relacionamentos íntimos, mas raramente é encarada como algo à punição estatal (DAVIS, Angela. 2020, p.74).

Essas mulheres, podemos colocar, que encontrarem na Arte algum processo de libertação, de consciência do seu eu-histórico, isto é, de seu processo de retomada, de suas origens, histórias, traumas e reconexões consigo mesmas, como consequência a saída pelas brechas da vida precária, construindo processos de autonomia e empoderamento. Essas mulheres também lutam por mim, estou me transformando por elas.

Em relação ao processo formativo e pedagógico das mulheres em estado de cárcere que habitam esta pesquisa, elas são consequências de um caldeirão de falta de oportunidades, pois as poucas que tiveram acesso ao ensinoaprendizagem, estudaram até a quarta série do Ensino Básico e, em sua maioria, são provenientes do interior do Estado do Amazonas, regido pelas águas, em que as escolas chegam no modo repetitivo e levando cartilhas colonizadoras de ensino. A partir do quinto ano do ensino fundamental, ou elas viriam para a capital ou repetiriam o ano, ou paravam de estudar. Então, a maioria parava de estudar e reproduzia a colonização que já chegara com força em cada município ribeirinho (na beira dos rios).

E o que era essa escola, ou é, no meio da Floresta? Cujas cartilhas de matemática, por exemplo, nos ensinam a fazer contas mostrando frutas típicas do sul e do sudeste do Brasil “Maria comeu uma maçã e Pedrinho comeu três pêras”. Entretanto, na prática, eu e essas crianças comemos banana Pacovan, cupuaçu, maracujá do mato, ingá, jambo, manga rosa, araçá-boi, pupunha, tucumã e jenipapo, por exemplo. Nessas cartilhas, também vemos crianças

desenhadas de cor branca e olhos azuis. Não há representatividade. É o biopoder ou biopolítica¹⁸ (Foucault) e a necropolítica ou necropoder¹⁹ (Mbembe) nos apagando e nos eliminando. Dessa forma, a vida precária é regida por um projeto bem planejado de fazer ou deixar morrer pessoas que não pertencem ao topo da pirâmide.

Nesse cenário, de vivências diárias e assimilações constantes e inacabadas, é possível refletir que a escola se transformou em um espaço muitas vezes opressor, ao invés de transformador, gerando inúmeros desdobramentos, até comparado com um cárcere, onde muitas prisões se desenvolvem.

[...] a escola é uma invenção do poder até o último detalhe. A divisão dos alunos em classes, o sistema de exame e, especialmente, o currículo e os vários cursos de estudo e abordagens educacionais – tudo isso é um meio ou um instrumento para perpetuar o poder. (MANSSCHELEIN, 2017, p.15).

É a experiência que dá sentido à educação, isto é, educamos para transformar o que já sabemos e não para repassar ou transmitir o que já é sabido. No entanto, muitas vezes, essa reflexão se perde diante dos processos de mecanização que a própria escola perpetua. Rubem Alves (2012), na obra “A alegria de Ensinar”, traz a uma importante provocação:

Estou com medo de que as crianças me chamem de mentiroso. Pois eu disse que o negócio dos professores é ensinar a felicidade. Acontece que eu não conheço nenhuma criança que concorde com isso. Se elas já tivessem aprendido as lições da política, me acusariam de porta-voz da classe dominante. Pois, como todos sabem, mas ninguém tem coragem de dizer, toda escola tem uma classe de dominantes e uma classe de dominadas: a primeira, formada por

¹⁸ Biopoder ou Biopolítica: é o termo usado por Michel Foucault para designar a forma na qual o poder tende a se modificar no final do século XIX e início do século XX. As práticas disciplinares utilizadas antes no “poder soberano” (monarquia, por exemplo) visavam governar o indivíduo e puni-lo com torturas, num processo de fiscalização individual. A biopolítica tem como alvo o conjunto de indivíduos, a população, são biopoderes locais que muitas vezes não percebemos, de constante vigilância e punições. É o controle de populações inteiras, como se fosse uma “grande medicina social”, pronta para “proteger a vida”, mas na verdade, no ítimo, a biopolítica faz morrer com os padrões estabelecidos, normatizações opressoras, regras e vigilâncias.

¹⁹ Necropolítica ou Necropoder: é o termo cunhado por Achille Mbembe que designa a política de morte adaptada pelo Estado. O autor elabora esse conceito à luz do estado de exceção, do estado de terror, do terrorismo. É o que vemos por exemplo, no sistema carcerário brasileiro, que não investe em políticas e ações reais de reintegração. O interno é jogado na prisão que sempre está superlotada e não tem estrutura básica para manter qualquer dignidade.

professores e administradores, detém o monopólio do saber; e a segunda, formada pelos alunos, detém o monopólio da ignorância, e deve submeter o seu comportamento e o seu pensamento aos seus superiores, se deseja passar de ano (ALVES, 2012, p.16).

Essa dupla ou múltipla dimensão do pensar e do fazer da(o) professora(o) e da(o) aluna(o), na perspectiva histórica, social e cotidiana, mostra na prática o que nos tornamos, assim como o que construímos: talvez uma sociedade com pouca empatia, alienação, apegos e desesperos, demonstrando da escola à prisão que o sistema oprime e constrange, inibindo muitos processos sensíveis que poderiam gerar mudanças necessárias. Estamos ensinando para quê, para quem? Estamos aprendendo para compartilhar ou para acumular e oprimir? Talvez estejamos imersos em frágeis relações humanas (Bauman, 2009). Nesse aspecto, a inclusão social se distancia de qualquer pedagogia libertadora (Freire, 2014), cujo ritmo, tempo e as bagagens do indivíduo são valorizadas, reconhecidas e potencializadas, ao invés de adaptadas a padrões e regras estabelecidas pelo ambiente escolar. Se todas(os) tivéssemos acesso à arte-educação, a qual provoca e questiona, teríamos a possibilidade de ter bases de coletividades mais genuínas, uma vez que o conhecimento deveria servir para melhorar a sociedade, humanizando-a e fazendo dela um lugar melhor para se viver e não só para sobreviver em vidas precárias.

Aos poucos podemos perceber que o Ensino Formal, ou seja, a instituição escolar com a estrutura que conhecemos, não tem dado conta de seres sensíveis que somos por vocação, e todas(os) nós somos seres sensíveis, corpos ensaiando a si próprios o tempo todo, entretanto, nossos corpos acabam sendo encarcerados em diversos padrões físicos e comportamentais. Se ainda for um(a) corpa(o) dissidente, mais chances de ser encarcerada(o) em um presídio físico brasileiro.

Nessa conjuntura, outros cenários se configuram, o ensinoaprendizagem em espaços não formais de ensino, em que a sala de aula se transforma em um ambiente diferenciado, seja pela retirada das cadeiras típicas da sala de aula tradicional ou pela mudança do conteúdo pela construção mútua.

As oficinas de Teatro do Oprimido se transformaram em um projeto dentro

do ambiente mais encarcerador que já vivi, e ao mesmo tempo, o ambiente em que mais eu vi e senti a liberdade acontecer: a Prisão. Nela eu me transformei e me transformo pelo Teatro Político, especificamente pelo Teatro do Oprimido e, mais precisamente, pelas relações vivenciadas com Mulheres em situação de Cárcere e suas histórias reais: *A Andorinha do Amazonas*, *a Curupira*, *a Jambo*, *a Tucumã*, *a Pupunha*, *às Águas do Rio Solimões* e tantas outras mulheres especiais que aos poucos foram enxergando a sua própria força pelos processos de autonomia e reconstrução do seu eu-histórico, estes massacrados por opressões muito antes da Prisão.

Importante ressaltar aqui que o Projeto Arbítrio: Teatro na Prisão no Amazonas, deu-se até março de 2020. Em 2019, a obra de Bárbara Santos, Teatro das Oprimidas, é lançada. Essa metodologia ampliada por Bárbara, sobre a qual tive oficinas de TO em 2014, ainda estava em construção. Nela, as relações das opressões com o gênero são potencializadas e vistas e estudadas de uma forma mais aprofundada. Por isso, nesta tese, tratamos do Teatro do Oprimido relacionando diretamente aos conhecimentos disseminados por Augusto Boal, encantado (falecido) em 2009. A partir daí, as(os) Coringas (a equipe provocadora, organizadora e criadora dos Jogos Teatrais) que circulava com Boal pelo mundo, passou a incrementar a Estética do Oprimido, analisando e reinventando os jogos teatrais, assumindo as lideranças e a própria fala constante de Boal, em que este dizia que o TO era maior que ele e que deveria ser adequado a cada contexto e situações, isto é, que os jogos teatrais deveriam ter novas variáveis para dar suporte ao entendimento de cada opressão e a superação dela. Por isso, o estudo de gênero e TO, ainda está em construção em mim para ser de fato colocado em prática nas próximas interferências e infiltrações em espaços de privação de liberdade, onde haja mulheres oprimidas.

Portanto, aqui proponho um exercício de descrição, reflexão e análise dos processos de relações de poder com o Teatro na Prisão em meio à Floresta Amazônica, durante cinco anos de *Projeto Arbítrio* (2015-2020) com a desafio da questão principal norteadora: é possível ser livre na prisão? O Teatro motiva essa liberdade? Que experiências são essas?



Figura 33 - Roda de Conversa Preparação ao Teatro Fórum.

Fonte: Print da reportagem da TV À Crítica na unidade CDPF-AM (2015), disponível em https://www.youtube.com/watch?v=P_HN4amDbyU&feature=youtu.be

PARTE 2

2 AS VOZES METODOLÓGICAS DA PESQUISA: A ESCREVIVÊNCIA COMO AUTOFICÇÃO E ETNOGRAFIA SENSORIAL NO TEATRO DO OPRIMIDO

Uma das maiores crises desta pesquisa foi a construção das metodologias, de como registrar e refletir sobre as experiências de Liberdade ocorridas com o Teatro na Prisão em plena Floresta Amazônica. Durante os cinco anos do projeto de extensão do Curso de Teatro da Universidade do Estado do Amazonas, coordenado por mim, o *Arbitrio: Teatro nas prisões no Amazonas (2015-2020)*, tendo em vista o meu condicionamento à escrita acadêmica formal, que não mais me cabe neste momento, e a multivocalidade presente nas entrevistas e conversas de relatos etnográficos sensoriais, ou seja, uma escuta sensível com inúmeros atravessamentos entre mim e as(os) estudantes do Curso de Teatro, as(os) quais são egressas(os) e pesquisadoras(es) e professoras(es) ou formandas(os) do curso atualmente, com as mulheres ex-internas dos presídios do Amazonas que participaram das oficinas de Teatro do começo ao fim de sua pena na prisão, das líderes do sistema penitenciário prisional – diretora, psicóloga, chefe do departamento de reintegração e assistentes sociais, que saíram do sistema prisional e atuam em outras áreas no exercício profissional. A crise se dá pelo rasgar-se por inteira e assumir riscos decoloniais.

Passamos por uma série de moldes dentro e fora da academia, o acesso às referências bibliográficas e vivências geralmente são eurocentradas, isto é, fundamentadas em autores geralmente brancos, europeus e homens. A decolonização, para mim, é exatamente essa escrita narrativa permeada por afetos, imaginários, memórias e orgulho em ser uma mulher indígena em retomada.

Sou professora de um curso de Teatro e minha formação dos dezoito aos vinte e sete anos, nas faculdades de Comunicação Social e Licenciatura em Teatro, deu-se em universidades públicas federal e estadual, respectivamente, na cidade de Curitiba, sul do país, cuja presença de corpos dissidentes, isto é, de corpos que dissidem, que se separam do que é estabelecido uma norma ou

um padrão, no caso a presença de corpos não brancos em instituições de ensino superior, causa curiosidade, está revestida de racismo e xenofobia. E isso sempre me incomodou.

Então, passei boa parte das minhas graduações tentando me encaixar e, para que essa sensação de pertencimento pudesse me atravessar ou a ilusão dela, o sacrifício do apagamento de minhas próprias origens, modo de ser, de pensar, de ter um outro tempo metodológico se fizeram presentes, e o tempo metodológico do bem-viver é o tempo do crescimento da raiz de uma planta como uma entidade maior, ou a caminhada silenciosa, respeitosa, observatória e participativa da corajosa Onça-pintada. É um tempo diferente, dissidente do sistema que nos assola e nos apaga: o patriarcado e o capitalismo. Hoje percebo que nossas armas são outras e minha estada na Universidade, realizando esta tese e na constante batalha pela educação, sendo professora, mulher e indígena, se coloca como uma arma. Assim como outras parentas e parentes indígenas espalhadas/os em diversos espaços e instituições, na luta diária pelo direito de existir.



Figura 34 - Parenta indígena Vanda Witoto. mulher indígena não aldeada (escrevente na cidade de Manaus), professora e ativista.
Fonte: instagram @vandawitoto, 2022.

2.1A Pedagogia da Onça- Pintada

A corajosa Onça-pintada, felino habitante da Floresta Amazônica, avisava a sua chegada próximo à casa do sítio²⁰, por meio de sua voz corporal: pelo cheiro de caatinga – um cheiro muito forte de carne úmida, molhada – e nesse momento ficávamos em silêncio absoluto para que a verdadeira absoluta pudesse passar e não sermos uma ameaça a ela.



*Figura 35 – Onça- Pintada caminhando na Floresta.
Fonte: Revista Fapesp.*

Trancávamos as portas, apagávamos a lamparina (pequena lâmpada com suporte de madeira feito pelo meu pai com reservatório de querosene) e meu pai pegava a espingarda (arma de cano longo) – não para atirar na Onça-pintada ou Onças-pintadas que passavam próximo à casa, apenas por precaução, caso ela nos expulsasse do território que invadíamos.

A sua mordida é fatal. O seu peso sobre o corpo de uma pessoa com sua grande pata é arrebatador, esmaga as costelas e amassa o pulmão, em seguida, seus dentes afiados envolvem diretamente todo o crânio e pescoço da

²⁰ Casa do Sítio: habitado em 1989, era uma casa de farinha no meio da mata e transformado em uma casa de tijolos, localizado na BR 174 (estrada que liga Manaus à Roraima, e à fronteira da Venezuela), a 2km adentrando-se a mata densa por um ramal ou pequena estrada de terra.

peessoa, perfurando-os, não permitindo qualquer pedido de socorro. Trata-se de um felino ou uma felina com mais de cem quilos, com quase um metro e noventa de comprimento. Era assim que eu ouvia as histórias raras das Onças-pintada que atacavam as pessoas, os raríssimos casos de Onças-pintada que atacam humanos, somente quando são confrontadas diretamente, quando caçadores as ameaçam.

A Onça-pintada é rainha da Floresta, é justa, é mãe, é corajosa, é ética, é solidária, é solitária. Ela também sente medo, se esconde do perigo e só o enfrenta o ambicioso humano, quando ele se desumaniza.

Quando eu era criança, a Onça-pintada levou embora (matou para comer) oito cachorros do sítio. Sentia um misto de raiva e admiração por ela. Os cachorros eram livres, bichos da mata também, sumiam por dias, depois apareciam, e assim já estava acostumada. Portanto, eu não tinha tanto apego a eles, como um animal domesticado fechado em uma casa ou apartamento na cidade, pois compreendia que o que a Onça-pintada fizesse, eu teria que respeitar, ela sempre tinha razão. Ou estava com fome por falta da caça que o homem tinha lhe tirado ou estava sendo muito ameaçada. A Onça-pintada é justa. E fundamentada a ela e à Floresta, tive a base dos conceitos que habitam em mim sobre Justiça. Justiça como amor em ação (hooks, bell. 2020) ou como minha avó dizia: “nunca lute com as mesmas armas do inimigo, só ataque se for constantemente atacada, como defesa”. Demorei anos para compreender o que ela chamava de resiliência política, sobre permitir-se ouvir as vozes e pensar em estratégias, não agir por impulsos, agir com estratégia e nunca perdendo a ética e a justiça, tal qual a Onça-pintada.

Por isso, o respeito a Onça, o silêncio absoluto dentro da casa, onde apenas focava no cheiro da querosene da lamparina. E assim ela passava. Então, eu praticamente parava de respirar para que ela não me ouvisse, mesmo estando dentro da casa de tijolos no meio da selva com as portas fechadas.



Figura 36 – Casa do sítio em construção, 1996.
Fonte: Arquivo da Autora.

A Onça-pintada é capaz de quebrar uma casa de tijolos e entortar grades fortes, como havia presenciado aos meus treze anos, quando os moradores da região próximo ao sítio, fizeram uma armadilha para pegar uma delas. Era uma armadilha grandiosa com ferros grossos e enferrujados e o que vi junto ao meu pai com aqueles homens impressionados, eram as grades deformadas, as quais ela tinha conseguido abrir entortando-as, para fugir.

Então, eu não me imaginava contando esse cotidiano para as pessoas do sul tão brancas e tão diferentes para mim. Pelo contrário, fazia questão de dizer e me afirmar como “civilizada”, educada em uma escola particular de Manaus, viajada, falante de algumas línguas das quais estudei em escolas formais de idiomas, conhecedora de outros estados brasileiros e países. Ou seja, colonizada.

O recorte de classe social protegia-me até certo ponto, mas o de gênero e o de raça não – mulher, indígena, não branca do Norte do Brasil. Dessa forma eu aproximava-me dos grupos, que me renegavam comumente. Naquela época, não conseguia nomear tamanha opressão chamada de racismo e/ou xenofobia. Finalmente, sinto-me livre ou em parte livre ou em crise decolonial, por ter conhecido mulheres Onças-pintadas na prisão, já professora da universidade, coordenando o *Projeto Arbítrio: Teatro nas Prisões no Amazonas*, após retornar à minha terra Manaus, após quase 10 anos no sul.

Portanto, o recorte de raça, gênero e classe social, são fundamentações

teóricas essenciais para esta pesquisa. Continuo respeitando e admirando homens e mulheres: escritores, escritoras, europeus(eias), americanas(os), que tenho também como referência. Aqui cito algumas(uns) delas(es) como fundamentação teórica, compreendendo que suas vidas não foram repletas de privilégios, isto é, as opressões, perseguições e situações de exclusão que as(os) assolaram foram também matéria-prima para seus escritos e conhecimentos registrados.

Aqui também acrescento o meu povo, ou seja, autores e autoras mulheres, indígenas, pretas, corpos e corpos dissidentes. Trata-se de uma crise, pois a academia não tem um nome fixo e específico para mim e para minha fala e para tantos outros e outras diretamente proveniente de povos originários. É uma sensação do *não lugar* (RIBEIRO, Djamila, p. 54), de *estrangeira*, de ser a *outra* (RAMOS, Alcida, p.8), pois a ética do cuidado com o próximo e a vida colaborativa são distantes demais para o sistema neoliberalista que alimenta a produção de corpos dóceis (FOUCAULT, 2001) e cordiais, além de mecanizados e alienados, em suas narrativas de intimidade e de afetos (RIBEIRO, Martha. p.1). É importante ressaltar as autoras mulheres citadas com o nome e sobrenome para demarcar este importante espaço de escrita e pensamentos, para que elas e eu, não nos percamos nas abreviações dos nossos nomes, das nossas histórias, das nossas vidas.

Por isso, utilizo as metodologias possíveis, intituladas por exemplo, como *autoficção*, *a etnografia sensorial*, *da análise do discurso decolonial*. E a *ESCREVIVÊNCIA*, termo cunhado por Conceição Evaristo potencializando que as narrativas de mulheres pretas e indígenas não estão mais para servir ou “ninar a Casa Grande” (EVARISTO, Conceição. p. 26). Parece ousado. Para o sistema colonizador, tudo é ousado demais. Os privilégios brancos que muitas vezes oprimem e machucam a tantas(os), quando ameaçados, são defendidos com unhas e dentes, mas não de Onça. O que nomeamos como *pacto da branquitude*, criou o racismo e colonizou povos.

É evidente que os brancos não promovem reuniões secretas às cinco da manhã para definir como vão manter seus privilégios e excluir os negros. Mas é como se assim fosse: as formas de exclusão de manutenção dos privilégios nos mais diferentes tipos de instituições são similares e sistematicamente negadas ou silenciadas. Esse pacto da branquitude possui um componente narcísico, de autopreservação,

como se o diferente ameaçasse o normal, o universal. Esse sentimento de ameaça e medo está na essência do preconceito, da representação que é feita do outro e da forma como reagimos a ele. (BENTO, Cida. 2022, p.18).

O preconceito tendo como essência o medo de perder privilégios, e diminuir a(o) Outra(o) sem olhar para suas alteridades, muitas vezes é a causa de prisões de corpos pretos e indígenas.

O Norte e o Sul do Brasil são os meus lugares, assim me posiciono. Todos os lugares onde estou e considero possível me inserir ou fazer parte em partes, considero meus lugares: de fala, de presença, de representatividade, de demarcação de uma sobrevivência histórica. Para estar aqui, muitas mulheres estiveram antes de mim, na luta, na renúncia, no sofrimento, no apagamento. O Norte e o Sul do Brasil, são regiões específicas que contam minha história e fazem parte de mim. Para que esse posicionamento fosse construído, as pessoas aliadas do sul do país, amigas, amigos, professores, professoras marcantes em minha trajetória, foram e são fundamentais nessa caminhada sensível e processual, caminhada esta, considerada, mais lenta e devagar, comparada à produtividade do sistema capitalista.

Ando devagar como Onça, pisando e sentido a matéria orgânica em abundância existente em solo úmido da Floresta Amazônica. É difícil respeitar o meu *corpo-rio* que flui diante de tantas adaptações colonizadoras. Dessa maneira, exponho-me como uma pesquisadora criando metodologias, ou reinventando-as, descolonizando-as, experimentando os modos de falar originários, fundamentados pelas minhas/meus ancestrais. O Teatro do Oprimido nas Prisões, portanto, na Floresta é a Pedagogia da Onça-Pintada.

Não tenho mais me considerado uma narradora-autora, intrusa²¹, em que seu intérprete não pertence à intriga e sim a margem da intriga em uma escrita com tons biográficos. Hoje não quero estar mais à margem, hoje sou a intriga e estou aqui junto às vozes da Floresta. Esta pesquisa expõe narrativas que se encontram, que se convergem, discutem, repensam-se e se rompem, ora em harmonia, ora em desarmonia, em vozes heterogêneas. Por isso, a utilização

²¹ Autoficção intrusiva: Sobre a *autoficção intrusiva*, o autor afirma: “Nessa postura, se pudermos considerá-la de fato como tal, a transformação do escritor não acontece através de um personagem, seu intérprete não pertence à intriga propriamente dita. O avatar do escritor é um recitante, um contador ou comentador, enfim, um ‘narrador-autor’ à margem da intriga” (p. 56).

da metodologia chamada de *autoficção* serve para compreender em partes, as narrativas relatadas e registradas por entrevistas semiestruturadas e decoloniais, conversas e depoimentos das(dos) estudantes participantes do *Projeto Arbítrio* (2015-2020), das mulheres em situação de cárcere, das mulheres membras da Secretaria de Administração Penitenciária do Amazonas (SEAP-AM), das mães ou das irmãs de mulheres encarceradas e de minha própria história, envolvida pela retomada da identidade indígena da etnia Ticuna. Portanto, estou superando medos para tornar-me uma mulher corajosa e decolonial com a tentativa de uma escrita poética, performativa, ficcional e ancestral.

A autoficção, portanto, é uma ideia inacabada, provocadora, que dá combustível para a imaginação à sua maneira sobre as histórias contadas, as análises feitas e todas elas inacabadas. Não há conclusões específicas e fixas, uníssonas, padronizadas e perfeitas, segundo a tradição da metodologia de outras ciências, até mesmo as humanas, que muitas vezes fragmentam e desconectam pensamentos, encaixando-os em sistemas fixos e homogêneos. É no decolonial da autoficção que seguiremos essa pesquisa, até o fim, ou não, pois não haverá fim, aviso de antemão.

Poderia dizer, que para mim, a autoficção enquanto metodologia de pesquisa, ou seja, a forma como ela é expressada, exposta, delineada, surgiu muito antes de Doubrovsky (*O último eu*, 2014). Surgiu para mim com MARTINS, Maria Carioca, ou AFONSO, Maria Marta Martins, ambas minhas ancestrais, minhas avós já falecidas e tão vivas ao mesmo tempo. Surgiu para mim com as contações de histórias que meus pais faziam a mim e hoje fazem com as netas sobre as lendas amazônicas que se misturam ao nosso fazer cotidiano, com o saber ancestral, com o aprender a pedir licença das águas e da mata densa da Amazônia,

Três vezes na água, água.

Tres veznagua, água.

Tresvesnagua, água

Com licença Mãe d'água.

Esses dizeres, por exemplo, fazem parte de um ritual que aprendi com minha mãe, que aprendeu com minha avó e com meu pai, o qual ritualizava

sempre ao entrar no rio e me ensinava de forma disciplinada o respeito às águas. Meu pai aprendeu com sua mãe, minha avó Maria Marta, indígena peruana Ticuna. Quando entramos em qualquer pequeno ou grande rio, dizemos isso. O não dizer, ou seja, o não pedir licença, é considerado uma afronta, uma falta de respeito com algo superior a nós: as águas dos rios, a mata, a grande Floresta. Dessa forma, todo o livramento do mau estará garantido, pois há o pedido de permissão aos povos da mata e a sua autorização espiritual. Falar do espiritual e subjetividades é por si só decolonial e escreviente.

A Escrevivência – que é a urgência das mulheres afrodescendentes que tiveram suas ancestrais escravizadas, de contarem suas histórias, por meio do escrever e do viver, das vozes ‘do nós’, que compõe as vozes ‘do eu’ (EVARISTO, Conceição. 2020), as quais são coletividades que habitam em mim, tratam-se de lembranças rememoradas, mesmo falíveis em relação à exigência da exatidão, ou tentativa dela, comum às pesquisas em ciências humanas até os dias atuais.

Talvez estas mulheres (como eu) tenham percebido que se o ato de ler oferece a apreensão do mundo, o de escrever ultrapassa os limites de uma percepção da vida. Escrever pressupõe um dinamismo próprio do sujeito da escrita, proporcionando-lhe a sua auto-inscrição no interior do mundo. E em se tratando de um ato empreendido por mulheres negras, que historicamente transitam por espaços culturais diferenciados dos lugares ocupados pela cultura das elites, escrever adquire um sentido de insubordinação. Insubordinação que pode se evidenciar, muitas vezes, desde uma escrita que fere “as normas cultas” da língua, caso exemplar o de Carolina Maria de Jesus, como também pela escolha da matéria narrada (EVARISTO, Conceição. 2005, p.2).

Portanto, somos vozes insubordinadas que contam histórias cheias de nuances e com questões norteadoras muito específicas e peculiares, pois agora estamos nos expressando de forma autônoma e revelando subjetividades, afetos, as nossas próprias vulnerabilidades, especialmente dentro de um sistema capitalista, heteronormativo, cristão, branco e com uma grande herança colonizadora.

Nenhuma memória é completa ou fiável. As lembranças são histórias que contamos a nós mesmos, nas quais se misturam, sabemos bem

disso hoje, falsas lembranças, lembranças encobridoras, lembranças truncadas ou remanejadas segundo as necessidades da causa. Toda autobiografia, qualquer que seja sua “sinceridade”, seu desejo de “veracidade”, comporta sua parte de ficção. A retrospectiva tem lá seus engodos (DOUBROVSKY, 2014, p. 121-122).

Vários parentes²² acadêmicos, doutores e doutoras contemporâneas, dentre elas Auritha Tabajara (1980), nordestina, do povo Tabajara, ou Márcia Kambeba (1979), do povo Kambeba e nascida em aldeia ticuna, as quais escreveram suas poesias e teses em um formato poético, em cordel, me inspiram nesse processo de decolonização das metodologias. E incrementar a autoficção na cosmologia indígena, é uma tentativa da escrita decolonial.

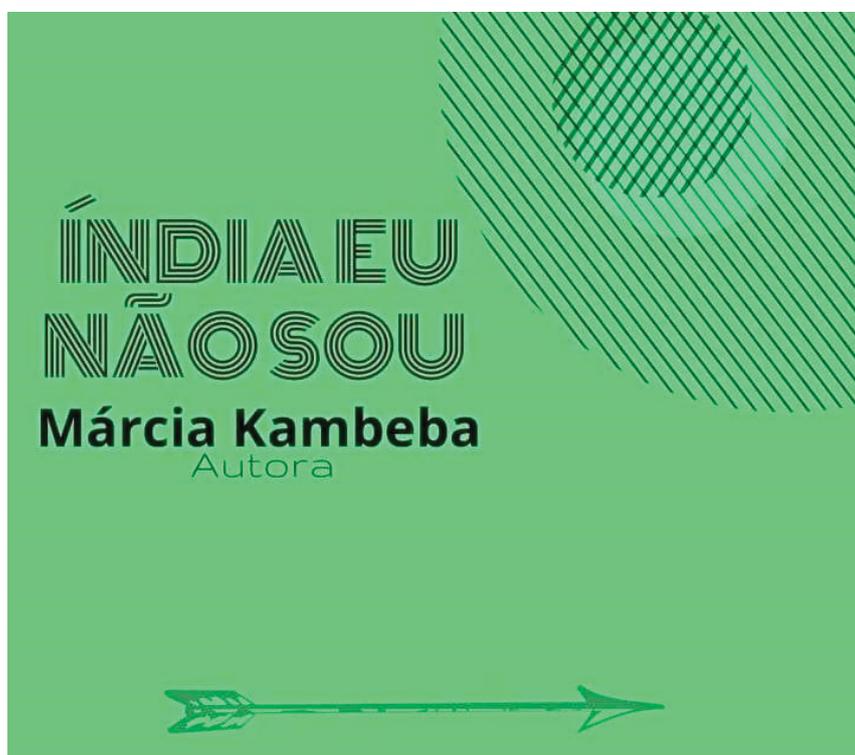


Figura 37 –folder 1: título do poema do livro "De alma e águas Kunhãs"
Fonte: post instagram @marciakambeba, 2020.

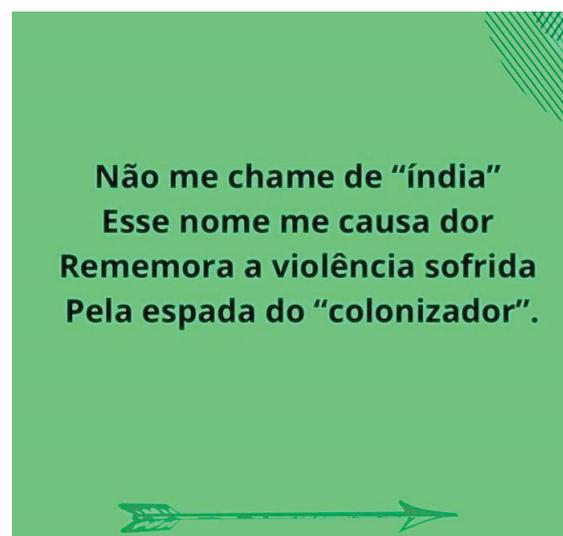


Figura 38 – folder 2: “não me chame de índia”
Fonte: post instagram @marciakambeba. 2020.

²² Parentes: termo cunhado entre os indígenas, pois considera-se que todos somos parentes, pertencentes a uma mesma família, com etnias diferentes. Temos uma base comum em meio a pluralidade de identidades. A ideia de família e portanto, de ajuda mútua em coletividade.

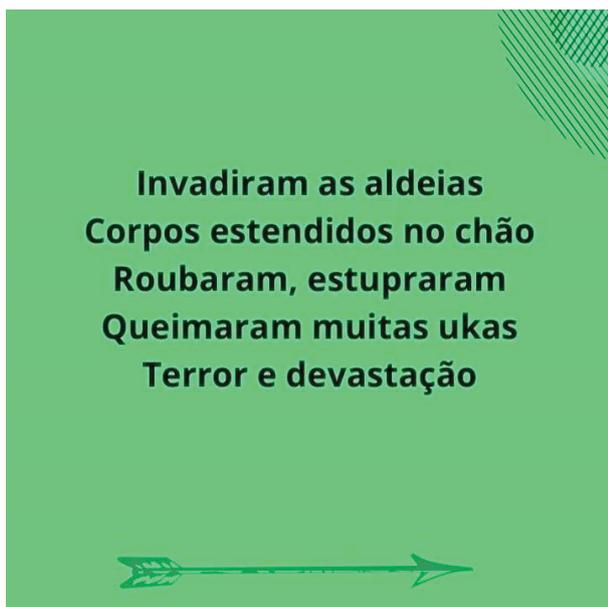


Figura 38 – folder 4: “Terror e Devastação”.
Fonte: post instagram @marciakambeba, 2020.

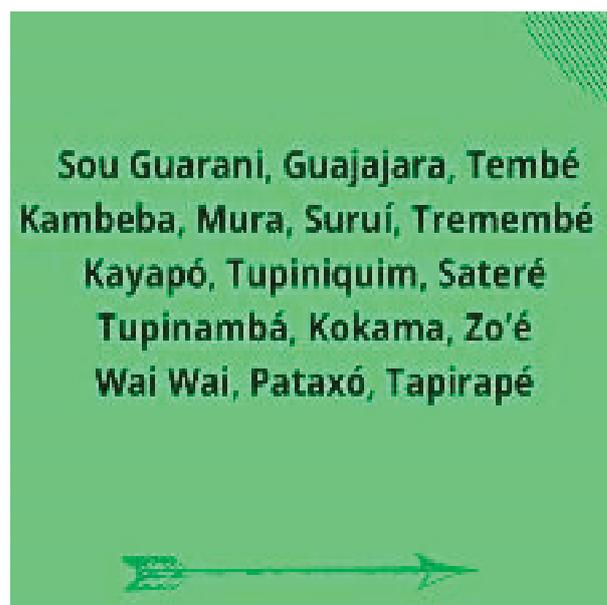


Figura 37 – folder 3: “Sou todas as etnias”
Fonte: post instagram @marciakambeba, 2020.

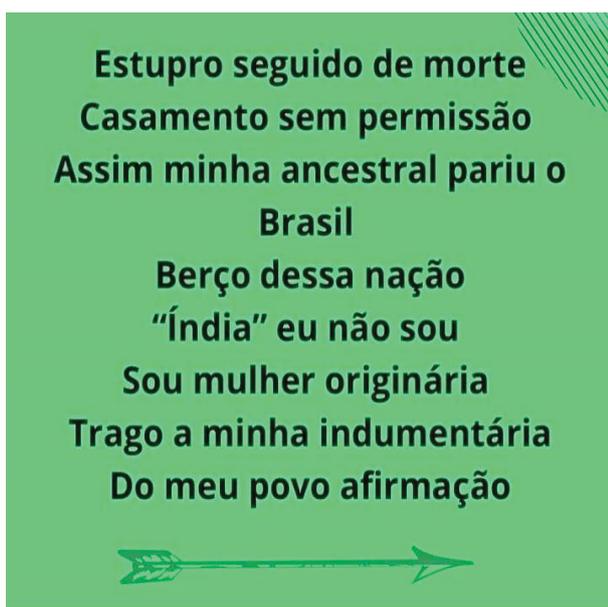


Figura 39 – folder 6: “Estupro seguido de morte”.
Fonte: post instagram @marciakambeba, 2020.

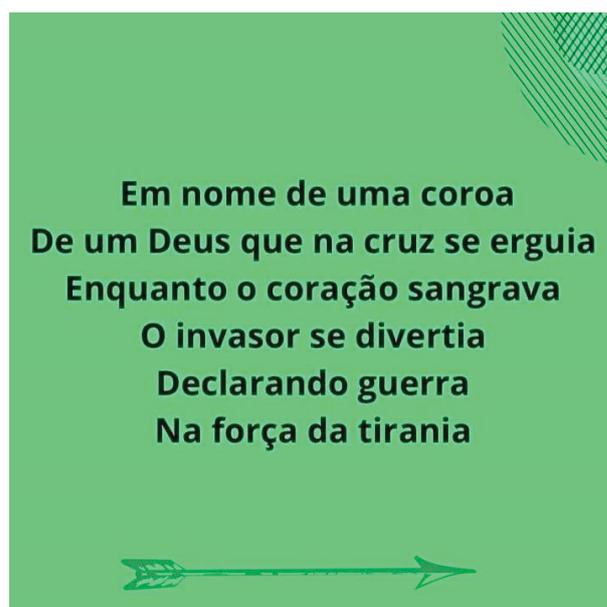


Figura 40 – folder 5: “Em nome de uma coroa”
Fonte: post instagram @marciakambeba, 2020.

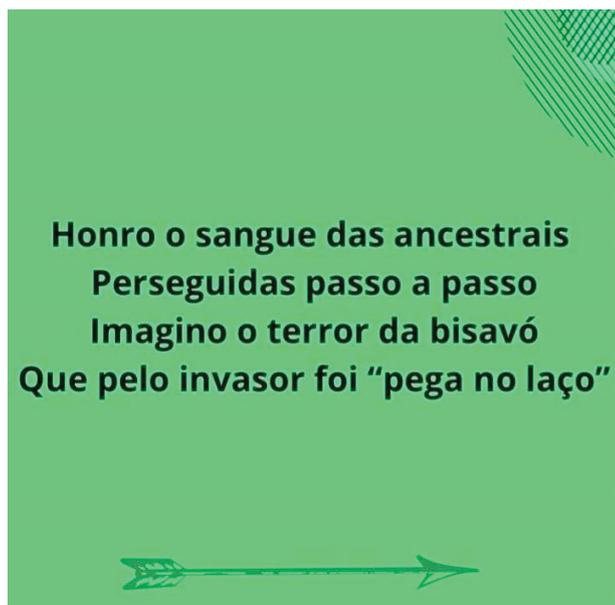


Figura 41 – “Honro o sangue das ancestrais”.
Fonte: post instagram @marciakambebe, 2020.

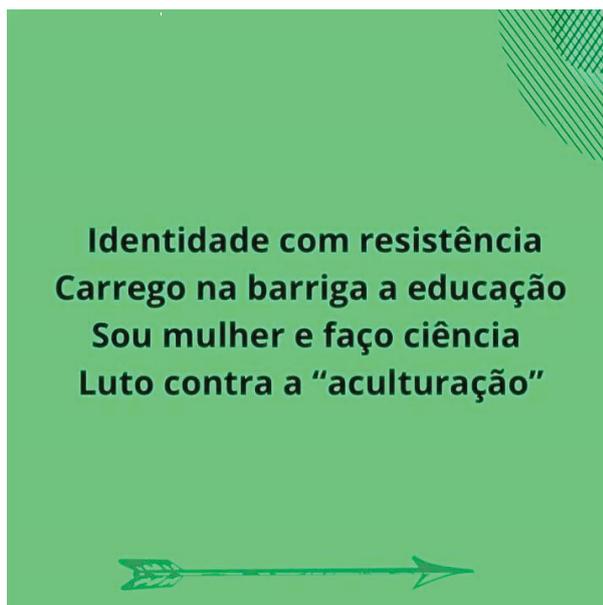


Figura 42 – folder 7: “Sou mulher e faço ciência”.
Fonte: post instagram @marciakambebe, 2020.

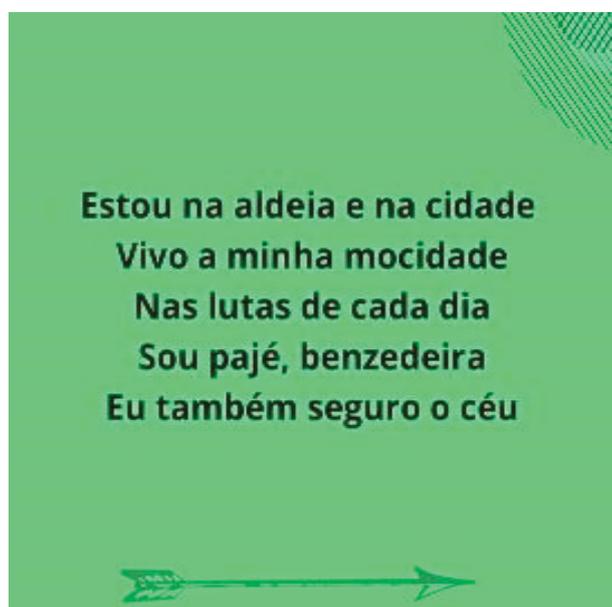


Figura 43 – folder 8: “Estou na aldeia e na cidade”.
Fonte: post instagram @marciakambebe, 2020.



Figura 44 – folder 9: “Filha das águas”.
Fonte: post instagram @marciakambebe, 2020.

2.2 Metodologia das Ancestrais: Teatro – O Lugar Onde Se Vive

Conviver, ou seja, compartilhar a vida em movimento, com as histórias autoficcionais da *Curupira mãe da mata*, que é mulher protetora da Floresta, e não um menino de cabelo vermelho com pés virados criado pelo eugenista Monteiro Lobato²³ no Brasil na década de 70; ou com as histórias sobre a Cuia no meio do rio²⁴, que é um ritual para achar corpos afogados nos rios profundos amazônicos: em profundo silêncio, é solta a cuia com uma vela dentro de uma canoa, com minha avó e tias avós benzedeiças, a procura dos corpos de seus filhos afogados e mortos durante a pesca no grande rio nas cheias de 1973. São com as ricas histórias amazônicas e únicas de minhas avós, de minha mãe e de meu pai, é que a teatralidade expandida se coloca para mim, coloca-se na Universidade e nas Prisões femininas como experiência de Liberdade na Amazônia. É o Teatro tradicional (dos palcos e da produção) – *o Lugar Onde se Vê*, que se assume como o *Outro Teatro – O Lugar Onde se Vive*. Um Teatro que sempre existiu. E como minhas ancestrais tiveram acesso a essas histórias, que parecem ficção ou lendas, mas somente quem entra na mata sabe que não é?

A resposta pode ser simples: somos os povos originários e, mesmo com a cruel colonização e o apagamento histórico, mesmo com a insistência em nos fazerem morrer, decidimos viver e ainda cultivar o bem-viver. Segundo Ailton Krenak:

²³ Eugenia: “Monteiro Lobato integrou a Sociedade Eugênica de São Paulo, fundada em 1918. O movimento eugênico era político, social e cultural, formado por médicos, juristas, sanitaristas e outros intelectuais, que pregavam a superioridade da raça branca e o extermínio da raça negra. A eugenia serviu como alicerce para as constituições federais de 1934 e 1937, sendo, inclusive, determinante às diretrizes do sistema educacional brasileiro. Lobato trocou cartas com grandes amigos como o médico Renato Kehl, um dos principais eugenistas em atuação à época e, em tais escritos, sequer disfarçou sua ojeriza ao negro”. Fonte: Artigo ALMA PRETA – agência de jornalismo preto e livre, 2022). <https://www.almapreta.com/sessao/quilombo/monteiro-lobato-um-pai-eugenista>.

²⁴ Cuia no meio do rio: Objeto leve e arredondado feito da árvore cueira, que serve para tomar sopas, líquidos e outras culinárias amazônicas. Geralmente são as mulheres indígenas artesãs responsáveis pela confecção da cuia, estas escolhem os melhores frutos da cueira, retiram o miolo e os dividem em metades, que são as estruturas das cuias, em seguida, são lavadas nas águas dos rios e são lixadas com as escamas do peixe pirarucu, que também usamos como lixa de unha, até ficarem lisas interna e externamente, e por último são expostas ao sol para secar.

Acredito que nossa ideia de tempo, nossa maneira de conta-lo e de enxergá-lo como uma flecha – sempre indo para algum lugar – está na base do nosso engano, na origem de nosso deslocamento da vida. Nossos parentes Tukano, Desana, Baniwa contam histórias de um tempo antes do tempo. Essas narrativas, que são plurais, os maias e outros ameríndios também tem. São histórias de antes de este mundo existir e que, inclusive, aludem à duração. A proximidade com essas narrativas expande muito o nosso sentido de ser, nos tira o medo e também o preconceito contra os outros seres. Os outros seres *são* junto conosco, e a recriação do mundo é um evento possível o tempo inteiro (KRENAK, 2020, p.70).

Estamos todas(os) nesse fluxo cosmológico, TODAS(OS). Não somente os povos originários, pois se cada uma/um retomasse suas trajetórias ancestrais, o desprendimento do condicionamento do sistema neoliberal, iria acontecer e perceberíamos não como narrativas de outras(os) em cima de um palco distante, mas sentiríamos dentro de nós. Autoficcionar-se e Escrever-se é possível o tempo inteiro.

Assim, como lembra Jovita Maria Gerheim Noronha, organizadora desses *Ensaio sobre a autoficção*, em sua apresentação ao volume, apesar de o termo *autoficção* ter surgido em 1977, por ocasião da publicação de *Fils*, de Serge Doubrovsky, a prática que ele representa já existia bem antes; hoje em dia, contudo, o termo tem ganho maior dinâmica, apesar da falta de consenso entre os críticos em defini-lo. (SOUZA, 2017, p. 732).

Já existia bem antes, eu explico: junto a Noronha (2017). Bem antes. E como indígena em retomada, autoficcionar-me e escrever-me é metodologia para a tese e para a vida. Para que haja possibilidade de sempre mostrar a construção de uma narrativa ou várias delas cheias de reflexões sobre opressões em contextos de vigilância e punição. Será ousado? Talvez não. Percebo como uma pequena reparação histórica. A autoficção, desde 1977, tornou-se alternativa acadêmica para refletirmos sobre subjetividades autorais. Entretanto, o Teatro, para mim, para as minhas avós e todas(os) minhas/meus ancestrais, *não é lugar onde se vê algo, é lugar onde se vive*, é o próprio lugar da liberdade, é o lugar da ancestralidade, é o lugar do oxigênio puro, do respirar com alegria, com afetos genuínos. Por isso, conto aqui histórias plurais, de subjetividades feministas a partir da vivência de cinco anos de *Projeto Arbítrio*:

Teatro nas prisões no Amazonas (2015-2020), por meio de vozes e polifonias, trata-se da metodologia de pesquisa, na qual a própria escrita pode ser uma (im) possibilidade em representar a realidade.

Assim se constitui uma retomada da figura da/o autor/a, não mais como autoridade do seu texto, não como o sujeito cognoscente autossustentável do cogito cartesiano, mas como alguém crivado, repleto de furos, lacunas, de vieses e de inconsciências. Neste percurso vamos caminhando, nos refazendo, na medida em que se transformam as histórias, ao serem narradas. A escritora reconstitui a sua jornada em versos, transmuta seus passos em narrativa de si mesma, em autoficção, para construir um caminho de volta e para construir um percurso de cura para si, e para o mundo (LIMA, Elizabeth. SANTOS, Paulo. 2022, p.25).

No caminhar, portanto, refaço-me e ouço as vozes das ancestrais e das mulheres dessa pesquisa, de forma mais sensível, em um caminho de volta, uma vez que “o futuro é ancestral” (GUAJAJARA, Sônia. 2023). Lembro-me que em 2018, em meio a uma manifestação pró-democracia em uma tarde de verão farto em Manaus, encontrei com uma representação viva das minhas ancestrais, uma Onça-Pintada: Perpétua Suni, do povo Kokama, mulher indígena ativista e na época, candidata à vereadora da cidade, com pouca expressividade em relação aos demais candidatos, em sua maioria homens brancos, revelando diversas opressões de gênero na política, como mulher e como indígena. Representava, portanto, a resistência. Logo nos conectamos. Ela me levou às narrativas das nossas ancestrais, quando colocou a mão em meu peito e disse: “Tu és Ticuna, tu és parenta”. Revelando minha responsabilidade em fazer emergir nossa cultura, nosso outro tempo, nosso Teatro como escrevivência.



*Figura 45 - Perpetua Kokama Suni e Eu, em 2019 em Manifestação política no Largo de São Sebastião, Mhaus- Am.
Fonte: Arquivo da Autora*



*Figura 46 - Elizete Ticuna, em performance da Onça-Pintada na Universidade em 2019.
Fonte: arquivo da autora.*

Na mesma roda, estava Elizete Ticuna, com 25 anos, artista-performer-cantora indígena do povo Ticuna. Então, ela olha para mim e diz: “Prima, tu precisas conhecer a minha mãe, ela vai te contar a história da tua avó, que veio das bandas do Peru”.

Nós não nos conhecíamos. Naquele momento, minha retomada teve seu início com a legitimação delas, isto é, dessas Onças- que revelam a consciência viva das Ancestrais como método de vida e de pesquisa, de luta política e artística.

Nesse percurso vou caminhando junto com elas, refazendo-me, curando-me e alcançando a liberdade, mesmo que seja por instantes. Caminhar, cantar, dançar e fazer Teatro junto, jogar em equipe sem a lógica da competição neoliberalista, é a característica mais potente da metodologia das ancestrais.

Neste estudo, observo a presença dessa metodologia na experiência de liberdade com o Teatro nas Prisões no Amazonas. Portanto, parto da ideia e da ação, em que minhas ancestrais me ensinaram e incentivaram a experimentar que:

o corpo é livre,
é o corpo que se vive e
o Teatro é corpo que se vive é a própria Vida.
É onde se vive.

São relatos de experiências de vida e de recortes de liberdade com o Teatro na Prisão feito por e com mulheres em meio à Floresta Amazônica. Esses relatos de vida foram experienciados por mim e pelas(os) estudantes do Projeto Arbítrio, por líderes mulheres da administração do sistema prisional do Amazonas e familiares de internas da prisão.

Diante disso, se faz necessário pensar antes de tudo no corpo, em suas dores, em seus encontros, matéria prima das narrativas de intimidade, para buscar na autoficção dispositivos processuais para a decolonização do sujeito e refazimento do corpo. Entendo essas narrativas como um *laboratório radical* de subjetividades, pois é na invenção que podemos habitar o inabitual e afirmar o poder da vida como arte, como criação, e enfrentar as forças que tentam expropriar e extorquir a vida. (RIBEIRO, Martha. 2021, p. 307).

Um “laboratório radical” de subjetividades é também um espaço vivo de alteridades que se encontram, cuja autoficção é uma narrativa baseada na verdade e, ao mesmo tempo, um procedimento que nasce da invenção, ou seja, é uma *ficção*: É lugar onde se vê e se vive.

A caminhada sensível e etnográfica (INGOLD, Tim. 2014) com escuta e interação aos entrevistadas(os) e vivências com a natureza (IARED, Valeria 2018), são marcas metodológicas fundamentais desta pesquisa, que trata a respeito da complexidade humana demarcada por opressões e repleta de narrativas afetuosas e potentes.

Portanto, o corpo na prisão está intimamente entrelaçado ao ambiente, pois as mulheres em situação de cárcere e todas as entrevistadas nesta

pesquisa veem constantemente algumas paisagens repetidas, em diferentes perspectivas: paredes cinzas ou rosas, grades, algemas, cadeados, pavilhão, gaiola para o banho de sol, cela com pouco espaço e no meio dessa repetição, a Floresta Amazônica com a sua biodiversidade exuberante. A prisão na Floresta e a Floresta na prisão, um ambiente embora contraditório, transformador (transforma a dor). O caminhar sensorial é um campo expandido, tal qual o Teatro que faz dilatar consciências e inconsciências.

O caminhar é um meio metodológico emergente nas ciências sociais que afetivamente e espacialmente expande o potencial de interpretação fenomenológica das dimensões incorporadas da experiência vivida em diferentes ambientes e seus contextos. (IARED, Valéria. 2018, p. 184).

A prisão, muitas vezes, é um ambiente necropolítico, isto é, faz morrer aos poucos. Lá se perde o nome, as identidades culturais, a estrutura familiar, as relações com o mundo externo e a reflexão que aqui se potencializa é que somos seres indissociáveis como corpo, mente e mundo, para além de sociedades antropocêntricas. A Floresta sempre ensinará sobre uma ordem leve, compreensível e acolhedora, e as mulheres em situação de cárcere estão dentro dela, atravessadas ou não, o afeto surge, a empatia se compreende e a arte cada vez mais, se consolida como um conhecimento necessário com práticas teatrais para o sentir e continuar a caminhada para fora da prisão física e mental. Trata-se de uma observação profundamente sensível sem querer produzir e planejar começo, meio e fim, pois o sentir pressupõe respeitar o processo da caminhada.

Pois os passos da observação participante, como os da própria vida, dependem das circunstâncias, e não avançam rumo a um fim preestabelecido. E envolvem modos de levar a vida e de ser por ela levado, de viver uma vida junto com outros – humanos e não humanos – que reconhecem o passado, atentam para as condições do presente e se abrem especulativamente a possibilidades futuras (INGOLD, 2014, p. 409).

Para nós, indígenas, também em retomada, o antropocentrismo (ser humano como centro de tudo) não nos cabe como base de vivências. Viver com

humanos e não-humanos deveria ser sempre respeitoso e harmonioso. A vida não-humana também é sagrada. Os seres como as Árvores, os Rios, as Plantas, os Animais e toda a diversidade da Floresta são Entidades, ou seja, referências de como Viver, do Bem Viver, que é viver em harmonia como todos os seres vivos.

O *autor e sua morte*, como Roland Barthes (1915-1980) pontuava sendo algo importante para dar vazão a escrita mais autônoma e com ênfase nas subjetividades, também ganha forma com Michel Foucault (1926-1984), quando ele enfatiza que a invenção do autor está ligada ao sistema capitalista, ao lucro, à produtividade. São homens que dissertam sobre homens autores. A eles agradeço o aprendizado e os chamo de aliados para reforçar as narrativas, a Elas e a mim, as autoras, convoco-as para situar as falas e para lutar comigo dentro de uma perspectiva de gênero, classe e raça tão urgente e necessária.

Começo o resgate como metodologia de pesquisa, referências teóricas nas pluralidades feministas e a urgência da ocupação desse lugar de fala. Por que tantas autoras mulheres, ou pretas e indígenas, não são lidas ou são inferiorizadas? Colonização, capitalismo, racismo, machismo e classismo, explicam esse sistema, como por exemplo a subalternidade das autoras. Por isso, aqui nesta tese, eu me coloco ora em primeira pessoa, ora em terceira, valorizando as partes e o todo, para enfrentar junto, um sistema que tem como consequência o encarceramento em massa. É preciso pensar sobre o que acontece dentro das prisões e como eu e vocês, e nós todas(os), somos corresponsáveis pelo sistema prisional.

É como se a prisão fosse um fato inevitável da vida, como o nascimento e a morte. De modo geral, as pessoas tendem a considera-las algo natural. É difícil imaginar a vida sem elas. Ao mesmo tempo, há relutância em enfrentar a realidade que se esconde nas prisões, medo de pensar no que acontece dentro delas. Dessa maneira, o cárcere está presente em nossa vida e, ao mesmo tempo, está ausente de nossa vida. Pensar nessa presença e nessa ausência simultâneas, é começar a compreender o papel desempenhado pela ideologia em modelar a forma como interagimos com o nosso entorno social (DAVIS, Angela, 2020, p.16).

Portanto, o Teatro na prisão é o lugar onde há possibilidades de refazimentos subjetivos, ou seja, da junção de alguns blocos de afetos

fragmentados, os quais puderam se juntar novamente ouvindo suas próprias vozes e revelando um coro potente de transformações. O teatro político é um lugar de posicionamentos, auto declarações e percepções das mais diversas prisões físicas e espirituais que habitam em nós. O Teatro na Prisão é um estado de liberdade, não a liberdade do ir e vir conforme a Constituição Brasileira pressupõe, do direito de ir e vir externamente, mas ir e vir dentro de si, do autoconhecimento como reconhecimento do lugar do outro e da outra.

Quanto a mim, estou convencida desse inacabamento, que muitas vezes se expõe como fragilidade, mas hoje o aceito e o traduzo em partes, uma vez que fui criada para acertar sempre, para não ser oprimida e apagada, para sobreviver e continuar existindo, para ser forte, corajosa e valente, portanto, o desejo da completude me afronta e me frustra, ao mesmo tempo que me explica e me acolhe. São sentimentos contraditórios dentro de um processo de decolonização.

Este estudo inacabado, ensina-me sobre ser autora da minha própria história e potencializar a história de mulheres presas na sociedade, no sistema prisional e livres no Teatro. Antes da coroa dos reis e rainhas, já existiam o cocar das/dos indígenas. As autoras e artistas da prisão, essas mulheres em situação de cárcere, numa fusão intensa que fazemos juntas, crescemos e resgatamos o cocar ou tambor, o turbante, passamos o óleo de *andiroba*²⁵ para proteger a pele e a alma dos mosquitos, dos opressores, para fechar as feridas, e depois de tirar o pus, passamos o *óleo de copaíba*²⁶, para desinflamar por dentro, profundamente, limpar as bactérias e fechar cicatrizes.

²⁵ Andiroba: É uma árvore grande, que atinge mais ou menos 50 metros de altura e da sua planta fazemos chás e do seu fruto, extraímos o óleo, caracterizado por ser extremamente amargo. Minha família faz uso diário para proteção da pele, quando temos inflamações cutâneas ou de garganta, pois tem propriedades anti-inflamatórias.

²⁶ Copaíba: Árvore grande com tronco robusto, e dele extraímos um óleo também amargo e com propriedades anti-inflamatórias e antibióticas.

Passamos o óleo elétrico, que é essa mistura da *andiroba*, da *copaíba* e da *cânfora*, para reagir, para reacender. Cheiramos o *rapé*²⁷ para limpar e respirar todo o oxigênio puro da Liberdade e para asserenar, em seguida, ter a certeza que o Teatro na Prisão no Amazonas, foi e é uma experiência de liberdade para as mulheres.



Figura 47 - óleo elétrico, óleo de andiroba, óleo de copaíba e o rapé.

Fonte: Arquivo da Autora

2.3 Pesquisar o Teatro nas Prisões: Vozes Amazônicas

Ao meio-dia e vinte minutos, num ensolarado quatro de março de 1985, em uma segunda-feira, vim ao mundo, pelo parto programado, cesariano e pago com dinheiro de algumas economias de meus pais, no antigo Hospital Santa Casa de Misericórdia, no centro da cidade de Manaus. Diferentemente de minhas irmãs – com oito e nove anos de diferença para mim – minha mãe pensara que eu não poderia nascer no meio da estrada na Floresta entre Porto Velho (capital de Rondônia) e Manaus (capital do Amazonas) com tanto sofrimento e ajuda de mulheres que estavam por perto, como nascera a primeira filha, ou em casa com parteira, com a sensação de desmaio e fraqueza, como a segunda filha, ambas filhas de sacrifício, de renúncias e muitas superações. Eu tinha que nascer “segura” na concepção de meus pais, já influenciados pela vida individualista na cidade grande, sem perder totalmente suas raízes e valorar o parto da mulher indígena em casa, afetuoso e de cócoras. Eu ainda sento de cócoras, feito um sapo. É um modo de viver o Teatro e a Vida. E ainda penso em parir o Cauã, meu pássaro grande, de cócoras. Mas segundo a indústria

²⁷ Rapé: O rapé é um pó fino e verde que extraímos de cascas de árvores, ervas e outras plantas. Tem efeito alucinógeno quando em grande quantidade e associado ao chá ayahuasca. Mas em pequenas quantidades faz a limpeza no aparelho respiratório. Faço uso semanal para tratar sinusite e rinite, pois é medicina da floresta, é medicina das ancestrais. Minha avó materna Dica, nos ensinou para tratamento de asma também

obstetrícia, os riscos são grandiosos. Um dia conto essa história.

Na época de meu nascimento, o acesso ao cinema já era possível e meus pais assistiram a um musical chamado *Onça*, que estreou nos palcos do teatro americano em 1977 e é apresentado por um longo período para em seguida tornar-se uma película. Mesmo que inspirada na canção *Tomorrow (significa Amanhã, na língua portuguesa)* do musical *Onça*, em que eu assistia diversas vezes e ficava encantada com a encenação da garotinha *Onça*, tão esperançosa, forte e corajosa, como meus pais diziam. A primeira vez que entrei nas prisões, a música fez bastante sentido para mim, tudo estava conectado. Eis uma breve tradução de um trecho da letra:

“Quando estou presa em um dia que é cinza e solitário.

Eu apenas levanto meu queixo, sorrio e digo: O Sol vai sair, amanhã.

Então você tem que esperar até amanhã.

Venha o que vier.

Amanhã, amanhã, eu te amo, amanhã. Você está sempre um dia de distância”.



Figura 48 - Rede e Eu, 1990, com 5 anos.
Fonte: arquivo da autora

E acreditando na força do amanhã, plantamos o hoje com o Teatro nas Prisões, reverenciando, também, a força das mulheres originárias, muitas delas presas em armadilhas muito bem montadas pelo patriarcado.

Somos embaladas pela rede, ao som dos pássaros, onde nosso corpo se move, mexe-se e se ouve.

As Vozes da *Andorinha do Amazonas*, por exemplo, e de todas as pessoas colonizadas e oprimidas, especificamente as mulheres em situação de cárcere, sempre existiram em diferentes esferas. Entretanto, a esfera prisional as silencia e quando o Teatro entra nela, liberta-as .

Não será possível analisar todas as vozes entoadas para essa pesquisa, pois teríamos um conteúdo de milhares de páginas, pois não caberia a mim resumi-las em poucas laudas, uma vez que se faz necessário que cada frase seja transcrita e descrita, lida e sentida. Mas nas Vozes que aqui estão, eu me misturo a elas e olho para mim e para as sujeitas da pesquisa com um olhar de uma mulher, indígena em retomada, nortista, que já sofreu machismos, racismos, xenofobias entre outras opressões. Acolher o que a outra fala me compõe, reconstrói-me.

A voz da professora Onça está marcada pela sua própria história e

desbravá-la me permite cada vez mais ver, ouvir e sentir a(o) outra(o). Tive uma educação tradicional em escolas de freiras até a terceira série e depois da quarta série até o término da etapa escolar brasileira (ensino médio). Minhas referências primeiras na escola de salesianas eram de como eu deveria me comportar como uma menina. Perguntava-me: como não correr, não explorar cada parte daquele colégio imenso na minha perspectiva, não subir nas árvores do jardim, não explorar os lugares proibidos como os dormitórios das freiras e das internas vindas do interior do Amazonas para serem catequizadas, ou a cozinha, ou a rotina daquelas jovens e senhoras freiras que serviam e me pediam para servir e obedecer um sistema que muitas vezes oprime e faz morrer?

Minha irmã do meio, oito anos mais velha que eu, em processo de decolonização, foi expulsa da escola de freiras e nossos pais resolveram me tirar dessa instituição também. Fomos para uma escola denominada “mista” (homens e mulheres). Minha irmã mais velha – nove anos de diferença (somos três filhas mulheres) – já havia se formado. Então eu, indo para a quarta série do ensino básico e minha irmã indo ao terceiro ano do ensino médio, entramos como bolsistas parciais em uma das escolas mais tradicionais de Manaus, uma escola de pessoas, em sua maioria, pertencentes a uma classe social média ou alta. O não lugar, estava posto a mim.

Existe um olhar colonizador sobre os nossos corpos, saberes, produções para além de refutar esse olhar, é preciso que partamos de outros pontos. De modo geral, diz-se que a mulher não é pensada a partir de si, mas em comparação ao homem. É como se ela se pusesse se opondo, fosse o outro homem, aquela que não é homem. (...) Se para *Simone de Beauvoir*, a mulher é o Outro por não ter reciprocidades do olhar do homem, para *Grada Kilomba* a mulher negra é o Outro do Outro, posição que a coloca num local de mais difícil reciprocidade (RIBEIRO, Djamila. 2019, p.37).

Se para Simone de Beauvoir (1908-1986), mulher branca, francesa, autora da obra *O Segundo Sexo* (1980), se para as autoras pretas e contemporâneas Grada Kilomba e Djamila Ribeiro, pensadoras que esmiúçam e potencializam o lugar de fala, ou seja, o lugar onde sempre nos pertenceu e foi retirado, expondo as discrepâncias do gênero como opressão, a mulher preta é o outro do outro, digo que a mulher indígena ou amazônica, é o outro, do outro, do outro.

Como professora em uma universidade pública do Amazonas, em um curso de Teatro, exijo em mim a sensibilidade docente e à/ao discente. Ou seja, considerar a alteridade e estimulá-la em mim e na/no outra(o), é fundamental para que o ensino/aprendizagem ocorra. A aprendizagem sem a pedagogia da autonomia, sem o afeto, a proximidade, o entendimento da história da(o) outra(o) não se efetiva, como Paulo Freire (1921-1997) pontua na obra *Pedagogia da Autonomia* (1996).

É preciso aceitar o inacabamento, refletir sobre os cargos sociais impostos, sobre eu ser uma professora mulher, com características indígenas, marcada pelo excesso de cobrança das escolas tradicionais, onde eu não tinha a opção de não estudar, pois estudar para mim sempre foi o único caminho onde eu me encontrava em algum lugar, mesmo que ainda não soubesse nomear o meu lugar de fala (RIBEIRO, Djamilia. 2019). “Não era branca, nem bonita (segundo os padrões de beleza estabelecidos), mas era inteligente, esforçada, engraçada”, diziam. O *não lugar* é constante, mesmo como professora mulher desde 2011²⁸, no Curso de Teatro da Universidade do Estado do Amazonas, cuja tensão para reexistir e decolonizar é presente e viva. E cansa.

Porém, aprendo com minhas ancestrais e com a filósofa mulher negra brasileira Sueli Carneiro (1950), com minha mãe Maezinha Aldenira Martins (1951) e com tantas vozes que me atravessam, que discordar com generosidade é possível, além de não lutar com as mesmas armas do inimigo. Talvez seja a prática do amor. Talvez. Mas um outro amor genuíno, verdadeiro, justo e ético. Como o da Onça-Pintada. E nós mulheres, fomos ensinadas a “amar”, ou seja, amar como sinônimo de servir incondicionalmente ao outro, geralmente um homem, mesmo diante do nosso apagamento subjetivo e objetivo.

Para bell hooks (1952-1991), mulher negra, americana, feminista, em sua obra “Tudo sobre o Amor” e especificamente no capítulo sobre Justiça, ela pontua veemente a confusão que fazemos com o ato de discordar, brigar,

²⁸Professora Mulher desde 2011: Como professora da Universidade, perdi as contas de quantos processos administrativos e até denúncias em Ministério Público, fui vítima, especificamente eu e outra professora negra do Curso. Nossas aulas são compostas por conteúdos que versam o Teatro Político e a intersecção entre classe, raça e gênero na tentativa de formar pessoas críticas e com uma missão Teatral forte no sentido da transformação. Justamente a professora indígena e a professora preta são as que são processadas. Os/as demais professores/as aliados/as muitas vezes, e pessoas brancas, nunca foram acusados/as ou denunciados/as. Desconfiamos de racismo e xenofobia. A luta é grande.

agredir, machucar e oprimir, devido aos abusos patriarcais que sofremos na infância:

Nós aprendemos sobre o amor na infância. Seja nosso lar feliz ou problemático, nossa família funcional ou disfuncional, é essa a primeira escola do amor. O amor esteve sempre e apenas associado a se sentir bem. No início da adolescência, quando apanhávamos e nos diziam que essas punições eram “para o nosso próprio bem”, ou “estou fazendo isso por que te amo”, meus irmãos e eu ficávamos confusos. Por que uma punição severa, era um ato de amor? [...] Não pode haver amor sem justiça. Até que vivamos numa cultura que não apenas respeite mas assegure direitos civis básicos para as crianças, a maioria delas não conhecerá o amor. [...] Enquanto não começarmos a ver a criação amorosa em todos os tipos de família em nossa cultura, muitas pessoas continuarão acreditando que só se pode ensinar disciplina com punição, e que a punição severa é uma forma aceitável de se relacionar com as crianças (hooks, bell, 2020, p. 60-71).

Portanto, desde a infância, discordar poderia gerar punições e aprendemos a calar. Dessa forma, reaprender a ouvir nossas próprias vozes, a ter consciência de que o amor é justo como a Onça-Pintada e todos os seres da Floresta, a qual protege, explica, repete, ouve, refaz-se, transforma-se e se dispõe é caminhada em processo. Por isso, nesta pesquisa defendo o amor na prática, como ação justa e, portanto, liberdade. Esse amor, por sua vez, pode ser motivado no Teatro, mesmo nas prisões, onde vozes enfurecidas e/ou caladas voltam a se expressar.

Assim também é o Teatro Político e especificamente o Teatro do Oprimido, que precisa ouvir e falar, olhar e ver de verdade, sem superioridades, desconstruindo hierarquias opressoras como, por exemplo, o autoritarismo de um/a professor/a. Nesse contexto, recordo-me das lições da peça didática de Bertolt Brecht – “Aquele que diz sim, aquele que diz não”, um texto que sempre esmiúço nas aulas de Teatro Político na Universidade. Nele as personagens são desafiadas em duas partes, sendo união de duas histórias com dois finais diferentes, nas quais se debate o direito de ir contra as normas e costumes sociais, assim como o direito de se dizer “não” a essas normas, que muitas vezes nos modelam, condicionam e mecanizam. Compreendo as mulheres naquelas que dizem sim, naquelas que dizem não, ou naquelas que não conseguem dizer. Essas vozes sempre existiram, nas prisões ou fora delas.

O desafio sempre foi reencontrar o lugar dessa voz, dessa fala, cujo volume e articulação, quando ouvimos e compreendemos, pode sensibilizar e transformar. A linguagem teatral embasada pelo Teatro do Oprimido na Floresta, que é a Pedagogia da Onça-Pintada com a metodologia das Ancestrais, pode ser essa Voz que Ecoa e Liberta.

Por isso, nesse primeiro olhar às memórias do Projeto Arbítrio (2015-2020), compreender o imaginário social em que um/a professor/a se constitui nas relações e, neste caso, uma professora mulher, com posicionamentos, que diz sim, que diz não. E que é inacabada, ou está se permitindo ser .

Então, para tratar de vozes sociais dentro das prisões, é necessário internalizar e respeitar a diversidade social de linguagens, que se manifestam e se expressam com a contação recíproca de histórias cheias de intersecções entre raça, classe social e gênero, especialmente num país e num estado onde a violência patriarcal e o feminicídio são comuns.

Somente no Amazonas, em 2019, 118 mulheres foram assassinadas. O estado ocupa a terceira posição no ranking nacional de assassinatos de mulheres. Barcelos e Beruri são as cidades com as maiores taxas do estado, seguidas por Canutama e Lábrea. (Dados ATLAS 2022)
<https://agenciabrasil.ebc.com.br/radioagencianacional/direitos-humanos/audio/2022-02/crescem-os-registros-de-homic%C3%ADdios-de-mulheres-no-estado-do-amazonas>.
 Acesso em: janeiro de 2023.

As vozes desta pesquisa, diversas e amazônicas, de Teatro nas prisões, também são denunciante.

Nessa conjuntura, vozes aliadas me estimulam. Assim, compreendo cada vez mais que a voz da(o) professor(a) deveria permitir uma assimilação e compreensão da palavra do outra(o). No entanto, as relações de poder e todos os estigmas que um(a) professor(a) carrega, especialmente um(a) professor(a) no Brasil, cuja corrupção é frequente nas esferas políticas e a criticidade para sairmos da alienação ou analfabetismo político é constantemente impedida. Nas escolas onde estudei e nas escolas onde dei aulas no ensino fundamental e médio durante os estágios do curso de licenciatura em teatro, o monólogo predominava com hierarquias confundidas com o autoritarismo. Na obra *O Teatro das Oprimidas* (2018), de Bárbara Santos, mulher negra, idealizadora das

referências de Augusto Boal aplicadas diretamente ao contexto de gênero e raça, potencializa o monólogo do pacto da branquitude, sempre preparada para convencer, e não dialogar, compreender.

Por isso é tão importante compreender os enunciados dentro dos contextos em que eles se inserem, na esfera universitária como professora que possibilita alguma referência e que é diferente da esfera prisional, em que sou professora, ativista, artista e, ao mesmo tempo, preciso manter um diálogo com a gestão prisional, com as assistentes sociais, com as agentes penitenciárias, com a equipe de reintegração da secretaria de administração penitenciária.

Nas reuniões do grupo de pesquisa em Teatro e Prisão, lideradas por Vicente Concílio em 2021 e 2022, comumente todas(os) do grupo contavam suas experiências sobre como conciliar os interesses do Sistema de Administração Penitenciária e os interesses de “liberdade” que o Teatro poderia provocar, que já está comprovado em muitos estudos sobre Teatro e Prisões, isto é, essa força que o teatro tem de transformar uma pessoa, um ambiente, uma comunidade. Os interesses entre SEAP e Projeto Arbítrio, alinhavam-se até certo ponto. Pois não poderíamos denunciar o sistema e defender o abolicionismo penal.

A disciplina, a organização interna de um presídio é pela relação de crime-castigo. Sofrer punição quando sai do preestabelecido. Esse tipo de postura começa a ser muito discutido pelo preso quando ele começa a fazer teatro. Ele começa a rever a sua situação, ele quer conversar sobre, ele quer propor novas formas de relação. Isso em geral ameaça muito a direção da unidade. Eles se sentem enfraquecidos. A direção se utiliza da rivalidade entre gangues como instrumento disciplinar. Ela se apropria disso para criar diferenciais, privilégios. Então não interessa para a direção que se elimine essa rivalidade. (CONCÍLIO, 2008, p.58).

Por isso, mesmo que eu não concorde em todos os aspectos com o sistema prisional do modo que se coloca para encarcerar pessoas pretas, indígenas e pobres, no Brasil e no mundo, eu preciso dialogar com essas vozes, ouvi-las, porque quero que o recorte da Liberdade nas prisões continue, que o Projeto Arbítrio permaneça até o dia em que as prisões serão abolidas. Trata-se de uma alteridade radical. Essas equipes e essas pessoas ocupantes de cargos, elas também têm histórias, afetos, opressões, questões silenciadas. Não consigo ouvir todas, mas não posso impor o silêncio, até porque o silêncio é cheio de barulho.

Essas vozes silenciadas se expressam no Teatro. A expressividade dessas vozes é o processo do amor e da liberdade acontecendo. A alteridade na língua marcada no corpo, no caso, do adestramento ocorrido com as pessoas em situação de cárceres. São palavras de ordem, com entonações e volume da voz alto, são gritos de ameaças, de punição. O corpo-bicho se contrai e dentro dele vozes diversas precisam sair. O Teatro na prisão reacende a liberdade.

2.4 As Árvores do Projeto Arbóreo: Teatro na Prisão no Amazonas (2015 a 2020)



*Figura 49 – ÁRVORE “A MANGUEIRA”
Fonte: Foto tirada por mim em 2018 com saudosismo da casa da árvore que esta ocupou em minha vida.*



*Figura 50 – ÁRVORE “A ARAUCÁRIA”
Fonte: Foto tirada por amiga aliada das lutas Fabíula Passini, Irani-SC, 2019.*

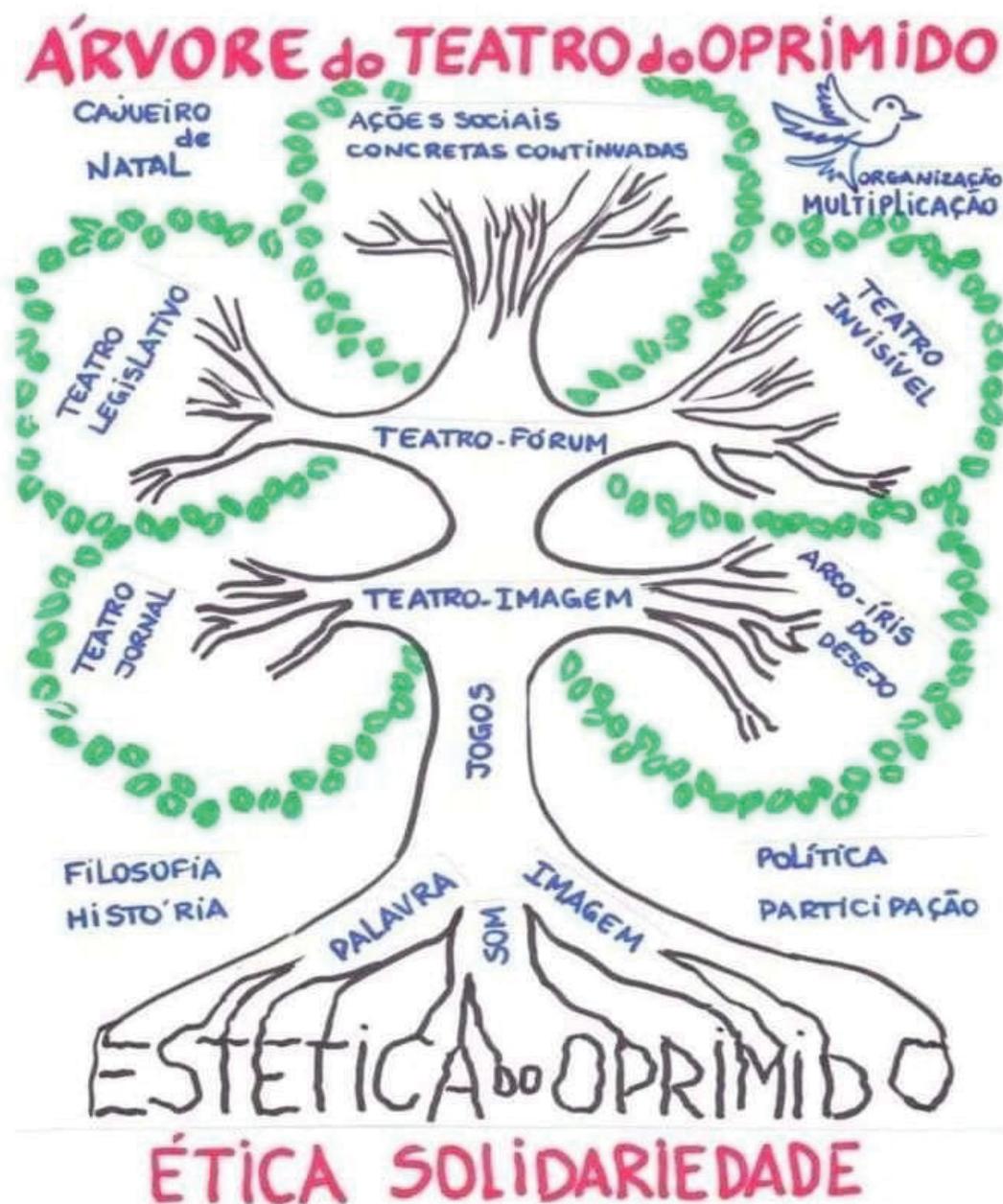


Figura 51 - A ÁRVORE DO TEATRO DO OPRIMIDO

Fonte: página virtual do Centro de Teatro do Oprimido (CTO), árvore Desenhada pela curinga Helen Sarapecck (BOAL, 2009).

As Árvores que me compõem são muitas. Começo desde cedo essa relação com o significado da árvore, que precisa e interdepende de todos os seres vivos em sua volta para crescer e se desenvolver. Um verdadeiro trabalho em equipe e com tempo e paciência os frutos nascem, as flores abrem e tudo flui.

Na Mangueira (figura 49) construí minha casa da árvore no sítio, dos sete aos quatorze anos de idade. Nela, o Bem-Viver começava a se desenvolver, chupava manga, olhava os pássaros, ouvia-me e escutava as ancestrais.

A Araucária (figura 50) é a representação das minhas vivências no Sul (morei dos dezoito aos vinte e sete anos em Curitiba-PR e retornei ao doutorado em 2019) que potencializaram a retomada das minhas origens. Foi preciso distanciar, falar com a Araucária, perceber que ela também faz parte de mim e que nela também tenho morada.

E a *Árvore do Teatro do Oprimido* (figura 51), outra árvore que me complementa e traduz com o Teatro, as respostas sobre como alcançar as brechas da liberdade como Bem-Viver, a autonomia a partir da decolonização. A árvore é composta pela base da Ética e Solidariedade, o que traduzo como EMPATIA, característica básica do Bem-Viver dos povos originários, ou seja, nossa capacidade de nos colocarmos no lugar da(o) Outra(o), de ouvir as Vozes reprimidas e oprimidas e criar mundos mais humanizados, com coletividades e liberdades para ser. A filosofia do Teatro do Oprimido, segundo Boal, reside em respeitar todas as formas do fazer teatral por mais diversas que sejam, sem competir com nenhuma linha de pesquisa, considerando-a certa ou errada. Ele defende a originalidade do método do Teatro do Oprimido, quando ressalta três pontos principais: a cena pode ser usada por todos, não existe mais o muro entre palco e plateia; o espetáculo teatral e a vida real se misturam de forma palpável e explícita, o espetáculo é etapa da vida real, jamais uma ilusão; e por último, não existem mais barreiras entre artistas e não-artistas. Afirma que “somos de todas as artes, todos podemos pensar por meios sensíveis – arte e cultura” (2009, p. 185). Em sua estética, o autor cria a metáfora de que o Teatro do Oprimido é uma Árvore que possui raízes, tronco, galhos e copas.

A árvore para mim, sempre foi extensão do meu corpo, frágil, pequeno e leve. Nas árvores que subia e ficava horas apreciando as folhas, as formigas, o orvalho, as frutas, faziam-me sentir mais forte. A *Árvore do Teatro da(o) Oprimida(o)*, portanto, veio ao meu encontro para afinar a minha prática e as teorias existentes.

É esta seiva que alimenta e sustenta toda a árvore do Teatro do Oprimido, e se desenrola nas “artérias axiais da Palavra, da Imagem e do Som, transitam pelos Jogos, metáfora da realidade, e iniciam o processo de nos despirmos do lixo que nos envolve, estimulando a criatividade dos participantes”, por meio dos Jogos e do Teatro-Fórum no tronco da árvore, e nos galhos as demais técnicas que florescem e dão frutos: Teatro do Invisível, Teatro Imagem, Arco-Íris do Desejo, Teatro Jornal

e Teatro Legislativo. No topo há um pássaro que se alimenta dos frutos e leva as sementes para o mundo, potencializando as ações concretas e continuadas do Teatro do oprimido como mudanças reais (BOAL, 2009, p. 188).

O desenho ilustra toda a parte prática dos métodos utilizados para compor a Estética do Oprimido. Boal, de forma poética, desenvolve a explicação para a árvore: as raízes estão cravadas em terra fértil, da chamada ética da solidariedade, que são sua seiva é fator primordial para invenção de sociedades humanas solidárias, não opressivas. É na terra, segundo o autor, que se vê o instinto predatório, as misérias humanas coexistirem com o avanço da humanidade e é nas copas que se avista o sol da manhã. É essa seiva que alimenta e sustenta toda a árvore do Teatro do Oprimido e se desenrola nas “artérias axiais da Palavra, da Imagem e do Som, transitam pelos Jogos, metáfora da realidade, e iniciam o processo de nos despirmos do lixo que nos envolve, estimulando a criatividade dos participantes” (BOAL, 2009, p. 188).

A Estética do Oprimido, portanto, é uma proposta que propõe ajudar os oprimidos a descobrir a artes descobrindo a sua arte; nela, descobrindo-se a si mesmos; a descobrir o mundo, descobrindo o seu mundo; nele se descobrindo. [...] O desenvolvimento do Teatro do Oprimido no mundo suscita dois problemas essenciais: identidade e legitimidade. (BOAL, 2009, p. 170).

Em seguida às raízes, temos o Tronco em que os Jogos Teatrais o sustentam junto ao Teatro Imagem e ao Teatro-Fórum. Os Jogos Teatrais para atores/atrizes e não-atores/não-atrizes utilizam-se de brincadeiras com regras, onde a pessoa pode correr, dançar, brincar, pular, gritar, gargalhar e expressar com espontaneidade suas mais diversas sensações e sentimentos. Dessa forma, o corpo-bicho e o corpo-rio começam a fluir, a desalienar, sair do estado e anestesia, alienação. Como se estivéssemos envoltos de uma armadura de ferro e pesada, e com os Jogos, cada parte da armadura vai caindo, quebrando-se e um corpo que balança, embala, flui, conflui, finalmente se desmecaniza e se mostra. Portanto, os Jogos Teatrais do Teatro do Oprimido estimulam o processo de espontaneidade e criatividade e são embutidos de regras, tais quais

os Jogos Teatrais²⁹, nos quais, segundo Spolin (2010), a regra do jogo pressupõe o processo de interação e cooperação mútua, motivando os brincantes a jogarem com regras e foco e liberando seu lado criativo e espontâneo. Em seguida surge a necessidade imediata de estimular as formas de percepção não-verbal, sem desconsiderar a palavra, por meio do “Teatro-Imagem”.

O Teatro-Imagem se constitui de uma série de técnicas que fui desenvolvendo através dos anos, e que começaram a aparecer nos meus trabalhos com indígenas no Peru, Colômbia, Venezuela e México. Suas línguas maternas não eram o espanhol e nem a minha. Assim, quando usávamos uma língua que não era a nossa para nos comunicarmos, sempre nos entediávamos mal; por isso, tornou-se necessário recorrer às imagens, e as técnicas foram surgindo naturalmente. [...] Quero lembrar novamente que o uso dos jogos e exercícios que precedem essas técnicas não é, de jeito algum, obrigatório. De fato, nada no Teatro do Oprimido é obrigatório, porque cada exercício, jogo ou técnica, embora tendo objetivos próprios específicos, contém a totalidade do processo. (BOAL, 2005, p. 232-233).

Usamos muito na prisão a técnica do Teatro-Imagem, que era propícia antes de fazermos as cenas com palavras, frases e posicionamentos, no caso, o Teatro-Fórum. Elas tinham muita vergonha, e o fato de não precisar falar ainda era conveniente, e ao mesmo tempo, encorajador. Após o alongamento e alguns jogos teatrais para criar um ambiente de interação e confiança, as mulheres em situação de cárcere se colocavam em roda e escolhiam um tema de interesse comum que as participantes queriam discutir. Um dos temas recorrentes estavam ligados à violência que sofriam dentro e fora da prisão. Na imagem, elas expressavam o grito, o susto, as abordagens da polícia quando invadiam suas casas, agarrando suas famílias, pegando pelo pescoço, jogando-as no chão, colocando as algemas e levando ao “camburão” (carro da polícia).

²⁹ Jogos Teatrais: Nas oficinas de Jogos Teatrais, através do envolvimento do grupo, os atores/jogadores irão desenvolver liberdade pessoal dentro das regras estabelecidas, habilidades pessoais necessárias para jogar o jogo e irão internalizar essas habilidades e essa liberdade ou espontaneidade. Os jogos são baseados em problemas a serem solucionados. O problema a ser resolvido é o objeto do jogo que proporciona o Foco. (SPOLIN, Viola. O Jogo Teatral no livro do Diretor. São Paulo: Perspectiva, 2010, p.12)



Figura 52 – Cena de Teatro Imagem sobre violência policial
 Fonte: Print da reportagem da TV À Crítica na unidade CDPF-AM (2015)

Dessa maneira, somente a utilização dos corpos das participantes era necessária para esculpir um conjunto de estátuas, de tal maneira que suas opiniões e sensações ficavam evidentes, determinando no corpo os detalhes mais sutis de suas expressões fisionômicas. Depois dessa fase, elas discutiam as imagens iam sendo modificadas pela plateia (as demais dos outros grupos que assistiam) e estas combinavam em levantarem-se da plateia e mexerem nas esculturas como forma de modificar a cena “para melhor”, para um modelo ideal e sem opressões, de como deveriam ter reagido, caso houvesse aliadas(os) por perto, vizinhos(as) que pudessem filmar com celular como prova da violência policial e assim por diante.

Portanto, o primeiro conjunto de imagens mostrava a imagem real e o segundo conjunto mostrava a imagem ideal, sem a opressão. Em seguida, mostrava-se a “imagem de trânsito”, o “como” os corpos mudavam para se chegar à imagem ideal. No modo mais comum de Teatro-Imagem, tínhamos, então, três imagens: uma com a opressão, uma imagem saindo da opressão e uma imagem sem a opressão. Assim, uma realidade que se quer transformar, e uma solução para ela. Assim seguiu o debate e em seguida o esculpir dos corpos e formas, com objetivo claro por meio das imagens da conscientização, das

ações necessárias e da solução do problema (cf. BOAL, 1983, p. 156).

Com os Jogos Teatrais e o treinamento da desmecanização do corpo com Teatro-Imagem, cutucando o corpo-bicho e o corpo-rio que habitava nelas, partíamos para as cenas curtas com palavras, histórias, diálogos e expressões vivas com o objetivo de chegar no corpo-Floresta, ou seja, compreendendo, todas as entidades que as habitavam (os rios, as matas, os animais etc), metaforicamente falando. Esse corpo-Floresta se concretizava no Teatro-Fórum, que como o próprio nome expressa, realizávamos um fórum de discussões sobre as cenas curtas e, nesse sentido, elas se ouviam. Mulheres em situação de cárcere, de diferentes pavilhões das unidades prisionais e de diferentes facções, finalmente já se olhavam e falavam entre si. Compreendia que estavam na mesma situação e que o recorte de gênero, classe e raça atravessa a todas e com força. Perceberam que, portanto, elas precisavam repensar e questionar seus roteiros lá dentro, objetivando a vida fora da prisão. No Teatro-Fórum, víamos uma confluência de todas as vozes, como se a Floresta estivesse finalmente dentro da prisão e como se todas estivessem livres.

Boal (2009) denomina o Teatro-Fórum como o coração da Árvore, tendo em vista que o Fórum permite a discussão real sobre problemas reais colocados em cena de forma teatral e representados de forma revezada entre plateia e atores. O Fórum permite a participação efetiva da plateia na reflexão individual e coletiva e na cena propriamente dita. O grupo se reúne, detalha opressões sociais, discute entre si, elege uma opressão por meio dos votos e que represente de forma mais geral uma opressão marcante. Várias etapas são experimentadas de forma a se verificar a opressão por diversos ângulos, formando uma estética. Um grupo escreve poesia sobre a situação opressora escolhida, outro experimenta sons, com instrumentos fabricados ou prontos, outro pinta e desenha, outro encena. Todos os grupos no final vão se mesclar, formando o espetáculo e dando início aos ensaios gerais. O fórum de discussões é contínuo, do processo entre as atrizes ao debate com a plateia.



*Figura 53 – Cena de Teatro Fórum com a interferência para a mudança: denúncia e aliados.
Fonte: Print da reportagem da Tv À Crítica na unidade CDPF-AM (2015).*

Em 2015, uma das primeiras experiências de cena de Teatro-Fórum na prisão feminina no Amazonas, mostrou uma das mulheres que finalmente falava o que sentia por intermédio de um rap composto pelo grupo. A letra discorria sobre liberdade, sobre como era bom ter os braços livres das algemas e dos julgamentos. Que elas só queriam ter o que comer, onde dormir e serem amadas. Foi muito emocionante. A emoção foi tanta com a cena de Teatro-Fórum onde a criatividade, a música, a interação do grupo e a generosidade entre elas se fez tão grande e potente, que não registramos a letra do rap.

Apenas ouvimos e embarcamos junto a elas nos grilhões partidos e na chegada de um respirar para reestruturação do corpo-Floresta. Agimos como Onças-Pintadas, vendo nossos próprios reflexos e desejos nas outras Onças em cena. Estávamos juntas e reconhecendo o todo que nos habitava. Com isso, trago aqui parte da letra de uma música da artista indígena Kaê Guajajara, um rap que rememora as etapas do TO nas prisões, da consciência de uma mulher em estado de colonização e em seguida de posicionamento de libertação.

[..] Me mataram com tudo que é colonial
 Depois queriam que eu tirasse minha própria vida
 Quando eu cobre todo preço e o peso
 Daquela antiga dívida, que todo mundo quer esquecer

É mais fácil falar que eu morri, do que falar que eu sobrevivi a
Floresta morrendo
A escravidão, a cidade
avançando e a favela crescendo
Eu sou indígena, indígena favelada
Eu não vou me conter com a migalha

Eu não vou me contentar nunca com o descaso, com Fome, com a margem de
 um sistema que não escolhemos
Que fomos impostos, invadidos
Roubados
Todo esse ouro, toda essa riqueza
Tudo cheio de sangue, tudo construído em cima de

Eu tava rezando na mata, rezando pra não ver um corpo boiando na água
Eu não tava onde você tava

Eu tava sendo escravizada, me perdoa
Eu tava sendo escravizada
Me estupraram, me perdoa
 Me roubaram
 Eu quero voltar
Mainha, o problema foi tá colonizada demais
Foi ter se escondido demais
Eu sonhei
Era tão lindo o mundo que a gente
construiu junto

Vamo cantar junto de novo, vamo plantar tudo de novo
Lutar por aquele mundo, que a gente respira junto, que a gente
existe.

Acredito que sejamos um todo orgânico que pulsa ou quer pulsar para emancipar. Ocultamos diversas sensibilidades e, muitas vezes, são ocultações inconscientes e, quando conscientes, são reprimidas. Existem teatralidades por todas as partes, em todos os corpos. *ARBÍTRIO: Teatro na Prisão no Amazonas* propôs uma experiência de liberdade nos presídios do Amazonas, por meio do experienciar pedagógico e cênico a partir dos *Jogos Teatrais e da Estética da(o) Oprimida(o)* como metodologias aplicadas nos complexos prisionais femininos em regime fechado, provisório e aberto da cidade de Manaus-Am, envoltos pela Floresta amazônica, nesse contexto prisional, contraditória: a qual abriga, briga, acolhe, impede e liberta.

O foco em cada processo do Jogo, como expõe Viola Spolin (2010), o acesso à decodificação dos signos (som, palavra e imagem) para libertação da alienação como motiva Boal (2005), bem como o acolhimento das contações das nossas próprias histórias em rodas de conversa após os jogos teatrais, como minhas avós faziam, foram bases metodológicas da prática teatral do Projeto.

O *Projeto Arbitrio* teve como ponto de partida a pesquisa iniciada durante a fase acadêmica a qual me propus no mestrado em Letras e Artes (2012-2014) que refletiu sobre as práticas dramatúrgicas inspirada no Teatro Político e no Teatro Pós-dramático e como novas possibilidades de aproximação, interlocução e real troca com a/o espectadora/espectador e resultou em um exercício de escrita dramatúrgica denunciante de opressões sociais intitulada “ARBÍTRIO”.

O desdobramento da pesquisa de mestrado e a necessidade de uma maior compreensão sobre práticas de emancipação e autonomia dentro de contextos opressores, então se inicia nas prisões em 2015, com dedicação de oito horas semanais, tendo como fundamentação base inicial o Teatro Épico de Bertolt Brecht, a Estética da(o) Oprimida(o) de Augusto Boal e Bárbara Santos, nos Jogos Teatrais e construções pós-dramáticas por meio da performance e construindo aos poucos enunciados feministas nos quais classe, raça e gênero explicam, nomeiam e denunciam tantas opressões. A atuação do Projeto se deu em ambos os presídios: feminino e masculino, regimes fechado, provisório e semiaberto no Amazonas. Porém, foi no presídio feminino em meio à Floresta que fui atravessada profundamente.

Observava comumente que as filas nos dias das visitas existiam apenas

nos presídios masculinos. E as filas eram formadas em sua maioria por mulheres – mães, esposas, filhas, mulheres em situação de prostituição que iam às visitas íntimas, assim como crianças. Quase não havia homens na fila de visitas para os presídios masculinos. Já nos presídios femininos, não havia fila alguma, não havia visita. Havia abandono e rejeição. Mulheres presas significavam, portanto, aberração e não mereciam atenção alguma. São mulheres consideradas “perdidas”, ou seja, para as quais não há reforma, reparação ou salvação. Quem dita isso: o patriarcado, o racismo, o sistema capitalista.

A criminalidade masculina, entretanto, sempre foi considerada mais normal do que a criminalidade feminina. Sempre houve uma tendência a encarar as mulheres que foram punidas publicamente pelo Estado por seu mau comportamento como significativamente mais anormais e muito mais ameaçadoras para a sociedade do que suas numerosas contrapartes masculinas. [...] De acordo com os pontos de vista dominantes, as mulheres condenadas eram irremediavelmente perdidas, sem possibilidade de salvação. Ao passo que os criminosos do sexo masculino eram considerados indivíduos que tinham simplesmente violado o contrato social, as criminosas eram vistas como mulheres que tinham transgredido princípios morais fundamentais da condição feminina. (DAVIS, Angela. 2020, p. 71-76).

Por isso, a escolha por adentrar os presídios femininos como objeto de estudo desta pesquisa com o TO, cujo reconhecimento entre mulheres, de dentro e de fora da Prisão, torna-se cada vez mais urgente para lutarmos contra um Sistema heteronormativo e patriarcal.



Figura 54 - Mulher negra se movimenta/ Angela Davis
 Fonte: Quadro-card elaborado por Izabel Accioly, Mestra em Antropologia Social/UFSCAR. Instagram @afroantropologa.

Opressões como machismo, homofobia, transfobia, xenofobia e racismo também apareciam fortemente nas cenas de Teatro-Fórum nos anos posteriores e, muitas vezes, como elementos condutores das causas acumuladas para efetivação do crime, antecedidas por processos de subjugação e opressão e, o Jogo Teatral pode ter sido elemento motivador para esse processo de tomada de consciência. Segundo Maria Rita Kelh (1998) diante de processos de individualização do século XX e XXI, detecta-se um sentimento para atender às expectativas da família tradicional, na qual a mulher tinha um papel preponderante para manutenção de determinado equilíbrio e obediência, cristalizando seu destino. Dessa forma, há um sentimento de culpa neurótica pela impossibilidade de cumprir com os ideais contraditórios que orientam esse destino. Os progressos da individualização engendram novos sofrimentos íntimos. Impõem a elaboração de imagens de si, fontes de insatisfação (p.40). Para a mulher do Norte, indígena e preta, a reelaboração dessas imagens e identidades requerem um processo de decolonização a médio e longo prazo. Por meio da escrevivência, sei que essas mulheres em situação de cárcere não atenderam de forma “eficaz” segundo os padrões de comportamento estabelecidos sobre ser mãe, mulher, irmã, esposa, namorada, profissional e frustraram suas perspectivas, causando culpa e alienação.

Não sei ao certo sobre essas nuances da dor ou culpa, sei apenas que há máscaras que se desfazem durante o fazer teatral, em que o jogo promove processos de espontaneidade e muitas emoções vem à tona. Porém, muitas ainda são as inquietações e essas experiências vivenciadas têm auxiliado a todas as participantes a enxergarem alguns caminhos de liberdade.

Dentre esses caminhos de Liberdade, além do contexto do Projeto Arbítrio estar inserido na Extensão, foi importante também situá-lo de forma potente no ensino não-formal. Pois no início, esperavam (a SEAP) que nós iríamos ocupar uma sala de aula com cadeiras situadas uma atrás da outra e eu, como professora, fosse *explicar* o que é Teatro. Aos poucos fomos *fazendo* Teatro. O termo *educação não formal* surge a partir do final da década de sessenta, e segundo Garcia (1996) a expressão educação não formal começa aparecer relacionada ao campo pedagógico concomitantemente a uma série de críticas ao sistema formalizado de ensino.

Esse espaço não formal, localizado na prisão, é assim considerado pela prática de maior flexibilidade do ensino e relativização dos resultados, além da diferença da estrutura física em relação ao espaço formal de ensino, com sala de aula com cadeiras, mesas, quadros, cantinas, pátios para recreação em horários estabelecidos, professores uniformizados etc. Nas aulas de Teatro, encontramos espaços para as vozes de um corpo que flui ou deveria fluir como as águas do rio, sentamos ao chão, não há cadeiras ou quadros, ou quando há, são usados como acessórios não essenciais àquele ensinoaprendizagem .

Quando experimentamos essa estrutura nas aulas na prisão, configurando o espaço de ensino não formal, ou seja, ao sentarmos no chão, ao tirarmos os sapatos ou sandálias, ao deitarmos no chão para fazer alongamento, pelo fato de não usarmos uniformes e ser permitido na aula de teatro que as mulheres em situação de cárcere fossem com a roupa que gostariam, sem o uniforme amarelo da prisão, somente nesse pequeno recorte, já podemos ressaltar a importância e a potência do espaço não formal com a linguagem teatral, pois havia sempre uma explosão de alegria, uma leveza maior na condução das oficinas.

Autonomia é uma palavra que compreende a ideia da cooperação, e cooperação existe na relação entre indivíduo e grupo. Outra vez o avesso da cadeia, que prima pela individualidade e pela massificação dos comportamentos. E outra vez o teatro persegue o oposto: ele precisa da descoberta dos potenciais individuais, mas amparados e colocados a serviço do esforço coletivo (CONCÍLIO, 2008, p.48).

Em concordância a Concílio, na perspectiva de libertações subjetivas por meio de um processo pedagógico, a experiência prática vivenciada no *Projeto Arbítrio* mostra que o teatro na prisão feminina mudou em partes essa visão, a consciência sobre suas próprias histórias encenadas, histórias de opressão na infância, na adolescência, na idade adulta, histórias sobre violência doméstica, tráfico de pessoas, escravização sexual pelo tráfico de drogas, de pais ou maridos, irmãos, vizinhos ou companheiros estupradores, de pais inexistentes, de mães também subjugadas, de trabalho infantil, de ambição por dias melhores, da ambição imediata com aquisição de bens materiais por meio do resultado do tráfico de drogas, do poder, que nas cenas se mostravam expressamente em

choro velado, gritos ocultados e a necessidade de consciência de si e, principalmente, do acolhimento de si. Em sua obra marcante *Algemas Silenciadas (2018)*, Fátima Guedes, mulher amazônida, que registra relatos de mulheres oprimidas em vários cárceres, na chamada “ilha da magia”, a cidade de Parintins, a ilha amazônica onde o Festival Folclórico de Parintins, dos *boi-bumbás Garantido e Caprichoso* ocorre, explica que:

[...] é impossível se aquietar, quando pedaços de nós se degeneram esquecidos nos vazios institucionais do Estado Democrático de Direito. São espelhos cuja refração cobra de nós intervenção. [...] Há um grande número de mulheres sedentas de acolhimento, escuta e libertação. [...] As condições estruturais daquele casulo prisional representam um verdadeiro desafio para condenadas de Justiça alçar voos humanizantes (GUEDES, Fátima. 2018, p. 48-51).

A prisão por si só é um lugar de opressão, tendo em vista que a privação da liberdade como punição a um delito cometido se estende à privação da dignidade nas prisões brasileiras. Compreende-se opressão como o ato de retirar do indivíduo um direito de forma antiética, isto é, de forma injusta em seus mais diversos aspectos, por um interesse próprio ou por uma relação de poder em que um ser humano menospreza o outro em favor de si ou de um grupo.

Para Conceição Evaristo (2019) uma verdadeira mudança na mentalidade ou na ressignificação dos processos sociais, além de uma ressignificação nas instituições que sustentam um sistema (igreja, polícia, escola, família, governo, prisão) deveria acontecer para que um indivíduo pudesse viver em coletividade com verdadeira empatia. O Racismo cansa, e mata, por dentro e por fora.

Por isso, compreender esses sistemas muitas vezes falidos e iniciar uma luta com bases fundamentada no princípio da ética e da solidariedade, da empatia, do amor, da liberdade, da grandiosidade da Floresta Amazônica e das ancestralidades é desafio, é livre arbítrio e que escolhi para minha escrevivência junto a tantas outras manas. Em acordo com Conceição Evaristo (2005) “a nossa escrevivência não pode ser lida como histórias para ninar os da casa grande e sim para incomodá-los em seus sonos injustos”.

O Teatro do Oprimido nas prisões no Amazonas possibilitou algumas sementes de liberdade. Algumas cresceram e floresceram. Para a nossa

sociedade, muitas vezes é moral e aceitável compreender a mulher ou homem em situação de cárcere, o chamado “presidiário ou presidiária” como “lixo humano”, como alguém que não se adequou ao sistema e suas normas de comportamento e precisa ser trancafiado, humilhado, punido em variáveis de violência moral e física, independente da lei, do código penal ou constitucional existente.

[...] boa parte dos detentos que encontramos tem a necessidade vital de adotar um outro referencial para as suas vidas que não seja o crime. É nesse momento que o Teatro na Prisão se propõe a despertar e oferecer uma nova perspectiva de vida para essas pessoas, porque, muitas vezes, a prisão pode ser entendida como uma antecipação da morte, ou seja, como um lugar no qual o preso deixa de ter projetos. (FICHE, Natália. 2009, p. 15).

Em todos os processos de caminhada sensível por entre as grades das prisões envolvida pela grande Floresta, a chegada da nossa equipe, do Projeto Arbítrio, era tensa e intensa, pois nunca conseguimos normalizar a prisão, então causávamos certa resistência, o que poderia nos afastar. No entanto, havia uma plena consciência e confiança na metodologia do sensível e dialógica do TO, que tenta naturalizar a escuta das vozes de si e da(o) outra(o). Chama atenção na prisão feminina a forma como um abraço é dado, como o olhar é expandido ao sair da cela, como o corpo se dilata com a retiradas das algemas e a entrada ao espaço teatral. Tudo vive. A Floresta encontra alguma brecha para a entrada na prisão.

Após o jogo teatral, a preparação para o Teatro-Fórum com discussões em grupos, minimizavam-se as diferenças entre as mulheres em situação de cárcere, separadas por pavilhões e delitos oficiais. Na prática, entretanto, e por conta da falta de estrutura do sistema prisional, a mesma mulher punida por crimes com resquícios de crueldade e membra de facções consideradas perigosas, ficava em convívio com a mulher que furtou um *pacote de bolacha na taberna do seu Fernando* ou a mesma que fazia parte de roubos de bancos. Todas buscavam algum poder ou qualquer elemento que pudesse colocá-las em foco, no fundo, expressando a necessidade de serem vistas e ouvidas, portanto, amadas.

Esse corpo-bicho, corpo-rio e corpo-Floresta fala e não se cala quando é

motivado. No início das oficinas de Teatro na Prisão, recebemos um corpo contraído, escondido, especialmente quando o assunto era família e aliadas(os): resistência, culpa, vergonha, carência, lágrimas contidas, olhar cabisbaixo, voz embargada, necessidade de abraço, de ser amado ou amada, da necessidade da lembrança feliz, por menor que ela fosse. No presídio feminino, a mulher é esquecida, abandonada, não recebe visitas com frequência.

O começo do jogo sempre foi regado por insegurança, pelo medo da exposição ou da imposição a que tanto estavam acostumadas. Mas em minutos, as gargalhadas ou pulos ou expressões corporais mais inusitadas possíveis, em caso de jogos mais inusitados como *Jana cabana* e *Orquestra*, entre outros, surgiam num ato de explosão verdadeiras crianças, meninas/mulheres, cujo grau de espontaneidade inerente da criança estava lá, em um formato que brilhava. Mulheres brilhantes, com luzes irradiantes, libertas.

Todas as partes do indivíduo funcionam juntas como uma unidade de trabalho, como um pequeno todo orgânico dentro de um todo orgânico maior que é a estrutura do jogo. Dessa experiência integrada, surge o indivíduo total dentro do ambiente total, e aparece o apoio e a confiança que permite ao indivíduo abrir-se e desenvolver qualquer habilidade necessária para a comunicação dentro do jogo. Além disso, a aceitação de todas as limitações impostas possibilita o aparecimento do jogo ou da cena, no caso do Teatro (SPOLIN, Viola. 2010, p.6).

No Jogo Teatral *Jana Cabana*, fazíamos a roda e pedíamos três voluntárias para explicar o jogo: duas pessoas formam uma cabana e uma pessoa ocupa a cabana. Uma participante grita para as demais: *Cabana* (todas as pessoas que estão como personagens de cabana trocam de posições), uma outro participante grita: *Pessoa* (somente as pessoas mudam de posições e as cabanas ficam no mesmo lugar), uma outro participante grita: *Tempestade* (e todas as participantes, tanto na posição de pessoas ou cabanas trocam de posições). No início, a formação dos trios tinha planejamento, devido às amizades, pavilhões e facções. Depois, todas se misturavam e os estigmas e competição estimulada entre elas nos pavilhões se desfaziam naquele jogo e na repetição dele em cada oficina. Elas adoravam, gargalhavam e pediam sempre. Outro jogo que as desmecanizava e as colocava na situação de líderes e não

chefes ou como responsáveis por uma equipe era a Orquestra: As participantes se dividiam em grupos e cada grupo criava uma partitura corporal com som e imagem como se fossem os instrumentos de uma orquestra. A maestrina começava o jogo comandando os “instrumentos” à sua maneira, formando ritmos e melodias diferentes, com variações no volume, velocidade e intensidade. Cada grupo combinava antes seus sons e movimentos e, nesse experimentar, os corpos-rio fluíam sem nenhuma amarra, sem nenhuma algema.

Para o Teatro do Oprimido o foco se encontra na(o) ser humana(o) oprimida(o), humilhada(o), proibida(o) e excluída(o) por alguma razão social e coletiva. No caso, a propensão da opressão vai aumentando a medida em que se distancia do homem, branco, heterossexual e cristão.

Este método considera que todo o ser humano é um ser artista e o objetivo é motivá-lo a desenvolver o pensamento sensível – criador de arte e cultura – e o pensamento simbólico – referente à expressão e significado das palavras. Os jogos teatrais para atores/atrizes e não-atores/não-atrizes sistematizados por Augusto Boal, preconizam fundamentalmente a desalienação e a desmecanização do corpo e da mente ou motivam para este processo, que pode ser de longa duração a sua assimilação. Para Fiche (2009), aí se faz presente a intervenção do instrumento da prática teatral como possibilidade de criar outros horizontes ao detento ou detenta. Fiche (2009) refletindo Foucault em sua obra “Vigiar e Punir” (2014) destaca que:

A prisão é um sistema fechado onde se internam pessoas que cometeram delitos, que são fiscalizados em todas as suas ações até a sua recuperação, como deseja a sociedade. Esse sistema fracassou exatamente pela ausência de ações libertárias ligadas à construção do homem/mulher preso (a) em direção ao homem/mulher cidadão. O sistema penal transforma o (a) preso num corpo dócil e obediente que absorve a cultura do funcionamento institucional mostrando a sua ineficácia por ao estar em consonância com os princípios que estão na lei. [...] Portanto, não é a lei o problema da prisão, mas a prisão que não faz e nem respeita o que a lei prescreve (...) (FICHE, Natalia, 2009, p.13).

O Teatro, portanto, é a ação libertadora dentro da Prisão, onde a mulher em estado de cárcere sai desse estado e vai para o estado de mulher que se vê, que se vive, que é sujeita, cidadã e humana.

Certa vez, em uma das oficinas no presídio feminino provisório, em que a proposta era a utilização da técnica do *arco-íris do desejo* da metodologia do Teatro da/do Oprimida(o), duas das internas relataram, rindo muito, como seus pais batiam nelas na infância e potencializavam a ideia de que elas foram muito “arteiras e bagunceiras” e, portanto, mereciam tais punições. Esses pais precisavam cumprir as funções de uma masculinidade, hoje considerada tóxica e abusiva, em que o patriarca domina pela vigilância e punição a qualquer ameaça da mulher que tenta escrever sua própria história.

Relatavam que o galho da árvore da goiabeira (que tem características lisas e finas) era comum ser utilizado para surrá-las. Outra relata: *“meu pai me amarrava na árvore e batia bem forte, eu nem conseguia gritar (rindo), pois doía muito e ele ainda chamava meus irmãos pra cada um me bater do seu jeito. Depois eu roubava a pinga dele para me vingar (rindo muito)”*. A outra interna destaca ainda: *“vixe, isso aí não era nada, minha mãe chegava tão cansada não sei de onde, a casa virada de cabeça pra baixo, ela metia o pau, ela me batia até eu parar de respirar, teve uma vez que eu fui parar no hospital com tanta febre e feridas nas costas (rindo). Tinha uns 10 anos, mas coitada, eu não obedecia a ela, daí era normal ela me bater, eu tinha mais que aceitar, hoje eu dou valor”*.

Nesse relato, o abuso que se mistura com a ideia de proteção, os homens da casa, pais, irmãos e/ou mulheres sobrecarregadas oprimem, machucam, para manter alguma ordem que lhes é exigida. Como oprimidas(os), são também opressoras(es).

Nesse momento de suposta descontração na roda de conversa de Teatro-Fórum, todas riem. Eu e a equipe do projeto não conseguimos rir, estávamos paralisadas(os). Com um aperto no coração, eu imaginei exatamente as cenas, eu senti a dor delas, senti meu corpo quente de febre e dor, senti meus olhos encherem de lágrimas, permiti escorrerem algumas, elas perceberam e tudo bem. Foi então que percebíamos a força da violência patriarcal, de gênero, de raça, da colonização, tudo ao mesmo tempo. Perguntei se alguém mais gostaria de relatar algo parecido, todas se calaram, pausa e olhares tristes. Tratava-se de uma internalização de inúmeras opressões. Acredito que tenha sido uma pausa de consciência pela primeira vez sobre o que realmente havia acontecido com elas, uma pausa dolorosa, mas ao mesmo tempo libertadora, pois estávamos, aos poucos, nomeando as opressões.

Sugeri, então, que colocássemos em cena os aspectos mais importantes de cada história e que elas poderiam “eleger” a história que mais as representasse. Todos os grupos escolheram falar sobre a violência dos policiais, o assunto família foi “deixado de lado”, pois naquele momento era muito constrangedor e cheio de consciências que ainda não queriam ser tocadas. Seguimos respeitando o tempo do grupo, de cada uma e o nosso.

Descobri, aos poucos, que o assunto família, para as mulheres em situação de cárcere, era algo delicado de abordar, uma vez cobradas para serem as melhores filhas, esposas, mães, irmãs e amigas, por isso havia um sentimento de frustração por não terem conseguido alcançar essa “perfeição”. Segundo Simone Beauvoir (1980), na obra *O segundo Sexo*, “a gente não nasce mulher, a gente se torna mulher”, propondo uma reflexão sobre a construção cultural que é realizada para apresentarmos como mulheres determinadas aptidões específicas ao fazer feminino, induzindo a questionamentos tais como: existem aptidões específicas no fazer feminino? O que é o fazer feminino? Como ele foi construído, a partir de quais interesses? Como esse “tornar-se mulher” se cristalizou ou se desconstruiu no século XXI? Protagonizar as nossas histórias é urgente, tornar-se mulher indígena, preta, em retomada em processo necessário para que as vozes oprimidas, reconstruam-se e se expressem combatendo as opressões.

Há inúmeras vozes e enunciados dentro da prisão por meio do discurso e atitudes das internas, que contém em si, potências de teatralidades expandidas, em um diálogo de intimidades reais, do cotidiano, do viver, dos atravessamentos afetuosos. O teatro é lugar de fala, de liberdade na Prisão. Por isso, repensar o próprio teatro como campo expandido decolonial, acordar um imaginário, repensar práticas naturalizadas, por exemplo, é função do ensino, da educação e também da arte, que propõe o resgate do mundo sensível e a consciência do mundo simbólico. A partir disso, desalienamos, desmecanizamos, decolonizamos e pode ser possível transformar, no mínimo a nós mesmas (os) e o nosso pequeno mundo no entorno. Ouvindo a si e a Floresta que nos habita.

PARTE 3

3 AS VOZES DAS PARTICIPANTES DO TEATRO NA PRISÃO – LIBERDADE NOS PRESÍDIOS FEMININOS NA FLORESTA AMAZÔNICA



Figura 55 – Cena “Nós sempre tivemos Vozes” Teatro da Instalação – Mostra de Teatro UEA, 2017
 Fonte: Arquivo Projeto Arbitrio, foto autorizada.

*Foi-se a chibata, implantou-se a lei
 Ambas sob a tutela das mesmas mãos
 Mãos dos senhores de engenho Sinhôzinho, não me toque
 Mesmo lavando minha alma
 As marcas não sairão
 Eu sou princesa de angola
 Filha de rei e rainha*

*Não nasci pra lhe servir
 O meu reino não é aqui
 Pelos seus olhos somos vistos símbolo sexual
 A minha boca, meu cabelo, herança maternal
 Não vem se apropriar disso também*

*130 anos e nada mudou
E com 94 morreu meu avô
Quando me sangram é pela minha cor*

*É a carne mais barata que você deseja
É a minha carne que você deseja*

Misturar indígena e quilombola Como um passarinho preso na gaiola

*Deixe-me ir quero ir embora
Tire suas mãos de mim agora*

*É a carne mais barata que você deseja
É a minha carne que você deseja
Misturar indígena e quilombola
Como um passarinho preso na gaiola
Deixe-me ir quero ir embora
Tire suas mãos de mim agora
Eu sou aquilo que você queria ser
Eu sou aquilo que você queria ser
Eu sou aquilo que você queria ser*

*Eu sou princesa de angola
Filha de rei e rainha
Não nasci pra lhe servir
O meu reino não é aqui
Deixe-me ir quero ir embora
Tire suas mãos de mim agora*

Canção Minha Carne, de Preta Ferreira (2021)

A estrutura de classe social, raça e gênero, o que chamamos de interseccionalidade³⁰, isto é, os estudos que tratam de sobreposição ou intersecção de identidades sociais e sistemas relacionados de opressão está intimamente ligada ao encarceramento global em massa, ou seja, as prisões são reflexos e consequências diretas de uma sociedade que não tolera ver e ouvir pessoas não brancas ou qualquer diversidade de corpos (LEAL, Dodi. 2019).

Interseccionalidade é, portanto, abordagem que afirma que os sistemas de raça, classe social, gênero, sexualidade, etnia, nação e idade são características mutuamente construtivas de organização social que moldam as experiências das mulheres

³⁰ O termo “interseccionalidade” foi cunhado e utilizado metodologicamente pela primeira vez em 1989, pela estadunidense jurista e defensora dos direitos civis, Kimberlé Crenshaw, com a publicação do artigo “Demarginalizing the intersection of race and sex: a black feminist critique of antidiscrimination doctrine, feminist theory and antiracist politics”, mas conquistou popularidade acadêmica apenas em 2001, após a Conferência Mundial contra o Racismo, Discriminação Racial, ativista ex-escravizada, já apontava a desigualdade de gênero sob uma perspectiva racial desde 1851, seguida por militantes do movimento negro estadunidense que antecederam Crenshaw (KATIORENE, Carla. Interseccionalidade.p. 17)

negras e, por sua vez, são formadas por elas (COLLINS, Patricia Hills. 2019, p. 460).

Por muito tempo, a luta feminista deixou de lado as mulheres negras e indígenas e ainda nos encontramos em estado de *não lugar* ou mesmo das subalternidades acadêmicas e outras diversas esferas. Tendo em vista as diferenças grandiosas de expectativas geradas entre mulheres brancas e não-brancas, era necessário revelar essas diferenças. Na história do feminismo, a luta da mulher negra não estava em evidência, pois enquanto as mulheres brancas questionavam a saída de casa e dos afazeres domésticos para ida ao trabalho e à constituição de renda, as mulheres negras, e aqui estendo também às mulheres indígenas, por sua vez, sempre trabalharam e em serviços pesados, muitas vezes ainda em processos análogos à escravidão. A exploração do heteropatriarcado sobre os nossos corpos que ainda são vistos de forma hipersexualizada e para servir ao núcleo familiar tradicional branco.

A luta para nós, portanto, ainda é pelo direito de existir, com dignidade e respeito. Por isso o termo interseccionalidade veio para combater o racismo, o capitalismo e o heteropatriarcado de forma unida. Esses marcadores sociais – raça, gênero, classe social, etnia, sexualidade, por exemplo, nos atravessam comumente, de forma que nos excluem dos espaços e retiram nossos lugares de fala e representatividade legítimos. Daí a importância de interseccioná-los para compreender as causas, consequências e estratégias políticas contínuas.

Sobre a autora da letra da música *Minha Carne*, em questão neste item: Preta Ferreira, é ex interna de uma prisão no estado de São Paulo. Preta é Janice Ferreira da Silva, mulher negra nascida no estado da Bahia em 1984, na obra ela narra a forma e as causas de seu encarceramento em 2019, por mais de 100 dias. Como ativista no Movimento Sem Teto do Centro (MSTC) e na Frente de Luta por Moradia (FLM) da cidade de São Paulo, Brasil e conta sobre a criminalização dos movimentos sociais, tendo em vista a cruel colonização europeia e nos mostra o quanto precisamos caminhar, mobilizar e acabar com o racismo estrutural (ALMEIDA, Silvio de. 2021), que é base da criminalização dos movimentos sociais.

A prisão de Preta mobilizou a escritora Angela Davis e o Papa Francisco em sua defesa pública, o que gerou uma análise “mais apurada” do processo em

que se encontrava. O racismo prende, mata e silencia. Foram 100 dias de prisão por ser preta, mulher e ativista de movimentos sociais. Somente quando pessoas importantes a defenderam e colocaram em questionamento sua prisão por vias midiáticas, ela foi anulada. Portanto, os predadores são muitos. Ser Onça-pintada na selva dos ferozes opressores é quase certeza de sermos animais abatidos sem dó, nem piedade. As mulheres em situação de cárcere na Amazônia, nem ao menos têm a consciência sobre esses marcadores sociais que as atravessam. A maioria nega ser mulher negra ou indígena, consideram-se pardas ou brancas. Ainda que haja a negação da raça, a consciência sobre a classe social e o gênero nos ajudaram a chegarmos nesse marcador durante as oficinas de Teatro. Algumas delas iniciaram o processo de parar de ter vergonha do cabelo, da cor da pele, de si. Ao se olharem nos espelhos do camarim do Teatro, elas se viam como seres humanas.

As Vozes a seguir se encontram e refletem o estado de ser mulher, tornar-se mulher, ser mulher preta ou indígena, ou não branca, sendo da região Norte do país, revelando uma xenofobia legitimada do eixo de estados e capitais que comandam o Brasil aparentemente e sendo pobre, ou analfabeta, ou semianalfabeta, ou analfabeta funcional.

Os antecedentes históricos, ou seja, a conexão entre arte e encarceramento com os marcos da escravidão e o estabelecimento das primeiras instituições penais, quando trazidos para a linha temporal, evidenciam que o quadro do nosso sistema prisional atual tem forte relação com a forma como nossa sociedade foi constituída (NARVAES, Viviane. 2020, p.25).

Nossa sociedade foi constituída e construída nas bases da escravidão, do estupro, da exploração cruel dos corpos negros e indígenas. O Brasil não foi descoberto, ele foi invadido e minhas/meus ancestrais contam e recontam até hoje os sofrimentos que os dilaceraram, por não terem tido as mesmas oportunidades. Não esquecemos e quando esquecemos para nos embranquecer e “fazer parte”, nosso corpo-floresta reage, ele grita. Ou seja, as vozes dessa dor ressoam em cada rio poluído, transbordando de mercúrio e a morte dos peixes, em cada árvore derrubada, em cada área de floresta queimada, em cada animal abatido, cada povo morto. Carregamos as histórias na oralidade, na contação,

na teatralidade que é inerente aos povos originários, o que nos restou, carregamos a escrevivência como cura, a caminhada sensível para que sempre possamos olhar a Outra e suas alteridades de forma acolhedora, carregamos os rituais e a medicina da Floresta. Porém, não patenteamos todas as fórmulas como a indústria farmacêutica que, aliada ao capitalismo, faz além do necessário. Penso que somos o remédio vivo, o bem- viver.

Mas fomos enclausuradas(os), mortas(os). E se tornou comum, nessa sociedade patriarcal, branca e heteronormativa, a prisão ser uma instituição quase que natural e permanente, permeada por nossos corpos dissidentes. Corpos que não lutam com as mesmas armas do inimigo, entre um arco-flecha, uma zarabatana³¹ e a arma de fogo dos coronéis de barranco³² e a coação que eles fazem dos nossos corpos, ainda assim, só matamos em último caso. E como a Onça-pintada, raramente ela come a carne humana, a qual é venenosa e suja, ela se recusa. As pessoas que defendem o fim das prisões muitas vezes são rejeitadas como idealistas e utópicas, são as/os abolicionistas.

Abolir

Fazer cessar

Fazer parar

Dor e sofrimento

Entretanto, existe um poder maior, comandante: o Capitalismo e seus lucros. Portanto, a instituição prisão é lucrativa. Quanto mais as prisões se expandem, mais as empresas interessadas em administrá-las crescem, também, no fornecimento de bens e serviços como alimentação, uniformes, e até o corpo administrativo como assistentes sociais, agentes penitenciários, potencializando e rotulando as pessoas encarceradas como corpos escravizados e colonizados,

³¹ Zarabatana é uma arma que os/as indígenas utilizam para caçar pequenos animais e que consiste num tubo de madeira feito de caule oco, onde dentro, uma seta muito leve de 15 cm mais ou menos, e tem as pontas ensopadas em venenos de sapo, secreção e seivas venenosas da floresta.

³² Coronéis de barranco: É uma expressão amazônica. Não são coronéis conforme as patentes militares. Referem-se a homens exploradores, opressores e ricos devido ao comércio fluvial, muito populares durante o período áureo da borracha na região Amazônica. Barranco, refere-se aos pequenos morros na beira dos rios da Amazônia. e rotulando as pessoas encarceradas como corpos escravizados e colonizados, que podem morrer, que podem passar fome, que podem ser violados de todas as formas que não tem vozes.

que podem morrer, que podem passar fome, que podem ser violados de todas as formas que não tem vozes.

Portanto, se considerarmos seriamente as consequências de um sistema de justiça racista e preconceituoso, concluiremos que muitas pessoas estão na prisão apenas por serem, por exemplo, negras, chicanas, vietnamitas, nativas americanas ou simplesmente pobres, não importa qual seja a sua origem étnica. Essas pessoas são mandadas para a prisão não tanto pelos crimes que cometeram, mas principalmente por que suas comunidades foram criminalizadas (DAVIS, Angela, 2020, p. 123).

Se desvincularmos raça e punição, classe e punição, gênero e punição (DAVIS, p. 121), o que nos resta? O que faremos? O repensar genuíno, altruísta, considerando as alteridades como construção de uma sociedade mais justa, isto é, em um verdadeiro bem-viver, será o objetivo e, neste estudo e em todos os outros que vem antes dele, são sementes que querem florescer, se transformar em árvores acolhedoras e justas.

A fúria dos opressores é grande.

Mas há muita fúria na Arte e na Educação.

Não é arma de fogo, e nem faz doer ou sangrar

É Teatro, Território, é compreensão

De que somos só uma pequena parte

Da Grande Floresta

Da Grande Mãe

Que é Preta e/ou Indígena

Aqui entramos nas prisões com a fúria do Teatro.

A fúria é o Teatro

Somos arredias/os

Somos Onças-pintadas e formiga de fogo,

Cobra sucuri e escorpião preto, Gavião Real

Somos águas dos rios da Amazônia,

e corremos no meio das pedras mais fortes,

dos barrancos mais duros,

Somos Araras azuis e vermelhas,

Somos Andorinhas do Amazonas, Tucano,

somos espécimes raras

Prazer

Nos olhe de frente

As vozes do Teatro da Prisão saem das celas enferrujadas, úmidas e

cheias para sobrevoar os rios, os encontros, os desafios da liberdade.
Peço licença para conversar com três vozes.

Três vezes na água, água.

Tres veznagua, água.

Tresvesnagua, água

Com licença Mãe d'água.

Aqui me considero Onça-Pintada que arrebenta as grades da própria prisão para retomar a caminhada, a escrevivência e a cura. Mesmo machucada e colonizada, ainda sou Onça-Pintada em retomada, saindo do cativeiro, reaprendendo a andar de novo na mata, a comer e a lutar com os meus, as minhas. Ouço as *Vozes Andorinha do Amazonas, Águas do Rio Negro e Águas do Rio Nhamundá* como uma parte da Floresta e uma parte de mim. Somos nós todas em retomada.

Rememorando as escolhas: para esta pesquisa, foram realizadas entrevistas, encontros e material coletado em diário de bordo com vinte pessoas. A escolha de três vozes, refere-se primeiramente à necessidade de ouvir mulheres representantes sob três aspectos principais: uma mulher em estado de cárcere, outra de dentro da administração penitenciária e outra estudante voluntária do projeto *Arbítrio*. Além das mesmas estarem presentes desde o início do projeto em 2015 e acompanharem pelo menos de três a cinco anos.

Outro critério, foi respeitar na íntegra cada fala, gesto, expressões, sentimentos do começo ao fim das entrevistas, que teve um questionário semiestruturado, com tópicos relativos à história de cada uma, sua relação com a prisão e sua relação com o *Projeto Arbítrio: Teatro nas Prisões*. Quando transcrevi as vinte falas, percebi que tenho um dossiê com mais de 460 páginas, sem interpretações e reflexões dos temas, somente as falas. Ficaria extenso para este momento. Por isso, precisei escolher três Vozes, e o número três refere-se ao ritual que meus pais e minhas avós ensinaram-me sobre ser a partir dele que entramos em processos de mergulho nas águas e podemos começar a sentir a confluência dos rios. *Três vezes n'água* é o ponto de partida para o amadurecimento.

Portanto, as outras dezessete Vozes em que encontrei no meio da mata para esta pesquisa, não foram descartadas, pelo contrário, estão aqui de alguma forma, inspirando, reflorestando e reconstruindo, são referências tanto quanto estas três, e estarão detalhadas com sua amplitude vocal em obra a posteriori a esse estudo.

A utilização de nomes (pseudônimos) relativos à Floresta, deu-se pela questão ética da pesquisa, uma vez que estamos refletindo e denunciando sistemas opressores. Porém, mesmo tendo o *Termo de Consentimento* de cada uma delas e elas tendo a vontade de que seus nomes reais aparecessem, a escolha também se deu pelo motivo poético e autoficcional desta pesquisa. Então, elas mesmas sugeriram pistas e deram dicas sobre querer nomes de rios, ou pássaros, ou árvores e assim por diante.

3.1 As Vozes da Andorinha do Amazonas



Figura 56 – Cena do Rap das Cantoras: Liberdade na Prisão.

Fonte: Arquivo Projeto Arbítrio – Apresentação Mostra de Teatro UEA, Teatro ds Instalação, em 2017.

*Permita que eu fale
 Não as minhas cicatrizes
 Elas são coadjuvantes
 Não, melhor, figurantes
 Que nem devia tá aqui*

*Permita que eu fale
 Não as minhas cicatrizes
 Se isso é sobre vivência
 Me resumir a sobrevivência
 É roubar o pouco de bom que vivi*

*Por fim, permita que eu fale
 Não as minhas cicatrizes
 Achar que essas mazelas me definem
 É o pior dos crimes
 É dar o troféu pro nosso algoz e fazer nós sumir, aí
 Tenho sangrado demais (demais)
 Tenho chorado pra cachorro (aham)
 Ano passado eu morri
 Mas esse ano eu não morro*

*Trecho da canção Sujeito de Sorte – álbum AmarElo
 Emicida, Majur e Pablo Vitar*

Andorinha é uma mulher não branca com cabelos longos, pretos e lisos, com aproximadamente vinte e seis anos. Baixa na estatura e grandiosa nas estruturas subjetivas. Ela voa. E adora voar. O ano é 2022. Começamos o nosso encontro com um abraço bem apertado, sem algemas. Perfumada e arrumada ela está. Preparou-se como se fosse para um evento. Um calor de trinta e sete graus na grande Manaus. Os sons do trânsito com ruidosas buzinas silenciam naquele abraço, naquele encontro. Seus olhos grandes e castanhos sorriem com todo o resto do corpo.

Acompanhada da *Curupira*³³, sua ex-companheira de cela no CDPF e também participante do *Projeto Arbítrio*, não paramos de falar, pois são muitas lembranças, memórias e retomadas. Estamos felizes. Sentamos à mesa do café regional combinado, cuja mesa e bancos são feitos de troncos de árvores abandonados. Nenhuma atendente do café consegue nos interromper para saber o que vamos pedir para comer. Nossos corpos-Florestas estão conectados e em sintonia. São muitas falas sem parar, notícias de todas, as que morreram pelo Covid-19 ou foram envolvidas em novos assaltos, lembranças das situações engraçadas, da rotina do dia-a-dia fora daquela prisão.

Andorinha do Amazonas é um pássaro sagaz, pequeno, colorido e tem hábitos diurnos. É simples.

Finalmente conseguimos pedir uma tapioca com tucumã, queijo, coalho, banana pacovan frita e castanhas do Amazonas. Eu digo que acho melhor pedir uma grande, porém, a *Curupira* me explica que a grande é para servir cinco ou mais pessoas e que a tapioca média será o suficiente para nós três e, de fato foi.

Uma grandiosa Tapioca em cima de um recorte da folha de bananeira com todas as delícias da Amazônia dentro dela. Junto vem a garrafa de café e a outra garrafa de leite. Assim, nesse cafezinho da tarde, caminhamos nas memórias sensíveis que tivemos juntas. Foram quatro horas de encontro, além das outras duas horas e meia no carro juntas, pois fui pegá-las e deixá-las em casa. A elegante *Andorinha do Amazonas* começa a atualizar a entrevista que já

³³ Curupira: pseudônimo dado a outra mulher que esteve em estado de cárcere durante longos anos e participou ativamente do projeto Arbítrio. E em 2022 encontrava-se em estado de liberdade.

havíamos tido. Entretanto, naquele ano de 2019, na primeira entrevista, ela ainda estava dentro das prisões.

As Vozes de dentro da prisão, finalmente, projetam-se quando saem das celas e voam. Por isso, nesta pesquisa, eu resolvi refazer os caminhos, reencontrando essas mulheres fora da prisão para ouvi-las novamente e quantas vezes fossem necessárias, pois suas vozes têm a melodia amplificada da floresta, das águas dos rios, dos pássaros e todas as entidades que habitam esse lugar.



Figura 57 - Andorinha Azul da Amazônia
Fonte: acervo Pinterest – foto de Fábio Paschoal, animais da Amazônia

Vozes de Andorinha do Amazonas:

Quando surgiu a proposta do Teatro dentro do sistema prisional, eu já “tava” com três anos e meio já dentro do sistema e a gente não tinha muita oportunidade de se comunicar com as pessoas e era só a vivência mesmo que a gente tinha lá dentro e, quando apareceu essa oportunidade pra eu me comunicar, fazer novas amizades, ter um convívio diferente do que a gente vivia ali dentro, eu achei muito massa, por que era uma oportunidade que ali se abria, porque tinha tudo

contra, comportamento, tudo. Era uma porta pra mim pra eu poder mudar meus pensamentos, assim, mudar minha maneira de agir e de pensar.



Figura 58 – Foto aérea Complexo Penitenciário do Amazonas. BR 174 km 08
Fonte: site da SEAP-AM

Vozes da Onça-pintada: Escolhi as vozes de *Andorinha do Amazonas*, por terem sido marcantes nas unidades prisionais do Amazonas. Sua cela era localizada no pavilhão três da unidade prisional “Casa da Barbie”, pavilhão destinado às mulheres rotuladas como criminosas perigosas, cujo artigo penal se referia a homicídio qualificado.



Figura 59 – - Entrada do CDPF-AM - "A Casa da Barbie" - Centro de Detenção Provisória Feminina.
Fonte: arquivo da autora

Onça-Pintada: Andorinha nunca “foi fácil e dócil” para a administração do presídio que preza pelo corpo dócil e disciplinado (FOUCAULT, 2001), seu corpo pequeno, elegante, reluzente e ágil, tinha a inata habilidade de voar. Ela sempre foi muito falante, organizou algumas fugas na prisão anteriormente e era tida como “impossível de reintegrar” nas vozes da psicóloga, de algumas assistentes sociais da empresa privada que também administrava aquela unidade e na voz da direção executiva do Presídio. No entanto, a voz da *Árvore Samaúma*³⁴, diretora geral do presídio, disse-me:

– “Onça, um dia quero o Teatro com as meninas do pavilhão três, não sei mais o que fazer.”

Eu prontamente lhe disse :

– Eu quero muito, muito mesmo fazer Teatro junto com elas.

O nome do Projeto “ARBÍTRIO” traz a mim esse desafio, do ser livre, das escolhas possíveis.

A *diretora Samaúma* disse:

– *Se você quiser, podes convidar já! Mas ela* então me indagou: “*tu garantes?*”

Como se me desafiasse ao risco iminente de eu não conseguir realizar as oficinas de Teatro e conduzir os processos de estado de Liberdade. Eu também não sabia.

– Não sei, mas confio nas minhas ancestrais e na força do Teatro que liberta”.

Samaúma sorriu e me disse:

– “Tu és pequeninha né, mas gostei. Eu acredito em você”.

Eu e *Samaúma* não nos conhecíamos, tivemos um primeiro e forte contato na unidade prisional Desembargador Raimundo Vidal Pessoa, no centro da cidade, onde ela, já diretora, emocionou-se na roda com todas as mulheres se apresentando e dizendo seus nomes em 2015. Dizendo seus nomes e não seus números.

As vozes das minhas ancestrais vieram imediatamente em meu pensamento e reverberaram num eco estrondoso:

³⁴ A *Samaúma* é uma das árvores mais extraordinárias da Amazônia por seu gigantismo. Sagrada para povos da antiguidade do continente, como os maias, seu nome remete à fibra que pode ser obtida a partir de seus frutos.

– “eu acredito em você, eu acredito em você”.

Quando Andorinha adentrou a arena de Teatro pela primeira vez, ela veio desconfiada, mostrando sua cor, suas asas e me dizendo em tom ameaçador

– “quero ver o que é isso aqui como é”.

Embora eu presenciasse alguns olhares, pousados em face sem rugas, endurecidos e desprovidos de esperança, que colocavam em dúvida a própria eficácia da minha proposta, me fazia lembrar sempre que o projeto não tinha como objetivo a imposição, tudo se daria por meio da conquista, lenta e gradual, porque o tempo de despertar está totalmente vinculado com as experiências emocionais que os jogos teatrais também evocam. Para alguns, era prazer. Para outros, dor. (MARCELINO, Carla. 2020, p.17).

Vozes de Andorinha do Amazonas:

– *Eu passei um tempo participando, ainda saí do sistema pra fazer uma apresentação lá no Teatro da Instalação, no centro, e foi muito top, muito top mesmo, e foi quando eu comecei a ver o mundo diferente, por que eu era muito jovem e eu também pensava, tipo, eu não pensava em mim, na minha vida, na minha família. Eu não tinha noção assim, de que a vida era tipo aquilo e passava, eu não tinha noção. Então, quando eu comecei a participar e aí eu conheci as meninas e os meninos; a Onça, a Sucuri do Amazonas e Formiga de Fogo³⁵ e outros que eu conheci. E eles eram pessoas que motivavam a gente, diziam que a vida não acabava ali, então eu gostava muito, era muito top.*

Eu acredito que eu fiquei ali no projeto, até eles cancelarem o projeto do sistema, e eu sentia até falta, porque... Quando o grupo do Projeto ia, era uma coisa assim, era um momento que a gente saía da realidade que a gente vivia, por que era muito escroto, muito escroto mesmo viver ali, num local pequeno, sem espaço, com poucas pessoas. Mas o que fortalecia todo mundo eram amizades que a gente fazia, independente da gente “tá” num lugar ruim e era muito legal que todas as mulheres que “tavam” ali no projeto, davam apoio pra

³⁵ Onça, Sucuri e Formiga de Fogo: Pseudônimos dados a mim (Onça), e a duas/dois estudantes voluntárias/os do projeto, que mergulharam profundamente nessas águas, abraçando cada parte do espetáculo, das mulheres em situação de cárcere. Sucuri é uma espécie de cobra grande, comumente conhecida como Anaconda e, Formiga de Fogo, é uma variação da espécie da formiga Jiquitaia, que tem uma ferroada potente.

outra, uma ajudava a outra, eu acho que era... Acho não, tenho certeza que era isso que fazia a gente não fazer besteira, porque eu vi muitas mulheres, assim, muitas não, umas três, quatro mulheres, tipo não aguentar e se suicidar. Eu cheguei a ver, e é um lugar muito escroto mesmo, porque sei lá, eu não sei explicar, assim... Mas era muito escroto.

Vozes da Onça-pintada: Nunca mais fomos as mesmas depois que adentramos as prisões. A palavra esperança fez um sentido real em minha vida. Na pequena experiência de minha vida até agora, a esperança de dias melhores. Essa vida sofrida e de sobrevivência quem viveu com potência foram todas(os) que vieram antes de mim, por isso me considero quebrando algum ciclo de sofrimento, recuperando alguns espaços de fala. Lembro que meu paizinho contava:

– *Eu sentava naquela sarjeta, na calçada, pra esperar tua mãe descer com as crianças (minhas irmãs mais velhas) da casa da tua vó e, enquanto isso, o cansaço tomava conta de mim. Eu pensava: “como vou sustentar uma família, fazer faculdade de Direito, sendo pobre, e ainda conciliar três empregos?” Mas quando eu via tua mãe e as meninas chegando, as lágrimas se transformavam em esperança. Quando eu sentia aquele abraço delas, isso me fazia pensar que era possível .*

Martin Luther King Jr., que também escreveu coisas incríveis enquanto esteve preso, argumentou que nós deveríamos entender a esperança como uma força compartilhada em comunidade e não como uma forma de otimismo individual. Dessa forma a esperança não pode ser um estado fácil ou passivo de existência. Ela requer muito trabalho coletivo e luta a serviço de conceitos amplos como justiça, liberdade e paz. [...] O teatro na prisão pode servir como uma força ativa para tal luta, dando riqueza e sentido para o difícil trabalho de encontrar e manter a esperança estando dentro dos muros (LUCAS, Ashley. 2020, p.200).

Vozes da Andorinha do Amazonas:

– *Cara, o que eu nunca me esqueço é que quando a gente foi fazer a nossa apresentação de Teatro fora do sistema (prisional), você fez a gente escolher várias músicas e eu até hoje escuto essa música, quando eu lembro, eu me emociono, porque é uma realidade... Porque, tipo, tem pessoas que escutam várias músicas e não prestam atenção na letra e essa música foi muito marcante,*

que era até, era a música do Legião Urbana, que ele fala né, que é preciso amar as pessoas como se não houvesse o amanhã.

*É preciso amar as pessoas
Como se não houvesse amanhã
Por que se você parar pra pensar
Na verdade não há
Sou uma gota d'água
Sou um grão de areia
Você me diz que seus pais não lhe entendem
Mas você não entende seus pais
Você culpa seus pais por tudo
E isso é absurdo
São crianças como você
O que você vai ser Quando você crescer?*

Trecho da música Pais e Filhos, de Renato Russo.

Vozes da Onça-pintada: Após um tempo de rotina do *Projeto Arbítrio*, tal como a Onça-pintada, andávamos devagar, achando as trilhas certas, no meio da mata, sentindo o barulho, o cheiro do ambiente, até termos certeza para nos colocarmos .

Então, em 2016, conseguimos entrar com um pequeno rádio e um CD player com músicas variadas. Havia levado o pen drive, CD, e o rádio pertencia à Universidade com o adesivo: “patrimônio da UEA-AM”. Não sei qual foi o critério de escolha da SEAP entre o CD (que se quebrado, é um objeto cortante) ou o pen drive, um pequeno dispositivo, com espaço para armazenar diversos arquivos, músicas etc. Seria eu uma espiã de alguma facção criminosa ou enviada de algum órgão ou Ong para fiscalizar? Precisávamos pensar em tudo, a sensação de vigilância era intensa.

Como sempre fazíamos, na frente do presídio, essa unidade chamada de “Casa da barbie” por ser totalmente pintada na cor rosa, aludindo à boneca Barbie, branca, loira, olhos verdes ou azuis, magra, rica e residente de uma casa rosa, com um carro rosa, de roupas rosas. Uma ironia velada das expectativas projetadas àquelas mulheres em situação de cárcere e abandonadas. A “Casa da Barbie” era a primeira das unidades após alguns quilômetros de estrada (ramal pequeno após a BR 174), cercada pela Floresta. A cor rosa e seu glamour estabelecido pela referência da boneca era apagado quando misturado a sete portões grandes com grades de ferro e desgastadas. O calor queimava a pele,

fazia escorrer do couro cabeludo o suor que ia descendo pelo pescoço até as costas, umidificando as roupas. Já entrávamos cansadas na prisão, são muitas contradições,
 pouco vento,
 muita árvore,
 muitas grades,
 muito sol
 pouca Luz

Em cada portão havia uma guarita com agentes penitenciárias e também agentes penitenciários. As mulheres com o seu uniforme específico de agente, cinza, com coturnos pretos, cabelos presos em coque, sem nenhum acessório (brincos, pulseiras, relógios ou anéis) e muita maquiagem, a qual marcava suas expressões faciais, batons vermelhos ou escuros, sobrancelhas e olhos pintados e muito perfume. De certa forma, por um lado, algumas agentes penitenciárias estavam dizendo com seus corpos às mulheres em cárcere:

– *Estou aqui te prendendo, nessas grades, e “sou livre” para me maquiar, sabia? Sou livre e você não.*

Percebíamos as relações de micropoder que ali se concretizavam. Outras, porém, eram parceiras e humanizadas, inclusive levavam maquiagem para alguma delas. Só não sabíamos mais detalhes sobre essas trocas. Pois tudo na Prisão, todas as trocas tem seu objetivo e todos se conectam com a necessidade do falar, do se expressar e do ser ouvida.

Nós escutávamos àquelas vozes da ilusão da mulher livre, uniformizada e disciplinada pela corporação, que foi treinada para reproduzir vozes de punição e organização. Porém, elas estavam tão presas quanto as outras, mergulhadas em seus uniformes, numa postura disciplinada, reta, vozes de imposição, as cores da maquiagem representavam os tons da liberdade,

Será a liberdade colorida, expansiva?

Algum grito com cores, alguma expressão.

O barulho das grades, dos portões,

abre e fecha,

ferro,

correntes,

cadeados,
molho de chaves,
algemas.

Era como se fosse uma luta selvagem, lutar contra a própria natureza,
a essência da liberdade, do expressar.

Nascemos corpo-Floresta.

Somos moldadas ao corpo-máquina.

Alienadas.

Mecanizadas.

Afundamos no corpo-prisão.

Somos presas fáceis.

Animais abatidos pelos predadores.

Para as suas vaidades.

Onça-Pintada: ultrapassamos os corredores da prisão, tiramos os acessórios que nos compunham: brincos, colares, anéis... E nossas pulseiras de semente de açaí e juta, amarradas ao tornozelo ou aos punhos das mãos, com muitos nós, como proteção... Quem as usava, teve de cortá-las. Ali iniciávamos o despir, o vestir o corpo-prisão.

Já ouvíamos as vozes,

os ecos dos pavilhões,

Passamos por mais um portão

Mais outro,

Mais outro.

Atravessamos uma pequena área aberta onde era possível ver chão.

Ver terra, ver verde e o céu sem grades.

Chegamos ao portão do antigo refeitório.

Agora sem mesas ou cadeiras.

Onde o corpo-prisão com o corpo-Floresta se reencontravam.

Ali estávamos.

Uma visão:

portões se abrem, celas se escancaram, algemas de prata brilhante não apertam mais os punhos, os braços.

Os Abraços!

Pausa.

O abraço é longo, apertado,
 corpos se dilatam, irradiam,
 são Onças- pintadas, são formigas jiquitais,
 Andorinha do Amazonas,
 são macacas Guaribas com vozes estridentes,

são Araras vermelhas, azuis, coloridas,

Tucanos imponentes,
 Curupiras, rios, pássaros, bichos, árvores se encontram
 Respiramos.

As celas se esvaem.

Onça-Pintada: Nos cumprimentamos no abraço, sorrisos, nós nos revemos, fazemos a roda, o alongamento, o aquecimento, depois sentamos em roda como grandes amigas, algumas deitadas com a cabeça no colo da outra, como quem deita no colo da mãe, estamos esparramadas ao chão, livres, em conexão. Ouvimos as músicas e uma chama atenção. Todas cantam em coro, um coro onde pela primeira vez ouço vozes de cantoras, de mulheres fortes, leves, com afetos e cheias de coragem. No refrão da música:

*“é preciso Amar as pessoas como se não houvesse amanhã Porque se você
 parar pra pensar, na verdade não há”*

Os corpos se dilatam ainda mais, é possível ouvir o coro delas, sentir um resto de vento que vem de fora, ouvir os pássaros da Floresta, como se quisessem participar da grande orquestra. Finalmente, algum livre arbítrio, o Teatro. O Corpo-Floresta se apresenta.

Não sabia que elas sabiam toda a letra de “pais e filhos”, onde elas se colocavam como “mães e filhas”, uma saudade, expressavam as culpas, as opressões e também uma brecha de liberdade que fala sobre o amor no refrão.

As mulheres sempre tiveram um papel do servir, do obedecer, do concordar, do submeter-se. As mulheres não brancas, por sua vez, cuidavam dos filhos, da limpeza, da comida e até da satisfação sexual dos senhores da Casa Grande. Percebia que a própria letra da música as levava a um lugar de

acolhimento e ao mesmo tempo de culpa, por terem sido abandonadas, sem receber visitas, comidas, abraços. Pois, para elas, a culpa estava nelas, por não terem servido direito, como se tivessem desviado do caminho do patriarcado, do machismo, do racismo. Elas foram colocadas ali como corpos-prisão, como objeto-corpo-prisão. Sexualizadas, subalternizadas. A mulher leva a culpa sempre em relação ao projeto heteropatriarcado existente e, muitas vezes, não percebemos que não há culpa, mas sim uma construção histórica e opressora sobre os nossos corpos.

Então, naquele espaço-tempo, estávamos escrevendo. Lembra-me a escritora, mulher preta, poeta e persistente Carolina Maria de Jesus (1914-1977), a qual Evaristo suscita como um exemplo de ruptura dessa subalternidade.

Quando uma mulher como Carolina Maria de Jesus crê e inventa para si uma posição de escritora, ela já rompe com um lugar anteriormente definido como sendo o dela, o da subalternidade, que já se institui como um audacioso movimento. (EVARISTO, Conceição. 2005, p. 28).

Então, a cultura da mulher não branca sexualizada, tida como um corpo subalterno, com a presença ativa da promiscuidade e objetificação de todos os seus poros, ainda existe e persiste. O Teatro na Prisão pode ser a estratégia de movimento para esta subalternidade se esvaír, “durante a escravidão, a mulher negra começou a desenvolver um conceito depreciativo de si não apenas como mulher, mas também com ser humano” (Davis, p.186). Não há conformidade e aceitação quando elas eram machucadas ou estupradas na prisão ou fora delas. O estupro é inadmissível em qualquer situação. Desde a escravidão, o que há, é o medo, é a imposição como um corpo-prisão. Entretanto, o nosso corpo-rio que flui como corpo não branco (preto ou indígena) foi colocado e rotulado nesta perspectiva de depreciação, de hipersexualização. E demoramos um tempo para compreender estas nuances. Homens brancos impõe a prsotiuição até os dias atuais, potencializando o corpo negro e indígena como uma “carne” barata e portanto, percebemos que esse letramento racial e de gênero é dolorido e lento. Enquanto isso, essa depreciação vai nos atravessando e continua nos machucando consciente ou inconscientemente.

O uso do estupro como um instrumento de terror pela supremacia branca antecede em alguns séculos a instituição do linchamento.(...) Em conjunto com o açoitamento, o estupro era um método extremamente eficiente para manter tanto as mulheres negras quanto homens negros sob controle. Tratava-se de uma arma rotineira de repressão (DAVIS, Ângela. 2016, p.187).



Figura 60 – Cena de Teatro-Fórum sobre solitária, estupro e abusos na prisão.
Fonte: print da reportagem TV À Crítica, na unidade CDPF, 2015.

Na prisão, o Teatro-Fórum sempre revelava algumas dessas opressões, das idas à solitária, do contato com os agentes e do quanto voltavam machucadas depois de um mês. Enquanto elas cantavam e, deitadas ao chão, recebiam colo, atenção, disposição, naquele espaço-tempo sentíamos o amor, e portanto, a liberdade.

O conceito de que pessoas que cumprem pena podem amar outras e que outras pessoas as amam perturba a própria ideia de prisão. As prisões por definição, prendem as pessoas que exilamos intencionalmente, aquelas que causam danos, as pessoas que não queremos ver. Quando reconhecemos essas pessoas em sua humanidade plena, como seres complexos capazes de amar – não apenas desejo sexual e objetificação, mas a variedade e tipos sutis de solidariedade humana e altruísmo que nos cercam todos os dias – fica mais difícil dizer que tudo o que eles merecem na vida é punição (LUCAS, Ashley. 2020, p. 116).

O Teatro começava a revelar alguma humanidade, apagada pelo sistema até então.

Vozes de Andorinha do Amazonas:

– *Então, eu aprendi também com essa música que às vezes a gente, tipo, a gente “tá” aqui, às vezes a gente tem momentos assim... Top e a gente não sabe enxergar e, muitas das vezes, a gente só valoriza quando acontece algo que afasta né, afasta a gente das pessoas que a gente gosta, que a gente quer perto.*

Então, foi um dos momentos marcantes da minha vida, foi essa música, foi muito top. Nos pavilhões existia muita briga porque eu acredito que era o estresse do dia-a-dia também, mas tinham mulheres que... Como eu posso explicar, assim, esse negócio de facção, tipo, a gente ter um artigo. Meu artigo era o 157³⁶ e o 121³⁷ e, como eu fazia assalto, eu não me considerava uma pessoa, tipo, pra elas né, porque lá tinha o Comando que comandava lá e dava ordens e colocava as regras dentro sistema, entre as internas mesmo.

Onça-Pintada: O Pavilhão três da CDPF, entre os anos de 2015 e 2018, quando o *Projeto Arbitrio* esteve atuante semanalmente no regime provisório, era considerado um lugar que deveria ser esquecido, em que aquelas mulheres não eram consideradas pessoas e não havia, para elas, “salvação”. Todas cumpriam e aguardavam o julgamento para acusações de crimes hediondos com “resquício de crueldade”.

Vozes da Andorinha do Amazonas:

–Então, existia muita coisa assim, ruim lá dentro: pessoas que apanhavam, eles batiam, cobravam, tu não podia errar, tu não podia falhar, tinha que andar conforme eles ordenavam, e se tu vacilasse ou tu dava voltas na quadra e a quadra era enorme e às vezes quando a pessoa errava também, brigava entre as celas, discussão assim entre as meninas mesmo, aí as (meninas) do Comando Geral, elas sempre davam uma disciplina na internas, graças a Deus

³⁶ Artigo 157 do Código Penal Brasileiro: “Subtrair coisa móvel alheia, para si ou para outrem, mediante grave ameaça ou violência a pessoa, ou depois de havê-la, por qualquer meio, reduzido à impossibilidade de resistência: “Pena - reclusão, de quatro a dez anos, e multa”.

³⁷ Artigo 121 do Código Penal Brasileiro: “matar alguém: Pena – reclusão, de seis a vinte anos. O código esmiúça cada tipo de homicídio (simples, qualificado, culposo, feminicídio) e o aumento ou redução da pena para os diferentes casos e tipos.

eu nunca passei por isso, eu cheguei a presenciar pessoas, assim, machucadas, ensanguentadas, entendeu?

E aquilo me desesperava, eu imaginava que aquilo poderia acontecer com qualquer uma pessoa, até comigo, mas graças a Deus nunca aconteceu comigo, mas acontece muito. Acontecia né, por que hoje em dia, quem tem o controle do sistema já é o pessoal da Direção mesmo, da cadeia. Antes, quando eles não tinham o controle, eu tô falando da época que eu “tava” dentro e eles não tinham o controle do sistema. E existia uma competitividade entre mulheres, por que tem casal de mulheres lá dentro, então, existia sim esse negócio de uma querer ser melhor que a outra. Se uma não tivesse, por exemplo, “eu não tenho visita, eu não recebo visita, então eu não recebo rancho essas coisas”, e a pessoa que recebe visita, já recebe rancho e essa pessoa já queria ser maior que as outras que não recebiam. Eu já tive sempre essa visão diferente, eu já gostava das pessoas que não tinham nada pra oferecer, por que eu aquelas pessoas serem oprimidas por um rancho, uma bolacha, essas coisas, e isso era muito triste né. Eu tenho uma amiga que eu aprendi muito com ela, que é a Curupira – mostra a Curupira e a elogia muito na sua frente – a Curupira é uma pessoa muito top cara, tô te falando, foi uma das melhores pessoas que eu conheci lá dentro, mana, essa mulher tem uma humildade de que, não sei explicar, mas ela é muito top e ela ajudava muita gente e ela me ensinou também a ter essa humildade que eu não tinha.



Figura 61 – Cartazes da Liberdade. Aula de TO com pinturas nos cartazes, em 2016.no CDPF.
Fonte: Arquivo Projeto Arbitrio.

A humildade que eu não tinha, tipo, eu pensava muito em mim, eu não enxergava os problemas do próximo, as dificuldades do próximo e eu comecei a aprender sobre isso, eu não era uma pessoa... Tipo, eu cheguei a ser, logo que eu cheguei, eu era arrogante, mas eu deixei de ser arrogante com o tempo e fui aprendendo muita coisa lá dentro e graças a Deus eu sou uma pessoa melhor.

No Teatro a gente se sentia feliz... Ali era o lugar onde todo mundo se sentia bem, todo mundo se sentia ser humano de verdade e sentia especial, se sentia alguém de verdade, era o único momento que a gente se sentia ser humano, por que quando acabava aquilo, a gente voltava a se achar aquele lixo né, o pessoal (da prisão) fazia a gente se sentir.

Vozes da Onça-pintada: o reconhecimento da humanidade é possível no Teatro, seja ele feito dentro ou fora das prisões. Porém, dentro delas, torna potente a energia vital do corpo-floresta que nos habita, porque ele é ruptura, é liberdade.

As apresentações revelam-se como pretexto para gerarmos encontros: as mulheres encontram-se com pessoas que não viam há tempos e, mais, fora do enquadramento prisional. Após a primeira apresentação, tivemos a oportunidade de conversar com o grupo sobre a experiência e convidá-las a fazer alguns registros escritos. Neles, em primeiro plano estava a satisfação em serem reconhecidas de outro modo, não a partir da condição do encarceramento. (VETORI, Caroline. 2020, p.21).

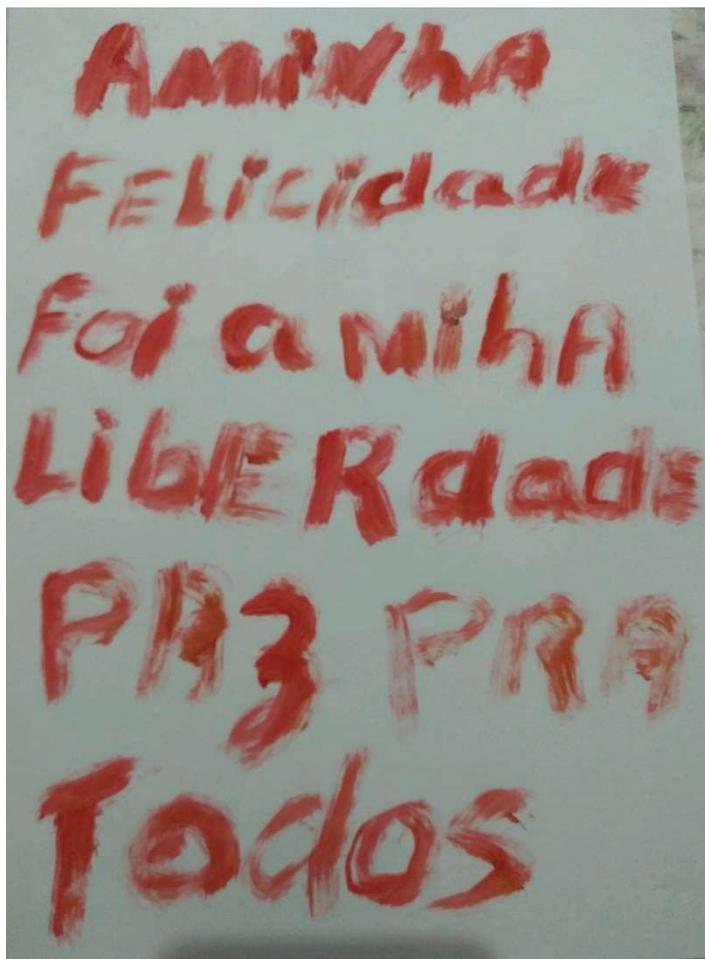


Figura 62 - Pintura Felicidade e Liberdade. Aula de TO, para preparação de Teatro-Fórum. CDPF, 2017.
Fonte: Arquivo Projeto Arbítrio

Vozes de Andorinha do Amazonas:

– *Eu passei, ao todo, sete anos dentro do sistema e foi necessário eu passar esses sete anos. E eu não entendia, eu perguntava de Deus: “Senhor, por que eu não saio?”. Eu via gente entrando, saindo, voltando e saindo de novo e eu lá dentro. Aquilo me desesperava, me dava angústia, dava vontade de desistir de tudo, só que Deus sempre colocava no meu coração que era necessário eu passar por aquilo, eu entendia dessa forma, que era necessário.*

Quando eu saí, eu acredito que foi tudo uma prova de Deus na minha vida, porque quando eu saí, foi muito rápido, muito rápido mesmo, só que eu voltei em menos de um mês, eu voltei de novo. E quando eu voltei eu não entendia, mas eu já estava querendo entender, eu tava querendo entender que aquilo lá era propósito de Deus. Aí eu voltei e passei um ano e dois meses, aí foi quando eu saí de novo: o juiz fez uma soma errada e daí isso a causa da minha volta.

Vozes da Onça-pintada: o sistema judiciário brasileiro é composto em sua maioria por homens, brancos e cisgêneros, recheados pelo conteúdo opressor do machismo e do patriarcado, esse sistema de dominância sobre os corpos, especialmente o corpo das mulheres. Essa fala ainda ecoa, pois é comum essa situação: erro matemático. Ou machismo, ou racismo implicitamente, “o juiz fez uma soma errada, e daí isso a causa da minha volta”

Ou seja, ela estava vivendo ou tentando viver e, de repente recebe um mandato de prisão, pois seu nome voltou para o sistema, o sistema de dados e computadores, arquivos e números, que não enxergam nenhuma mulher, nenhuma subjetividade. Algemas, camburão do carro da polícia, estrada, rodovia, Floresta, unidade prisional, ela estava lá dentro novamente.

Na prisão, a ausência de sentido é exacerbada. Na proposta do Teatro na Prisão, essa ausência pode ser minimizada através da vivência propiciada pela representação, por intermédio do corpo, da voz e da possibilidade de explosão do seu próprio inconsciente. O diálogo com a liberdade sai da cela e invade o espaço cênico. O homem se torna sujeito (A mulher se torna sujeita), constrói novos diálogos com a vida. O teatro se coloca em cena e procura um contato maior com os sentimentos do prisioneiro (ROCHA, Maria de Lourdes Naylor. Teatro na Prisão: a dramaturgia da prisão em cena. p. 163, 2006).

Vozes da Andorinha do Amazonas:

– Hoje eu, como pessoa, cara, eu mudei muito, eu mudei demais mesmo. Porque antes de entrar no sistema, eu era uma menina rebelde, eu não obedecia meus pais, não estava nem aí pra minha família, não tinha perspectiva de vida, não tinha projetos, não tinha sonhos, eu era uma menina frustrada, viciada em drogas. E hoje em dia eu olho assim pra trás, eu fico olhando, te juro, eu sei lá, eu me emociono, porque chegar aonde eu cheguei hoje, eu agradeço muito a Deus e a minha mãe também, por que ela nunca desistiu de mim.

Onça-pintada: “minha mãe nunca desistiu de mim”. Por que a maioria das mães de mulheres encarceradas desistem delas e as mães dos homens encarcerados não? Nesse caso, Andorinha é uma exceção, pois até mesmo os pais resolvem desistir delas.

Vozes de Andorinha do Amazonas:

– Durante esses sete anos, ela sempre esteve ali comigo, independente de eu não ter sido uma filha, uma boa irmã. Meu irmão entrou em depressão no tempo que eu fui presa, então tudo isso eu analiso e olho para o meu passado e vejo que hoje eu me tornei uma pessoa melhor, uma melhor como? Eu já estou há três anos na rua, e esses três anos que eu tô na rua, eu voltei a estudar, terminei meus estudos, tô fazendo um curso técnico em enfermagem e me sinto muito

bem em poder, tipo, hoje, em querer ajudar as pessoas. Antes eu fazia mal pras pessoas, tipo, eu botava uma arma na cara de pessoas trabalhadoras, eu roubava famílias, entendeu? E hoje em dia, eu tô cursando uma área assim, que eu vou ajudar pessoas. Então, eu acredito que é aí que eu vou compensar todo mal que eu fiz. Se um dia eu fiz mal, hoje em dia eu vou ajudar trabalhando nessa área, eu me sinto uma pessoa realizada, uma pessoa muito feliz por eu ter chegado aonde eu cheguei, por ter conseguido recomeçar, porque eu tô vivendo um recomeço.

– E eu agradeço ao Projeto (Arbitrio), porque elas tiraram aquela trava da minha visão que eu não enxergava entendeu, e ver que não existe só maldade no mundo e ainda existem pessoas boas, que mesmo estando no pior lugar, ali te ver como um ser humano e te ajuda né, como você quer e precisa e te dá aquele apoio que você não espera de ninguém, e o Projeto chegou e me apoio muito, me fez eu me sentir um ser humano de verdade e me mostrou que eu podia ser além do que eu pensava e conquistar tudo que eu quisesse e com força de vontade e correndo atrás, que é o que tô fazendo hoje.

– Eu agradeço muito a equipe do projeto, pessoas que eu não esqueço, são pessoas que foram muito top comigo, fizeram eu mudar meus pensamentos e ser a pessoa que eu sou hoje.

Às vezes quando chegava a noite e a gente não conseguia ver o céu, e as grades não eram grades, eram umas coisas muito pequenas assim que a gente olhava, eu olhava pelo burquinho procurando alguma estrela, eu queria ver a estrela, eu queria ver o céu à noite, sentir o vento da noite, essas coisas né, aí eu sempre tentava ver as estrelas, mas eu não conseguia.

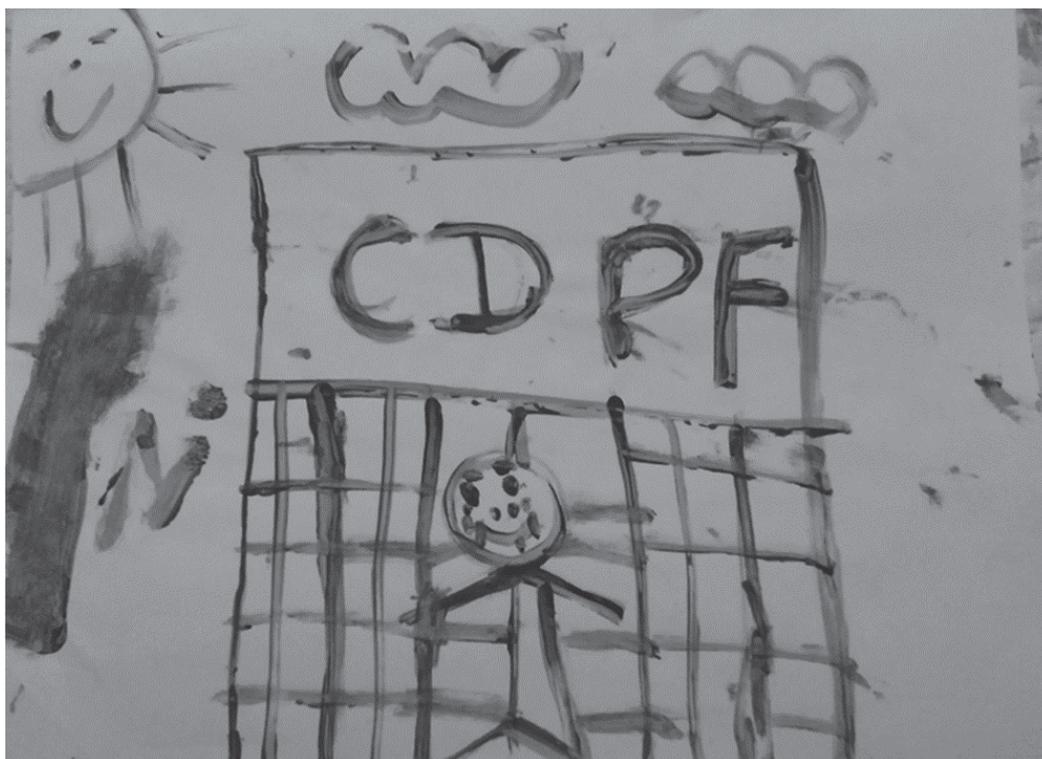


Figura 63 - Prisão e Floresta. Desenho feito por Andorinha do Amazonas, aula de TO. Preparação Teatro-Fórum, CDPF, 2017.

Fonte: Arquivo Projeto Arbítrio

E lá no CDPF, como ele era bem no meio do mato mesmo, eu sempre ouvia barulho de animal e aquilo me dava medo, porque, sei lá, eu imaginava várias coisas, se entrasse...

– E lá entrava muito bicho, tipo aranha, cobra, escorpião, esses três bichos entrava muito e a gente tinha tipo duas vagas, era tipo um beliche. E quando a cadeia ficava super lotada, tinha gente que dormia no chão então, muitas das minhas companheiras de cela já tinham presenciado cobra perto da grade assim, e desesperadas a gente chamava os agentes pra levar, matar, pra fazer alguma coisa com esses animais né, e tipo a gente via muito, só que a gente sentia medo, porque a gente estava, como é que eu posso dizer, isolada, não podia fazer nada e aquela época aquelas coisas invadiam ali.

Vozes da Onça-Pintada: penso sobre essa mistura contraditória que nos habita: a prisão e a floresta, o corpo-prisão e o corpo-Floresta. *Andorinha do Amazonas* tem características e vivências indígenas, como mulher do Norte. Ela ainda não se autodeclara como indígena, tem vergonha. Ela sente ainda vergonha de muitas coisas, embora ela já consiga voar, o seu pouso é cheio de vozes e barulhos colonizadores. Porém, seu corpo amazônico já se dilata e se mostra,

com posicionamentos e coragem para se acolher e acolher as outras.

Um fato notório é que as mulheres indígenas são grandes desconhecidas, seja nas políticas públicas, na tradição etnológica. (...) Isso se deve principalmente ao pouco destaque recebido pelas mulheres nos estudos antropológicos; esta sua lacuna tem sua origem na oposição público x privado na qual foi dívida a vida social pela tradição acadêmica, com conseqüente depreciação doméstico, além da tradicional supremacia masculina nas organizações [...] Viver na cidade é considerado pelas mulheres indígenas um grande desafio, pois envolve o distanciamento das referências e dos laços de grupo, além das dificuldades e obstáculos comuns à população de baixa renda para conseguir-se manter. Isso gera um triplo sentido de exclusão, muito focado nos discursos de liderança: além de conviverem com o preconceito por serem indígenas, ainda soma-se a isso a sua condição de mulher interiorana (SANTOS, Fabiene. 2012, p. 96- 100).

Vozes da Andorinha do Amazonas:

–Mas também eu gostava quando amanhecia o dia e ia pro banho de sol, e via aqueles passarinhos, que vinham de monte assim, aí eu imaginava e falava pras minhas amigas: “eu queria ser um passarinho, livre, poder ir pra onde eu quisesse”, e a vida do passarinho é muito boa, tipo, porque lá dentro a gente não valoriza essas coisas. Lá dentro a gente via que até os animais viviam bem, e quando eles pegavam choque³⁸, eu ficava “tadinho deles, dos bichinhos pegando choque e morrendo, animal é inocente né?”. Era muito isso.

Vozes da Onça-Pintada: Será que somos essas *Andorinhas* voando e sobrevoando, espalhando sua cor, sua vontade de viver livre, ágeis, com um canto agitado e cheio de ritmo? O capitalismo nos mata de choque, nos aprisiona, nos abate como animais selvagens, para serem pendurados em suas salas da Casa Grande, como pura vaidade.

Cada indivíduo dessa civilização que veio para saquear o mundo indígena é um agente ativo dessa predação. E estão crenes de que estão fazendo a coisa certa. Talvez o que incomode muito os brancos seja o fato de o povo indígena não admitir a propriedade privada como fundamento. É um princípio epistemológico. Os brancos saíram, num tempo muito antigo, do meio de nós. Conviveram com a gente, depois se esqueceram quem eram e foram viver de outro jeito. Eles se agarram às suas

³⁸ Os passarinhos da Floresta no entorno das unidades prisionais, muitas vezes morrem ao tentar pousar nos muros revestidos por cercas com eletrochoque. E isso afetava profundamente, não só *Andorinha do Amazonas*, mas outras personagens entrevistadas, ex- internas da prisão.

invenções, ferramentas, ciência e tecnologia, se extraviaram e saíram depredando o planeta. Então, quando a gente se reencontra, há uma espécie de ira por termos permanecido fiéis a um caminho aqui na Terra que não conseguimos manter. (KRENAK, 2020, p. 115).

Vozes da Onça-Pintada: a ideia é que continuemos a luta para continuar sendo Andorinhas do Amazonas, fiéis ao caminho do bem-viver, do coletivo, da liberdade para sentir o banho de sol e ver a poesia do dia amanhecendo ou do dia indo embora, certas que os voos sempre continuam.



*Figura 64 - Algemas e Liberdade. Desenho feito por mulher em situação de cárcere, aula de TO, unidade CDPF, 2017.
Fonte: Arquivo Projeto Arbitrio*

3.2 As Vozes das Águas do Rio Negro

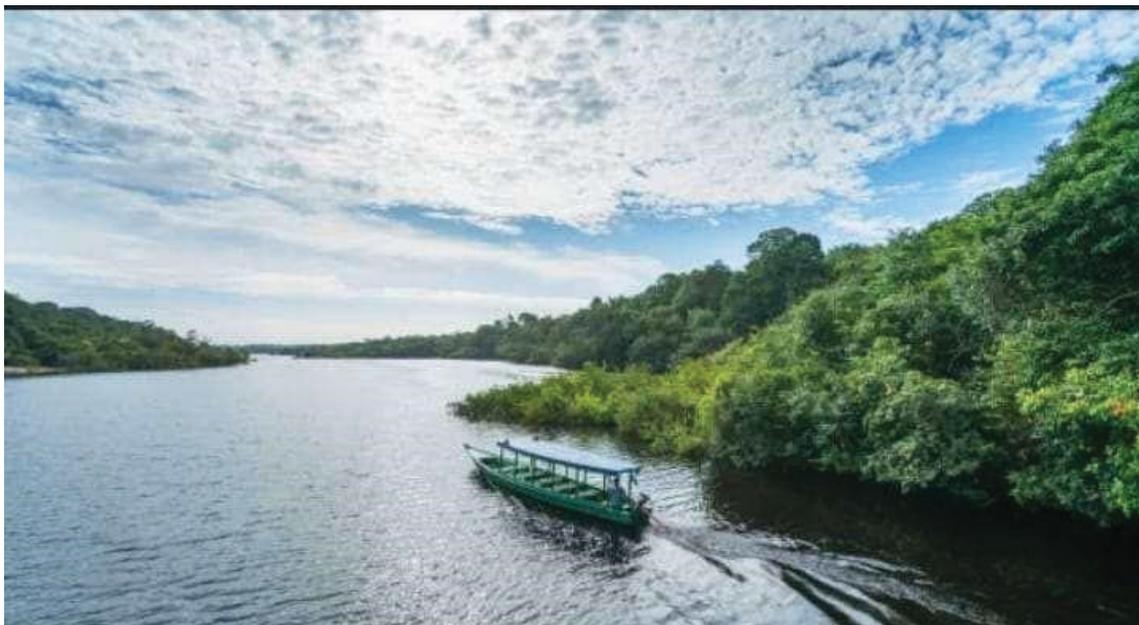


Figura 65 - Rio Negro, AM-Brasil.

Fonte: Banco de imagens e fotos iStock

*Meu choro não é nada além de carnaval
É lágrima de samba na ponta dos pés
A multidão avança como vendaval
Me joga na avenida que não sei qual é*

Trecho da música “Mulher do fim do Mundo” Elza Soares

O trecho da música da ativista e cantora negra brasileira Elza Soares (1930-2022) foi sugerido pelas Vozes das Águas do Rio Negro em entrevista atualizada em 2022 via whatsapp e vídeo-chamada. O trecho representa superação e ao mesmo tempo versa sobre alguém que não teve opção além de tentar se levantar em todas as situações de opressão, ou era isso, ou era apagada e silenciada. Trata-se da Voz de uma estudante negra, participante do Projeto Arbítrio desde 2015 a 2020 e, em seguida, líder e professora de Teatro, contratada pela empresa terceirizada que administrava o sistema penitenciário do Amazonas em 2017, do maior complexo prisional do Amazonas – o regime fechado masculino – Compaj (Complexo Prisional Anísio Jobim). Ela pôde

vivenciar com mais consciência pedagógica e artística e de forma intensa seu processo formativo dentro do *Projeto Arbítrio*. Sua pesquisa final da graduação em Licenciatura em Teatro (TCC), foi sobre a experiência formativa no Projeto Arbítrio e, como egressa da universidade, adentrou mais ainda as grades da prisão e abriu algumas por meio do Teatro. As Vozes das *Águas do Rio Negro*, em sua velocidade e vontade, mudaram as perspectivas de si e do seu entorno, a partir da convivência com homens e mulheres em estado de cárcere, posicionando-se cada vez mais em confluência com as intersecções de classe, raça e gênero.

O Rio Negro é o maior afluente da margem esquerda do rio Amazonas, na Amazônia, na América do Sul. É o sétimo maior rio do mundo em volume de água. Forma o Encontro das águas com o Rio Solimões. São rios que não se misturam devido às diferenças de composição e acidez, aliada à temperatura e à velocidade das duas correntezas, porém se respeitam e formam o maior rio do mundo, o rio Amazonas. Rio Negro é um rio objetivo, com menos sedimentações que o rio Solimões, temperatura maior (28º) e muito mais ácido e, devido à acidez das águas, tem menos peixes que o rio Solimões, é um rio que se resolve, por isso o pseudônimo dado a estudante que fala pelas vozes dessas águas. O recorte de raça, gênero e classe social junto a quantidade de tempo que permaneceu e acompanhou o projeto Arbítrio, foram fundamentais para sua escolha nesta pesquisa.

Ela inicia sua prática nos presídios femininos e masculinos e após se tornar egressa do Curso de Teatro da Universidade, ela envereda como professora líder de Teatro dos presídios masculinos. Ela foi atravessada pelas situações de machismo, racismo, xenofobia e gordofobia. Como mulher negra, sua Voz é necessária, urgente e curativa para ressaltar o Teatro na Prisão como possibilidades de Liberdade.

Vozes das águas de Rio Negro:

– *Nasci em fevereiro de 1995. Desde os quatro anos moro na zona norte de Manaus, com minha mãe e meu irmão desde de sempre. Sou de uma família simples, mas nunca (graças a Deus) passei fome! Estudo desde os quatro anos de idade e como estudante sempre fui esforçada para fazer as minhas*

atividades, mas nunca fui tão dedicada para ler livros, ou pesquisar assuntos que não fossem destinados ao interesse escolar. Desde a alfabetização, tive um estudo tradicional até o ensino médio, exceto no jardim II, pois aprendíamos brincando, a minha professora era super legal, ficamos tão próximas que me lembro de ir para a casa dela e dormir lá e ela me dava vários papéis coloridos para eu brincar e escrever cartinhas, me divertia pra valer!

Vozes da Onça-Pintada: o processo formativo na educação infantil, especialmente com acolhimento e entendimento de docentes no plano da interseccionalidade de raça, classe e gênero pode mudar a trajetória de vida das(os) discentes, como no caso marcante da professora que as Águas do Rio Negro relembra, ela dava papeis coloridos e incentivava o brincar e a escrita pelas cartinhas. O ensino formal sem essa perspectiva, pode ser uma tragédia na vida de muitos indivíduos, que devido a não consciência dos recortes interseccionais que lhe atravessam, vão se tornando subalternos na sociedade, e sendo marginalizados(as). Uma das consequências dessa subalternidade é a Prisão. Por isso, a importância do incentivo ao corpo-bicho, corpo-rio e ao corpo Floresta desde a primeira infância.

Vozes das águas do Rio Negro:

– Mas na alfabetização não tinha tanta diversão assim, minha letra era “feia”, me recordo que uma vez a professora me deixou na sala sozinha escrevendo de castigo, e deixou todas as demais crianças irem brincar, eu me senti mal naquele momento em pensar que a minha letra era a mais feia da turma, esse não foi o único episódio que me recordo na alfabetização. No dia de tirar a foto para o certificado, minha mãe havia feito duas tranças no meu cabelo e na hora da foto minha “querida” professora tirou as tranças na frente dos meus coleguinhas de sala, e meu cabelo ficou todo bagunçado, ficaram rindo de mim, nesse momento me senti muito feia e envergonhada, me lembro muito bem da vontade que estava de chorar, e segurei imensamente essa vontade, e internalizei todos aqueles sentimentos, no que resultou na vergonha do meu cabelo, de sentir que as meninas que tinham cabelo liso eram mais bonitas do que eu. MAS SÓ HOJE PERCEBO A DUREZA E A SULTILEZA DO RACISMO, AFINAL, SER BONITA

ERA ATENDER AOS PADRÕES DE BELEZA DAS MULHERES BRANCAS COM CABELOS LISOS.

Até a minha adolescência, odiava meu cabelo. Minha mãe até mandou alisar, mas graças a Alá voltou ao normal depois de um tempo. Interessante lembrar-se desse momento que influenciou durante muito tempo a minha vida, fazendo ter preconceito de mim mesma, mas depois superei todas essas frustrações.

Vozes da Onça-Pintada: a educação e momentos marcantes de acolhimento, da pedagogia do afeto, incentivo à autonomia que ela teve durante algumas séries do ensino fundamental, médio e graduação, pode ter permitido essa superação. Assim, consideramos que, no caso das mulheres em situação de cárcere, o nível de alfabetização escolar e política é extremamente baixo, a maioria não conseguia assimilar a escrita, não tiveram acesso a ela e, portanto, ao progresso nos campos das atividades formais escolares. Foram reprovadas desde então. E no Teatro, devido à potência da oralidade da Pedagogia da Onça-Pintada dentro do Teatro do Oprimido, que permite o acesso à metodologia das Ancestrais, do falar, do relembrar e constante compartilhar, a punição não mais existia, ou seja, não havia mais o certo e o errado, somente as brechas da liberdade eram valorizadas e todas as expressividades eram bem-vindas.

Vozes das Águas do Rio Negro:

–Cresci no lar cristão, até certa idade eu usava somente vestido e saia, eu queria usar calça, mas minha mãe dizia que calça era para meninos, eu ficava muito chateada, pois via muitas meninas de calças, mas até que chegou um dia que ela deixou, eu tinha uns 10 anos. Assim também em relação a pintar as unhas e usar maquiagem, somente aos 15 anos tive essa liberdade. Deixando bem claro que

NO ENTANTO, COMO TODAS AS MULHERES DE SUA ÉPOCA, ELA CONSIDERAVA QUE SER MENINA ERA USAR VESTIDO E SER MENINO ERA USAR CALÇA.

Vozes da Onça-Pintada: todas as mulheres evocadas nesta pesquisa podem ter não atendido às expectativas de suas mães, que tentaram sair de suas prisões

internas, mas projetaram em nós, a organização de seus conflitos. Traímos a nossa mãe. Ou melhor, traímos e ousamos questionar o patriarcado que as oprimia. Nossas mães, avós e todas que vieram antes, apenas foram vítimas desse sistema tão humilhante. Somos a revolução, mesmo sofridas, somos menos sofridas que antes. Já não usamos mais vestidos como regra, usamos todos os figurinos possíveis para nos apresentarmos e ocuparmos nossos lugares de fala. Essa mulher que existe hoje em nós foi desconstruída e reconstruída. Isso explica o abandono da maioria das mães às mulheres em situação de cárcere ou a tentativa de “salvá-las”. O que também explica, as filas intermináveis em dias de visita aos presídios masculinos, em sua maioria formada por mães. Tornar-se mulher é doloroso, porém necessário para uma sociedade mais humanizada.

A menina é mais totalmente dependente da mãe: com isso as pretensões desta aumentam. Suas relações assumem um caráter muito mais dramático. Na filha, a mulher não saúda mais um membro da casta eleita; nela procura seu duplo. Projeta nela toda a ambiguidade de sua relação consigo mesma; e quando se afirma a alteridade desse alter ego, sente-se traída. É entre mãe e filha que os conflitos de que falamos assumem formas exasperadas (BEAUVOIR, Simone. 2019, p. 320).

Vozes das Águas do Rio Negro:

– *Isso revela o quanto ainda estamos envolvidos em uma sociedade machista, como vítimas dela, mas podemos também ser instrumentos de mudança, como hoje me sinto.*

*Nós somos mulheres de todas as cores
De várias idades, de muitos amores
Lembro de Dandara, mulher foda que eu sei
De Elza Soares, mulher fora da lei
Lembro de Anastacia, valente, guerreira
De Chica da Silva, toda mulher brasileira
Crescendo oprimida pelo patriarcado, meu corpo
Minhas regras
Agora, mudou o quadro
Sou tudo que um dia eu sonhei pra mim.*

Trecho da Canção adaptada por Doralyce

Vozes das águas do Rio Negro:

– *Uma coisa que marca muito são os olhares dos presos dos agentes, dos alunos, de como eu fui um baque, tipo, "quem é essa mulher?"*

Eu ouvi muitas coisas, ouvi:

– *"Será que ela é professora mesmo? Professora de Teatro no Presídio? O que que essa mulher está fazendo aqui?"*

– *Agentes: "Por que você está aqui, professora, por que você não trabalha com outra coisa, a senhora está aqui no meio do monte de homem, desses presos, a senhora não devia tá aqui".*

– *Por que eu não deveria estar lá? Por que eu sou mulher?*

Essas coisas eu ouvia bastante dos agentes e me entristecia muito, porque, meu Deus, eu "tava" com tanta garra, força de dar minhas aulas, de conversar com eles.

Vozes das águas do Rio Negro

– *Algo que marca muito, são os advogados, que já são uma outra aquisição, já estão ali em um patamar de hierarquia diferente dos presos.*

Eles falaram para mim: "Nossa como você é uma preta bonita", ou seja, como você tem sorte de ser uma preta bonita, pois geralmente as mulheres negras tem o nariz largo, elas não são muito bonitas. Eles falaram isso pra mim, um deles, branco, alto. É, ouvi isso (suspiros de cansaço). Ou seja, eu tive sorte, na cabeça dele, de nascer, com um nariz um pouco afilhadinho, tu acredita nisso Onça, Onça Martins? Tô aqui falando e refletindo ao mesmo tempo.

Vozes da Onça-Pintada: sendo homem em situação de cárcere, ou homem como profissional do direito, no caso um homem advogado, ambos alimentam e potencializam as opressões do machismo, que vê o corpo da mulher preta ou indígena de forma hiperssexualizada, ou seja, como um objeto na prateleira de um supermercado, nas estantes mais inferiores, como aquelas em que colocam os produtos mais baratos ou de marcas menos divulgadas.

Vozes das águas do Rio Negro:

– *Então, as minhas inseguranças vêm da minha adolescência, por eu não ser branca do cabelo liso, loira, o que era dito como bonito naquela época. E era mesmo, na escola é muito assim. Tipo, depois, o cabelo enrolado vira moda,*

entendeu? Mas na minha época de adolescência, ainda não era moda; Então, todas essas inseguranças eu trago comigo, aonde eu for né.

Eu já ouvi de presos, lá da P1 (pavilhão 1), quando a gente entra na P1, você já se depara com aqueles olhares né, tipo quem é essa mulher nova na área, isso logo quando eu cheguei. E sim, tem gente que desrespeita, gente com aqueles olhares, e quando você passa na P3, quando você vai entrar na cadeia, tinha a ala dos estupradores e você passa por ali, você já sai carregada, pois os olhares são de atravessar, me atravessam. Mas eu não ouvia só “elogios”, os presos falavam outras besteiras, tipo, alguns falavam, “ah professora, a senhora tem que dá uma emagrecida né? A senhora tá gordinha?”

Vozes da Onça-Pintada:

O padrão corporal da mulher magra, esbelta como a boneca Barbie, branca e loira dos olhos claros, é uma opressão constante às mulheres em estado de cárcere, e todas nós que estamos envolvidas como professoras de Teatro. Eu, por exemplo, sou baixa, nariz grande, não-branca, uso franja e também saio desse padrão. O que nos faz comumente, estarmos em estado de mulheres cansadas em ter que lutar pela existência do próprio corpo. Por isso, somos corpos políticos, que expressamos nossa luta pelo território ancestral, assim que chegamos em qualquer lugar. Nossa presença ainda causa dúvidas e muitas cobranças.

Vozes das águas do Rio Negro:

– Agora vamos falar das mulheres, das mulheres que iam visitar esses homens. As mulheres me marcavam muito, muito. Porque quando eu estava lá, eu queria estar participando de tudo, eu fazia triagem, fazia isso, fazia aquilo, porque eu queria participar de todo aquele processo da cadeia para entender o funcionamento. E as mulheres, eu via nelas a rivalidade, de quando uma chegava, os olhares, sabe, o sarcasmo, de um ar de superioridade, de uma querer ser melhor que a outra. Eu sou mais bonita, o meu preso tem mais dinheiro, essas coisas, eu via nas mulheres, o que foi construído nelas né, essa rivalidade, tipo, elas falavam assim: ah quando a gente vai visitar o preso eles tratam a gente com muito amor, mas lá fora é só porrada. Então, essas mulheres, elas me marcavam demais. Eu gostava de conversar com elas, mas algumas

eram bem mais fechadas, nem todas eram super abertas, algumas me tratavam mal também. E a maior parte dessas mulheres que iam lá, dessas famílias, elas também estavam muito estressadas, por tudo, por ter que vir de longe, tinha todo um estresse para chegar ali. Então, eu via elas carregadas, cansadas, tristes. Elas, às vezes, estavam bem arrumadas, algumas, mas o semblante, às vezes, sempre carregado, sempre cansado, de algo que eu sentia como se elas precisassem se libertar também, sabe, alguma coisa. Existiam uma ou outra ali mais falante, mas de modo geral, elas eram bem fechadas, em relação a conversar.

Outra coisa que reverbera muito também é o Homem Representante, é um cara que tem grana. Então, a mulher dele, é dita como a mais bonita, tem um corpo mais padronizado. Então, é uma disputa, de quem tem a mulher mais bonita, como se a mulher fosse um objeto mesmo.

E os próprios alunos na roda falando sobre mulheres.

– “Professora, a senhora precisa ver aí fora como é que é: o bagulho é doido. Elas brigam, é porrada, é bomba, por causa da gente, entendeu?”

– Ou seja, eles colocam a mulher nesse lugar de objeto e de obrigação de parceria abusiva e tóxica,

– “ela tem que ser minha parceira, tem que tá comigo pra tudo, tem que fechar comigo entendeu, se for pra matar a gente mata.”

– Eles veem a mulher como uma cúmplice incondicional e se não for assim, não é a mulher pra ele. Por isso, essas mulheres me marcavam demais, pois o semblante delas muito fechado, muito triste, a maioria, umas já chegavam falando e falando, mas mesmo assim, era como se fosse uma alegria escondida sabe, e algumas tinham muita vergonha de está ali.

Outra coisa, tanto na cadeia feminina, quanto na cadeia masculina, quando eu fui fazer uma triagem uma vez, sem ser com você Onça no Projeto Arbítrio, pois de vez em quando a gente tinha que ir e vir em alguma cadeia do complexo, o que me marca e eu ouvia algumas coisas é o seguinte: a mulher ela sempre tem medo, medo de ser traída, por que a maioria das mulheres são traídas, não que não aconteça o oposto, mas as mulheres tem medo de ser rejeitadas, de não serem amadas, parece que aquelas mulheres estavam sempre procurando ser amadas pelos homens, por que se não foi amada, não foi mulher completa, sabe, tipo:

“eu não tenho meu amor, não tenho um homem ao meu lado, então não sou uma mulher completa”, então se tem ainda um processo muito minúsculo disso, processo minúsculo, digo, delas serem autossuficientes, elas não se sentem assim, elas se sentem totalmente dependentes, elas sempre veem os homens, acima delas, mesmo que elas “peitem” e falem: “ah não, eu sou assim, assado”, parece que elas sabem que o homem é que tem o maior poder na sociedade.

Uma coisa importante: eu tive mais medo de entrar na cadeia feminina do que na masculina, parecia que elas queriam me bater. Sentia a rivalidade na minha frente, sobre ter uma outra mulher ali, pois elas estão toda hora competindo quem é a mais bonita, quem vai ficar com o fulano, quem vai ficar com o ciclano, foi construído isso nelas né.

E na cadeia masculina não, os presos me tratavam super bem, me davam até de comer às vezes: “a senhora quer isso, quer aquilo”, por eu ser mulher, então eu tinha medo mais da feminina do que da masculina por conta disso, tudo por eu ser uma mulher, né. Então, eu tive que lidar com isso. Quando eu entrei na feminina, nossa, eu ficava com medo, certa vez tinha até uma lésbica que me disse:

- *“você tá olhando pra minha esposa? Respondi:*
- *”Meu deus, não, não estou”.*
- *Nesse dia eu tava de palhaça, fiquei com muito medo naquela hora, que a gente entrou de palhaça uma vez na cadeia, tá querendo minha mulher?*

Vozes da Onça-Pintada: a reprodução do machismo nas unidades prisionais femininas é frequente. Encaixar-se em algum papel legitimado pela sociedade, é uma luta constante entre elas e uma imposição das próprias regras da cadeia. Ter uma unidade prisional com paredes revestidas na cor rosa, por exemplo, é o indício de vozes punitivas e vigilantes dizendo: “Você precisa ser mulher conforme o gosto e as expectativas dos homens. Vistam rosa, sejam femininas, usem vestidos, fechem as pernas ao sentar-se, falem baixo, não estudem mais que os homens, não gerem discórdias no casamento, obedeçam.

OBEDEÇAM, OBEDEÇAM, O-BE-DE-ÇAM.

As vozes das águas do Rio Negro, desde a primeira experiência em sala de aula no Curso de Teatro da Universidade, mostraram-se alertas e ágeis, prontas

para quem quer dizer algo, mas sem saber elaborar. Hoje, vejo que além de ela ter elaborado nas cenas de Teatro-Fórum e vivências de TO na universidade, pôde também, ampliá-las, evocá-las e lutar frente a frente com o patriarcado e masculinidades tóxicas nos presídios masculinos do Amazonas, tendo uma visão profunda como suas águas, de como é possível potencializar liberdades nas prisões e quem sabe retornar aos presídios femininos sem tantos medos e acidez, compreendendo que o tornar-se mulher exige de nós muita união e sororidade. E muita desobediência ao sistema.



Figura 66 - Pés no Palco. Cena Música pela liberdade. Apresentação Teatro da Instalação, Manaus, 2017. Fonte: Arquivo Projeto Arbítrio.

3.3 As Vozes das águas do Rio Nhamundá



Figura 67 - Rio Nhamundá que banha os estados de Roraima, Amazonas e Pará. É um dos afluentes do rio Trombetas e a principal via de navegação entre as cidades de Terra Santa, Faro e Juruti, no Pará e Nhamundá, no Amazonas.
Fonte: foto de Zilton Fioravante Filho, disponível em Portal da Amazônia

Vozes da Onça-Pintada: Águas do Rio Nhamundá é o pseudônimo utilizado neste estudo para descrever a voz a seguir: ela é uma mulher branca de olhos verdes, com 62 anos de idade, casada com o pai de seus três filhos, sendo duas mulheres e um homem na faixa etária dos trinta e cinco a quarenta anos. É a quinta filha de oito filhos (sendo quatro mulheres e quatro homens) de uma mãe professora primária e um pai agricultor. Nas Vozes das Águas do Rio Nhamundá nos encontramos com a força de uma mulher que utiliza seus privilégios para realizar alguma reparação histórica, por ser mulher branca, graduada e pós-graduada, de classe social média, que atendeu as perspectivas de gênero impostas pela sociedade tradicional – mulher, mãe, casada, com filhos formados em faculdades, um casamento duradouro, vitoriosa na carreira profissional e também em busca de retomadas de suas referências amazônidas. Fundadora e líder do Departamento de Reintegração do Sistema de Administração

Penitenciária do Amazonas. Em suas vozes, ela tentou, insistiu e persistiu em causar algum estado de humanização no sistema prisional. Mulher advinda do Estado do Pará, banhada pelo Rio Nhamundá, embarca na confluência das águas amazônicas para falar mais livre, agora de fora do sistema prisional.

Uma mulher coordenadora e articuladora de ações que marcaram a entrada do *Projeto Arbítrio: Teatro na Prisão* nas unidades prisionais do Amazonas, bem como sua articulação com os coletivos de mulheres do Amazonas na luta por direitos básicos e, como conselheira, viu de perto a importância de seu cargo e responsabilidade para efetivar mudanças

Voices das águas do Rio Nhamundá:

– *Sou natural de Terra Santa/PA, meus pais nos levaram para Óbidos/PA em busca de melhoria de vida, cheguei em Manaus aos quatorze anos, casei aos vinte e dois anos e morei dez anos em Nhamundá/AM, uma ilha agradabilíssima onde os meus filhos passaram a infância. Depois, retornei para Manaus em busca de uma melhor qualidade de ensino. Tenho três filhos: duas médicas e um administrador de empresas. Tomei todas as dificuldades e desafios de minha vida como ferramenta de aprendizado e burilamento da alma. Sou muito grata a Deus e a todas as pessoas que fazem parte da minha história, incluindo Você, pois, buscava uma parceria desse naipe e o universo se responsabilizou para nos encontrarmos.*

Voices da Onça-Pintada: a influência da cultura paraense junto à Floresta Amazônica é muito presente em sua filosofia de vida e discurso. Esta entrevista foi concebida e atualizada em 2022, após três anos de sua saída do sistema prisional no Amazonas. Ela começa lembrando um encontro com uma mulher egressa do sistema prisional e lembrando como foi bom vê-la fora de lá.

Voices das águas do Rio Nhamundá:

– *Encontrei sábado com uma moça vendendo laranja, banana, num carro velho, achei interessante uma mulher, no caso com tanta coisa naquele carrinho, eu olhei para ela, ela olhou para mim e eu olhei para ela...*

– *Dôtorá, a senhora está por aqui é?! – E eu respondi:*

– *Sim, que legal, tô muito feliz por você trabalhando e fora do sistema. Ela me disse:*

– *A senhora sabe, que aquele dinheiro que a senhora conseguiu da Afeam³⁹? não deu muito certo para mim não, de fazer comida, prefiro estar assim, solta, melhor.*

Pensei: ela mudou, saiu, e está trabalhando, é o que importa né?

Vozes da Onça-Pintada: quando uma mulher sai do estado de cárcere, a sociedade impõe que esse estado não saia dela. Por isso, o emprego informal é uma das direções mais comuns no sustento das famílias, pois o estigma regido pelo preconceito de classe, raça, gênero e aliado ao de ex-interna de uma prisão conduz à vergonha e muitas vezes o retorno ao tráfico como profissão. A mulher a quem as Vozes das águas do Rio Nhamundá se refere é mulher preta e indígena, ex-interna do sistema, mãe solo. Não teve acesso à escola e quando teve, seu potencial nem sequer foi estimulado. São mulheres não vistas desde sempre, sem oportunidades. A diferença é estrondosa para quem é branco e teve acesso à educação. Águas do Rio Nhamundá fala nas entrelinhas sobre como usar o conhecimento para realizar alguma mudança.

Vozes das águas do Rio Nhamundá:

– *Eu sou pós-graduada em gestão de pessoas, em Gerenciamento de Projetos, e sou graduada em Serviço Social.*

Vozes da Onça-Pintada: aqui destaco, que ter uma Chefe de Reintegração mulher e graduada na área de humanas, especificamente em serviço social, fazia toda a diferença nas diretrizes do sistema prisional em relação às burocracias inerentes, de punição e vigilância. Vozes das Águas do Rio Nhamundá, por sua vez, tentava olhar de forma mais humanizada, compreendendo as histórias das(os) internas(os) e seu contexto, geralmente pobre e preto, como ela mesma destaca. Desde de 2018, as prisões no Amazonas tiveram uma nova configuração com o debate mais acirrado no

³⁹ Aqui a ex-interna na fala das Águas do Rio Nhamundá, se refere ao *Programa Reintegrar da SEAP*, que dava um empréstimo às/aos egressas/os interessadas/os por meio da Afeam - *Agência de Fomento do Estado do Amazonas S/A (instituição pública)* para viabilizar algum pequeno empreendimento pequeno.

Governo Bolsonaro sobre o punitivismo, a ideia de que ele precisa ser maior. Então, todos os diretores e diretoras dos presídios até o ano de 2022, e respectivas equipes, foram provenientes do Batalhão de Operações Especiais – BOPE, ou treinadas(os) por ele.

Vozes das águas do Rio Nhamundá: tratar o ser humano é fundamental, independente de chefia, respeitar o outro. Claro que a gente tem que cobrar as responsabilidades, mas todos nós temos inúmeros direitos e deveres, e eles caminham juntos. E às vezes a chefia esquece desses direitos pois responde para outro lá em cima, ou então às vezes, falta aquele prumo, aquele senso de humanidade também. Errar, todo mundo pode errar, e são pessoas. Quando se trabalha no sistema prisional, a gente não vai lá para julgar, nós somos contratadas para uma função, como por exemplo, eu estive na chefia do Departamento de Reintegração Social e quando eu entrei, em julho de 2012, era um setor, ele não era um departamento ainda.

Vozes da Onça-Pintada: aqui em sua fala, destaca-se que o fato desse encaminhamento – chamado de *reintegração social*, isto é, a prática de ações e estratégias viáveis para auxiliar na reconstrução da vida de um indivíduo com pena de prisão e vulnerável à sociedade que o estigmatiza – não ter um destaque maior como um departamento na época, fazia com que a pessoa presa fosse ainda mais lido e interpretado pela sociedade, como alguém sem chances de retomar uma vida social, praticando seus direitos e deveres, sem também retirá-los de alguém. Ou seja, até 2012, o sistema prisional do Amazonas, não havia institucionalizado uma equipe para pensar estratégias de humanização, e consequentemente reintegração social. São apenas dez anos (2012 – 2022) de departamento e experiências oficiais das atividades de reintegração social, atualmente chamada de DERESC – Departamento de Reintegração Social e Capacitação. Portanto, a minha insistência como pesquisadora, em atualizar e refazer essa entrevista com uma chefe mulher, que fez parte da criação de um departamento oficial de um sistema de administração penitenciária, é importante descrever e refletir nesta tese. Pois sem esse departamento, ou mesmo uma gestão que pensasse, um mínimo de humanização, as experiências de liberdade com mulheres nas prisões no Amazonas, não teria sido possibilitada ao

Projeto Arbítrio: Teatro nas Prisões. Essa entrevistada, e todas(os) as/os demais nesta tese, reforçam a importância de que ações de gestões localizadas é que fazem a diferença como brecha para repensar um sistema tão opressor, chamado prisão.

Aqui, é importante descrever, também, como o Projeto Arbítrio começou com a facilitação de Vozes das Águas do Rio Nhamundá nas ações mais burocráticas como, por exemplo: assinatura de termo de cooperação, apresentação teatral de mulheres em situação de cárcere fora do presídio, a aquisição de uma van ou ônibus para a equipe do Projeto que saía da Universidade e ia até o presídio no meio da Floresta amazônica e outras ações do projeto em que só puderam acontecer com a autorização do Ministério Público do Estado do Amazonas e Vara de Execução Especial – Vap. Tudo isso foi intermediado por uma líder que acreditou no Projeto e o ajudou a se consolidar.

Vozes da Onça-Pintada: certa vez, no ano de 2014, num domingo à tarde ensolarado típico de Manaus – aproximadamente trinta e cinco graus, fui à Fundação Allan Kardec⁴⁰ entregar algumas doações de roupas para o bazar e mantimentos não perecíveis. Lá encontrei parte da equipe de mulheres dirigentes espíritas das atividades voltadas aos adultos em situação de urgência social. Elas me convidaram para ir ao presídio público, durante a semana, a convite de Vozes das Águas do Rio Nhamundá Nogueira, que havia ido à FAK para tentar fazer parcerias com instituições filantrópicas e independentes, para amenizar, segundo ela, tantas fugas na unidade prisional localizada no Centro histórico de Manaus, o primeiro presídio público da capital – unidade prisional Raimundo Vidal Pessoa⁴¹. As parcerias se estendem a diversas outras

⁴⁰ Fundação Allan Kardec – FAK: Fundada em 1979, é uma organização religiosa e também de caráter científico, filosófico, beneficente, educacional, cultural, de assistência social e espiritual, sem finalidade lucrativa, sendo de Utilidade Pública Municipal conforme Lei N° 315, de 11 de dezembro de 1995.

⁴¹ Penitenciária Central Desembargador Raimundo Vidal Pessoa: “Inicialmente com o nome de Casa de Detenção de Manaus, teve sua construção iniciada em 1904 e concluída em 1906, pelos arquitetos José Lô Ferreira e pelo Diretor Geral de Obras Públicas Dr. J. Estelita Jorge, no Governo do Dr. Antonio Constantino Nery, instituída pela Lei nº 524 de 18 de outubro de 1906, em estilo colonial, com uma área de 15.000 metros quadrados, foi inaugurada em 19 de março de 1907.(...) Em 15 de julho de 1985, sancionada pelo Professor Gilberto Mestrinho de Medeiros Raposo do Estado do Amazonas, a Unidade Prisional Central passou a denominar-se Penitenciária Desembargador Raimundo Vidal Pessoa, mantendo-se assim até 1999, quando inauguração do Regime Fechado do Complexo Penitenciário Anísio Jobim, passou a ter a

instituições filantrópicas, religiosas e instituições de ensino da cidade.

Em 2011 retorno à Manaus, minha terra, após nove anos e oito meses residindo na cidade de Curitiba-Paraná. Esse retorno foi pela dor, embora a vontade de resgate e retomada à terra, ao meu corpo-Floresta já estivessem gritando há um tempo. Meu pai, aos cinquenta e oito anos de idade, sofreu um infarto e precisava urgentemente realizar uma cirurgia delicada no coração. Após seis meses de luta incessante por sua vida, após a cirurgia e minha entrada como professora contratada do Curso de Teatro da UEA, resolvi retornar aos serviços sociais que a Fundação Allan Kardec organizava e com os quais eu tive acesso desde muito criança (inclusive tendo acesso a aulas de Teatro pela primeira vez nessa fundação), devido à influência de minha avó materna Maria Carioca Martins – a dona Dica, uma senhora espírita amazonense muito respeitada, benzedeira, que abrigava pessoas em sua casa a médio e longos períodos para tratamento espiritual de desobsessão.

Ela frequentou por um tempo a Federação Espírita Amazonense – FEA, e na Fundação Allan Kardec – FAK para tentar compreender suas falas com as entidades da Floresta e se conscientizou sobre seus conhecimentos ancestrais como mulher amazônica e aliada à luta dos povos indígenas. Neste momento, em que o mundo material se dissolveu e o mundo espiritual se apresentou como mais importante em minha vida, diante da iminência da morte do meu pai e a falência material da minha família, resolvi procurar o centro espírita e trabalhar em serviços sociais, além de estudar a doutrina, questioná-la e aliá-la aos conhecimentos ancestrais repassados a mim. Portanto, meu objetivo era o de compreender a mediunidade da qual tinha medo, estudar o espiritismo decodificado por um homem branco e europeu – Allan Kardec – que legitimava como pesquisa científica e filosófica algo que os povos originários já realizavam em sua prática de vida, chamada *bem-viver*, ou seja, o autoconhecimento

denominação de Cadeia Pública Raimundo Vidal Pessoa. (...) Em 2013, o Conselho Nacional de Justiça (CNJ) recomendou a desativação da Cadeia Pública Desembargador Raimundo Vidal Pessoa, e conseqüentemente do Hospital de Custódia e Tratamento Psiquiátrico (HCTP). A unidade foi desativada em outubro de 2016, mas precisou ser reativada como medida emergencial para abrigar detentos que estavam sendo ameaçados depois dos episódios que ocorreram no sistema prisional no dia 1º de janeiro deste ano” (ano de 2018). Fonte: site oficial <https://www.ipatrimonio.org/manaus-penitenciaria-central-desembargador-raimundo-vidal-pessoa/#!/map=38329>.

compreendendo o indivíduo como parte interdependente de um todo maior, um mundo espiritual repleto de entidades que se materializam por meio do equilíbrio entre a Floresta, os rios e os animais e onde somos apenas uma pequena parte desse todo. Tudo confluía, conflitava e confluía de novo.

Vozes das Águas do Rio Nhamundá: ela afirma conhecer as práticas das religiões católica, evangélica e espírita dita Kardecista (doutrina decodificada pelo francês Allan Kardec), então ela foi buscar apoio para além das estruturas que o sistema prisional poderia oferecer, até do que ela não conhecia bem. Por ser muito ligada às vivências de lendas, rios e espiritualidades na Amazônia, Vozes das Águas do Rio Nhamundá acreditava que a interferência pontual e programada dessas instituições, poderia ajudar na “ordem” ou apaziguamento dessa população presa, evitando mais fugas e violência.

Vozes das águas do Rio Nhamundá:

– Não posso acabar com o sistema prisional, mas posso interferir nele, também com a parte espiritual, ou seja, na crença em um poder superior, em Deus, segundo ela, algo em que as/os internas(os) pudessem fomentar dentro de si potencializando suas subjetividades, sentimentos de esperança, de perdão, de compaixão, de amor ao próximo, de algum afeto, tendo em vista que a violência era como se fosse algo “natural” para a maioria e não é, não deveria ser – ela diz.

– Eu achava aquilo ali tão triste, tão para baixo e eu também procurava alguém que pudesse levar um pouco de alegria, sem elas se sentirem culpadas. Eu sou assim, sabe, Onça, quando eu estou envolvida numa situação, eu estou 100% ali, o resto do mundo, os outros problemas ficam lá fora, mas eu foco naquele momento presente. Fiquei no sistema de 2012 a 2018 e depois comecei a trabalhar com restaurantes.

Vai fazer quatro anos, dia 17 de novembro de 2018, foi o dia em que nós abrimos aqui, estávamos com medo, receosos. Pois o governador atual (2022) ganhou nas eleições de 2018, e minha nossa senhora! Eu pensei: “vou pegar minha conta”, pois eu era apoiadora do outro candidato em questão, e eu tinha certeza que eles iriam me dar minha conta. Então, eu já comecei a me organizar, prevendo essa mudança de governo. O governador que ganhou, é paraense,

então eu vi um norte para entender que o Amazonas tem muito paraense, eu pensei: ele é paraense é de programa de televisão e ganhar como governador, dentro do Amazonas, em que há rixa com o estado do Pará? Eu pensei, poxa, se o outro candidato que eu apoiava era uma pessoa totalmente voltada para política desde sempre, a vida dele inteira, e estávamos vindo daquela problemática de trocas de governos, devido ao afastamento do Prof. José Melo e o Amazonino assumiu interinamente⁴². Logo em seguida as eleições vieram, então eu acreditava que pela experiência dele, por ele já estar interino, eu pensei assim: o povo vai querer a segurança, mas não, o povo quis arriscar e quando eu senti isso, dentro do sistema prisional, quando eu estava conversando lá com as famílias, e também alguns internos diziam: “dotôra, o mano Wilson vai ganhar, passe logo pro nosso lado que a gente garante o seu salário”. Então, percebi que ele ia ganhar mesmo e eu precisava fazer alguma coisa e, inspirada nesse paraense, abri os restaurantes em Manaus e, aos poucos, começamos na minha garagem – ela mostra o lugar aos fundos, do grande salão da matriz de seu restaurante com comidas típicas do estado do Pará.

– Fiquei triste ao sair do sistema prisional? Fiquei! Porque lidar com pessoas, a gente cria vínculos, o projeto que tínhamos em mente, que estávamos tratando, era algo assim, que me dava muita força. Em que eu dizia: sim, você pode, você vai conseguir. Aquele Projeto Transformar, surgiu quando estávamos buscando

⁴² O Tribunal Superior Eleitoral (TSE) decidiu no dia 4 de maio de 2017, por 5 votos a 2, manter a cassação do governador de Amazonas, José Melo (Pros), e do vice, Henrique Oliveira (Solidariedade), por compra e votos na eleição de 2014. Mesmo após o recurso, o então governador foi cassado e preso no regime provisório da unidade prisional Compaj. Neste mesmo ano, ocorreu a maior rebelião no sistema prisional do Estado do Amazonas, uma chacina cruel, em que conto em partes nessa tese por meio das entrevistas aqui analisadas, ou seja, o Amazonas estava passando por uma grande crise política e social, onde os setores da saúde, da educação e da segurança pública foram os mais atingidos. Neste período, o estado do Amazonas passou a ser governado interinamente pelo presidente da Assembleia Legislativa, David Almeida (PSD), hoje prefeito da cidade de Manaus, em seguida, após a convocação para eleição suplementar direta, o governador eleito para um mandato-tampão de 14 meses foi Amazonino Mendes (1939-2023) – 77 anos e no seu quarto mandato como governador do Estado. Em 2018, após a apuração dos votos entre os candidatos Amazonino Mendes – longa carreira política e Wilson Lima, com 42 anos– apresentador de tv foi Amazonino Mendes – 77 anos e no seu quarto mandato como governador do Estado. Em 2018, após a apuração dos votos entre os candidatos Amazonino Mendes – longa carreira política e Wilson Lima, com 42 anos– apresentador de tv jornalista e proveniente do município de Santarém no estado do Pará, filiado ao Partido Socialista Cristão, apoiador do então candidato a presidente do Brasil – Jair Bolsonaro –e residindo em Manaus desde 2006, ganhou a eleição para o seu primeiro cargo político - Governador do Estado do Amazonas, assumindo-o em janeiro de 2019.

cadeiras para colocar o pessoal sentado que ficava no ramal, tu lembra? Daí eu lembrei que na SEAD (Secretaria de Estado de Administração e Gestão) tinha móveis usados e eu fui lá procurar as cadeiras, e quando eu vi aquela enormidade de cadeiras, de mesas, de material elétrico, de ar condicionado, perguntei, “o que vocês fazem com isso?” Ele disse: “a gente joga para leilão por que não tem mais o que fazer”, daí eu pensei: “poxa por que não usar a capacitação do Cetam⁴³, que o Estado já tem, e já era o nosso parceiro, e transformar isso, encontrar alguém que seja parceiro também para pagar para eles, para um trabalho remunerado, para eles e elas se sentirem úteis, e depois que cumprissem a pena, pudesse ganhar dinheiro, ou seja, consertava esse material (mesas, cadeiras, ar condicionado), levava pro estado de novo e já era um dinheiro que o governo não gastaria mais. E começou, e fluiu bem.

Vozes da Onça-Pintada: a entrevistada fala de forma bem característica o “nh”, das palavras *dinheiro* e *tinha* e qualquer outra que seja composta pelo dígrafo NH, falado de forma anasalada e herdado da mistura e resistência às imposições da língua pela colonização portuguesa. O dígrafo NH é muito escrito e falado nas línguas indígenas. A influência da língua Nhengatú no estado do Pará causou essa oralidade. Então, a entrevistada se destaca por seu sotaque.

A oralidade das palavras se transforma no sotaque paraense, que se difere do sotaque amazonense em alguns aspectos da língua falada. Por que falar de sotaques e linguagens nesta tese? Pois trata-se de uma pesquisa decolonizadora também, firmando na escrita reflexões sobre racismo, xenofobia, machismo, e outras opressões internalizadas pela colonização europeia. O sotaque também é um elemento de decolonização, importante para repensarmos os processos de encarceramento em massa no Brasil e no Amazonas. Portanto, respeitar o modo de falar das mulheres em estado de cárcere, era fundamental. Certa vez, em uma das oficinas, sentamos em roda após o alongamento corporal e os jogos teatrais. Levei um texto de Bertolt

⁴³ Cetam - Centro de Educação Tecnológica do Amazonas é uma autarquia pública estadual vinculada à Secretaria de Estado de Educação e Desporto do Amazonas (Seduc), criada em 2003 por meio da Lei nº 2.816 de 24/07/2003 e tem como objetivo executar políticas públicas de educação profissional, por meio da oferta de cursos direcionados a jovens e adultos, proporcionando-lhes a ampliação das oportunidades de inserção no mundo do trabalho e de melhoria da qualidade de vida. Fonte: <https://www.cetam.am.gov.br/o-cetam>.

Brecht – alemão e um dos pioneiros do Teatro Político, inspirado por Erwin Piscator que fazia teatro nos sindicatos – o texto era o Poema *Maria Farrar* e se tratava de uma menina estuprada, grávida e trabalhadora doméstica, que não pode mostrar sua gravidez, pois precisa continuar trabalhando e, por isso tenta o aborto em um dia de neve, numa latrina suja no porão da casa dos patrões. Ela é descoberta e condenada à morte. Dei o texto, algumas pegaram, olharam, sussurraram umas para as outras e perguntei quem gostaria de começar a ler a primeira estrofe. Uma tentou umas palavras e repassou para a outra que disse que preferia ouvir. Naquele momento percebi que elas não sabiam ler, ou tinham muita vergonha da pouca leitura que tiveram acesso, além da vergonha do sotaque anasalado que temos, uma ria da outra. Tive que ser rápida para não causar constrangimentos. Levantamos, fizemos mais jogos, voltamos à história e a encenamos. Fluiu. Fizemos um exercício de voz valorizando a voz saindo pelo nariz e, portanto, batendo de frente com o preconceito linguístico e a xenofobia.

O sotaque nortista, isto é, a pronúncia das palavras característica de um povo, de uma região, no caso o Norte do Brasil, é percebido como algo inferior em outras regiões do Brasil, como no Sul e no Sudeste, não somente o sotaque, mas a nossa própria cultura como um todo. A região Norte é composta por sete estados brasileiros, sendo a maior em extensão territorial e a que concentra a maior área verde do país com a Floresta Amazônica. Composta pelos estados do Amazonas (capital Manaus), Pará (capital Belém), Acre (capital Rio Branco), Rondônia (capital Porto Velho), Amapá (capital Macapá), Roraima (capital Boa Vista) e Tocantins (capital Palmas).

A língua é construção da cultura de um povo nas suas mais diversas pluralidades, no caso brasileiro, cuja colonização causou o apagamento das línguas indígenas, o “nh” é um dígrafo que resistiu e foi mantido de forma contundente na oralidade do povo paraense, o sotaque nortista, portanto, muitas vezes tido como inferior e subalterno, caracterizando a xenofobia, o racismo, entre outras opressões, é um processo de marca para mim e para entrevistada, uma forma de retorno às nossas origens e influências indígenas cruelmente apagadas.

Vozes das águas do Rio Nhamundá: antes de eu sair, o projeto estava andando legal, o pessoal da Vemepa⁴⁴ foram muito parceiros, nos ajudaram a dar força para que o projeto fosse instalado. Mas quando eu saí, como eu disse para juíza da Vep (Vara de execução penal), na época: Doutora, eu tô saindo, mas estou feliz por que nós deixamos – é que nem um filho né? – a gente deixa encaminhado, pelo menos tem um rumo para essas pessoas na área de reintegração. É difícil, é muito difícil, porque o Estado não tem poder de mensurar isso. Não sei te dizer se o projeto ainda se mantém.

Vozes da Onça-Pintada: segundo os dados coletados pelo site da Seap – o projeto ainda existe, bem como outras parcerias iniciadas nessa época, como a com a Universidade do Estado do Amazonas, iniciada pelo *Projeto de Extensão Arbitrio* do Curso de Teatro da UEA.

Vozes das águas do Rio Nhamundá: *eu lembro também, Onça, que eu trabalhei num projeto que era para poder facilitar a vida das famílias. Elas iam para lá quando o preso era internado, chegava pro sistema, lá no CDP (Centro de Detenção Provisória). Meu Deus, as famílias ficavam perdidas né, ficavam naquele calor, na estrada, no meio da selva, tendo que andar aquele ramal até chegar na unidade prisional, gente que vinha do interior visitar, de bairros distantes e, então, neste projeto, criamos a logística para fazer as carteirinhas (o cadastro formal para entrada de visitantes familiares aos internas/os) para serem atendidas no Deresc, que era no centro da cidade de Manaus, pois era mais fácil*

⁴⁴ *Vemepa – Vara de Execuções Penais e Medidas Alternativas* inserida como um setor do Tribunal de Justiça do Amazonas (TJAM), para fiscalizar a aplicação penas alternativas, criada e colocada em prática durante o segundo mandato do presidente Luiz Inácio Lula da Silva no Brasil (2007-2011), após grande luta por ações de desencarceramento no Brasil. Atualmente as associações independentes que buscam os direitos humanos das/os encarceradas/os no estado do Amazonas, segundo alguns líderes e denúncias em redes sociais, relatam encontrar dificuldades de diálogo com essa vara desde 2018, no qual a política do encarceramento se potencializou no Brasil, a partir do governo Bolsonaro, eleito presidente do Brasil neste respectivo ano. “(...) A qual compete a fiscalização e o acompanhamento do cumprimento das alternativas penais. A resposta estatal à prática do crime deve guardar a proporção necessária ao abalo gerado na ordem jurídica e social, motivo pelo qual se faz necessária a aplicação de medidas alternativas à prisão para os que praticam delitos de baixa lesividade, principalmente, se considerarmos os nocivos efeitos provocados pela vida no cárcere. Inspirando-se neste ideal, criou-se a Vara de Execuções de Medidas e Penas Alternativas (VEMEPA) através da edição da Resolução n. 009/2006” Fonte: site TJAM <https://www.tjam.jus.br/index.php/vemepa-principal..>

de marcar e agendar tudo direitinho, para poder a família ir para lá, quando já estivesse tudo certo. Pois gastar dinheiro, coitados. Dava uma angústia aquilo, ver aquelas famílias sofrendo. Porque no caso das famílias, eles não têm culpa do erro que seu familiar cometeu e por isso está preso, mas eles são mais penalizados ainda.



Figura 68 - Mulheres em visita aos homens que elas não abandonaram. Caminhando 2km para chegar ao COMPAJ para levar alimentos, em 2017. Fonte: Agência Brasil, disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2017-01/entrada-de-alimentos-no-compaj-volta-ser-liberada-apos-rebeliao#>

Eu lembro de um relato de um pastor da igreja evangélica, que fica aqui na minha cabeça: “Doutora, a senhora não sabe o meu sacrifício que é, para estar aqui, eu nunca me imaginei tendo que negociar com traficante aqui fora para poder não matarem meu filho lá dentro, pois meu filho conseguiu me ligar de madrugada e não me deixou dormir, dizendo que se eu não desse o jeito de pagar dois mil reais (R\$2.000,00) pro fulano de tal da facção, eles iam matar ele. E eles, fizeram ele falar comigo, eram duas horas da madrugada, eu não dormi mais, eu chorei, tô aqui desde essa hora angustiado querendo saber se pelo menos saber se meu filho tá vivo”.

Então, era cada situação, sabe? Quer dizer, o pastor que sempre pregou Deus pro seu filho - o caso dele foi tráfico de drogas – ele dizia: “o meu filho caiu

nesse mundo não foi por mim, a senhora pode ter certeza, e acreditar que sempre eu chamava ele para ir à igreja, mas acontece que ele conheceu outras companhias na escola”. E o livre arbítrio é um negócio complexo. Então, isso me tocava muito, eu ficava tentando buscar uma saída, uma maneira de ajudar, de fazer eles entenderem que eles (a família) tinham que ajudar, mas não podiam se culpar.

Vozes da Onça-Pintada: o livre arbítrio, muitas vezes é associado ao modo individualista do sistema capitalista, de produtividade constante e as relações de obediência ao trabalho e ao patrão. Porém, o que o sistema esconde é que o contexto social interseccionado pelas opressões de raça, classe e gênero, além da ferramenta religião como manipulação, são os verdadeiros motivos do “cair”. O Estado necropolítico e biopolítico continua deixando morrer e fazendo morrer, o tempo todo.

Vozes das águas do Rio Nhamundá: sobre meu cargo de chefia e ser mulher, sinceramente, eu nunca sofri assédio, abusos de autoridades, machismo explícito no sistema prisional. Meu primeiro emprego foi no banco, eu trabalhei no Banco Real, fiz concurso, foi tudo tranquilo, daí fiz concurso pro Banco do Estado, e passei, comecei a trabalhar na direção geral. Lá eu tive dois chefes homens, que foram para cima de mim, e disseram que “poderiam me ajudar de outras formas se eu cedesse”. Maninha, aquilo me deu uma ojeriza. Eu tinha vinte e três anos. Eu pensei: “eu não vou deixar mesmo isso acontecer comigo”, daí eu me firmei, fui atrás de outros superiores na agência e falei o que estava acontecendo e que eu não queria sair do meu setor, mas queria que eles me respeitassem. Eu consegui falar, eles ficaram com muita raiva de mim. Mas eu disse: “olha, eu sou concursada, estou aqui não foi por que alguém me indicou, então vocês vão ter que me respeitar vou cumprir minhas horas de trabalho”.

Eu trabalhava no setor de compensação, entrava de tarde e saía de noite, então, eles achavam que podiam me “convidar” pro depois. Então, o meu superior, o superior deles, eu nunca me esqueço, era uma pessoa íntegra e me disse: “você fez muito bem e aprenda a não ceder aquilo que você não quer”, e isso, sabe, lembrei que minha mãe me dizia: “a pessoa só tem o valor que ela se

dá”, pois se a gente não se der valor, não souber o nosso lugar, não souber se impor, se a gente mostrar fragilidade nesse mundo machista, racista... As coisas... A gente vai se abaixar e eles vão passar por cima. Eu aprendi desde cedo, Onça, a dizer não, eu sou eu, e tem que me respeitar do jeito que eu sou. Então, depois disso, não sei porque, eu já tinha aprendido a dizer “comigo não”, daí no sistema prisional nunca tive problema.

Eu trabalhei com políticos, na época que fui vereadora eu também não tive nenhum colega que neste meio que fizesse algum assédio. Sobre os homens presos, nenhum assédio também, ao contrário, os presos me respeitavam muito mais ainda. Lá dentro eles têm um respeito por quem leva o benefício pros familiares deles. Eu lembro de uma vez, daqueles que foram transferidos pro presídio federal, tinha o “Bicho do Mato”, e eu entrei naquela cela RDD⁴⁵, onde ficam os presos considerados perigosos, ou estão prestes a ser transferidos. E esses presos bateram o pé que queriam falar comigo. Então, o major, que era meu superior da Seap, chegou comigo e disse:

– *“Os caras tão querendo falar contigo e disseram que só vão falar é contigo, e agora tu vais?”*

Eu disse:

– *“Se vocês forem comigo eu vou, se não me derem proteção, como eu vou fazer? Eles têm arma lá dentro”.*

Daí ele disse:

– *“não tem como ter arma no RDD e a gente vai contigo, fica lá fora, tu garante?” Eu disse:*

– *“Eu garanto”. Pensei assim:*

– *“Eu não fiz mal para ninguém, nada de errado para eles”,*

Embora a gente pense isso, dentro de mim eu também pensava nos riscos. Mas pensei: “eles querem falar alguma coisa para família” e, esse elo de ligação com a família era o departamento de reintegração quem fazia, que eu era a chefe, então pensei: “Deus há de me ajudar”. Fiz minhas preces, pedi a Deus e meus

⁴⁵ RDD - O Regime Disciplinar Diferenciado (RDD), disposto no artigo 52 da LEP (Lei de Execução Penal) é uma forma especial de cumprimento da pena no regime fechado, que consiste na permanência do presidiário (provisório ou condenado) em cela individual, com limitações ao direito de visita e do direito de saída da cela. Este tratamento em cela individual, é para manter um interno considerado altamente perigoso pela sociedade, mais preso e impossibilitado de comunicação.

anjos da guarda para me acompanharem e fui. Aí eu cheguei lá e o Bicho do Mato disse assim: “aaahhhhh (em tom de reconhecimento), eu já sabia quem era você. Olha aqui (mostrando-a para alguém), há muito tempo nós queríamos muito falar com a senhora”. Eu disse: “pois não, estou aqui”. Ele disse: “Então, nós queremos lhe agradecer e dizer que a senhora cuide bem e continue a cuidar e garantir os direitos da nossa família. Porque a gente sabe todos os seus passos, a gente sabe de tudo sobre a senhora, sabemos do seu filho, das suas filhas (ele diz a ela o nome e a profissão de seus filhos), onde a senhora mora. Então queremos lhe agradecer pela maneira da senhora tratar a nossa família”. Eu me arrepio até hoje.

Vozes da Onça-Pintada: nesse momento, Vozes das Águas do Rio Nhamundá se refere a um dos casos mais polêmicos ocorridos em 2018 no Amazonas, quando o julgamento de três homens acusados de serem líderes do narcotráfico causou ameaças de morte a juízes e promotores, protestos de familiares dos chefões do crime e fuga de 35 internos do presídio provisório. Todos os três tinham apelidos relacionados à Floresta Amazônica, ressaltando a sua força: era o Carnaúba, o Goma e o Bicho do Mato.

Bicho do Mato é uma expressão comumente usada no Brasil para ressaltar uma pessoa que é bruta, pouco sociável, intratável, como um animal da Floresta, que ao se sentir ameaçado por qualquer humano, defende-se com força, expulsando ou machucando o predador.

Goma refere-se à goma de tapioca, um pó ou farelo fino de cor branca, que na verdade é o amido de mandioca hidratado e deixado para descansar para formar blocos, depois é passado por uma peneira para ficar como uma farinha. Essa farinha é alimento primordial da população amazonense, especialmente ribeirinhos e indígenas. A mandioca, de forma geral, é alimento sagrado ancestral, ou seja, trata-se de uma macaxeira ou batata extremamente venenosa, que se ingerida crua, causa a morte imediatamente.

Eu como farinha todos os dias, em Manaus ou em Curitiba, e sempre levo um pote de farinha amarela quando viajo para passar um período maior em algum lugar. Nunca fui envenenada ou soube de alguém que tenha sido na minha família ou desconhecidas(os), ou seja, trata-se de uma tecnologia ancestral de ralar a mandioca braba (venenosa), realizar sua fermentação para

retirada do veneno, até se transformar num líquido esverdeado ou amarelado chamado tucupí, um caldo que tomo semanalmente em minha casa, preparado e temperado pelos meus pais. Da mandioca se extrai a goma, que é a mandioca ralada em blocos grossos – que se transforma em farinha – e também em goma, esse amido forte, colocado no caldo para engrossá-lo, ou para fazer a tapioca, comida típica amazonense, que como quase todos os dias, como se fosse um pão no café da manhã ou no café da tarde.

Sobre o outro nome decolonizador de um dos internos da cela RDD, CARNAÚBA: é uma árvore existente no norte e no nordeste brasileiro, mas que também habita a região Norte, como se fosse uma palmeira bem grande e com folhas mais grossas, seu nome vem da língua indígena tupi e significa *árvore que arranha*.

Comumente eu e minha família tomamos chá de carnaúba, que segundo a sabedoria ancestral, fortalece os ossos. Sempre foi comum em minha casa, pois minha mãe apresentou sintomas de artrite reumatoide aos trinta e cinco anos (hoje com sessenta e cinco anos) e, desde então, além dos fármacos químicos, ela sempre se tratou com os chás amazônicos, óleos e sebos de órgãos de animais como a cobra e a tartaruga.

Vozes das águas do Rio Nhamundá em conversa com o Bicho do Mato: daí eu disse para ele: “meu amigo, eu ganho o meu salário para fazer o meu trabalho, que é tentar buscar melhorias para vocês, para tentar direcionar as famílias de vocês, da minha parte, eu vou estar sempre fazendo o que tá no certo, como vocês dizem sempre o certo pelo certo”. Eles riram em tom de concordância e amigabilidade. Lá eles não me propuseram nada, só me disseram: “continue assim, a gente só queria lhe conhecer e dizer que a gente sabe tudo sobre a senhora, e que a gente tá muito feliz”. Mas eu penso que eles só fazem buscas ou fazem o mal, quem fere a família deles, como já vi acontecendo com um ex membro da Seap, muito punitivista, tendo a sua casa invadida e sua família feita de refém.

Vozes da Onça-Pintada: percebemos o tom de ameaça dos internos em relação a saber os dados pessoais da entrevistada. É como se essa ameaça fosse necessária e urgente para eles, para garantir o direito de existir e deixar as suas

famílias terem os direitos mínimos sem constrangimentos ou mais punições, tendo em vista que, o cárcere é punitivo para quem está dentro e para os familiares que estão fora da prisão, pois não têm os direitos mínimos garantidos. A iniciativa prática pelos processos de desencarceramento e/ou abolicionismo penal no Brasil e exigência do cumprimento dos direitos humanos às pessoas em situação de cárcere, não começou pelas instituições oficiais e sim pelas famílias, ou seja, por quem vivia e vive a opressão do sistema carcerário. Começou pela reunião de familiares de internas(os) que foram humilhadas(os), maltratadas(os) na unidade prisional, sendo ELES, punidos pela sociedade, carregando o estigma e o constrangimento em dizer a alguém que tem um familiar preso. Posso afirmar que a maior parte da população visitante do sistema carcerário é mulher, são mães, filhas, esposas, companheiras, namoradas, irmãs, filhas. E elas também são as líderes e a maior composição das associações que lutam pelo desencarceramento no Brasil. Portanto, é a mulher quem está à frente dessa luta. Porque é nela que o sistema interseccional do patriarcado, do capitalismo, do machismo, da classe social, da raça e do gênero interfere mais diretamente, explicitando opressões cruéis.

Sobre os membros da cela RDD terem convocado a entrevistada para uma conversa, para a avisarem em um tom de discurso, do que podemos chamar de *ameaça não violenta*, para garantir os direitos mínimos previstos em lei aos encarceradas(os) de e suas famílias, serve para explicitar o desespero que é de estar em uma prisão mediante a luta diária para continuar existindo, sobrevivendo a tantas omissões legitimadas pelo racismo estrutural, ou seja, a estrutura que autoriza a subalternização dos nossos corpos.

Dessa maneira, considero de suma importância o papel do Estado na administração penitenciária, para fazer cumprir os Direitos das(os) encarceradas(os) de forma humana, para criar departamentos, setores, órgãos, varas e projetos que objetivem o básico: o direito à vida. Os projetos e parcerias citados pela entrevistada, revelam a evidência da demanda não contemplada por direito ao indivíduo sob a pena de prisão. E essas parcerias com instituições governamentais e não governamentais conseguem, de alguma forma, mesmo que pequena, inviabilizar o projeto necropolítico existente que, na verdade, cria as prisões também como estratégia para gerar lucros a empresas terceirizadas, para a sua administração. No momento em que se privatiza ou terceiriza os

serviços e a gestão prisional, perde-se o controle das ações de humanização. A pessoa é lixo humano, portanto, deve ser usada, explorada e jogada fora, conforme a lógica do produto capitalista.

No direito brasileiro, a privatização é tida, via de regra, tão-somente como a venda de ações de empresa estatal para o setor privado (DI PIETRO, 2005, p. 228).

Na privatização reconhece-se que a iniciativa privada tem prioridade sobre a iniciativa estatal, acarretando uma limitação no que se refere à intervenção estatal, agindo o Estado somente de forma indireta. (DI PIETRO, 2005, p. 33-34).

Ou seja, a iniciativa privada, no caso dos presídios no Amazonas, já envolvidos pela Floresta que fala por si, dificulta a comunicação e, portanto, a humanização das pessoas em estado de cárcere.

De acordo com os dados do Departamento Penitenciário Nacional (DEPEN), órgão ligado ao Ministério da Justiça, do período de julho a dezembro de 2021, o Brasil tem uma população carcerária de 670 mil e 714 pessoas. Esta tese, por tentar uma escrita decolonizadora, repete em vários momentos o perfil das pessoas em situação de cárcere, consequências diretas do racismo estrutural que são pessoas pretas, pobres, indígenas e com baixa escolaridade, para marcar a reflexão sobre humanidades e a importância do Teatro e da Educação dentro das prisões como uma brecha de liberdade.

O colapso do sistema prisional brasileiro é atestado desde sua invenção, e sua crise é global, atingindo países rotulados como primeiro mundo e/ou terceiro mundo.

Portanto, a inoperância do Estado em gerir o sistema prisional brasileiro de forma a garantir o que está prescrito na legislação vigente, que objetiva na teoria, a reeducação da pessoa em estado de prisão, para que esta retorne à sociedade sem cometer delitos. Nesse contexto, surgem estudos sobre a terceirização dos presídios.

O embasamento jurídico para esse novo modelo de gestão é o artigo 4º da Lei de Execuções Penais, que diz: "O Estado deverá recorrer à cooperação da comunidade nas atividades de execução da pena e da medida de segurança" (BRASIL, 1984). De acordo com D'Urso (1999), no Brasil, em 1992, começou a ser discutida a viabilidade de prisões privadas como

proposta de melhoria do sistema. Assim, a penitenciária de Guarapuava, no Paraná, que desde 2006 não está mais sob o regime privatizado de gestão penal, mas foi a pioneira no Brasil; a penitenciária industrial de Joinville, em Santa Catarina, e a penitenciária industrial de Pernambuco são exemplos de unidades penais privadas inseridas no contexto prisional brasileiro. (RODRIGUES, 2013, p.35).

Estudos estes, necessários para o entendimento dos verdadeiros objetivos da Prisão. Será reformar, reintegrar ou lucrar? Quem lucra com as prisões no Brasil? O poder masculino, heteropatriarcal está intimamente envolvido nestes objetivos, especialmente o de manter a máquina capitalista e lucrativa funcionando e mantendo seus privilégios. Firmeza das atitudes dos homens é puramente machismo e tentativa contínua de depredação das representatividades das mulheres quando alcançam algum cargo de chefia.

Vozes das águas do Rio Nhamundá:

– *Eles acham que o homem tem mais poder de comando, que eles têm mais pulso, eu sentia isso. Lá dentro do nosso próprio departamento, tinham algumas coisas (relacionadas à competitividade entre as próprias mulheres), eu tentava mostrar que éramos iguais, e precisávamos somar para um só resultado da equipe, eu não sentia muita competitividade, eu não via isso diretamente lá. Mas via muitos homens da secretaria questionarem o meu cargo de chefia de departamento, eu sabia das reuniões que eles faziam, e eu sabia que tinham alguns homens sempre tentando tirar a nossa direção, pois não admitiam uma mulher no cargo de chefia e outras mulheres coordenadoras.*

Eu entrei no sistema prisional, na época chamava setor de reintegração e não era departamento ainda, entrei como assistente social, aí a gente foi buscando projetos, mostrando que tinha que ter a parte de cultura, a parte de religiosidade, de que a reintegração ela envolvia tudo, a religião até esse momento não era parte da reintegração, não fazia parte. A ação que existia era da família ir lá, conversar e só. Não tinha nenhum projeto, não tinha a parte de capacitação, a parte da educação era outro setor, juntamos tudo. Quem cuidava dessa parte exclusivamente era a ESAP (Escola de Administração Penitenciária).

Vozes da Onça-Pintada: segundo dados fornecidos pela Seap-AM (2019), e a

minha experiência prática nas unidades prisionais no Amazonas, observa-se a existência de salas de aula em todas as unidades, mesmo que pequenas ou insalubres, elas existem. A Escola estava atendendo em média 200 internas(os), em sua maioria homens, de uma população total 10.198,00, porém, suas atividades paralisaram em maio de 2019 e ainda estão em processo de implementação e retorno após a pandemia do Covid-19.

A capital concentra oito (08) unidades prisionais com capacidade para 3500 internos e internas. Portanto, há uma super lotação efetivada nos presídios do Amazonas, e a educação para jovens e adultos atinge no máximo 10% da população carcerária. A maior unidade prisional COMPAJ – Regime Fechado Masculino com capacidade para 454 internos, e com lotação de 2.100,00, tem somente 5 salas de estudo com capacidade para atender entre 10 a 15 alunos, totalizando 50 a 75 pessoas, representando portanto, 2,5% de atendimento educacional, ferindo a Lei que dá direito ao preso para estudar (MARTINS, Annie. 2019, p.86).

Devido à disputa de poder pelos homens e ao seu questionamento dos cargos ocupados por mulheres, muitas ações e estratégias de reintegração, arte, educação, são boicotadas ou inviabilizadas, tendo uma importância menor. O machismo e o patriarcado que contaminam as instituições governamentais relacionadas à segurança pública, precisam demarcar o seu espaço, pois dentro dessa lógica, o papel de manter a ordem pela punição, disciplina e autoridade é do homem, e não da mulher. À mulher, o papel da educação é relacionado ao bom comportamento e as boas maneiras para satisfazer o patriarcado e o seu domínio.

Dessa forma, Vozes das Águas do Rio Nhamundá destaca que, a luta das mulheres do departamento para conseguir parcerias, projetos e qualquer ajuda possível aos presídios era fundamental, pois não havia políticas públicas ou ações globais da Seap na época para enfatizar a educação como plataforma de transformação ao invés da punição.

Vozes das águas do Rio Nhamundá: quando nós entramos, nós fomos atrás de parceria com o Senai (Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial), o Sebrae (Serviço Brasileiro de Apoio à Micro e Pequenas Empresas), cursos profissionalizantes, o objetivo era também a capacitação para gerar a reintegração, minha mãe sempre dizia: “mente vazia, oficina do diabo”. Então,

eu pensava que se eles estudassem, já que o grau de escolaridade deles era baixo, se eles pudessem se capacitar, buscar uma fonte de renda, seria melhor para eles, pois teriam mais chances de não retornar pro sistema (prisional).

Outra parceria que ela destaca, é com as instituições religiosas da cidade de Manaus.

Vozes das águas do Rio Nhamundá:

– *A religiosidade ou espiritualidade, não importa qual seja a religião, pois eu acredito que o ser humano não seja só a matéria, que existe um poder superior e as pessoas têm que introspectar isso, pois eles não são só essa massa de carne que vai morrer, para um tanto faz, para um assalto (um roubo) por exemplo, deles pensarem: “dê o que der, tanto faz”, ou seja, se alguém morrer, faz parte.*

E fomos buscando várias parcerias, na época o secretário entendeu que o setor de reintegração deveria se transformar em um departamento que ficou sendo chamado de Deresc – Departamento de Reintegração Social e capacitação. O Deresc, então, nós quem criamos.

Vozes das águas do Rio Nhamundá:

– *Nunca tivemos nenhum projeto de artes. Não tinha nada, tanto é que eu te disse que eu andava atrás, em fazer uma parceria com a UEA, que seria que as meninas fossem reintegradas, e sabe o que casou, eu indo buscar, e tu vindo com o Projeto Arbítrio. A arte que elas faziam era só a arte de artesanato, um artesanato muito sem vontade, para passar o tempo e não chegava a ser comercializado, mas não tinha um propósito. Inclusive eu deixei a parceria firmada com a prefeitura de Manaus para gente comercializar esses artesanatos, pegar o material que eles já estavam trabalhando para a família deles venderem para eles aqui fora, naquela sala de artes, antiga Central de Artesanato na Rua Recife em Manaus. Não chegamos a assinar termo de cooperação técnica, para que eles pudessem ter essa oportunidade de expor os trabalhos delas(es). Nunca teve dança, teatro. Lembra quando saímos para ir apresentar na Assembleia Legislativa?*

Nós participamos da Conferência Estadual de Direitos das Mulheres em 2015. Eu tinha assento no Conselho e eu defendia muito a bandeira do poder da

reintegração das pessoas, das mulheres através da arte, para que elas pudessem se expressar, porque elas foram machucadas e elas repeliam aquilo, guardavam e transformavam a agressão que tinham passado, como uma reação violenta ao mundo. No conselho eu sempre busquei ser muito atuante e foi através do Conselho – CEDM – Conselho Estadual de Direitos das Mulheres – que a bandeira foi levantada e nós fomos a primeira vez na história do estado do Amazonas, foi o primeiro Estado a tirar a mulher de dentro do sistema prisional para participar de uma conferência estadual sobre os próprios direitos.

Fizemos um pacto ali, que unificou o interesse que a gente queria mostrar para sociedade, que elas não são bicho. Ali foi uma guerra que eu travei e a gente conseguiu, justamente por isso, pois elas (as internas) estavam super envolvidas, o Ministério Público estava envolvido, a Dra. Carol Braz, que é defensora pública, ex-juíza e ex-secretária de estado de Justiça, Direitos Humanos e Cidadania, na época ela era da VAP (Vara de Execução Penal), e conseguimos fazer um termo de parceria, de termos de cooperação técnica interligados, que não tinha como dar errado. No conselho fortalecemos mais ainda a ideia de apresentar Teatro fora da prisão, com mulheres internas da prisão. Entrei no conselho (CEDM) em 2012 ou 2013, comecei a fuçar, a participar das ações e aí virei conselheira. Em virtude da repercussão que teve essa apresentação de Teatro do Projeto Arbítrio, nessa conferência, eu fui convidada pelo DEPEN (Departamento Penitenciário Nacional) para falar sobre políticas públicas para mulheres, conseguimos representar o Estado do Amazonas em âmbito nacional. Então, foi muito bom o destaque que ganhamos, foi muito bom, o enfoque da humanização das mulheres, isso tem portaria e tudo, foi bem importante.

Sabe o que me dá uma tristeza? Nós não temos políticas de governo, de estado, pois vem um (governador), rasga tudo, então, todo aquele sacrifício que tu batalhaste, batalhaste para costurar, daí chega o cara lá e diz: não, tá tudo errado, vamos recomeçar. É desgastante. Então, focamos na busca de parcerias para melhorar o básico.

Então, o que me marcou no Projeto Arbítrio: Teatro nas Prisões é que depois dessa apresentação, nós também levamos elas para conhecerem o Teatro

*Amazonas*⁴⁶, levamos elas para apresentar no Teatro da Instalação⁴⁷ no Centro da cidade Manaus, pois já tinha um histórico de comportamento, de não haver fugas no Teatro.

Vozes da Onça: a apresentação do Teatro fora das prisões sempre será um marco histórico para quem faz arte em unidades prisionais. Depois de muita luta, conseguimos a liberação delas para apresentar, essa seria a segunda apresentação do grupo, já formado por outras mulheres desde a primeira apresentação de Teatro-Fórum em 2015 no auditório da Assembleia Legislativa do Amazonas. Nossa ida sem escoltas e algemas, já representava um estado de liberdade conquistado pelo fazer teatral. A porta do camarim do Teatro da Instalação localizado no segundo andar do espaço e que dava acesso ao palco, por meio de uma escada caracol, se contradizia com a porta de entrada e saída do Teatro, a qual não tinha seguranças ou guardas, ou seja, elas poderiam sair normalmente, porém, perceberam que entre fugir por aquela porta ou entrar no palco de teatro, se sentiram mais livres quando pisaram no palco e puderam encenar as próprias histórias. A porta que elas escolheram foi a do palco. Estavam em estado de liberdade.

Vozes da Vozes das Águas do Rio Nhamundá:

– *O teatro proporcionou a elas, a possibilidade delas externarem todo o trauma que elas tinham, delas soltarem o verbo, não se sentindo mais acanhadas, tolhidas, elas puderam abrir o coração, a mente delas que devia ficar só se autocondenando o tempo todo, parece que elas conseguiram entender, que errar*

⁴⁶ Teatro Amazonas: Com capacidade para 701 lugares, o Teatro Amazonas, inaugurado em 1896, é considerado e legitimado como um dos mais importantes teatros do Brasil e o principal cartão-postal da cidade de Manaus, e foi construído por negros e indígenas explorados no processo de escravidão para atender ao desejo da elite amazonense da época, que idealizava a cidade à altura dos grandes centros culturais europeias. O Teatro Amazonas como principal ponto turístico da cidade, é a representação dos processos de apagamento histórico dos povos originários, uma vez que o Encontro das águas por exemplo, como uma obra de arte da Floresta encontro do rio Negro e Solimões – não é considerado o ponto turístico mais visitado em Manaus. Perpetuando a ideia colonizadora, de que a melhor arquitetura, tecnologia e modo de vida, precisa ser inspirado no que vem de fora e das referências europeias.

⁴⁷ Teatro da Instalação: Com capacidade para 114 pessoas, o Teatro da Instalação é um prédio histórico que funcionou como uma casa de charutos – Casa Havaneza- no período da Belle Époque em Manaus – período de grande exploração dos seringais para a extração da borracha

é humano, mas que a gente pode se reorganizar na vida. Eu conversava com muitas delas quando elas entravam no Teatro, elas diziam: “Ai doutora, mas nunca me passou na cabeça”, era uma moça bonita, “que a gente podia participar de teatro também”. E eu dizia: “pois é, minha filha, a gente consegue, a vida é assim, precisamos aproveitar essas oportunidades e trazer para gente de verdade”. Esses depoimentos que ouvi delas, foram muito legais.

Esse projeto te respalda no mérito profissional como pesquisadora da arte-educação, mas também te respalda no âmbito espiritual. Sabe, assim, Onça, eu entendo o ser humano, como um ser sensitivo, que sente quando você tá repulsando, quando você de fato está se aproximando sem interesses, quando quer fazer algo de bom, de verdadeiro. Para mim, eu tenho certeza que a energia das pessoas, ela contagia. Então, eu sempre dizia para as meninas: olha, coloquem na cabeça de vocês todo dia, a nossa alegria de viver, a gente precisa lutar, precisa buscar a confiança, pois a nossa energia ela contagia. Mas quando a gente vai com aquele medo, nós tínhamos até uma colega da Seap que tinha um medo de entrar, um pavor. E claro, se você não tiver se sentindo bem, não vá, fique. Sabe por quê? Pois contamina o ambiente, o mal humor, ele contamina, a gente solta energia, eu acredito nisso, eu vivo isso. Desde que eu me entendi que eu poderia modificar a energia no meu entorno, eu coloquei isso para minha vida.

Antes de fazer faculdade de serviço social, eu já não concordava com esse negócio do ser humano ser totalmente fruto do meio, eu sempre acreditei que a gente pode transformar o meio também.

Vozes da Onça-Pintada: elas sempre tiveram vozes, mas foram silenciadas, privadas dentro da prisão. Elas não têm lugar para soltar e expressar essas vozes, o Teatro foi a base para esses estímulos de consciência de si e de seu contexto de classe, gênero e raça. Ou seja, as vozes vão sempre existir, o desafio é construir ou reconstruir os lugares de fala, de representatividade. Para CONCÍLIO (2008) “Hoje, o teatro não é impedido de entrar na prisão; ele é impedido de permanecer, de se consolidar” (p. 152). Pois o foco está em manter esse sistema lucrativo e não deixar que o Teatro Político, que questiona e liberta seja fortalecido.

Vozes das águas do Rio Nhamundá:

– *Com o Teatro, senti que essas mulheres ficaram mais falantes, algumas eram retraídas e passaram a falar, a se comunicar, elas se humanizaram mais.*

E também tinham algumas que não queriam mesmo, tanto é que o nome é Arbítrio, de livre arbítrio né? A pessoa tinha que querer participar. Elas decidiam entre elas que iria no dia do Teatro. Depois ficou tão ruim, pois tantas queriam participar, mas não podiam.

Vozes da Onça-Pintada: para algumas internas saírem de uma unidade prisional para apresentar, tivemos que conversar com a representante da facção, uma mulher branca, jovem, esposa de um líder de facção, pois o livre arbítrio dentro das celas, raios e pavilhões praticamente não existe, perde-se o direito de ir e vir, de falar e até de pensar.

Vozes das águas do Rio Nhamundá:

– *Sobre o comando eu dizia, eu entendo o comando de vocês, mas vocês entendem que é preciso fazer “isso, isso e isso” também; As ações de documento, antes de fazer as ações de documento, aliás a primeira ação que eu fui fazer, eu não tinha o envolvimento com os comandos (líderes de facções dentro da prisão), eu não tinha noção como era, eu achava que só falando com a Direção, a secretaria de administração e agilizasse toda a equipe para ir para lá, eu ia poder resolver esse problema da documentação das pessoas. Menina, foi um fiasco (risos). Eu tinha que conversar com os comandos, explicar para eles: “olha, eles precisam de documentos por conta disso, disso e disso. Esse projeto de ação da cidadania, do registro de certidão de nascimento das(os) internas(os), foi um negócio fantástico que conseguimos, liberar a certidão de nascimento para elas/eles e pros familiares delas/deles.*

Vozes da Onça-Pintada: o “fantástico”, era uma certidão de nascimento. Lembrome do fantástico caso de *Beija-Flor* (pseudônimo dado a mulher em estado de cárcere do caso a seguir): essa mulher estava na prisão provisória pelo roubo de um pacote de bolacha e ela estava presa há mais de dois anos em regime provisório, sem o julgamento ou audiência, qualquer encaminhamento, pois não tinha registro geral (RG), isto é, ela não existia para a sociedade. Uma mulher preta, gorda, pobre, com aproximadamente trinta e

seis anos, com quatorze filhas(os), com explícita capacidade cognitiva reduzida, pois ela apresentava ações corporais e até a fala de uma criança de oito anos de idade, aproximadamente.

Tinha dificuldades para elaborar a fala, a oralidade, as expressões corporais. Descobrimos na roda de conversa, após uma apresentação de Teatro-Fórum em que as próprias colegas de pavilhão revelaram, que ela não recebia visitas de ninguém, não tinha advogada(o) defensor(a) pública(o), estava há mais de dois anos em regime de cárcere provisório, sendo que ele deveria ser provisório, como o próprio nome revela, até a composição do julgamento ou audiência de custódia para encaminhar a/o interna(o) à pena de prisão ou penas alternativas.

Segundo dados do Depen (Departamento de Polícia Penal), no Brasil, até o ano de 2022, mais da metade da população prisional está em regime provisório, ou seja, sem encaminhamentos, sem julgamento ou qualquer plano de vida ou de reintegração para aquela pessoa, ela está ali, amontada com outras, jogada como um lixo e esquecida.

Após a oficina de Teatro na prisão daquele dia em específico, ao adentrar a área administrativa da prisão, encontrei com a Chefe de Reintegração e a Diretora e desabafei para elas a nossa indignação com o caso daquela mulher totalmente esquecida. Ainda ficamos sabendo que por ser portadora de deficiência cognitiva-comportamental, ela era comumente abusada sexualmente por homens e, por isso engravidou tantas vezes, doando suas filhas(os) ou deixando que eles/elas fossem acolhidas(os) pelos órgãos governamentais responsáveis pela adoção.

Além disso, ela contou na cena de Teatro-Fórum em que ficava no chão em posição de parto que o filho saía de sua barriga e ia para o colo de um “homem” que vendia a criança, na cena seguinte, ela sentava ao chão, embalava a criança de forma cênica por alguns segundos, encenava dar um beijo na testa dela e fazia o gesto com as mãos como se tivesse contando notas de dinheiro, após colocar o bebê imaginário na cena, no colo do “homem”, no caso a outra colega de cena e de cela quem fazia esse personagem. Em seguida, ela encenava entrando em uma taberna ou mercearia e pegava comida nas prateleiras, representadas cenicamente pelas cadeiras do espaço, fazia o gesto novamente contando o dinheiro e saía.

Todas riem e aplaudem. Eu não conseguia, ainda estava paralisada com a cena. Quando uma delas falou: *“ela tá aqui profi, porque adora bolacha de chocolate, roubou um pacote e nunca mais saiu daqui. Quando a senhora vier de novo, traz bolacha de chocolate recheada para ela e para gente, por favor”* (muitos risos de todas). Nesse momento eu despertei, voltei à mim e, com um sorriso que buscava, pedi mais aplausos para a cena e para ela. Era como ver uma criança na festa de aniversário, cantando parabéns atrás de um bolo colorido e recheado. Ela ria e quase não tinha dentes, e gargalhava feliz, pulava como criança, uma catarse de emoções após a cena de Teatro-Fórum. O objetivo da cena era mostrar algo que deixava triste e feliz. No caso dela, a tristeza em ter uma/um filha(o), ter alguns segundos de afeto e trocá-la(lo) por dinheiro para comparar comida, que a fazia feliz.

Existem tantas questões neste caso: mulher, preta, pobre, abusada sexualmente, moradora de rua, viciada em drogas e presa pela bolacha recheada de chocolate. Abandonada. Sem existir na prática, pois não tinha o acolhimento de ninguém, talvez tenha fugido de casa pelo excesso de abusos que sofria na infância, como é o caso de muitas crianças que crescem nas ruas, e sem existir oficialmente, pois nem ao menos tinha uma certidão de nascimento. Ela era filha do mundo, do pior mundo: o mundo racista, sexista-machista, patriarcal, abusador, que usava e seu corpo para se lambuzar e não limpava nada depois. Como consequência, uma gravidez atrás da outra e filhas(os) vendidas(os) provavelmente para o tráfico de pessoas ou de órgãos, comum no grandioso Estado do Amazonas, em que a extensão da Floresta e dos rios, escondem traficantes, garimpeiros e um submundo altamente opressor do turismo sexual, de garimpeiros que estupram crianças e adolescentes indígenas por exemplo e oferecem comida às famílias que não têm mais de onde tirar o sustento diário, uma vez que os rios estão contaminados por mercúrio.

Ao relatar resumidamente esse caso à chefa de reintegração da Seap e à diretora do presídio, elas resolveram agilizar esse caso, pois também se mostraram indignadas, segundo elas, eram tantos casos, eles se perdiam diante da demanda e a impotência de um sistema que prende, que encarcera, para não ver mais quem ele não quer – mulheres, indígenas, pretas, gordas, lgfts.

Porém, para a minha surpresa, diante de tantas omissões, na semana seguinte, houve a ação de documentos para certidão de nascimento e RG dentro

da prisão, e a aquela menina/mulher finalmente pôde tirar os seus documentos básicos para existir no mundo, os quais não eram suficientes ainda para reexistir nesse mesmo mundo. Após quatro meses, ela teve seu alvará de soltura⁴⁸, ou seja, após dois anos e alguns meses, foi libertada da Prisão, das grades. Para qual liberdade ela foi ou ela voltou? Talvez o único momento de liberdade, de sorriso espontâneo, aplausos e acolhimento que ela havia sentido e vivenciado nos últimos tempos tenha sido naquele pequeno recorte do Teatro na Prisão. Ouço ainda em minhas memórias, as gargalhadas de todas elas, as meninas/mulheres, ouço as palmas, vejo os pulos, os corpos em festa, livres.

Provável que ela tenha retornado às ruas de Manaus. Não se sabe o seu paradeiro até os dias de hoje, não voltou mais ao sistema prisional até meados de 2020 quando o Projeto Arbítrio paralisou devido à pandemia da Covid-19. Coloco aqui uma parte da letra da canção Ancestralizou (interlúdio) da cantora indígena Kae Guajajara que retrata a tristeza da invisibilidade da mulher preta e indígena.

*Eu tava rezando na mata, rezando para não ver um corpo boiando na água Eu não
tava onde você tava
Eu tava sendo escravizada, me perdoa Eu tava sendo escravizada
Me estupararam, me perdoa
Me roubaram
Eu quero voltar
Mainha, o problema foi tá colonizada demais
Foi ter se escondido demais
Eu sonhei
Era tão lindo o mundo que a gente construiu junto
Vamo cantar junto de novo, vamo plantar tudo de novo
Lutar por aquele mundo, que a gente respira junto, que a gente existe.*

Vozes das águas do Rio Nhamundá:

*– Neste caso e outros parecidos, o que falta é vontade para resolver as coisas.
Tínhamos o projeto com o Depen para conseguir as certidões de nascimento,*

⁴⁸Alvará de soltura: Ordem judicial que determina a liberdade de uma pessoa que se encontra presa que emitiam este documento.

um termo de cooperação técnica foi assinado com a Anoreg-Am (Associação dos Notários e Registradores do Amazonas), associação relativa aos cartórios. Eu dizia para eles: “vocês estão começando a virar gente”. Inclusive, os casamentos que a gente fazia, foi devido a essa parceria. A gente ficava batalhando a documentação, deles, dos padrinhos e madrinhas deles. Qual era minha missão ali: mostrar para elas/eles que a célula máster da nossa sociedade é a família. Que precisamos ter direitos, deveres e obrigações. Como família, elas/eles tinham a obrigação de tentar se melhorar para poder cuidar da família dele ou dela, pois geralmente as crianças estavam largadas por aí. Então era mostrar para eles que eles são responsáveis por quem ficou lá fora, na minha visão, as pessoas que aderiam, que se casavam, elas modificavam também, a família me falava fora da prisão.

Vozes da Onça-Pintada: na prisão e fora dela, o status de “família” ganha respeito e notoriedade. A mulher é a mais cobrada por ser solteira e decidir o que fazer, em partes. Nosso Corpo-Floresta ainda é bastante oprimido e a instituição família, se não questionada e reconstruída, só piora essas amarras. Em determinados períodos, o Projeto Arbítrio não pôde entrar nas unidades, devido à realização de casamentos, com direito a cerimônia na quadra do presídio, com vestimentas e aspectos mínimos que compõem uma cerimônia de casamento. Eu não compreendia muito bem esse projeto na época, pois na semana seguinte ou meses posteriores, aqueles casais (todos heterossexuais), a maioria deles, estava separada(o). Como manter um relacionamento à distância entre prisões femininas ou masculinas ou entre a prisão e o mundo fora da prisão? Perguntava-me. Aos poucos compreendi, que o objetivo maior era a humanização das pessoas por meio de um rito de passagem ou teatralidade intrínseca a nós, isto é, a vocação do ser humano às afetividades e sensibilidades, como insistia Boal (2009). Entretanto, também existia a realização de casamentos por motivos de proteção à própria vida ou ameaças entre as pessoas em situação de cárcere. Corpos de mulheres presas são vendidos em troca de pagamento de dívidas de tráfico e outros conflitos. No caso da proteção, se uma delas fosse casada com determinado membro da facção, preso na unidade masculina, ela estaria fora das ameaças de dentro de sua unidade feminina. Então, muitas implicações que não tivemos total acesso,

colocaram-se nesses casos. Muitas delas nunca haviam passado por nenhum rito de passagem, eram mulheres e homens com poucas memórias de festas de aniversários ou abundância de alimento e afeto em seus lares.

Vozes das águas do Rio Nhamundá:

– E a família dava de presente a nós a Bíblia. Lembro-me, também, que fizemos parceria com a Sociedade Bíblica do Brasil – SBB⁴⁹. Essa sociedade não tem uma religião específica, ela tem a função de distribuir a bíblia. Eles também foram nossos parceiros.

Também havíamos pensado em um projeto para tirar o lixo do sistema prisional, ficou todo encaminhado, todo organizado, mas não foi implantado.

Era para elas/eles recolherem o lixo, para fazer material orgânico, aquele monte de lixo que sai, para elas/eles plantarem o que comer, para pegar aquele monte de garrafa pet e transformar em vassouras para limpar o chão, que era para ser usadas pelos próprios internos(os). Saindo da prisão, haveria uma profissionalização delas/deles, era a intenção nossa. E que as famílias aqui fora pudessem entrar no mesmo ritmo e fabricar vassouras e outras coisas para prefeitura. As vassouras feitas de garrafa pet que, dessa forma, poderiam ir diminuindo nos igarapés de Manaus⁵⁰, assim a gente cuidaria do meio-ambiente, do ócio dos internos(os), que teriam um trabalho e também uma integração com suas famílias. Atualmente não sei o que aconteceu com esse projeto, se foi implantado ou não. Eu pensava justamente isso, pois a maioria mora nas periferias, onde cortam muitos igarapés, então isso iria levar às crianças entenderem que não é para jogar lixo nos rios, esse mesmo 'lixo' poderia ser transformado e está varrendo as ruas como vassouras. Ficou o projeto escrito, foram feitas visitas nas unidades prisionais, para averiguar a quantidade de maior de lixo que cada uma produzia. Fizemos um levantamento de tudo.

⁴⁹ “Em 10 de junho de 1948, sob o lema “Dar a Bíblia à Pátria”, surgiu a Sociedade Bíblica do Brasil (SBB). Nesta época, logo após a 2ª Grande Guerra, o clima era de otimismo e esperança – cenário favorável ao crescimento da distribuição da Palavra de Deus. Criada por grandes líderes cristãos, a SBB assumiu as atividades de tradução, produção e distribuição da Bíblia em todo o território nacional”. Fonte: site oficial SBB - <https://biblia.sbb.org.br/sobre-a-sbb/historia-da-sbb>

⁵⁰ É comum ver na cidade de Manaus, pequenos rios, chamados de igarapés que atravessam a cidade, ou na realidade, a cidade se sobrepõe sobre estes canais fluviais, e que estão repletos de lixo das casas das pessoas, que vivem em condições subalternas, e a quantidade de garrafas de plásticos é numerosa nesses igarapés.

Nesse momento, Vozes das Águas do Rio Nhamundá se recorda do nome de um chefe superior militar que dizia a ela:

– *“Ei, eu não acredito em nada disso, mas se tu acreditas!”*

Ele me questionava: “Quantos porcentos tu acreditas que consegue se reintegrar?”

Eu dizia: “olha, 20% eu acredito que consegue se reintegrar, de 100, 20 consegue” eu afirmava. Pois 20% já era um bom número, pois a gente já estava perdida(o).

Então, o chefe me dizia: “Nem um por cento!!! Eu não acredito em nem um por cento, em nada. Para mim é bandido, é lixo. Mas vou fazer por que tu achas que vale a pena, então vamos lá”.

Eu penso que violência gera violência, punição todo dia não resolve, só aumenta a violência.

Vozes da Onça-Pintada: esse mesmo chefe de patente militar, em 2019, quando apresentava novamente o Projeto Arbítrio, projetando slides na grande sala de reuniões, explicando o sentido da vigilância e da punição, por Michael Foucault (edição 1997), e a importância da arte, da educação nas prisões, agora em sua gestão, mostrou a manutenção do sistema patriarcal, o qual subestima e domina mulheres que qualquer outro corpo dissidente. Acabei a apresentação e me lembro de que ele falou de forma objetiva com uma voz grave e alta, vestido ao seu uniforme militar e coturno marcantes nos pés: *“Professora, eu não acredito em nada disso, eu sou da punição, e a senhora é da educação. Eu faço a minha parte, a senhora faz a sua”*. Nas entrelinhas e no discurso velado, ele também me disse: *“eu sou um homem branco, cidadão de bem, chefe, militar de muita experiência e poder. Eu mando aqui! E você é uma mulher indígena, que fala bem, mas continua sendo mulher não branca tentando me ensinar como eu devo fazer o meu próprio trabalho”*.

Saí de lá frustrada e desanimada, nunca mais abordei de forma pedagógica ou com apresentação de slides os chefes do sistema, o Projeto Arbítrio, mas decidi que não íamos parar. Continuamos no regime semiaberto feminino até março de 2019, localizado no centro da cidade de Manaus, todas as sextas-feiras, o dia que as mulheres em situação de cárcere iam à unidade

assinar a sua frequência presencial e provar à justiça que não estavam foragidas. Lembrei aos poucos o que já tinha aprendido, mas não colocava em prática como estratégia, ou seja, que ao falar que o teatro nas prisões poderia dar visibilidade ao sistema de reintegração penitenciária, aparecendo na mídia e legitimando a secretaria, dessa forma, eu era mais bem-vinda e compreendida e o Teatro nas Prisões continuaria. Assim foi feito.

Vozes das águas do Rio Nhamundá: também tinha em mente o projeto da Rádio Prisão, em que seriam colocadas rádios nos pavilhões, por exemplo, na situação de aniversários, o locutor da rádio iria ler uma carta da família, parabenizando-a(o), ou colocar a música que ela/ele mais gostava. Eu pensava que quando há comunicação, direito de fala, de expressão, há humanização. Estava tudo certo para sair esse projeto e o chefe chega e diz: Não! Sabe o que eles vão fazer? Elas/eles vão dar voz de comando na hora da greve, da rebelião. Quando a gente ver, vai tá uma bagunça. Então, não, não e não, pode parar com isso. Ou seja, ele cortou minhas ideias. Já o outro chefe militar, acreditava, ele acreditou no Teatro, no Projeto Arbítrio, por exemplo.

Vozes da Onça-Pintada: aqui ressalto a importância do momento político em 2015, quando assinamos o primeiro termo de cooperação técnica entre Universidade e sistema de prisional, cujo gestor era um militar de grande patente, filho e sobrinho de dois grandes nomes da dramaturgia e do Teatro amazonense, em que dois teatros físicos recebem o nome do pai e tio, em homenagem ao legado que deixaram na insistência em fazer teatro na cidade de Manaus. O então gestor me contou com um certo alívio como que finalmente pudesse falar sem vergonha sobre a carreira de seu pai e tio, sobre ser artista. Ele revelou ainda que conheceu Augusto Boal, fundador da Estética da(o) Oprimido, na oportunidade em que ele esteve no Rio de Janeiro com seu pai para acompanhar protestos políticos e um circuito teatral. Nessa ocasião, eu perguntei de forma espontânea e surpresa a ele: “*como e por quê o senhor decidiu seguir a carreira militar? Tendo uma rotina no meio teatral, da efervescência do circuito cultural?*” Ele, então, desconversou, ajeitou o uniforme engomado e se dirigiu ao então reitor e pediu ao fotógrafo que tirasse as fotos desse momento inédito entre Uea e SEAP. Pois afinal, em sua rotina, não poderia abordar a sua admiração pela

arte com a patente militar que o condicionava, isso demonstraria uma certa fragilidade, o que podemos chamar de masculinidade frágil, imposta e perpetuada pelos homens cis e héteros, muitas vezes com orgulho.

Neste dia, o termo de cooperação técnica entre SEAP e UEA, aconteceu no Gabinete do Reitor da universidade, todos os convidados eram homens (assessores, pró-reitores, coordenadores e secretários) e só havia uma única mulher naquela sala: a mulher era eu! Senti que tinha uma responsabilidade potente entre a parceria entre dois órgãos governamentais que precisavam dar satisfação à sociedade de suas funções básicas: construir humanidades, reintegrações, acesso à arte, à educação etc. Quase fui impedida de adentrar à sala, pelo segurança da porta do gabinete, que precisou ver o meu crachá, confirmar o meu cargo e, mesmo assim, eu notava sua aparente desconfiança quanto a minha presença como professora responsável por um projeto que seria para homens comandarem, segundo o patriarcado. Mulheres na prisão? Mulheres líderes na educação, na inclusão, na prisão? Sim. Ali eu iniciava um processo de autoconsciência sobre a importância de ocupar o meu lugar de fala, dentro de um contexto veladamente (ou explicitamente) machista e racista. Com muita cordialidade, brindes e fotos, firmamos a parceria.

Sobre as religiões nas prisões

Vozes das águas do Rio Nhamundá: todas as religiões foram procuradas e que inclusive a umbanda e o candomblé, chegaram a realizar o cadastro, mas não fluiu. A religião evangélica é mais predominante e eu vou te dizer porque, pelo o que eu penso: a religião evangélica muitas vezes tem o interesse de captar mais rebentos, aí eles induzem a família e aí é a família quem paga os dízimos para eles aqui fora, quanto maior a família, mais dízimo. Com todo respeito, eu buscava parcerias deles sim, essas igrejas ajudavam nos lanches dos eventos, camisetas e tudo que precisasse para humanizar alguma coisa lá dentro. E porque essas igrejas tinham poder aquisitivo maior, então ajudavam mais. A igreja católica, com todas as dificuldades dela, mas elas iam, com a equipe reduzida, mas também sempre estiveram presentes. De todas as formas, a cooptação das igrejas dentro das prisões, buscam veladamente por mais lucros dízimos e conseqüentemente o processo de alienação e culpa perduram.

O que vem na minha cabeça, sobre as pessoas terem um maior índice de reintegração é se, no sistema prisional ele não fosse só punitivo, se ele fosse construído, desde a parte arquitetônica pensada na forma de reintegrar, como um lar com oficina de trabalho. De um lado estaria a área de trabalho, deste outro lado estaria a igreja e bem aqui o presídio, e do outro lado a escola. De manhã cedo, elas/eles iriam para capacitação. Eles saíam do presídio de manhã, da cela delas/deles, se tivesse que vir para aula, vinha pra aula, depois rezava na igreja e passava pro local de trabalhar. Ali ela/ele iria trabalhar. Trabalharia , fazia as peças que tinham que fazer e voltava para área dele no final do dia, pois ele ia voltar cansado, sem tempo para pensar besteira e nem planejando fuga.

Mas o que acontece no sistema prisional? O sistema é construído como se fosse para porcos, “toma aqui, tira da sociedade, é lixo humano, fica para lá”. O Estado gasta muito mais porque ele tem que bancar empresas para dar a comida que ele tem que dar, comida, bebida, sistema de segurança, de saúde. Se todo esse dinheiro que fosse gasto, fosse pensado desde a hora que a estrutura da penitenciária fosse construída, com certeza teríamos mais reintegração e menos retorno, reincidência pro presídio. Pois quando a(o) interna(o) sai de dentro do sistema prisional, ele sai, na verdade, quando ele consegue sair, quando consegue advogado, quando tem alguma estrutura, ele já sai minado pelo chefe do comando. Ou ele reza a cartilha dela/dele ou a família dele morre.

O sistema prisional do Brasil é uma faculdade do crime, com pós-graduação, doutorado e legitimada e bancada pelo nosso governo. Se fôssemos analisar, eu diria que somos nós que pagamos isso, nós que pagamos essa conta. Se houvesse interesse político de fazer com que realmente houvesse a reintegração e diminuísse a violência, era fazer essas pessoas entrarem com a obrigação de trabalhar. Portanto, não seria um direito para eles estudarem e trabalharem, seria um dever, uma obrigação, de se capacitar e trabalhar.

O dinheiro dele, ele poderia ir guardando ou então repassando uma parte para família. E quando ela/ele saísse do sistema prisional, ela/ele já teria alguma coisa para trabalhar. E ela/ele saí do presídio, no meio da selva amazônica, com uma mão na frente, outra atrás. Não tem dinheiro às vezes para pegar o ônibus no meio da estrada daquela selva. Ele vai sair com fome, ele vai ver alguém com

o celular na mão por exemplo, ele vai roubar, não estou defendendo ele aqui, eu só estou dizendo que o nosso estado... É um círculo vicioso que não tem política pública de Estado, de reintegração social, infelizmente no nosso país. Quem tem dinheiro paga um bom advogado, compara uma sentença e sai belíssimo pela porta da frente.

Vozes da Onça-Pintada: o presídio é o navio negreiro contemporâneo, uma masmorra que serve para tirar o direito de ir e vir, a dignidade e toda a humanidade de pessoas pretas, pobres, indígenas, analfabetas e todas as minorias.

Vozes das águas do Rio Nhamundá:

– *Quando eu ia pro sistema prisional, eu saía cinco horas da tarde, eu ia me revigorando (com a Floresta). A localização é perfeita, só o espaço físico que não souberam aproveitar para transformar essa realidade dessa pessoas em benefício para sociedade. A Floresta está ali numa dimensão enorme e área que é do sistema prisional é gigantesca, o terreno poderia ter sido feito diferenciado.*

Todos os governos que passaram, eu não sei como é nos outros estados, mas é no mesmo sistema, eles não pensam no que (indivíduo) que errou, em uma maneira de trazê-lo de volta para sociedade, pelo contrário, quanto mais longe estiverem melhor. E estão enganados, pois eles (os governos), estão aumentando o tráfico, que é um crime organizado por conta disso, eles têm organização. Eles pagam faculdade, investem na pessoa para estudar, para ser pastor, advogado, eles pagam o dentista da criança, a cirurgia da mãe idosa de alguém.

Teve um caso, um projeto que a gente levava um ex-interno da prisão nas escolas e que ele falava e dava seu testemunho de como era a prisão e que havia possibilidade de se reintegrar depois de sair do crime. Eu firmava que o tráfico não era o caminho. Depois a diretora da escola me chamou e disse: “Vozes das Águas do Rio Nhamundá, não fala que dá para resgatar o pessoal do tráfico por que uma mãe de um aluno veio aqui comigo da outra vez, e veio me dizer para eu parar com esse projeto aqui na escola, por que ‘os traficantes não são tão maus assim, por que eles que pagaram a cirurgia da perna do marido dela, que estava preso, que estava quebrada há muito tempo, eles é quem

pagam a faculdade do filho dela e quando falta comida, é eles quem mandam, então os traficantes não são de todo ruim”

– Então, eu fiquei assim... Surpresa, sem respostas para aquilo.

Saí de lá e fui olhar o caso do marido dela preso e, realmente, o homem ficou lá com a perna apodrecendo há muito tempo aguardando a cirurgia. E quando o encontrei dentro da prisão, ele me confirmou que o líder de uma facção tinha autorizado a cirurgia dele no hospital particular da cidade, e ainda pagava a faculdade de Direito do filho dele.

Ou seja, eu pensei, eles são extremamente organizados. Enquanto isso, o Estado faz de conta que está cuidando

Como eu já disse, quando eu saía das unidades prisionais e ia adentrando a estrada com a selva amazônica, eu ia me revigorando, ia com sentimento de que eu havia cumprido toda a minha missão, o que era possível fazer, era cansativo. Eu também ia agradecendo e pensando: meu Deus, como meus problemas são pequenos diante de tantos relatos e vidas tristes. O cara que foi preso porque ele ia pedalando com suas coisas de marcenaria, um trabalhador e tinha um martelo na cintura e foi preso por que o policial disse que ele estava armado, era preto, lascado, pobre, do interior do Amazonas, de Manacapuru. Lembro de outro caso de um professor do Cetam (cursos de capacitação) que foi preso porque alguém do tráfico guardou uma droga na casa da filha e essa filha era muito dedicada aos estudos e trabalho e foi enganada, então ele assumiu a culpa por ela, por que a pequena casa estava no nome dele. E ele estava lá há muito tempo. Ele também era pobre e do interior do Amazonas, de Itacoatiara. Então, tem muita coisa errada.

Sobre os fatos marcantes de ruim, o que mais me marcou foi a rebelião de 2017⁵¹, eu ter que entrar lá e ajudar na identificação de corpos, de juntar perna

⁵¹ Rebelião em 2017: Massacre ocorrido em janeiro de 2017 considerado até hoje o maior do Amazonas. Segundo os dados repassados à imprensa “Os mortos eram integrantes de uma facção criminosa que cumpriam pena por estupro. Em dezembro de 2017, o Ministério Público do Amazonas concluiu em uma investigação que uma série de falhas contribuiu para a rebelião ter acontecido. Entre as conclusões, estavam: falta de uma comunicação rápida entre a polícia e a Secretaria de Administração Penitenciária, que já tinha recebido denúncias de que presos planejavam fazer uma rebelião e fugir; acúmulo de processos: um juiz da Vara de Execuções Penais cuidava de mais de 17 mil processos por ano e concedia benefícios desiguais aos detentos; erros do próprio Ministério Público, que designou apenas dois promotores para cuidar de 17 mil processos e fiscalizar oito presídios; falhas da direção da penitenciária, que dava regalias para os presos”

de um, com cabeça do outro, o cheiro era muito marcante, aquele ambiente, nunca saiu da minha cabeça, um cheiro de morte. Encontrar uma cabeça de uma pessoa, e montar num corpo estirado no chão, e ter que olhar para essas pessoas, em que só eram identificadas pela arcada dentária, estavam mutiladas. E depois ter que confirmar com a família, depois de ter montado o corpo de um filho.

E um fato marcante, bom, foi quando eu estava na apresentação de Teatro do Projeto Arbítrio na Assembleia Legislativa com a conferência dos direitos das mulheres. Esse dia me marcou muito, foi muito positivo. E eu agradeço tanto, mana, por você ter aparecido, porque eu buscava tanto alguém da Universidade, alguma coisa diferente para ter um momento de alegria.

Em seguida agradeço pela entrevista e por todo o aprendizado. Ela me mostrou todos os cômodos de seu restaurante, cozinha industrial, apresentou-me à equipe, subimos as escadas do espaço, decorado com acessórios regionais e pinturas de rios e casas ribeirinhas e obras de artistas locais. Ela mostrou as reformas e onde começaram e o que ainda pretendem fazer para melhorar o ambiente, especialmente o contato com a natureza na área ao ar livre com uma grande árvore, uma mangueira, então ela disse: *aqui vai dar para gente comer caranguejo, fazer o toc toc, tomar o tacacá, conversar alto, dar risada e olhar a lua.*



Figura 69 - Mulheres na Roda de Conversa. Aula de TO, preparação Teatro-Fórum
fonte: Jornal Virtual G1. <https://g1.globo.com/am/amazonas/noticia/2019/05/27/massacre-em-2017-foi-o-maior-do-sistema-prisonal-do-amazonas.ghtml>

CONSIDERAÇÕES EM ESTADO DE BANZEIRO

*Reverenciando a presença das avós
Velhas curandeiras com suas ervas benzedeadas
São as mensageiras da rainha da Floresta
São as mensageiras da rainha da Floresta
Abuelita sagrada teu rezo tem mistério
Voa voa como um colibri beijando as flores
Espalhando a semente do amor divino
Silenciosamente vai sarando os espinhos*

Música Abuela Medicina Tainá Santos



Figura 70 - As avós, a mãe e o pai. Os Ancestrais.

Fonte: Arquivo da autora, da esquerda para a direita: vovó Marta (vó da Mata) em pé com bata branca; Vovó Dica e Minha mãezinha; Meu paizinho na canoa no quintal de sua casa no Bairro Aparecida em Manaus; Vovó Dica com 95 anos, poucos meses antes de seu encantamento (falecimento).

O banzeiro leva o(a) canoeiro(a) devagar, o esforço da remada braçal não se torna dolorida por causa do movimento a favor que o banzeiro proporciona. É

fluido e interdependente: a canoeira, a canoa e o rio. Essa pequena onda que toma conta do maior rio do mundo, o Amazonas, é como se fosse uma onda cortando de ponta a ponta um rio grandioso. São ondas pequenas na nossa visão, porém, os redemoinhos que as formam, estão em estado profundos de encontros em diversas camadas abaixo.

Certa vez, resolvi pular bem no meio do Encontro das Águas, pude sentir a água mais quentinha de um lado (Negro) e mais geladinha do outro (Solimões). Estava tomada por aquelas águas, empolgada, agitada, queria aproveitar cada momento, e nadando sem nenhum colete salva-vidas ou bóia, virava-me de um lado, depois virava-me para o outro lado, olhava a imensidão da Floresta que não cabia em meu olhar. Resolvi mergulhar e ouvi tantos barulhos, tantas vozes ali embaixo, um outro mundo e quando voltei à superfície, eu não conseguia nadar com agilidade e rapidez para voltar à embarcação, como era o esperado. A diferença de velocidade, temperatura e sedimentação dos dois grandes rios formam uma espécie de redemoinho, que pode impedir de nadar mais rápido que eles. Não há como competir com as águas dos rios. Somos apenas um pequeno elemento dentro delas. Ali aprendi a me acalmar, a parar de mexer tanto as pernas, pois já estava cansada. Então resolvi boiar, ou seja, estiquei meu corpo na posição “de barriga para cima” e deixei o banzeiro me levar de volta à embarcação. Logo o canoeiro jogou uma bóia de pneu preto e, mais calma, segurei-me a ela e resolvi curtir aquela sensação de pequenez, de estar exatamente frente a frente com aquelas Entidades: os Rios, as Águas, a Floresta. Encontrei-me com o Encontro das Águas.

Como Onça-pintada em retomada, posso dizer metaforicamente, que já aprendi a fazer a caminhada para procurar alimentos na selva, para descansar debaixo da árvore quando necessário, para beber a água do rio na beira e sempre acompanhada das (os) Ancestrais, da mãe Onça-pintada corajosa, a qual em minha caminhada etnográfica e sensorial é representada por muitas “mães”. Sempre acompanhada delas, as quais são corajosas e fortes mulheres que vieram antes de mim, além de meu paizinho e tantos companheiros aliados nessa jornada. Elas e eles me abençoam,

avisam-me dos perigos, mostram os caminhos,
ficam olhando de longe
mas nunca impedem-me de caminhar,

de saber,
 de sentir,
 de viver a grande Floresta
 Ensinam-me o respeito, a atenção
 A compaixão,
 A coragem para rugir quando necessário,
 Para marcar o território
 com minhas pequeninas e densas patas de felina filhote
 Assim vou indo, com eles e elas impregnados em mim.

Dentre elas, em 2016, nasceram dois espíritos gêmeos, que vieram como minhas sobrinhas (aqui com os pseudônimos de comidas amazônicas saborosas e sagradas): Tucupi e Tambaqui. E os ensinamentos das prisões iam e voltavam todos os dias para refletir nelas, sobre o corpo-Floresta e sobre a luta que terão como meninas/mulheres/pessoas/humanas em pular sem medo no encontro das águas, no encontro consigo e com as nossas ancestrais. Quebrando, também, ciclos de sofrimento. Hoje, carrego na barriga, literalmente, um espírito ancestral. Um passarinho chamado Cauã, nome indígena com o significado de Gavião-Real. Carrego a responsabilidade da Onça-Pintada em retomada, de tornar-me Onça-Mãe referência, mas não exata, apenas que deixa fluir nas águas do rios e de seus banzeiros, de ensinar que ele/ela/elu também terá a responsabilidade de quebrar ciclos de sofrimento. Escrevendo curas e caminhando com sensibilidades junto de muitas e muitos. São as/os filhas(os) do amanhã, que saem do estado de cárcere ao estado de liberdade.

Por isso, este estudo tem considerações em estado de banzeiro, ou seja, em estado de fluidez e profundidade, de necessidades de mais mergulhos para compreender as vozes embaralhadas e que, junto com as minhas próprias vozes, precisam falar e se acolher para fortalecer e resgatar o corpo-bicho, o corpo-floresta. Somos corpos-políticos em grandes intensidades, variações, temperaturas e velocidades, muitas vezes abatidos, exaustos. Só precisamos deixar o banzeiro levar.

Deixa o Banzeiro levar

Deixa o Banzeiro trazer

Deixa o corpo se misturar

E é com o Teatro que potencializa esse corpo-floresta em mim como mulher do Norte, Onça-pintada e nas mulheres que me abraçam nas prisões. Lá somos livres. Nem que seja por um instante. Precisamos ser livres aqui fora também.

O *Projeto Arbítrio* ainda tem muitos documentos e vozes a serem analisadas neste estudo, mas todas elas já encontraram e se transformaram em corpo-floresta na prática teatral. Com o Arbítrio e as caminhadas onde conheço e me disponho ao encontro das vozes plurais, vou construindo posicionamentos sobre liberdade, sobre a necessidade de ser antipunitivista e anticárcere, sobre voltar a um ritmo possível, decolonial e verdadeiro. Não é possível desmontar todas as prisões, mas é possível questioná-las, e como as águas dos grandes rios, ir adentrando nas brechas das pedras.

Com isso, percebemos que cada vez mais a sociedade, definitivamente, não precisa desses recursos para regular relações.

Vó Dica e Vó Marta, mãezinha e paizinho sempre dizem:

Podes Comer devagar

Mastigar

Embalar devagar nessa rede menina

Sobe no topo da árvore e fica um tempo lá

Na subida...olha... percebe o tronco, a seiva

Come as frutas

Saboreia

SA-BO-REI-A

Não precisa gritar por causa das formigas que andam nas suas pernas,

É a casa delas também

Se tu encontrar a cobra ou aranha caranguejeira em algum galho ou tronco

Respira

Movimenta-te devagar

Sente o orvalho

O cheiro do mato

A vida tá preenchida de vozes da Floresta,

Confia

As/Os ancestrais ecoam com suas vozes: as relações precisam ser afetuosas, verdadeiras, que atravessam, precisam ser generosas, como vovó Dica ou vovó Marta sentavam-se em sua cadeira de balanço ou em suas máquinas de costura e ali longas conversas se faziam, com todas as pausas poéticas e não poéticas possíveis em seu vocabulário, no intuito de contar e fazer sentir.

Este estudo, portanto, é fluido e contínuo. Aqui delineamos a necessidade urgente de falarmos das prisões e de como o Teatro é transformador dentro e fora delas, e como a educação é mudança certa e possível quando a espaço possível de fala, e quando aliados e aliadas neste processo lutam junto para abrir caminhos a estas transformações. Tudo isso dentro da Floresta que habita todas as pessoas do Norte do Brasil, um norte marcado por resistências, que me habita intensamente na luta contra o racismo, a xenofobia, o machismo, as diferenças de classe e gênero. A necessidade de retomada indígena é urgente ao Norte, ao povo da Floresta como deveríamos nos autodeclarar. Pois somos o povo da Floresta.

Do ensaio das minhas próprias vozes para as vozes das internas e membras da gestão do contexto prisional - a partir das experiências com o Teatro na Prisão nos presídios femininos do Amazonas, de forma poética e seguindo a estética e ética da metodologia de pesquisa da Escrivivência e da autoficção, da metodologia da vida das Ancestrais e da Onça-Pintada, nos permitiram falar nesta tese de forma decolonial, quebrando alguns muros colocados ao acesso de pessoas pretas e indígenas nas universidades e no mundo.

A necessidade de contar sobre mim e misturar-me às perspectivas das prisões, escolas, universidades, maternidade, que são lugares onde piso e tento viver para além de sobreviver, torna-se urgente neste estudo, pois trata-se de vozes que sempre existiram, entretanto, precisavam de espaços de falas e representatividades.

O verdadeiro Teatro como Educação e Transformação, é o próprio lugar onde vivemos, e trouxe-me até aqui com outras potências como a Andorinha do Amazonas, as vozes do Rio Nhamundá, as vozes do Rio Negro, a Samamúma a Curupira, a Flor do Jambo, as águas de tantos rios e outras personagens que não couberam aqui neste escrito. Sem essas entidades, não estaríamos conversando. A perspectiva antirracista e decolonizadoras são urgentes. O

Teatro como liberdade é possível.

O Teatro das Oprimidas é resultado da necessidade de desenvolver produções teatrais, nas quais as mulheres não sejam culpabilizadas pelas violências machistas que enfrentam, e de ampliar a participação de artistas-ativistas como facilitadoras desses processos de produção e do diálogo com o público nas sessões de Teatro-Fórum. Por um lado, o Teatro das Oprimidas aprofunda a perspectiva subjetiva do problema para explicitar a complexidade das personagens e, por outro lado, prioriza a inclusão da estrutura social na encenação, a fim de revelar os mecanismos de opressão que sustentam o sistema patriarcal (SANTOS, Bárbara. 2020, p.37).

Portanto, compreender as interseccionalidades entre classe, raça e gênero e mergulhar nos movimentos contra-opressores por meio do Teatro, em unidades prisionais em meio à Floresta Amazônica, parece um desafio grandioso. E é. Como continuar?

Deixa o banheiro nos levar...

Mas é preciso pular com coragem no Encontro das Águas,

Arriscar-se

Com respeito e escuta

Assim,

As oprimidas saem das celas

Correm pela Floresta

O Teatro as liberta.



Figura 73 - Figura 74 - Êxtase no Camarim: O Teatro é Liberdade

Fonte: Arquivo do Projeto Arbitrio, que mostra a equipe participante, durante a apresentação no Teatro da Instalação em 2016 e 2017.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMEIDA, Silvio Luiz de. **Racismo Estrutural**. São Paulo: Sueli Carneiro; Editora Jandaíra, 2021.
- ALVES, Rubem. **A Alegria de Ensinar**. Campinas-Sp: Papyrus, 2012.
- BANDEIRA, Jorge. **Cabeças Decapitadas. Dramaturgias e Reflexões cênicas**. Org. Tenório Telles. Manaus: Editora Valler, 2022.
- BEAUVOIR, Simone. **O segundo Sexo: Fatos e Mitos**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.
- _____. **O Segundo Sexo: A Experiência Vivida**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.
- BENTO, Cida. **O Pacto da Branquitude**. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.
- BOAL, Augusto. **A Estética do Oprimido**. Rio de Janeiro: Garamond, 2009.
- _____. **Jogos Para Atores e Não Atores**. 8ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.
- _____. **Teatro do Oprimido e Outras Poéticas Políticas**. 4ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1983. (Coleção Teatro Hoje).
- BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Tradução Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- _____. **Vida precária: os poderes do luto e da violência**. Trad. Lieber, Andreas. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.
- CABALLERO, Ileana Dièguez. **Cenários expandidos. (Re)representações, teatralidades e performatividades**. Urdimento - Revista de Estudos em Artes Cênicas, Universidade do Estado de Santa Catarina, Programa de Pós-Graduação em Teatro, v. 1, n. 15 (out. 2010) – Florianópolis: UDESC/CEART.
- CARNEIRO, Aparecida Sueli. **A construção do outro como não-ser como fundamento do ser**. 2005. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005. Acesso em: 25 janeiro. 2022.
- CASTRO, Marcelo. **Bioescritas como dispositivo de construção dramática com adolescentes privados de liberdade**. Urdimento, Florianópolis, v. 3, n. 39, nov./dez. 2020.
- COLLINS, Patricia Hills. **Pensamento feminista negro: conhecimento, consciência e a política do empoderamento**. São Paulo: Boitempo, 2019.

CONCILIO, Vicente. **Teatro e Prisão: Dilemas da liberdade artística**. São Paulo: Hucitec- Aderaldo&Rothschild, 2008.

CRENSHAW, K. **Demarginalizing the Intersection of Race and Sex: A Black Feminist Critique of Antidiscrimination Doctrine, Feminist Theory and Antiracist Politics**. University of Chicago Legal Forum, n.1, p. 139-167, 1989. Disponível em: <https://chicagounbound.uchicago.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=1052&context=uclf> Acesso em: 09 jan. 2023.

DAVIS, Angela. **Estarão as Prisões Obsoletas?**. Tradução de Marina Vargas. 6ª ed. Rio de Janeiro: Difel, 2020.

_____. **Mulheres, Raça e Classe**. Tradução Heci Regina. 1. Ed. São Paulo: Boitempo, 2016.

DOUBROVSKY, J. S. **O último eu**. In: NORONHA, Jovita. GUEDES, Maria Inês. (Org.). **Ensaio sobre a autoficção**. Tradução Jovita Maria Gerheim Noronha e Maria Inês Coimbra Guedes. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014. p. 111-125.

EVARISTO, Conceição. **Da grafia-desenho de minha mãe, um dos lugares de nascimento da minha escrita**. Revista Z Cultural, Rio de Janeiro, v.03, ano xv, 2020. Disponível em <http://revistazcultural.pacc.ufrj.br/da-grafia-desenho-de-minha-mae-um-dos-lugares-de-nascimento-de-minha-escrita/#:~:text=DA%20GRAFIA%20DESENHO%20DE%20MINHA,MINHA%20ESCRITA%20%E2%80%93%20Revista%20Z%20Cultural&text=Talvez%20o%20primeiro%20sinal%20gr%C3%A1fico,Ancestral%20C%20quem%20sabe%3F> Link. Acesso em: dezembro de 2021.

_____. **Literatura Negra: Uma poética de nossa afrobrasilidade**. Revista Scripta, Minas Gerais, v.13, n.25, 2009. Disponível em <http://periodicos.pucminas.br/index.php/scripta/article/view/4365>. Acesso em: novembro de 2021.

FAEDRICH, Anna. **Autoficção: um percurso teórico**. n.17, p.30-46, dez.2016.: *Revista Criação & Crítica*, São Paulo, 17, p. 30-46, dezembro de 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.1984-1124.v0i17p30-46>. Acesso em: março de 2021

FERREIRA, Maryelle. RAMOS, Alcida Rita. **Mulheres Yanomami e a Vida Social Total**. Disponível em: https://www.academia.edu/48994370/Mulheres_Yanomami_Maryelle_Alcida_p_df. Acesso em: outubro de 2021

FERREIRA, Preta. **Minha Carne: Diário de uma Prisão**. 1ª ed. São Paulo: Boitempo, 2020.

FICHE, Natália Ribeiro. **Teatro na Prisão: Trajetórias Individuais e perspectivas coletivas**. Dissertação de Mestrado do Programa de Pós-

Graduação em Artes Cênicas do Centro de Letras e Artes da Unirio-RJ. Rio de Janeiro, 2009.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir: Nascimento da Prisão**. Tradução Raquel Ramalhe. 42ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

_____. **Microfísica do Poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1986.

_____. **História da Sexualidade I: A vontade do saber**. Tradução Maria da Costa Albuquerque e J.A Guilhaon Albuquerque. 13ª ed. Rio de Janeiro, Graal, 1999.

_____. **Os Anormais**. Curso no College de France (1974-1975). Tradução Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

_____. **Pedagogia do Oprimido**. 42º ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

GUAJAJARA, Sônia. **Discurso de Posse como Ministra dos Povos Originários**. Governo Lula, em 11 de janeiro de 2023.

GUEDES, Fátima. **Fêmeas Memórias: Algemas Silenciadas**. Parintins: Gráfica Editora João XXIII, 2018.

GOFFMAN, Erving. **Manicômios, Prisões e Conventos**. Tradução Dante Moreira. São Paulo: Editora Perspectiva, 1974.

GONZALEZ, Lélia. A categoria político-cultural de amefricanidade. In: Tempo Brasileiro. Rio de Janeiro, Nº. 92/93 (jan./jun.). 1988.

hooks, bell. **Tudo Sobre o Amor: Novas Perspectivas**. Tradução Stephanie Borges. São Paulo: Elefante, 2020.

_____. **O Feminismo é Para Todo Mundo: Políticas Arrebatadoras**. Tradução Bhuví Libanio. 14ª ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2020.

IARED, Valeria Chislotti. **Etnografia em movimento como possibilidade para a interpretação da experiência estética na Natureza**. Caderno de Pesquisa: Pensamento Educacional, Curitiba. Número especial, p. 184-203, 2018.

_____. **O walking ethnography para a compreensão das interações corporais**. Ambiente e Sociedade, v. XX, n.2, p. 99-116, São Paulo, 2017.

INGOLD, Tim. **That's enough about ethnography! Haus: Journal of Ethnography Theor**, v.4, n.1, p. 383-395, 2014.

_____. **Being Alive: Essays on movement, knowledge and description.** London, UK: Routledge, 2011.

JACOBS, Daiane Dordete Steckel; SOUZA, Samira Sinara. **Sobre cartas, celas, elas e professoras em processo.** Urdimento, Florianópolis, v. 3, n. 39, nov./dez. 2020.

JANIASKI VALE, Flávia; GOMES, Márcia; AGUIAR, Alan. **Teatro e Prisão: experiências que se transformam em linguagem.** Urdimento, Florianópolis, v. 3, n. 39, nov./dez. 2020.

KLINGER, Diana. **Escritas de si e escritas do outro: Autoficção e etnografia na literatura latino-americana contemporânea.** Tese de Doutorado em Letras. Literatura Comparada. Rio de Janeiro: UERJ, 2006. Disponível em: <https://www.bdttd.uerj.br:8443/handle/1/6168>. Acesso em: 13 de julho de 2022.

KOUDELA, Ingrid. **Jogos teatrais.** São Paulo: Perspectiva, 1984.

_____. **Um Vôo Brechtiano: teoria e prática da peça didática.** São Paulo: Perspectiva: FAPESP, 1992. (Debates; v. 248)

_____. **Brecht na Pós-Modernidade.** São Paulo: Perspectiva, 2001. (Coleção Debates)

KRENAK, Ailton. **A Vida não é útil.** Pesquisa e organização Rita Carelli. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

_____. **Sobre índios & fronteiras: comentários e reflexões.** In: LEETRA Indígena. Vol. 2, n. 2, 2013 - São Carlos: SP: Universidade Federal de São Carlos, Laboratório de Linguagens LEETRA. Disponível em: <<http://www.leetra.ufscar.br/libraries/view?id=8488564>>. Acesso em: 04 de maio 2021.

LASMAR, Cristiane. **Mulheres Indígenas: Representações.** Revista Estudos Feministas, Florianópolis. V.07, n. 1 e 2, 1999. Disponível em <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/11989>. Acesso em outubro de 2021.

LEAL, Dodi. **Teatra da Oprimida: últimas fronteiras cênicas da pré-transição de gênero.** Porto Seguro: UFSB, 2019. Disponível em: <http://acervo.ufsb.edu.br/pergamum/biblioteca/index.php?codAcervo=2297>.

LIMA, Elizabeth Gozaga dos. SANTOS, Paulo Marcelino dos. **A poética de Auritha Tabajara: autoficção em Coração na aldeia, pés no mundo.** Revista Tabuleiro de Letras, v.16, n.01, p.23-33, jan-jul, 2022.

LUCAS, Ashley E. **Teatro em Prisões e Crise Global do Encarceramento.** Tradução Vicente Concílio. 1ª ed. São Paulo: Hucitec, 2021.

LOURO, Guacira. **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Tradução Tomaz Tadeu da Silva. 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

MARCELINO, Carla. **Um diário para as emoções: processo de educação pela arte com jovens privados de liberdade em Loja/Equador**. Urdimento, Florianópolis, v. 3, n. 39, nov./dez. 2020.

MARQUES, Laís Jacques; CONCILIO, Vicente; SILVEIRA, Túlio Fernandes; MACHADO, Flávia. **O Teatro entre as grades do patriarcado: privação de liberdade e de experiências em uma prática no regime socioeducativo**. Urdimento, Florianópolis, v. 3, n. 39, nov./dez. 2020.

MACHADO, Bárbara Araújo. **“Escre(vivência): a trajetória de Conceição Evaristo**. Revista História Oral, UFF-RJ. V.17, n.1, 2014. Disponível em: <https://www.revista.historiaoral.org.br/index.php/rha/article/view/343>. Acesso em: junho de 2022.

MASSCHELEIN, Jan. SIMONS, Maarten. **Em defesa da escola: uma questão pública**. Tradução Cristina Antunes. 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

MBEMBE, Achille. **Necropolítica: Biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte**. Tradução: Renata Santini. São Paulo: n-1 edições, 2018.

MELO, Luciana Cezário Milagres de. **Desejo de convívio: uma carta é uma visita**. Urdimento, Florianópolis, v. 3, n. 39, nov./dez. 2020.

MONTESSORI, Maria. **A Criança**. Tradução de Luiz Horácio da Matta. 2.ed. Rio de Janeiro: Nórdica, 1969.

MUNDURUKU, Daniel. **O caráter educativo do movimento indígena brasileiro**. São Paulo: Paulinas, 2012.

MICHELS, Jéssica. **CELAS E ELAS: um resgate das memórias de experimentações sentidas em espaços de cárcere feminino no Presídio Regional de Joinville**. Urdimento, Florianópolis, v. 3, n. 39, nov./dez. 2020.

NARVAES, Viviane Becker. **Contribuições para uma história do teatro nas prisões do Brasil**. Urdimento, Florianópolis, v. 3, n. 39, nov./dez. 2020.

NASCIMENTO, Letícia. **Transfeminismos**. Coleção Feminismos Plurais. São Paulo: Jandaíra, 2021.

NOSÉ, Zeca. **Carta-artigo para um ator aprisionado**. Urdimento, Florianópolis, v. 3, n. 39, nov./dez. 2020.

PINK, Sarah. **Doing Sensory Ethnography**. London, UK: Sage, 2009.

REZENDE, Marília Gabriela Godim. **VANDA: Do Alto Solimões para o Mundo**. 2. ed. Rio de Janeiro: Sagre Consultoria, 2021.

RIBEIRO, Djamila. **Pequeno Manual Antirracista**. 1º ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

_____. **Lugar de Fala**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.

RIBEIRO, Martha. **Entre Escritas e Usos dos corpos: a decolonização dos afetos no, através e além do teatro**. Revista Amerika, França. Postado em 01 março de 2021. Disponível em: <https://journals.openedition.org/amerika/12539>. Acesso em julho de 2022.

RIOS, Flávia. RATTTS, Alex. **Lélia Gonzalez**. São Paulo: Selo Negro, 2010.

ROCHA, Maria de Lourdes Naylor. **A dramaturgia da prisão em cena: um experimento teatral na Penitenciária Lemos Brito, no Rio de Janeiro**. Urdimento, Florianópolis, v. 3, n. 39, nov./dez. 2020.

RODRIGUES, Rodolfo Vieira. **A terceirização dos presídios no Brasil**. Artigo publicado na Revista Ordem Pública. ISSN 1984-1809 e 2237-6380, Vol. 6, n. 1, Semestre I - 2013. ACORS. Disponível em: <http://www.acors.org.br/rop/index.php?pg=revista>. Acesso em: setembro de 2021.

SACCHI, Ângela. **Mulheres Indígenas e participação política: a discussão de gênero nas organizações de mulheres indígenas**. Revista ANTROPOLÓGICAS, ano 7, vol. 14 (1 e 2): pág. 95-110, 2003. Disponível em Link. Acesso em: setembro de 2021.

SANTOS, Bárbara. **Teatro das Oprimidas**. Rio de Janeiro: Casa Philos, 2019.

SANTOS, Fabiene Vinente dos. **Mulheres Indígenas, Movimento Social e Feminismo na Amazônia: empreendendo aproximações e distanciamentos necessários**. Revista EDUCAmazônia. Ano 5, vol VIII, 2012-1, jan-jun, pág. 94-104.

SPOLIN, Viola. **Improvisação para o Teatro**. Tradução Ingrid Koudela. São Paulo: Perspectiva, 2010.

SOUZA, Caroline Vetori de. **Memórias ao sol: em busca de uma dramaturgia da escuta com mulheres em privação de liberdade**. Urdimento, Florianópolis, v. 3, n. 39, nov./dez. 2020.

TABAJARA, Auritha. **Coração na aldeia, pés no mundo**. Lorena, SP: UK'A Editorial, 2018.

TEIXEIRA, Edson Sodré; JOSE, Luan de Almeida São; FICHE, Natália Ribeiro. **Nosso Evangelho**. Urdimento, Florianópolis, v. 3, n. 39, nov./dez. 2020.

VICTORINO, Elka Moura; AZEVEDO, Maria Thereza Oliveira. **Corpos encarcerados: Socioeducação numa experiência com a dança em Cuiabá.** Urdimento, Florianópolis, v. 3, n. 39, nov./dez. 2020

REFERÊNCIAS MUSICAIS

FERREIRA, Bia. **Cota Não é Esmola.** Álbum Igreja Lesbiteriana, Um Chamado. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=eG9W1mU7Ews&list=OLAK5uy_nCaJbOV_CG5tPjzyGP7QrBiRkanGYICA1o&index=4. Acesso em dezembro de 2021. Plataforma Youtube: Canal *Bia Ferreira*.

_____. **Não precisa ser Amélia.** Álbum Igreja Lesbiteriana, Um Chamado. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Kqy8SwZ7qsU>. Plataforma Youtube Canal *Bia Ferreira*. Acesso em agosto de 2022.

FERREIRA, Preta. **Minha Carne.** Disponível em: <https://www.letras.mus.br/preta-ferreira/minha-carne/>. Plataforma Youtube: Canal *Preta Ferreira*. Acesso em julho de 2022.

DORALYCE. FERREIRA, Bia. **Mulheres.** Estúdio Showlivre, dia 30 de maio de 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=piaRbXyy7D0>. Acesso em junho de 2021.

LEGIÃO URBANA. **Pais e Filhos.** Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=bvIMBVBpJU>. Acesso em julho de 2021.

LUZ, Larissa. **Descolonizada.** Álbum Território Conquistado. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=UuGXJXTsN4Q>. Acesso em: julho de 2022.

GUAJAJARA, Kaê. **Ancestralizou (Interlúdio).** Álbum Kwarahy Tazyr. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=k6p5kn6-Xhs>. Plataforma Youtube: Canal *Kaê Guajajara*. Acesso em: março de 2021.

_____. **Essa Rua É Minha.** Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=0IYNk1vcYJU>. Plataforma Youtube: Canal *Kaê Guajajara* Acesso em: março de 2021.

_____. **Mãos Vermelhas.** Álbum Uzaw. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=nZxUSD0LSao>. Acesso em: março de 2021.

_____. **Território Ancestral.** Álbum Hapohu. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ryzjqudngfM>. Acesso em: março de 2021.

MIRIM, Katu. **Força.** Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=OeffLz4zXMw>. Acesso em: maio de 2022.

EMICIDA. **Sample: Belchior - Sujeito de Sorte com participação de Majur e Pablo Vittar.** Álbum: AmarElo. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=PTDgP3BDPIU&list=OLAK5uy_n952FcmuRRQ9afA2YMOx9OKZ3m7tunl_g&index=10.

TICUNA, Djuena. **WIYEGU (cantos).** I Mostra de Música Indígena do Amazonas Wiyae, realizada em 2018, no Teatro Amazonas, Manaus-AM. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=hXYC0tF9wc8>. Acesso em: março de 2020.

TICUNA, Elizete. **Cantos Tradicionais Ticunas.** Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=MbKV3LmNEf8&t=693s>. Acesso em julho de 2020.

SANTOS, Tainá. **Abuela Medicina.** Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=HYFfrL0qsvk>. Acesso em: sempre.

SOARES, Elza. **A Mulher do Fim do Mundo.** Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=6SWIwW9mg8s>. Acesso em: setembro de 2021.

SILVA, Rica. **Clamor da Terra.** Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Sca6GMW0MOc>. Acesso em: outubro de 2019.

FONTES ORAIS: Entrevistas, encontros, conversas e caminhadas sensoriais

1. ANDORINHA DO AMAZONAS. Entrevista concedida em 2018 pessoalmente, com restrições do regime prisional em que ela se encontrava e atualizada em agosto de 2022, já livre da prisão.

2. ÁGUAS DO RIO NEGRO. Entrevista concedida em 2017 presencialmente, atualizada em junho de 2022 via telefone e whatsapp.

3. ÁGUAS DO RIO NHAMUNDÁ. Entrevista concedida em novembro de 2018 via whatsapp e atualizada em julho de 2022 presencialmente com tacacá e vatapá paraense.

4. ÁGUAS DO RIO SOLIMÕES. Entrevista no Centro de Detenção Feminino Provisório do Amazonas – CDPF em 2018 e atualizada em junho de 2022, presencial com aplicação de reiki.

5. ÁGUAS DO RIO TAPAJÓS. Entrevista no Centro de Detenção Feminino Provisório do Amazonas – CDPF em 2018 presencial e atualizada em julho de 2022 via whatsapp e chamadas de vídeo.

6. ÁRVORE DO JAMBO. Entrevista realizada em 2019 presencial e atualizada em julho de 2022 via whatsapp e chamadas de vídeo.

7. ÁRVORE DO TUCUMÃ. Entrevista realizada em 2019 presencial e atualizada em julho de 2022 via whatsapp e chamadas de vídeo.

8. ÁRVORE SAMAÚMA. Entrevista realizada em 2019 presencial, atualizada em maio de 2022 via whatsapp e chamadas de vídeo.

9. MAEZINHA. Entrevistas nos Cafés da tarde com tapioca, cuscuz e café realizados entre junho e agosto de 2022, Manaus-AM.

10. MARACUJÁ DO MATO. Entrevista realizada em 2019 presencial e

atualizada em julho de 2022 via whatsapp e chamadas de vídeo.

11. PAIZINHO. Conversas na sala de casa ele deitado na rede e eu na cadeira de vime do sítio, realizadas entre junho e agosto de 2022, Manaus-AM.

12. PEIXE TUCUNARÉ. Entrevista realizada em 2019 presencial e atualizada em julho de 2022 via whatsapp e chamadas de vídeo.

13. PRIMA CACICA. Entrevista com café e bolo de laranja com suco de cupuaçu e maracujá do mato, março de 2022, Manaus-AM.

14. PRIMA YARA DAS ÁGUAS. Entrevista com café e bolo de laranja com suco de cupuaçu e maracujá do mato, março de 2022, Manaus-AM.

15. SUCURI DO RIO AMAZONAS. Entrevista realizada em 2019 presencial e atualizada em julho de 2022 via whatsapp e chamadas de vídeo.

16. TIA CABOCLA JUREMA. Entrevista com café, banana Pacovan e bolacha de motor do barco, fevereiro de 2020, Manaus-Am.

17. TIA FORMIGA SAÚBA. Entrevista com café e pupunha, março de 2022,

18. Manaus-AM.

19. TIA GUARIBA. Entrevista com café com bolo de milho e suco de cupuaçu, realizada em agosto de 2021, Manaus-AM.

20. TIO PÁSSARO DE FOGO. Entrevista com almoço com tambaqui, farinha e tucupi, março de 2022, Manaus-AM.

21. VÓ DICA, em outra qualidade de presença. Carta Psicografada em mediúnica com Elliberto Barroncas – Fundação Allan Kardec, julho de 2022, Manaus-AM.